

#1 *New York Times*

DAVID BALDACCI

O ATENTADO



«O thriller
do ano.»
The Times

O maior autor
do *thriller* internacional

110 milhões de exemplares vendidos

THRILLER
OCEANO



DAVID BALDACCI

O ATENTADO

The Hit, 2013

Ficha técnica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2013, Columbus Rose, Ltd.

Publicado originalmente em 2013 nos Estados Unidos e em Portugal com o acordo de Casanovas & Lynch Agencia Literária S. L.

© 2014, Clube do Autor, S. A. (Lisboa) Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.

Avenida Antônio Augusto de Aguiar, 108 — 6.º

1050-019 Lisboa, Portugal

Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21

info@clubedoautor.pt

Título original: The Hit

Autor: David Baldacci

Tradução: Maria João Lourenço

Revisão: Rui Augusto

Paginação: Maria João Gomes em caracteres Revival

Impressão: Eigal (Portugal)

ISBN: 978-989-724-127-7

Depósito legal: 371347/14

1.ª edição: Abril, 2014

www.clubedoautor.pt

Nº 1 DO NEW YORK TIMES

O maior autor do thriller internacional 110 milhões de exemplares vendidos

"O thriller do ano". The Times

Baldacci é mestre na arte de criar intrigas de espionagem cheias de tensão, ameaçando dramaticamente o nosso mundo.

O Oriente Médio encontra-se a ferro e fogo e a Síria é um barril de pólvora. Neste cenário explosivo, um aliado das forças da Al-Qaeda ameaça os mais poderosos líderes e é preciso detê-lo a todo custo.

Will Robie é um mestre na arte de eliminar, os piores inimigos do mundo. Informado do próximo alvo, o assassino a soldo vê-se confrontado com a missão mais difícil de sempre. Robie é encarregado de matar uma "companheira de armas", depois de surgirem provas que apontam para que Jessica Reel, assassina de profissão como ele, terá mudado de campo.

A missão de Robie — consiste em apanhar Jessica Reel, morta ou viva. No entanto, Robie não tarda a dar-se conta de que a situação vai além da mera traição. Com efeito, por detrás do ataque de Reel esconde-se uma ameaça muito maior que poderá provocar ondas de choque suscetíveis de atingir o mundo inteiro.

O LIVRO MAIS EMOCIONANTE DO ANO

"Na conferência iriam estar presentes os líderes das nações árabes mais proeminentes a fim de discutirem caminhos para o progresso pacífico, ao arrepio da violência, à imagem e semelhança do que acontecera recentemente durante a Primavera Árabe."

Uma cúpula internacional.

O cenário ideal para um atentado.

O último grande atentado.

O sonho dos terroristas.

Só que nada é o que parece.

Em O Atentado, David Baldacci mantém os leitores em suspenso até o fim.

"Baldacci escreve como ninguém sobre conspirações e conquista-nos com o seu herói solitário que luta contra tudo e contra todos." The Washington Post

"Com um ritmo alucinante, personagens sedutoras e reviravoltas surpreendentes, O Atentado é, sem dúvida, um daqueles romances que prendem a atenção do leitor da primeira à última página." The Times-News

"O melhor romance de Baldacci nos últimos anos... Quando o livro chega ao fim, Baldacci conseguiu estabelecer com os leitores um elo emocional que permanece muito depois de eles terem chegado à última página." Associated Press

DAVID BALDACCI nasceu em 1960, na Virgínia, onde reside atualmente. Exerceu advocacia durante nove anos em Washington, dedicando-se depois à escrita. Do seu currículo fazem parte um impressionante número de bestsellers, entrando frequentemente no primeiro lugar da lista dos mais vendidos do New York Times. As suas obras estão traduzidas em mais de 45 idiomas e presentes em cerca de 90 países, sendo Baldacci um dos mais populares escritores em todo o mundo. Baldacci é também cofundador, juntamente com a mulher, da Wish You Well Foundation, uma organização não lucrativa dedicada à promoção da alfabetização nos Estados Unidos.

www.davidbaldacci.com

Capítulo 1

Ao sentir a energia da morte prestes a se materializar, Doug Jacobs ajustou o comunicador e aumentou o brilho da tela. A imagem era agora de uma clareza cristalina, quase como se ele estivesse no local.

Mas não estava, e agradeceu aos deuses por isso.

O lugar em questão ficava a milhares de quilômetros de distância. Ninguém diria só de olhar para o monitor. Nunca poderiam pagar-lhe o suficiente para estar ali!

Além disso, havia uma série de gente mais qualificada para aquele trabalho. Ele próprio não tardaria a entrar em contacto com uma dessas pessoas.

Jacobs percorreu com o olhar as quatro paredes e a única janela do seu escritório algures nos arrabaldes da luminosa cidade de Washington. Ficava num prédio vulgar de fachada de tijolo, baixo, situado numa zona urbana, de usos mistos, e que também incluía edifícios históricos em diferentes estados de conservação ou de restauro.

Algumas partes do edifício onde Jacobs trabalhava, contudo, estavam longe de poder ser classificadas como vulgares. Entre outros elementos a considerar havia um robusto portão dianteiro em chapa de aço, com uma vedação alta a toda a volta da propriedade. Sentinelas armadas patrulhavam os muros no perímetro interno, e câmaras de videovigilância monitorizavam o exterior. Lá fora, porém, nada existia que pudesse dar uma pista que fosse acerca do que se passava no interior.

E muita coisa acontecia dentro de portas.

Jacobs pegou na caneca com café feito na hora, a que tinha acabado de acrescentar três pacotes de açúcar. Estar atento à tela exigia-lhe concentração intensa, e tanto o açúcar como a cafeína

ajudavam a obter esse resultado. Atuando juntas, as duas substâncias conseguiriam igualar o zumbido emocional que não tardaria a sentir daí a escassos minutos.

Dirigiu a voz para o comunicador.

— Alfa Um, confirme a localização — pediu num tom duro.

Ao ouvir a sua própria voz, ocorreu-lhe que parecia um controlador aéreo tentando manter os céus em segurança.

Bom, de certa maneira, é exatamente isso que eu sou. Com a diferença de que o nosso objetivo é matar alguém em todas as viagens. A resposta surgiu quase de rajada.

— Alfa Um a setecentos metros a oeste do alvo. De frente para a fachada oriental, com vista para o sexto andar do prédio de apartamentos, quarta janela a contar da esquerda. Fazendo um zoom, deves ser capaz de apanhar o cano da minha espingarda.

Jacobs inclinou-se e mexeu o rato, a fim de aproximar a imagem em tempo real que lhe chegava via satélite daquela cidade distante, pátria de inúmeros inimigos dos Estados Unidos. A espreita a um canto, por cima do peitoril da janela, detetou a ponta de um longo silenciador fixado ao cano da arma. A espingarda era uma peça de armamento de grande precisão, feita por encomenda e destinada a matar a distâncias consideráveis — isto é, desde que depositada em mãos destras e empunhada por alguém com olhos de lince.

O que era o caso.

— Afirmativo, Alfa Um. Pronto a disparar?

— Afirmativo. Todos os fatores devidamente alinhados. Mira apontada à zona de morte. Supressor de mudança de frequência sintonizado. Tenho o Sol por trás, de frente para eles. Sem reflexo nas lentes. Pronto.

— Afirmativo, Alfa Um.

Jacobs consultou o relógio de pulso.

— Dezassete horas é a hora local, confirma-se?

— Em ponto. Informações atualizadas?

Jacobs colocou a informação pedida numa subtela.

— Tudo de acordo com o horário previsto. O alvo chegará dentro de cinco minutos. Sairá da limusine ao virar da esquina. Calculamos que responda a perguntas durante um minuto no local, e depois são dez segundos a pé até o edifício.

— Confirma-se que são dez segundos a pé até o edifício?

— Confirmado — respondeu Jacobs. — Mas o tempo de entrevista pode prolongar-se. Tens de agir na hora.

— Entendido.

Durante alguns minutos, Jacobs voltou a concentrar a atenção na tela, até que distinguiu qualquer coisa.

— Okay, cortejo automóvel a aproximar-se.

— Estou a vê-lo. Tenho uma visão perfeita do alvo. Sem obstruções.

— A multidão?

— Tenho passado a última hora a analisar o comportamento das pessoas. A segurança utilizou cordões para separar o grupo. Delimitaram o percurso que o alvo terá de fazer até chegar junto de mim. Aquilo parece uma pista iluminada.

— Certo. Agora já consigo ver.

Jacobs delirava sempre que lhe calhava em sorte ocupar o seu posto na linha da frente, podendo assistir àquelas cenas sem ter de pôr realmente os pés na zona de perigo. Era compensado de uma forma bem mais generosa do que quem estava do outro lado. Atingido um determinado nível, não fazia sentido nenhum.

O coiro do atirador estava ali exposto, e se o tiro não fosse certo ou se a fuga não fosse rápida, era a sua morte. Do lado de cá não se procederia ao reconhecimento da identidade dele; haveria apenas o desmentido da ordem. O atirador não andava com documentação nem credenciais de qualquer espécie, que é como quem diz, nenhum documento que servisse para o identificar. Seria deixado para trás e ficaria com a corda na garganta. E no país onde este golpe em concreto ia ser perpetrado, teria por destino a morte por enforcamento. Ou talvez a decapitação.

Enquanto isso, Jacobs permanecia sentado no seu posto, em segurança, a ganhar balúrdios.

O que não o impedia de pensar: Há uma data de gente que consegue acertar no alvo e safar-se nas calmas. Cabe-me a mim tratar das questões geopolíticas com que esses otários se defrontam. O êxito reside todo na preparação. E o certo é que eu valho o que me pagam, até o último cêntimo.

Jacobs tornou a falar para o comunicador.

— Aproximação mesmo em cima da zona-alvo. A limusine está quase a parar.

— Entendido.

— Por questões de segurança, dá-me um intervalo de sessenta segundos antes de começares a disparar. A partir daí, silêncio.

— Entendido.

Jacobs pressionou mais o rato, como se fosse um gatilho. Durante os ataques com drones, chegara ao ponto de dar um clique no rato, ficando a observar o alvo desaparecer envolto num círculo de chamas. Provavelmente, ao fabricante do hardware do computador nunca lhe passaria pela cabeça que os seus equipamentos seriam usados para aquilo.

A sua respiração acelerou, mesmo sabendo que com o atirador acontecia o contrário e que o ritmo das batidas do coração dele deveria estar a baixar, próximo de atingir o grau zero, precisamente o que era necessário para um tiro como aquele. Não havia margem para qualquer erro. O disparo tinha de acertar no alvo e matá-lo. Tão simples quanto isso.

A limusine imobilizou-se. Os elementos do destacamento de segurança abriram a porta. Homens corpulentos e cobertos de suor, empunhando armas e munidos de comunicadores sem fios, lançaram olhares em todas as direções de onde o perigo podia vir. Eram bastante competentes no seu ofício. Mas isso não chegava quando tinham pela frente um adversário fora de série.

E, verdade seja dita, todos os ativos enviados por Jacobs primavam pelo seu carácter excecional.

O homem saiu do carro para o passeio e semicerrou os olhos devido à luz do sol intensa. Chamava-se Ferat Ahmadi e era um megalômano que acalentava o desejo de conduzir uma nação perturbada e violenta por caminhos ainda mais radicais. Tal não poderia ser permitido.

Chegara, pois, a hora de cortar o mal pela raiz. No país de Ahmadi, outros havia que estavam prontos para tomar as rédeas do poder. Não tinham a maldade que o caracterizava e mostravam-se passíveis de serem manipulados por nações mais civilizadas. No mundo extremamente complexo dos nossos dias, onde aliados e

adversários pareciam trocar de posição todas as semanas, era o melhor que se podia arranjar.

Isso, porém, já não era problema dele. Jacobs encontrava-se ali pura e simplesmente para executar, uma missão, com especial ênfase no que dizia respeito à parte do "executar".

Foi então que através do comunicador de escuta chegaram até ele duas únicas palavras.

— Sessenta segundos.

— Entendido, Alfa Um — respondeu Jacobs. Não acrescentou uma frase tão estúpida como "boa sorte". A sorte não era para ali chamada.

Iniciou o temporizador do computador em contagem decrescente.

Cravou os olhos no alvo, primeiro, e depois olhou para o relógio.

Jacobs observou Jimadi a falar com os jornalistas. Bebeu um gole de café, pousou a caneca e continuou sempre vigilante, atento ao que se passava, até que Ahmadi pôs termo às perguntas previamente combinadas. O homem deu um passo e fez menção de se afastar. Os agentes do destacamento de segurança impediram os jornalistas de se aproximarem.

O trajeto delineado ficou à vista. Para a fotografia da praxe, Ahmadi faria questão de aparecer sozinho. Era o momento para evidenciar a sua capacidade de liderança e a sua coragem.

Ao mesmo tempo, aquilo representava também uma falha na segurança, que parecia trivial quando analisada ao nível do terreno. Todavia, com um atirador especialmente treinado e colocado numa posição elevada, era como se representasse uma brecha de cinquenta metros no casco de um navio iluminado por um farol com a potência de mil milhões de watts.

Os vinte segundos passaram a dez.

Com os olhos colados à tela, Jacobs começou a contar mentalmente os últimos momentos.

Um homem marcado para morrer, pensou ele.

Quase lá. A missão estava prestes a terminar, e a hora era de zarpar e passar ao alvo seguinte.

Isto é, depois de jantar um belo bife e de saborear o seu cocktail preferido na companhia dos seus Camaradas, aproveitando para

proclamar bem alto a mais recente vitória.

Os três segundos ficaram reduzidos a um.

Jacobs não via nada à sua frente a não ser a tela. Encontrava-se totalmente concentrado, como se fosse o atirador incumbido de disparar o tiro de misericórdia.

A janela ficou feita em estilhaços.

O tiro fatal atingiu Jacobs nas costas, após ter aberto caminho através da cadeira ergonômica. Visou o seu corpo, fulminando-o em cheio no peito. Por fim, rebentou com a tela do computador no preciso momento em que Ferat Ahmadi entrava desarmado no edifício.

Doug Jacobs, esse, deslizou para o chão.

Não teria direito a jantar um bife. Nem ao cocktail preferido. Nunca mais teria outra oportunidade de se vangloriar.

Era ele o homem marcado para morrer.

Capítulo 2

Percorreu o trilho do parque em passo de corrida, transportando a mochila ao ombro. Eram perto das sete da noite. O ar estava fresco e o Sol quase desaparecera no céu. Os táxis apitavam. Os peões regressavam a casa no final de um longo dia de trabalho.

Diante do Ritz-Carlton encontravam-se, alinhadas, várias carruagens puxadas por cavalos. Irlandeses com os chapéus altos bastante coçados esperavam os passageiros seguintes à medida que a luz da tarde se desvanecia. Os cavalos batiam com as patas no pavimento e mergulhavam as suas grandes cabeças nos baldes de ração.

Era o coração de Manhattan em toda a sua glória — o presente e o passado misturando-se como desconhecidos esquivos numa festa.

Will Robie não olhou para a direita nem para a esquerda. Já fora a Nova Iorque vezes sem conta. Estivera por mais de uma vez no Central Park.

Não se encontrava ali como turista.

Nunca ia a lado nenhum na qualidade de turista.

Levava o blusão com capuz apertado à frente, de modo a não deixar ver a sua cara. O Central Park tinha um monte de câmaras de vídeo de vigilância. Não queria correr o risco de ser apanhado nas imagens.

A ponte ficava mais adiante. Quando lá chegou, deteve-se e continuou a exercitar-se sem sair do mesmo lugar, para arrefecer os músculos.

A porta tinha sido construída na rocha. Encontrava-se fechada à chave.

Vinha armado de uma gazua; pouco depois, a porta deixou de estar fechada. Entrou e segurou a porta atrás de si. Dava para uma

divisão que funcionava como arrecadação e sala de energia elétrica, utilizada pelos trabalhadores camarários que tinham a seu cargo a tarefa de manter o Central Park limpo e bem iluminado. Depois de terem dado o expediente por encerrado, os funcionários regressaram a casa, só voltando a pegar ao trabalho no dia seguinte, às oito da manhã.

Isso dava-lhe mais do que tempo para cumprir a sua missão.

Robie libertou-se da carga que trazia às costas e abriu a mochila. Media cerca de dois metros de altura, pesava oitenta e dois quilos, com mais músculo do que gordura.

Músculos rijos, atenção. Grandes músculos não representavam uma grande ajuda. Só serviam para lhe dificultar os movimentos numa altura em que a rapidez era quase tão essencial quanto a precisão.

Levava uma série de engenhocas dentro da mochila. Dedicou cerca de dois minutos à tarefa de converter três daquelas peças numa só, vocacionada para um uso altamente especializado.

Uma espingarda de precisão.

A quarta peça de equipamento tinha aos seus olhos um valor idêntico.

Tratava-se da mira.

Atarraxou-a à calha picatinny¹ montada na parte de cima da espingarda.

1 Picatinny rail, no original. Calha padronizada, usada pelo Exército Americano, que se aplica em diversas armas para fixar acessórios (miras telescópicas, miras a laser, lanternas etc). Deve o nome ao Picatinny Arsenal, uma instalação militar no condado de Morris, Nova Jersey, onde são desenvolvidas e produzidas munições e equipamentos para as Forças Armadas dos EUA. (N. da T.)

Passou mentalmente em revista todos os detalhes do seu plano umas vinte vezes, a começar pelo disparo que teria de fazer e a acabar na fuga em segurança. Pelo menos, depositava esperanças nisso. Memorizara tudo, mas queria chegar a um ponto em que já

não fosse preciso pensar, apenas agir. Isso pouparia alguns segundos preciosos.

No total, a operação demorou noventa minutos.

Em seguida, atacou o jantar. Uma garrafa de Gatorade G2 e uma barra de proteínas.

Era esta a versão de Will Robie de um encontro de sexta-feira à noite com ele próprio.

Deitado no chão de cimento daquela espécie de arrecadação, colocou a mochila dobrada debaixo da cabeça e preparou-se para dormir.

Daí a dez horas e onze minutos estaria na altura de entrar em ação.

Enquanto as outras pessoas da idade dele iam para casa ter com os maridos, as mulheres e os filhos, saíam à noite com os colegas de trabalho ou tinham provavelmente um encontro a dois, Robie permanecia sozinho, ali deitado, encerrado naquele cubículo pretensioso em pleno Central Park, à espera de que aparecesse alguém para ele matar.

Era livre de prosseguir naquele modo de vida e nunca alcançar uma resposta satisfatória, ou podia muito simplesmente ignorar tudo. Optou pela última hipótese. Mas talvez não com a mesma facilidade de outros tempos.

Ainda assim, não lhe custou adormecer.

Da mesma forma que não teria qualquer dificuldade em acordar.

E assim aconteceu, nove horas mais tarde.

Era de manhã. Pouco passava das seis.

Chegara a hora de Robie dar o importante passo que se seguia. Alinhar a mira. Decididamente, era o momento mais crítico de todos. No interior da arrecadação, tinha à sua frente uma parede branca de pedra com largas juntas de argamassa. Olhando de perto, porém, verificava-se que em dois pontos concretos das juntas tinham sido feitos dois furos, que permitiam ver o que se passava lá fora. Os buracos foram tapados com um material maleável, pintado de modo a ficar com aspecto de argamassa. O biscoito fora efetuado uma semana antes por uma brigada que se fizera passar pela equipe de reparações a prestar serviço no parque.

Munido de um alicate, Robie removeu uma ponta daquela massa e puxou o resto para fora. Repetiu o gesto, e os dois buracos ficaram a descoberto.

Robie introduziu o cano da espingarda no orifício inferior, parando antes de atingir o fim do buraco. Aquela configuração iria limitar significativamente o ângulo de disparo, mas nada podia contra isso. As coisas eram o que eram. Nunca operava nas condições perfeitas.

Tinha a mira alinhada ao milímetro pelo orifício de cima, repousando a extremidade dianteira com toda a segurança na junta de argamassa. Agora, sim, Robie podia ver para onde é que estava a fazer pontaria. Espreitou através do orifício e examinou os mostradores, atento às condições ambientais e a todos os outros fatores que pudessem afetar a sua tarefa.

A manga do silenciador fora encomendada de maneira a ajustar-se à boca da arma e ao tipo de munições. A manga teria como efeito reduzir o estampido, bem como a assinatura sônica, indo fisicamente refletir-se no coice, a fim de minimizar o tamanho do silenciador.

Verificou as horas no relógio de pulso. Faltavam dez minutos.

Colocou o comunicador e prendeu a fonte de alimentação ao cinto. As comunicações estavam a funcionar.

Tornou a espreitar pela mira telescópica. A cruz de pontaria estava apontada a um ponto concreto no parque.

Incapaz de mover o cano da espingarda, Robie teria a possibilidade de entrever o alvo durante um milissegundo antes de premir o gatilho.

Caso se adiantasse ou se atrasasse um milissegundo que fosse, o alvo sobreviveria.

Robie avaliou a sua margem de erro. Sem dúvida que já tivera missões mais fáceis. E também mais difíceis.

Respirou fundo e relaxou os músculos. Normalmente, teria alguém a trabalhar para ele, como observador de longa distância. Contudo, as mais recentes experiências de Robie com parceiros no terreno tinham-se revelado desastrosas, e nesta missão específica ele pedira para trabalhar sozinho. Caso o alvo não aparecesse, ou

mudasse de rumo, Robie receberia ordens para desistir através do rádio.

Olhou à volta e examinou o espaço exíguo em que se encontrava. Funcionaria como o seu poiso durante uns minutos mais e depois não tornaria a pôr-lhe a vista em cima. Ou então, no caso de fazer asneira, poderia muito bem ser a sua última morada.

Voltou a conferir as horas no relógio de pulso. Faltavam dois minutos. Não regressou logo para junto da sua espingarda. Agarrar na arma demasiado cedo poderia contribuir para lhe deixar os músculos rígidos e enfraquecer-lhe os reflexos, numa altura em que a flexibilidade e a fluidez de movimentos se revelavam essenciais.

Quando faltavam quarenta e cinco segundos para a chegada do alvo, ajoelhou-se, encostou o olho à mira e colou o dedo ao gatilho. O comunicador permanecia silencioso. Isso significava que o alvo se encontrava a caminho. A operação estava em marcha.

Não tornaria a consultar o relógio. O seu relógio interno transformara-se num mecanismo tão preciso como o de qualquer relógio suíço. Concentrou-se no binóculo e no equipamento de visão noturna.

Embora as lentes fossem excelentes, tratava-se de material delicado. Um alvo podia desaparecer num abrir e fechar de olhos e passarem-se alguns segundos preciosos antes de ele tornar a descobrir o seu rastro... Significaria falhanço garantido. No entanto, ele tinha o seu próprio método para lidar com essa possibilidade. A trinta segundos de disparar sobre o alvo, começava a fazer expirações mais longas, fazendo baixar pouco a pouco o ritmo da respiração e do coração, respirando pausadamente. Esforçava-se por baixar a temperatura quase até o zero, esse ponto ideal para carregar em gatilhos, quase sempre garantia de morte certa. Sem tremuras nos dedos, espasmos da mão ou vacilações do olhar.

Robie não conseguia ouvir o alvo. Não conseguia vê-lo.

Daí a dez segundos ficaria em condições de o ouvir e de o ver.

E nesse exato momento teria a oportunidade de reconhecer o alvo e atirar.

O último segundo disparou no seu contador interno.

O dedo deslizou até o gatilho.

No mundo de Will Robie, quando isso acontecia não era possível voltar atrás.

Capítulo 3

O homem fazendo jogging não se preocupava com a sua segurança. Pagava a outros para se preocuparem com isso. Talvez uma pessoa mais sábia se tivesse dado conta de que ninguém atribuía mais valor à vida do que o próprio. Mas ele não era o mais sábio dos homens. Tratava-se de um indivíduo que tinha ido contra os interesses de poderosos inimigos políticos, e o preço a pagar por isso estava prestes a ser cobrado.

Continuou a correr, impulsionando a sua estrutura magra para cima e para baixo através dos impulsos das ancas e das pernas. A sua volta tinha quatro homens, dois ligeiramente de frente e dois ligeiramente atrás. Em forma e ativos, os quatro viam-se obrigados a diminuir um tudo-nada a passada normal, a fim de acompanharem o andamento dele.

De altura e constituição idênticas, os cinco homens usavam roupas pretas combinando, num esquema premeditado, destinado a identificar cinco potenciais alvos em vez de apenas um. Braços e pernas balançando em uníssono, pés pisando com força a trilha de corrida e o movimento dos troncos, formando ângulos firmes mas com diferenças mínimas. Tudo fatores que representavam um pesadelo acrescido para quem estivesse a planejar um disparo de longo alcance.

A somar a isso, o indivíduo no centro do grupo usava um colete balístico ligeiro, capaz de travar a maior parte das munições de espingarda. Só um tiro em cheio na cabeça poderia revelar-se cem por cento fatal, e, naquelas circunstâncias, conseguir acertar na cabeça, fosse de que distância fosse e à vista desarmada, era problemático.

Havia demasiados obstáculos físicos. Sem esquecer que os sujeitos tinham os seus espiões espalhados pelo parque; qualquer

pessoa com ar suspeito ou na posse de algum objeto fora do vulgar ficaria desde logo marcada e seria obrigada a sentar-se e a esperar que o homem acabasse de passar. Até ao momento, registraram-se apenas dois casos desses.

E, no entanto, profissionais como eram, os quatro homens previam que, mau grado os seus melhores esforços, poderia andar alguém por ali a rondar.

Mantiveram-se a olhar em todas as direções, os reflexos apurados, preparados para entrar em ação rapidamente se fosse necessário.

De certo modo, a curva que se aproximava era propícia para o efeito, na medida em que quebrava as hipotéticas linhas de disparo do atirador especial; acrescia a isto que o atirador só teria hipótese de recuperar novas linhas de disparo uns bons dez metros à frente. Apesar de terem sido treinados para não o fazer, por uma fração de segundo todos os homens se deram ao luxo de relaxar.

O disparo abafado pelo silenciador foi suficientemente forte para espantar um bando de pombos poisados no asfalto, obrigando-os a levantar voo meio metro acima do solo, adejando as asas e abrindo os bicos em sinal de protesto contra aquela perturbação demasiado matutina.

O homem que corria no meio dos outros inclinou-se para diante. Onde costumava estar a sua cara havia um buraco enorme.

O longo voo percorrido pelo tiro da 7.62 libertara uma quantidade inimaginável de energia cinética. Na realidade, quanto maior a distância percorrida, maior a quantidade de energia acumulada. Quando finalmente encontrava um objeto sólido pela frente — por exemplo, a cabeça de uma pessoa —, o resultado era devastador.

Incrédulos, os quatro homens olhavam para o corpo do homem à sua guarda, que jazia estendido no chão com sua roupa de corrida transformado numa amálgama de sangue, massa encefálica e tecido humano. Puxaram das armas e olharam em redor, descontrolados, procurando desvairadamente um alvo a abater. O chefe da equipe de segurança pediu reforços pelo telefone. Já não eram uma equipe de proteção. Eram uma equipe de vingança.

Com um senão: não havia ninguém sobre quem exercer essa vingança.

Tinha sido um tiro com mira telescópica, e, sem exceção, os quatro homens interrogavam-se como é que aquilo fora possível, para mais numa curva.

No horizonte vislumbravam-se apenas outros corredores ou pessoas que faziam as suas caminhadas. Nenhum deles poderia estar na posse de uma espingarda escondida.

Todos estavam parados e especados a olhar, horrorizados, para o homem que jazia morto no chão. Se soubessem quem ele era, o mais certo era o horror ter-se transformado em alívio.

Will Robie não perdeu um segundo a apreciar o tiro excecionalmente bom que acabara de alcançar. Devido às especificações do cano utilizado, conseguira um tiro magnífico. Era como jogar o Whac-a-Mole.

(2 Dá-Uma-Marretada-Numa-Toupeira. Existem inúmeras variações deste jogo de destreza, que vão do formato digital mais sofisticado aos jogos de tabuleiro para crianças. Consiste numa superfície com cinco buracos: cada buraco contém uma toupeira, e o jogador, munido de um martelo, tem por objetivo forçar as toupeiras (que começam a pular para cima e para baixo assim que o jogo tem início) a voltarem para as suas tocas. As toupeiras podem ser substituídas por outras figuras. (N. da T.)

Nunca se sabia quando ou onde o alvo ia sair do buraco. Os reflexos tinham de ser ótimos, a pontaria certa.

No entanto, Robie realizara o seu feito a uma distância considerável, com uma espingarda de atirador especial, e não empunhando um martelinho de brinquedo. Além de que o seu alvo não era propriamente um boneco. O alvo dele podia ripostar.

Robie endireitou os tubos maleáveis que tinham sido usados para substituir a argamassa. De dentro da mochila retirou uma garrafa de solução endurecedora e misturou o seu conteúdo com um pó que trazia noutro recipiente. Esfregou a mistura numa das extremidades e nos lados dos dois tubos e inseriu-os facilmente através dos orifícios abertos, alinhando as arestas com grande precisão. A seguir, esfregou a mistela na outra extremidade dos

tubos. Bastariam dois minutos para aquela pasta endurecer e ficar perfeitamente misturada com a argamassa, altura em que mais ninguém seria capaz de fazer deslizar os tubos para fora. Tal como o assistente de um ilusionista desaparece por artes mágicas no interior de uma caixa, a sua linha de mira, basicamente, eclipsara-se.

De mochila às costas, começou a desmontar a arma à medida que caminhava. No meio da divisão existia uma tampa de esgoto. Por baixo do Central Park havia numerosos túneis, alguns datando da construção de antigas linhas de metropolitano, alguns transportando as águas dos esgotos e outros construídos por razões obscuras, que o tempo se encarregara de fazer cair no esquecimento.

Ansioso por sair dali, Robie pretendia se meter em uns e outros, explorando aquela intrincada combinação.

Colocou a tampa do esgoto no seu lugar depois de se ter introduzido no buraco. Servindo-se de uma lanterna para se orientar, desceu por uma escada metálica e, quinze metros mais abaixo, tocou com os pés em terreno sólido. Memorizara o caminho que precisava seguir. Nada relativo a uma missão ficava escrito. Se fosse Robie a morrer, em vez do seu alvo, as coisas passadas para o papel corriam o risco de ser descobertas.

Mesmo no caso de Robie, que possuía uma excelente memória de curto prazo, tinha sido um processo árduo.

Deslocava-se metodicamente, nem depressa nem devagar. Tapara o cano da sua espingarda com a solução endurecedora e depois atirara com ele para as profundezas de um túnel; o permanente fluxo das correntes rápidas logo se encarregaria de o transportar até as águas do East River, onde mergulharia nas profundezas da memória. E mesmo que viesse algum dia a ser encontrado, estaria demasiado danificado para ser submetido a testes balísticos.

A coronha da arma foi largada num outro túnel, debaixo de uma pilha de tijolos com todo o aspecto de se terem desmoronado e ali permanecido durante centenas de anos, e provavelmente fora isso mesmo que acontecera. Imaginando que alguém viesse a descobrir a coronha, o certo é que, a partir daí, não seria possível identificar a

bala que acabara de matar o seu alvo. Pelo menos sem o percutor, que Robie já tratara de guardar no bolso.

Os cheiros que se faziam sentir naqueles subterrâneos não eram desagradáveis de todo. Por baixo de Manhattan havia túneis espalhados por mais de dez mil quilômetros, o que não deixava de ser espantoso, considerando tratar-se de uma ilha que não possuía qualquer espécie de minas em atividade. Os túneis eram percorridos por vagões, que serviam para transportar todos os dias milhões de litros de água potável destinados a satisfazer as necessidades dos habitantes da cidade mais populosa dos Estados Unidos da América. Outros túneis perfaziam a rede de esgotos construída por esses mesmos habitantes até enormes unidades de tratamento, que se encarregariam de converter as águas residuais numa variedade de coisas, transformando muitas vezes o desperdício em algo de útil.

Robie caminhou durante uma hora, mantendo sempre o mesmo ritmo. Ao fim dessa hora, olhou para cima e viu a escada de mão a dizer "mif".

"Fim" soletrado de trás para a frente. Não achou graça na piada coxa que alguém se lembrara de fazer. Matar pessoas era um assunto muito sério. Não tinha razões para se sentir satisfeito por aí além.

Vestiu o macacão azul e o capacete, que estavam pendurados num prego na parede do túnel. Carregando a mochila às costas, subiu a escada e meteu a cabeça pela abertura.

Robie tinha-se deslocado do centro de Manhattan em direção à parte alta da cidade sempre através dos subterrâneos. Para ser franco, teria preferido ir de metropolitano.

Penetrou numa zona de obras com barreiras à volta de uma saída que dava para a rua. Homens de macacão igual ao que ele usava trabalhavam num projeto qualquer. O trânsito fluía em redor, ouviam-se as apitadelas dos táxis. As pessoas percorriam os passeios para cima e para baixo.

A vida seguia o seu curso.

Exceto para o indivíduo que ficara caído no meio do parque.

Robie não olhou para um único dos operários, nem um único operário se dignou reparar nele. Dirigiu-se a uma van branca

estacionada perto das obras, abriu a porta e sentou-se no lugar do passageiro. Assim que a porta se fechou com um som brusco, o motorista ligou o motor e arrancou. Conhecia bem a cidade e, a fim de evitar o trânsito, seguiu por caminhos alternativos para sair de Manhattan, rumo ao aeroporto de LaGuardia.

Robie trocou o banco da frente pelo de trás para mudar de roupa. Quando a van encostou junto à zona de largada dos passageiros, ele saiu do carro de terno completo e todo engravatado, com a sua pasta de executivo na mão, e afastou-se na direção do terminal do aeroporto.

O aeroporto de LaGuardia, ao contrário do seu primo igualmente famoso, JFK, era o rei das viagens de médio curso, realizando mais voos do que qualquer outro aeroporto nos arredores de Chicago e Atlanta. O voo de Robie era muito rápido, demorava cerca de quarenta minutos no ar até Washington, D.C. — mal dava tempo para uma pessoa guardar a bagagem de mão no compartimento por cima do lugar, sentar-se confortavelmente e deixar-se ficar ali a ouvir a barriga a dar horas, farta de saber que não vai ter nada para entreter a fome num voo tão curto.

Trinta e oito minutos mais tarde, o avião aterrou no Aeroporto Nacional Reagan, Virgínia.

O carro estava à espera dele.

Robie entrou no automóvel, pegou no exemplar do Washington Post que estava em cima do assento traseiro e passou os olhos pelas manchetes. Ainda não tinha saído nada no jornal, obviamente, embora a notícia já devesse andar a circular online. Não se importava de ler o que aparecia escrito. Já sabia tudo o que precisava saber sobre o assunto.

No dia seguinte, um pouco por todo o país, os jornais mencionariam em grandes parangonas a história do homem que fora correr no Central Park para se manter saudável e acabara morto e bem morto.

Haveria quem carpirse a morte do homem. Robie sabia que esse papel caberia aos seus sócios, que perderiam assim a oportunidade de infligir dor e sofrimento aos outros, e tomara que assim fosse para sempre. O resto do mundo aplaudiria o desaparecimento daquela criatura da face da Terra.

Robie já matara muita gente antes. As pessoas ficavam felizes, para não dizer eufóricas, sempre que um monstro ficava pelo caminho. Mas o certo é que o mundo continuava a girar, tumultuoso como sempre, e outro monstro — porventura ainda pior — acabaria por substituir o monstro derrubado.

Naquela manhã fria e límpida, no ambiente tipicamente sereno do Central Park, o seu disparo seria lembrado durante muito tempo. Seguir-se-iam as investigações da praxe. Trocar-se-iam acusações diplomáticas. Mais pessoas morreriam em retaliação. E depois a vida seguiria o seu rumo.

Sempre ao serviço do país, Will Robie enfiar-se-ia num avião, num comboio ou num ônibus, ou, como acontecera daquela vez, faria uso dos seus próprios pés e trataria de dar ao dedo e de premir o gatilho, outro gatilho, ou de atirar outra faca, ou de tirar a vida a uma pessoa estrangulando-a até ela morrer às suas mãos.

E depois viria um novo dia e seria como se alguém tivesse carregado num gigantesco botão de reiniciar, e o mundo teria precisamente o mesmíssimo aspecto.

E, no entanto, ele continuaria a fazer o mesmo, e isso apenas por uma única razão. Se assim não fosse, o mundo não tinha como melhorar. Caso as pessoas não tivessem uma réstia de coragem nos seus corações e se deixassem ficar na sua, não mexendo uma palha, os monstros levavam sempre a melhor. Pela parte que lhe tocava, não estava disposto a deixar que isso acontecesse.

O carro percorreu as ruas até o extremo ocidental do condado de Fairfax, na Virgínia. Entrou por um portão guardado por seguranças. Mal a viatura se imobilizou, Robie saiu e entrou num edifício. Não teve de mostrar qualquer identificação, nem sequer se viu obrigado a parar, a fim de pedir autorização para entrar.

Atravessou o pequeno átrio e encaminhou-se para uma sala onde ficaria durante o tempo suficiente para enviar meia dúzia de e-mails, antes de regressar ao seu apartamento em Washington. Normalmente, no rescaldo de uma missão, costumava deambular pelas ruas até altas horas da madrugada. Era a maneira que tinha de lidar com as consequências dos seus atos, tendo em conta o que fazia para ganhar a vida.

Naquele dia em particular, só pensava em voltar para casa e não fazer rigorosamente mais nada, limitando-se a ficar sentado e a olhar pela janela.

Estava escrito que isso não ia acontecer.

O homem entrou na sala.

Esse homem trazia muitas vezes com ele outra missão destinada a Robie, através da informação guardada num pendrive.

Naquele dia, porém, a única coisa que exibia era uma expressão fechada.

— O Blue Man quer reunir-se contigo — limitou-se a anunciar. Quase nada do que o homem pudesse dizer surpreenderia Robie. Contudo, aquela frase teve esse efeito.

Nos últimos tempos, Robie tinha-se encontrado com o Blue Man uma série de vezes. Antes disso — e durante doze anos, mais concretamente -, nunca lhe pusera a vista em cima.

— O Blue Man?

— Sim, o carro está à espera.

Capítulo 4

Jessica Reel estava sozinha, sentada na sala de espera VIP do aeroporto. Vestia um terninho de calça e paletó cinza e uma blusa branca. Os sapatos eram pretos e rasos, com uma tira no peito do pé. Feitos de um material leve, favoreciam acima de tudo a mobilidade e a rapidez, caso tivesse de correr.

O único toque de excentricidade consistia no chapéu poisado em cima da mesa à sua frente. Tratava-se de um panamá cor de palha com uma fita de seda preta, ideal para jornadas daquele gênero pelo fato de se poder dobrar. Jessica Reel fartara-se de viajar ao longo dos anos, mas nunca usara chapéu das vezes anteriores.

Aquela parecia ser uma boa altura para começar.

Jessica passeou o olhar pelos milhares de passageiros que se afadigavam a empurrar a bagagem com rodas, transportando computadores portáteis ao ombro, com os copos de café da Starbucks aninhados na mão que tinham livre. Os passageiros procuravam avidamente nos quadros eletrônicos todas as notícias relativas a portões de embarque, voos cancelados, chegadas e partidas. Minutos, horas ou dias mais tarde, se o tempo se revelasse particularmente adverso, subiam a bordo dos tubos cromados e percorriam centenas ou milhares de quilômetros até o destino de eleição, conseguindo manter, com alguma sorte, a maior parte das suas malas e da sanidade intactas.

Um pouco por toda a parte, milhões de pessoas em todo o mundo executavam diariamente esta pequena dança a mais de dez mil metros de altitude. Ela própria fizera o mesmo durante anos, embora viajasse sempre com pouca bagagem. Sem portátil. Transportando consigo apenas roupa para meia dúzia de dias. Deixando ficar o trabalho em casa. Havia sempre uma tarefa à sua

espera quando chegava. Juntamente com o equipamento de que iria precisar para executar a missão que lhe fora destinada.

Só depois disso é que saía de cena, deixando no seu rastro pelo menos um morto.

Agarrou no telemóvel e começou a mexer no teclado. Na tela via-se o cartão de embarque. O nome no bilhete eletrónico não era Jessica Reel. Isso teria representado um pequeno inconveniente para ela naqueles tempos tão conturbados.

A última missão que lhe coubera em sorte não tinha corrido conforme planeado — pelo menos de acordo com os planos traçados pelo seu antigo chefe. No entanto, havia sido executada como Reel previra, deixando para trás o cadáver de um homem chamado Douglas Jacobs.

Em resultado disso, Reel seria não só considerada indesejada no seu regresso ao país, mas passaria também a ser muito procurada. Basta dizer que as pessoas para quem ela costumava trabalhar tinham uma série de agentes que podiam ser chamados a persegui-la e a despachá-la com a mesma limpeza com que ela liquidara Jacobs.

Aquele cenário não fazia de forma alguma parte da grande estratégia montada por Reel, daí o novo nome, os documentos recentes e o panamá. Pintara de loiro o cabelo comprido, que era de um tom castanho natural. Com a ajuda de umas lentes de contacto coloridas, os seus olhos esverdeados passaram a cinzentos. E, graças ao talento de um cirurgião plástico habilidoso, operara uma pequena modificação no nariz e modificara um tudo-nada a linha do maxilar. Era todos os aspectos que contavam, era uma nova mulher.

E quem sabe? — também uma mulher esclarecida.

Chamaram os passageiros para o seu voo. Ela levantou-se. Com sapatos rasos, media cerca de um metro e setenta e oito — era considerada alta para mulher -, o que não a impediu de se misturar sem problemas no meio da multidão apressada. Enfiou o chapéu na cabeça, comprou um café na Starbucks e encaminhou-se para a porta de embarque mais próxima. O voo partiu à hora marcada.

Passados quarenta minutos, por sinal bastante turbulentos, o avião aterrou com um forte embate na pista asfaltada, minutos antes de a frente de uma tempestade se aproximar. A turbulência nunca

causara grande perda a Jessica Reel. Estatisticamente, sabia que a vantagem estava do seu lado e tinha todas as hipóteses de sobreviver. Podia andar de avião todos os dias, que nesta vida e na outra nunca saberia o que era ver-se envolvida num acidente aéreo.

Já o mesmo não se podia dizer relativamente às suas hipóteses de sobrevivência em terra firme, longe disso.

Abandonou o avião, dirigiu-se à paragem de táxis e esperou pacientemente numa longa fila até chegar a sua vez.

Doug Jacobs tinha sido o primeiro mas não fora o último. Na sua cabeça, Reel possuía uma lista com todos aqueles nomes que, se tudo corresse bem, iriam juntar-se a ele no Além, isto partindo do princípio de que existia um lugar para gente da laia de Jacobs.

No entanto, a lista teria de ficar para segundas núpcias. Antes de mais, Reel precisava ir a um lugar. Apanhou o primeiro táxi livre e pôs-se a caminho da cidade.

O táxi deixou-a ficar nas imediações do Central Park. O parque era conhecido por ser um local movimentado, cheio de gente e de canídeos, de coisas a acontecer e de trabalhadores, enfim, caracterizava-se pelo caos controlado, se é que tal existia.

Jessica Reel pagou ao taxista e concentrou a sua atenção na entrada mais próxima do parque. Passou pelo portão e procurou chegar tão perto quanto possível do lugar onde tudo acontecera.

A polícia tinha vedado o acesso a um grande número de zonas, a fim de permitir que a sua reduzida equipe de peritos forenses procedesse à recolha de provas e, na melhor das hipóteses, apanhasse o criminoso.

Estavam condenados a falhar. Reel sabia disso, mesmo que os Melhores de Nova Iorque não soubessem.

3 New York's Finest. Referência ao NYPD (New York Police Department). (N. da T.)

Deixou-se estar ao lado daquele aglomerado de pessoas, atrás das barreiras erguidas. Observou as forças policiais trabalharem metodicamente, cobrindo cada centímetro de terreno onde o corpo tombara.

Reel inspecionou o mesmo o terreno e a sua mente começou a preencher os espaços em branco de cuja existência a polícia nem sequer suspeitava.

O alvo era o que era. Um monstro que precisava ser abatido.

Isso nada dizia a Reel. Já matara o seu quinhão de monstros. Outros tinham ocupado o seu lugar. Era assim que o mundo funcionava. Tudo o que uma pessoa podia fazer era tentar manter-se um passo à frente na corrida.

Havia outros assuntos que exigiam a sua atenção. Assuntos que escapavam aos olhos da polícia.

Fez coincidir os contornos do corpo desenhados a giz no trilho com os padrões da trajetória em todas as direções. Estava segura de que a polícia já se encarregara de o fazer; afinal, tratava-se de cientistas forenses a funcionar no seu campo privilegiado de ação. O que não impedia que, ao fim de um certo tempo, a capacidade lógico-dedutiva, e até mesmo a imaginação dos elementos da equipe, não atingisse os seus limites profissionais, impedindo-os de obter a resposta correta.

Pela parte que lhe tocava, Reel sabia que tudo era possível. Como tal, após esgotar todas as outras possibilidades e tendo processado os seus próprios algoritmos mentais a fim de calcular a posição do atirador, orientou a sua investigação para um muro de pedra. Um muro de pedra aparentemente impenetrável. Ninguém poderia disparar através de semelhante obstáculo. Quanto mais não fosse, a porta que dava acesso ao local rodeado pelo muro de pedra não fornecia qualquer ângulo de mira para o alvo. Sem esquecer que devia estar trancada por dentro e por fora. Logo, a polícia teria excluído de imediato esse cenário.

Reel abandonou o grupo e iniciou uma longa e extensa caminhada, que começou por levá-la em direção a oeste, depois até norte e, finalmente, a leste.

Tirou o binóculo e focou o muro.

Deveria forçosamente ter dois buracos. Um para o cano capaz de aumentar o espaço destinado à utilização do invólucro do silenciador. E outro para a mira.

Reel sabia precisamente onde esses buracos teriam de ser feitos, e qual a largura dos mesmos.

Utilizou o manipulo giratório para trabalhar a imagem virtual. O muro adquiriu contornos mais precisos. Reel concentrou a sua atenção nas duas zonas do muro, uma por cima da outra, ambas localizadas nas juntas de argamassa.

Os polícias nunca saberiam da sua existência, porque nem lhes passaria sequer pela cabeça ir à procura.

Mas Jessica Reel sabia.

Que ela visse, não existia qualquer câmara de videovigilância apontada ao muro. Por que razão haveria de existir uma câmara naquela direção? O muro não passava de um muro.

O que era perfeito.

Nesse muro distinguiam-se dois pedaços de argamassa que possuíam uma cor um tudo-nada diferente, como se alguém os tivesse posto ali mais recentemente. Como ela sabia que acontecera.

Mal o tiro foi disparado, os buracos tinham sido tapados. O endurecedor químico devia ter funcionado como que por magia. Durante algumas horas, para não dizer dias, a superfície apresentaria uma coloração ligeiramente diferente. E depois voltaria a ficar igualzinha ao resto.

O tiro fora disparado dali.

Tudo indicava que a fuga também devia ter partido dali.

Reel olhou para baixo e examinou o solo.

Barracão de manutenção. Tubos, túneis.

Por baixo do parque estendia-se um labirinto de túneis — água, esgotos e carris de metropolitano ao abandono. Reel tinha a certeza absoluta disso. Uns anos antes, confrontara-se com esse cenário, no decorrer de um dos assassinios que perpetrara. Enquanto milhões de pessoas lutavam por uma nesga de espaço à superfície, lá em baixo, nas profundezas, era possível uma pessoa ficar tão isolada como se estivesse na superfície da Lua.

Depois de guardar o binóculo, Jessica Reel voltou a pôr-se em movimento.

O mais provável era a saída ir dar a qualquer ponto longínquo da cidade, onde o atirador se veria obrigado a subir até ficar ao nível da rua. Daí, bastava apanhar o metro até o aeroporto ou à estação de

comboios, e pronto, estava o caso resolvido enquanto o diabo esfregava um olho.

O assassino fica impune e segue em liberdade.

A vítima fica e segue para a morgue.

Durante uns tempos, os jornais pegariam na história e dariam cobertura ao sucedido. Talvez houvesse algum tipo de retaliação política, até que o assunto acabaria por morrer. Outras histórias se seguiriam, ocupando o seu lugar. Uma morte pouco significado tinha. O mundo era demasiado vasto. E o que mais havia era pessoas ao pontapé a sofrer mortes violentas, daí que não se perdesse muito tempo com nenhuma delas.

Reel dirigiu-se ao hotel onde mandara reservar um quarto. Estava a planear ir direitinha ao ginásio e trabalhar no duro, para ver se desatava as pontas por esclarecer, antes de se sentar no chuveiro, debaixo da água quente. Depois de um jantar ligeiro, ficaria ali a refletir naquilo.

O desvio até o Central Park não acontecera por acaso.

Will Robie podia ser considerado um dos melhores, se é que não era o melhor que eles tinham.

Jessica Reel não tinha a menor dúvida de que fora ele a premir o gatilho naquela manhã, em pleno Central Park. Robie tratara de apagar as pistas. Percorrera grande parte do caminho à superfície. Apanhara um avião para Washington. Apresentara-se no escritório para trabalhar.

A rotina do costume, ou a rotina possível no mundo de Robie.

No meu mundo acontece o mesmo. Mas isso foi chão que deu uvas. Pelo menos depois da entrada em cena do Doug Jacobs. O único relatório que eles vão querer acerca da minha pessoa é o da minha autópsia.

Reel estava perfeitamente convencida de que Robie seria convocado para nova missão.

A missão dele será descobrir o meu paradeiro e matar-me.

Mandar um assassino para apanhar outro assassino.

Robie contra Reel. A coisa soava bem.

Era como se fosse o combate do século.

E ela tinha a certeza de que poderia muito bem ser esse o caso.

Capítulo 5

Lá fora estava a chover. Não havia uma única janela na sala, mas Robie conseguia ouvir as gotas fustigarem o telhado. O tempo arrefecera nas últimas vinte e quatro horas. O inverno ainda não se instalara de armas e bagagens, mas começara a bater à porta.

Robie espalmou a mão em cima da mesa e continuou a olhar fixamente para o Blue Man.

Escusado será dizer que Blue Man não era seu nome verdadeiro. Chamava-se Roger Walton, mas Robie nunca se referiria a ele de outra maneira a não ser Blue Man. Tinha a ver com seu elevado estatuto — usava um anel azul*, para sermos precisos. Havia vários níveis acima do azul, mas contavam-se pelos dedos.

4 Referência à cor gravada nos anéis atribuídos pela Academia do FBI, em Quantico, a que correspondem diversos graus hierárquicos (e, naturalmente, ao nome da personagem). (N. da T.)

Pelo aspecto, fazia lembrar a figura de um avô. Cabelo cor de prata, maxilares alongados, óculos redondos, terno imaculado, gravata vermelha com motivos estampados, alfinete de colarinho à moda antiga, um par de clássicos sapatos oxford bem engraxados.

Com efeito, o Blue Man ocupava um lugar de grande destaque na agência. Ele e Robie tinham trabalhado juntos anteriormente. Robie depositava mais confiança no Blue Man do que na maioria dos que ali prestavam serviço. A lista das pessoas em quem Robie se fiava era bastante reduzida.

— Foi a Jessica Reel?

O Blue Man acenou afirmativamente com a cabeça.

— Temos a certeza?

— O Jacobs era o controlador dela. O Jacobs estava encarregado de executar uma missão com a Reel. Mas acabou por ser o Jacobs a apanhar com um balázio que o levou desta para melhor. Viemos depois a apurar que a Reel nem sequer se encontrava perto do alvo. Não passou tudo de uma farsa.

— Porquê matar o Jacobs?

— Desconhecemos a resposta a essa pergunta. O que sabemos é que a Reel desapareceu de circulação.

— Tens provas de que ela matou o Jacobs? Se calhar, está morta e foi outra pessoa qualquer que liquidou o tipo.

— Não. Era a voz da Reel ao telefone com o Jacobs momentos antes de o tiro ser disparado. O Jacobs não teria a mínima hipótese de saber em que parte do mundo é que ela poderia estar. A voz dela soaria da mesma maneira se estivesse a mil e quinhentos metros ou a mil e quinhentos quilômetros. — Fez uma pausa. — Procedemos à análise da trajetória da bala. A Reel executou o disparo mortal a partir de uma casa antiga, situada um pouco mais abaixo, ao fundo da rua onde o Jacobs estava de serviço.

— Não havia janelas à prova de bala no local?

-Vai passar a haver. Mas as persianas estavam fechadas e o edifício encontra-se protegido contra a vigilância eletrônica. O atirador tinha de conhecer ao pormenor a planta do escritório do Jacobs para fazer o disparo, porque de outro modo seria o mesmo que atirar às cegas.

— Foram encontradas provas dentro de casa?

— Para dizer a verdade, não.

— Se a Jessica Reel realmente lá esteve, encarregou-se de procurar e apanhar os invólucros.

Bom, era melhor que não o tivesse feito... pensou Robie. É para isso que somos treinados, assim tenhamos oportunidade para tal.

O Blue Man tamborilou com o dedo no tampo da secretária. A batida parecia acompanhar o ritmo das gotas de chuva.

— Conhecias a Jessica Reel?

Robie assentiu. Sabia que a questão acabaria por ser abordada e espantava-se pelo fato de ainda não se ter verificado.

— Subimos juntos na hierarquia, por assim dizer. Participei em várias missões ao lado dela, nos primeiros tempos.

— E qual é a tua opinião sobre a tipa?

— Não falava muito, o que funcionava bem, porque eu também não era muito falador. Fazia o seu trabalho, e fazia-o bem feito. Nunca tive qualquer problema sempre que foi preciso contar com ela para me proteger a retaguarda. Acreditava que tinha todas as condições para continuar a fazer um excelente trabalho.

— E fez, até aqui — observou o Blue Man. — Continua a ser a única operacional do sexo feminino que já tivemos.

— Lá fora, o sexo da pessoa não quer dizer nada — retorquiu Robie. — O que interessa é saber disparar sob pressão. A partir do momento em que seja capaz de fazer o seu trabalho...

— Que mais?

— Nunca trocamos grandes confidências — admitiu Robie. — Não direi que foi uma experiência que tivesse o condão de nos unir. Sabíamos que não iríamos trabalhar juntos em projetos a longo prazo.

— Isso foi há quanto tempo?

— A última missão aconteceu há uns bons dez anos.

— Alguma vez tiveste razões para duvidar do patriotismo dela?

— Na verdade, nunca pus isso em causa. Sempre pensei que, chegado ali, a questão da lealdade estava ultrapassada.

O Blue Man anuiu com ar pensativo. Robie voltou à carga.

— Nesse caso, o que é que ando aqui a fazer? Apenas a reunir informações acerca da Reel junto de quem a conhecia? Com sorte, o mais certo é encontrar pessoas que devem conhecê-la melhor do que eu.

— Não é essa a única razão — afirmou o Blue Man.

A maçaneta da porta girou, e mais alguém entrou na sala.

O Blue Man encontrava-se quase no topo na cadeia alimentar da agência. Este homem ocupava uma posição ainda mais elevada. Robie nunca se referiria a ele usando uma cor.

Jim Gelder era o número dois naquela sala. O seu patrão, diretor da agência de informações, testemunhava diante do Congresso, frequentava todas as festas e mais alguma, andava metido no burburinho político de Washington e batia-se pelo reforço das verbas orçamentais.

Gelder tinha a seu cargo tudo o resto, o que, na prática, significava que era ele quem dirigia o estamino, ou, pelo menos, quem se encarregava das operações clandestinas, por muito boa gente considerado o mais importante.

Tinha quarenta e muitos anos, mas parecia mais velho. Costumava ser magro, contudo, com a idade, ganhara gordura à volta da cintura. O cabelo começava a rarear e os olhos vistos e a sua cara apresentava danos evidentes causados pelo sol. Não era de estranhar no caso dele, um homem que começara a sua vida na Marinha, onde fatores como o vento, o sol e o sal, em quantidade excessiva, faziam parte dos riscos da profissão. Era tão alto como Robie, embora parecesse maior.

Dirigiu um olhar ao Blue Man, que lhe acenou com a cabeça em sinal de deferência.

De frente para Robie, Gelder afundou-se na cadeira, recostou-se, desabotoou o terno comprado pronto e passou a mão pelo cabelo que estava a ficar grisalho. Aclarando a garganta, disse: — Puseram-no a par da situação?

— De uma forma geral — respondeu Robie.

Era a primeira vez na vida que estava na presença de Gelder. Não se sentia intimidado, apenas curioso. Robie não tinha por hábito sentir-se intimidado por ninguém, a não ser que a pessoa em questão estivesse numa clara posição de vantagem sobre ele e a apontar-lhe uma arma. E isso quase nunca se verificava.

— Jessica Reel — disse Gelder. — Uma bosta.

— Já contei tudo o que sei acerca dela. E que não é muito. Gelder puxou um bocado de uma unha partida do polegar direito.

Robie reparou nas outras unhas, roídas até o sabugo. A sensação com que ficou não era propriamente reconfortante, considerando que se tratava do poderoso número dois à frente dos destinos da agência de serviços secretos do país. Mas Robie sabia que o homem tinha mais com que se preocupar. Bastava uma centelha para o mundo explodir.

Antes de passar para o lado da espionagem, Gelder ocupava o posto de capitão-tenente na Marinha. Isso funcionara como trampolim para uma ascensão rápida na carreira, culminando na posição que detinha por aqueles dias. Era do conhecimento geral

que, se quisesse, podia ter ascendido a número um. Havia uma grande quantidade de coisas que Gelder gostava de fazer, mas dar graxa ao Congresso não era uma delas.

— Temos de deitar a mão à Jessica Reel — confirmou Gelder. — Viva ou morta. Viva, de preferência, a fim de apurarmos o que diabo aconteceu.

— Estou a ver — retorquiu Robie. — De certeza que tem um plano que nos permitirá conseguir isso mesmo.

O Blue Man olhou para Gelder. Gelder deitou um olhar de soslaio a Robie.

— Bom, para ser franco, o plano é você, Robie — declarou Gelder. Robie não se dignou olhar na direção do Blue Man, embora pudesse sentir os olhos do homem poisados em si naquele preciso momento.

— Pretende que eu vá atrás da Reel? — disse ele devagar. Nunca equacionara semelhante cenário e; de repente, perguntou a si mesmo por que razão tal não se verificara.

Gelder acenou em sinal de concordância.

— Se há coisa que não sou é detetive — escusou-se Robie. — Não é o meu forte.

O Blue Man olhou para ele.

— Sinto-me tentado a discordar de ti nesse ponto, Robie.

— Independentemente de tudo o resto, nada como enviar um assassino atrás de outro assassino — limitou-se a dizer Gelder.

— O senhor tem uma série deles a trabalhar para si — retorquiu Robie.

Gelder parou de roer a unha.

— Você foi-me muito bem recomendado.

— Por quê? Por causa do que aconteceu recentemente?

— Se ignorássemos isso, estaríamos a negligenciar os nossos deveres — afirmou Gelder. — O Robie chegou agora mesmo de uma missão. Creio que será mais útil se utilizarmos os seus recursos para descobrir o paradeiro da Jessica Reel.

— E tenho escolha, por acaso? Gelder lançou-lhe um olhar incisivo.

— Há algum problema?

— Apesar do que acabou de dizer, não me parece que seja eu o homem indicado para o trabalho.

Em resposta, Gelder tirou do bolso interior do casaco um pequeno tablet quadrado. Percorreu o menu para cima e para baixo, lendo o que aparecia na tela à medida que navegava.

— Bem, deixe-me destacar alguns pontos concretos que nos levam a pensar que é homem certo para o trabalho. Ficou em primeiro lugar no seu curso e obteve as melhores classificações de sempre. Dois anos mais tarde, a Jessica Reel foi a primeira do curso dela com uma média que só não bateu o recorde porque havia que levar em consideração as suas notas.

— Sim, mas... — começou Robie a dizer, porém, Gelder ergueu a mão.

— Num exercício, você foi o único capaz de lhe seguir o rastro e de a capturar.

— Isso aconteceu há muito tempo. Além do mais, não foi a sério.

— E, finalmente, salvou-lhe a vida uma vez.

— Que importância tem? — perguntou Robie.

— Pode fazê-la hesitar por um segundo, Robie. E não precisará de mais do que isso.

A seguir acrescentou: — Não que eu tenha obrigação de fornecer qualquer explicação se lhe quiser dar uma ordem direta, contudo, ela aí está. Considere um gesto de boa vontade, dadas as circunstâncias extraordinárias.

Levantou-se e observou o Blue Man de frente.

— Mantenha-me informado. Tornou a olhar na direção de Robie.

— Como sempre, Robie, falhar não é uma opção.

— E, no caso de falhar, mais vale morrer durante a operação, certo? — afirmou Robie.

Gelder fitou-o como se ele se tivesse limitado a enunciar o óbvio.

No minuto seguinte, a porta abriu-se e o homem número dois abandonou a sala. Fechou a porta atrás de si sem apelo nem agravo, como se estivesse a encerrar a tampa de um caixão.

Nervoso, o Blue Man olhou de relance para Robie.

— Sabias disto? — perguntou Robie. O Blue Man fez que sim com a cabeça.

— E o que pensas sobre o assunto?

— Penso que tu és o homem indicado.

— Morto ou vivo? Qual é a parte que não passa de uma treta pegada ou de um código qualquer, ou as duas coisas?

— Acredito piamente que eles querem a Jessica Reel viva. Ela tem obrigatoriamente de ser interrogada. Era uma das nossas melhores agentes. Foi a primeira vez que alguém mudou de campo nas nossas hostes.

— Sabes perfeitamente que isso não é verdade. Diria mesmo que há muitos vira-casacas a fazer carreira na agência, por estes dias.

O Blue Man pareceu ficar magoado com aquele comentário, mas o certo é que não se encontrava em condições de o rebater à luz dos recentes acontecimentos.

— Com que então, achas que é disso que se trata aqui? Que ela se passou para o outro lado? Nesse caso, que razão tinha para assassinar o Jacobs? Ficamos a saber que ela faz parte dos maus da fita. Não me parece que ela possa dar-se ao luxo de regressar ao seu antigo local de trabalho e pôr-se a reunir material valioso para o novo patrão. Não faz sentido.

— Algum sentido terá de fazer. Uma vez que foi o que aconteceu.

— O Jacobs morreu. A Reel desapareceu do mapa e ninguém conhece o seu paradeiro. Ter passado para o outro lado é apenas uma possibilidade. Existem outras — justificou-se Robie.

— A voz dela aparecia naquela linha de operações de segurança e proteção, juntamente com a do Jacobs.

— Essa é outra das possibilidades.

— E agora tens oportunidade de as explorar, Robie.

— Parto do princípio de que não existe a mínima hipótese de recusar a missão?

O Blue Man nem sequer se deu ao trabalho de responder.

— O alvo ficou pendurado no Oriente Médio. Tudo indica que talvez tenha sido ele a mudar de campo. Porque não começar por aqui?

— Uma situação complicada. O Ferat Ahmadi disputa o vazio de poder na Síria. Conta com apoios consideráveis no terreno. Infelizmente, e pelo que nos diz respeito, trata-se de uma escolha

terrível. Tivemos oportunidade de testemunhar isso mesmo, aquando da Primavera Árabe. Para os governar, esses países elegem dirigentes que nos odeiam.

— Tudo bem, mas calculo que os chineses e os russos não ficarão contentes por andarmos de novo a escolher vencedores e vencidos naquela região — comentou Robie.

— Caso tivesse vingado, a tentativa de assassínio não favoreceria os nossos interesses, reconheço isso.

— Se as coisas tivessem corrido de acordo com o planeado, como é que iam fazer para encobrir tudo?

— Procedimento habitual. Atirando a culpa para cima dos líderes da oposição a fim de atingir o Ahmadi. Não é preciso forçar muito, de resto. Já tentaram matá-lo duas vezes, mas não são lá muito competentes. Vamos deixar uma data de pistas espalhadas que levarão a qualquer um deles.

— Dois coelhos de uma cajadada?

O Blue Man concordou com a cabeça.

— Fazemos os possíveis por ser eficazes. Isso deixará uma terceira parte envolvida, terceira parte essa a que nós tentaremos, quanto mais não seja, chamar à razão.

— Mas agora ficou tudo sem efeito.

— Sim, pois foi. Robie pôs-se de pé.

— Vou precisar de tudo o que tiverem a respeito da Jessica Reel.

— O material está a ser reunido neste preciso momento.

— Muito bem — disse Robie, mas aos olhos dele, naquele momento, não havia nada que funcionasse bem.

— Qual era a tua opinião acerca da Reel quando trabalhavas com ela?

— Já te disse.

— A verdade nua e crua.

— Era tão boa no que fazia como eu. Talvez agora seja melhor. Não sei. Mas palpita-me que devo estar prestes a descobrir.

Ao virar-se para abandonar a sala, o Blue Man atirou-lhe: — Temos enfrentado ultimamente uma maré de azar, Robie.

— Sim, acho que podes dizer isso.

— Calculo que, quanto mais tempo uma pessoa tem de serviço, maiores são as hipóteses de aparecer alguém que nos tente dar a volta — afirmou o Blue Man. Tamborilou com os dedos no tampo da mesa e olhou na direção oposta.

— Quantos mais anos de serviço, mais valorizado fica o nosso trabalho.

O Blue Man olhou de soslaio para ele.

— Houve outros que se sentiram tentados antes e que o fizeram. Com êxito.

— Os exemplos contam-se pelos dedos.

— Não deixa de ser um problema.

— Constitui um problema para ti? — perguntou Robie.

— Da mesma forma que constitui um problema para ti, estou certo.

— Ainda bem que esclarecemos este ponto.

Robie saiu da sala e preparou-se para dar início à sua nova missão.

Capítulo 6

Robie dirigiu através das ruas de Washington transportando no bolso do casaco um pendrive USB. Continha informações que diziam respeito à carreira de Jessica Elyse Reel. Robie já conhecia a maior parte delas. No dia seguinte ficaria a par de tudo, exceto os espaços em branco que ainda precisavam ser preenchidos.

Chovia agora com mais intensidade. Fustigada pela chuva, a cidade de Washington proporcionava um espetáculo curioso. Havia que considerar os monumentos, claro está, alvo de grande procura e sempre na rota dos ônibus carregados de turistas, muitos dos quais nutriam pela cidade federal um enorme desprezo, o que não os impedia de ficarem ali embasbacados, a admirar as bonitas estruturas, avaliando até que ponto tinham sido financiadas com o dinheiro dos seus impostos.

Mergulhados na penumbra, os imponentes memoriais de Jefferson e Lincoln, juntamente com o monumento a Washington, pareciam reduzidos às linhas ásperas e granulosas que é costume reconhecer num postal antigo e gasto pelo tempo. No horizonte distinguia-se a cúpula do Capitólio, que se agigantava no meio de todas as outras construções. Era o lugar onde o Congresso realizava — ou, cada vez mais, não realizava — o seu trabalho. Mas até a grandiosidade da gigantesca cúpula parecia reduzida sob o efeito da chuva.

Robie dirigiu o Audi para Dupont Circle. Durante anos a fio, habitara um apartamento perto do Rock Creek Park. Mudara de casa há menos de um mês. Tudo por causa da sua missão anterior⁵. Deixara de ter condições para ficar ali a viver, pura e simplesmente.

5 Ver Os Inocentes. (N. da T.)

Em pleno coração da cidade, o bairro de Dupont Circle distinguia-se pela vida noturna, pelas dezenas de restaurantes proporcionando especialidades gastronômicas de todo o mundo, pelos vendedores de produtos esotéricos, pelas livrarias mais conceituadas e por retalhistas que não havia possibilidade de encontrar em mais lado nenhum. Era um local excitante, a transbordar de energia, e uma autêntica mais-valia para a cidade.

No entanto, Robie não se sentia especialmente atraído pela vida noturna. Sempre que comia fora, ia sozinho aos restaurantes. Não fazia compras nas lojas da moda.

Não costumava andar pelas boas livrarias. Quando vagueava pelas ruas, o que acontecia muitas vezes, sobretudo a altas horas da noite, tinha como última preocupação estabelecer contacto com outras pessoas. Fomentar a convivência, fosse a que nível fosse, não estava na sua maneira de ser. Faria pouco ou nenhum sentido, especialmente naquelas circunstâncias.

Estacionou o carro na garagem subterrânea do prédio onde morava e apanhou o elevador para o seu andar. Inseriu duas chaves nas fechaduras gêmeas — ambas de segurança — na porta do apartamento. O sistema de alarme emitiu o sinal de alerta. Os bipes pararam assim que ele desativou o alarme.

Despiu o casaco, mas deixou o pendrive no bolso. Aproximou-se da janela e ficou ali a observar as ruas molhadas. A chuva limpava, ou, pelo menos, era essa a teoria. Ocorreu-lhe que havia partes da cidade que nunca ficariam limpas. E não estava só a pensar nas zonas com forte taxa de criminalidade. Operava numa esfera do poder governamental, e esse mundo estava tão conspurcado como os becos mais sinistros da capital.

Recentemente, tivera contacto com a normalidade, mas a experiência relevava-se sol de pouca dura. O caso não o afetara e acabara por se desvanecer. Contudo, deixara marcas.

Puxou da carteira e tirou de lá uma fotografia.

A garota que aparecia na foto tinha catorze anos mas fazia por parecer mais velha. Julie Getty. Pequena, magra, com o cabelo desgrenhado. Robie não se importava com a aparência dela.

Admirava-a pela coragem, pela inteligência e pela garra que era seu apanágio.

Julie oferecera-lhe aquela fotografia quando se tinham separado, seguindo rumos diferentes. Nunca a deveria ter guardado. Era demasiado perigoso, visto que poderia conduzi-los até junto dela. E, no entanto, Robie conservara-a na mesma. Parecia incapaz de se separar dela.

Robie não tivera filhos, nem iria ter. Se alguma vez isso acontecesse, Julie Getty teria sido a filha de que se orgulharia. Na realidade, porém, ela não era sua filha. E tinha uma vida nova pela frente.

Uma vida da qual ele não podia fazer parte. As coisas eram o que eram. Não lhe cabia decidir.

Voltou a guardar a fotografia na carteira; nesse momento, o telemóvel tocou.

Sorriu, a princípio, quando reparou no nome da pessoa que lhe estava a ligar, mas o sorriso desfez-se logo. Pensou duas vezes se devia atender, mas, às tantas, decidiu-se, sabendo que, se não o fizesse, ela continuaria a insistir.

Era a sua maneira de ser, nunca desligava.

— Alô?

— Robie. Há quanto tempo...

Nicole Vance era uma agente especial do FBI. Segundo Julie Getty, uma superagente. Julie também defendia a opinião de que Vance tinha um fraquinho por Robie. A bem dizer, tinha a certeza disso.

Robie nunca tirara a questão a limpo e não estava certo de ser isso o que queria. O que acontecera no seu passado recente contribuíra para o manter afastado de tudo o que pudesse assemelhar-se, ainda que remotamente, ao relacionamento com uma mulher. Não era uma questão de desejo, mas de confiança. Sem isso, Robie não podia dar largas ao desejo.

Robie fora treinado para nunca se sentir defraudado. Para nunca ser tomado por parvo. Para nunca perder o lugar e ser o único sem uma cadeira ao pé quando a música deixasse de tocar. No entanto, tinha sido enganado. Acabara de passar por uma experiência humilhante, que não lhe apetecia repetir.

A voz de Vance era a mesma de sempre. Um nadinha amplificada para o gosto de Robie, sobretudo naquele momento, embora se visse obrigado a reconhecer a energia da mulher.

— Sim, é verdade.

— Tens viajado nos últimos tempos?

Robie hesitou, interrogando-se se Nicole Vance relacionara os acontecimentos ocorridos no Central Park com a pessoa dele.

Vance tinha uma ideia bastante nítida do que Robie fazia, profissionalmente falando. Na qualidade de agente do FBI, sabendo-se obrigada pelo juramento a defender e proteger, não podia acessar muito mais informações do que aquelas que já possuía. Operavam em dois mundos distintos, ambos necessários, e que se excluíam um ao outro.

O que não os impedia de serem incompatíveis, apesar de tudo. E se os seus trabalhos eram incompatíveis, valha a verdade que também eles os dois o eram, enquanto indivíduos. Robie apercebia-se claramente disso agora. De fato, sempre o soubera.

— Não muito. E tu?

— Tenho-me limitado a percorrer as ruas perigosas de Washington.

— Que me contas?

— Estás livre para jantar?

Robie tornou a hesitar. Hesitou durante tanto tempo que Vance acabou por dizer: — Não é assim tão complicado, Robie. Ou estás ou não estás. Juro que não fico ofendida se disseres que não.

Robie tinha vontade de recusar. Em vez disso, por qualquer razão, perguntou: — A que horas?

— Por volta das oito? Tenho andado com vontade de experimentar um novo restaurante na Fourteenth Street. — Deu-lhe o nome do local. — Ouvi dizer que utilizam panos de linhos para coar o tomate e fazer cocktails.

— Gostas assim tanto de cocktails? — quis saber ele.

— Esta noite, sim.

Robie sabia que tinha de haver uma razão por trás daquele convite para jantar. Sim, acreditava que ela gostava dele. Mas não era por acaso que o epíteto de superagente lhe assentava às mil maravilhas. Vance estava sempre ligada ao trabalho.

— Okay — concordou ele.
— Assim, sem mais nem menos?
— Sem mais nem menos.
— Estou oficialmente surpreendida. Também eu, pensou Robie.
— Andas a trabalhar nalgum caso interessante? — perguntou ela. — É apenas uma pergunta de retórica, claro.
— E tu, estás?
— Oh, nada de especial.
— Importas-te de ser mais específica?
— Ao jantar, quem sabe? E daí, talvez não. Depende da qualidade dos famosos cocktails.
— Combinado. Até logo.

Poisando o telefone, Robie observou novamente pela janela as pessoas que caminhavam apressadas, procurando fugir de uma chuva que parecia ter-se infiltrado até as profundezas daquela zona, tornando as ruas insuportavelmente úmidas, gélidas e miseráveis.

Percorreu com todo o vagar os cento e poucos metros quadrados do seu apartamento. Era o lugar onde vivia, mas parecia desabitado. Estava mobilado, nem era preciso dizer. Tinha comida no frigorífico e roupa no armário. Tirando isso, não havia ali nada que fosse pessoal, uma vez que Robie não possuía nada a que pudesse chamar seu.

Apesar de ter viajado pelo mundo inteiro, nunca na vida comprara uma recordação, por exemplo. Das viagens, a única coisa que se sentia na obrigação de trazer era a sua pessoa, sobrevivendo para continuar a fazer o seu trabalho, ainda e sempre. Nunca tinha comprado um postal nem um globo de neve depois de matar alguém. Limitava-se a apanhar um avião ou o comboio; outras vezes metia-se no carro, quando não lhe acontecia ir a pé para casa. E era tudo.

Robie dormiu uma sesta e, ao acordar, tomou um duche e vestiu roupa lavada. Ainda tinha algumas horas pela frente antes de se encontrar com Nicole Vance.

Abriu o portátil, inseriu o pendrive, e a vida de Jessica Elyse Reel materializou-se na tela em toda a sua glória, sob a forma de megapíxels.

Porém, antes que pudesse começar a ler aquele material, o telemóvel vibrou.

Robie olhou para a mensagem que acabara de entrar na sua caixa de correio. Não podia ser mais oportuna.

Lamento que as coisas tenham chegado a este ponto, Will. Como é óbvio, só um de nós pode sobreviver. De uma forma egoísta, espero ser eu. Respeitosamente, JR.

Capítulo 7

Robie entrou imediatamente em contacto com o Blue Man e contou-lhe o sucedido. Tentaram apurar a origem do e-mail que Robie recebera. O relatório chegou meia hora mais tarde e não trazia boas notícias.

Impossível de localizar.

O caso era sério para a agência de Robie reconhecer que algo não podia ser localizado. Independentemente de quem fossem as pessoas com quem Jessica Reel estava a trabalhar, não brincavam em serviço.

Outro ponto, e não menos importante, consistia em averiguar como é que Jessica Reel tivera acesso ao e-mail de Robie. De certeza que não seria do conhecimento público. O Blue Man devia estar a pensar a mesma coisa.

Jessica Reel era bem capaz de ter um aliado nas fileiras da agência. Alguém na retaguarda que se entretinha a passar-lhe informações. No meio dessas informações podia constar a de que Robie estava encarregado de ir atrás dela, um fato conhecido poucas horas antes. Fosse quem fosse, o tal agente infiltrado tinha acesso a um grande número de informações.

Robie começou uma vez mais a ler o arquivo sobre Jessica Reel guardado no pendrive. Ao longo dos anos, Reel executara uma série de golpes impressionantes. Tal como Robie, operava ao mais alto nível e abatera pessoas em situações que teriam desafiado Robie a ir até o limite das suas capacidades.

Nunca duvidara da competência de Reel. No entanto, ficara um tanto ou quanto surpreendido ao verificar até que ponto ela era assim tão competente.

Sem esquecer que pode ter alguém infiltrado a trabalhar para ela na organização, que lhe diz tudo o que precisa saber a fim de obter

vantagem suficiente que lhe permita pôr-me fora do seu caminho antes de eu lhe deitar a mão. O que significa que a minha própria agência representa uma ameaça.

Robie continuou a ler até chegar à parte do ataque a Doug Jacobs. Rápido, limpo, verdadeiramente engenhoso. Apanhar o controlador de surpresa quando ele pensa que te preparas para caçar a outra pessoa.

Mais, a posição do atirador tinha sido encontrada no hotel, algures no Oriente Médio. Ao efetuar o zoom com o satélite, por sugestão de Reel, a boca da arma, colocada na perfeição, permitira a Jacobs ver o cano. Só que não havia atirador nenhum.

Não havia provas de que fora Reel a pessoa que pusera fim à vida de Jacobs. No entanto, o e-mail que Robie tinha acabado de receber não deixava dúvidas quanto ao seu envolvimento.

No terreno das hipóteses, a mulher devia estar no Oriente Médio, quando afinal o mais provável era encontrar-se em Washington, tendo debaixo de mira o homem que estava a falar com ela pelo comunicador! Partindo do princípio de que os restantes fatores se mantinham constantes, provavelmente tinha sido Reel a disparar contra Jacobs. Se tivesse sido Robie a fazê-lo, queria certificar-se de que a morte seria executada de forma correta. Isto para dizer que não ia querer mais ninguém a premir o gatilho.

O que significava que ele ainda teria de ir primeiro a um lugar, antes de se encontrar com Nicole Vance para jantar.

Robie quase não prestou atenção ao edifício de três andares onde Jacobs perdera a vida. Sabia o que tinha acontecido ali, no final da trajetória da bala. Chegado àquela fase, precisava, isso sim, de compreender o que estivera na sua origem.

Apenas meia dúzia de colunas de apoio impediam a velha casa citadina de desabar. Construído nos finais da década de 1880, o edifício de cinco andares fora utilizado para as mais variadas finalidades ao longo dos anos, entre as quais se incluíam uma escola particular e um clube masculino, que tinham deixado de existir há mais de cinquenta anos. Uma vez que não fora habitado por ninguém famoso, o prédio nunca tinha sido qualificado como sendo de valor histórico. Se não sofresse uma derrocada, o mais provável era ser demolido num futuro próximo.

Robie levantou a cabeça e apreciou a fachada do edifício. À sua frente, devolvendo-lhe o olhar, encontrou tijolos antigos, videiras enfezadas trepando pelas paredes, ervas mortas e uma porta a cair de podre. Subiu as escadas com cautela, evitando os buracos nas tábuas do alpendre. A segurança do edifício tinha sido reforçada, mas os acrescentos feitos à má fila eram do tipo roscofe. Olhos vigilantes tinham granjeado a Robie o acesso às instalações. Usou uma chave que lhe fora dada para abrir a porta principal e entrou. A eletricidade há muito que fora desligada, por isso tirou uma lanterna do bolso e continuou a andar, removendo pilhas de entulho e contornando os lugares onde o pavimento primava pela ausência de tábuas.

O edifício distava algumas centenas de metros do posto avançado da agência onde Jacobs estivera a trabalhar. Era um tiro longo, mas um atirador de mão-cheia não teria dificuldade em acertar dez em dez.

Robie subiu as escadas até o quinto andar. Disseram-lhe que tinha sido daí que o disparo partira. Era a única posição na casa capaz de proporcionar uma linha de mira desimpedida para o escritório de Jacobs.

Teve a noção de que as gotas de chuva começavam a cair com mais violência à medida que se aproximava do patamar do quinto andar. Atravessou o vestíbulo. Sentiu a corrente de ar frio vinda do exterior atingi-lo através das inúmeras frestas que existiam nas paredes do edifício. Conseguiria ver a própria respiração se não estivesse tão escuro.

Fez incidir a luz da lanterna à sua frente, caminhando com cuidado para evitar os lugares pouco consistentes. Mesmo com a linha de mira desimpedida, teria sido arriscado efetuar o disparo dali. Não havia maneira de saber quando é que o chão debaixo dos pés poderia ceder.

Tal não se verificara, porém, e Jacobs tinha sucumbido.

Ao aproximar-se da sala, que ficava situada num torreão, no lado direito do edifício, Robie abrandou o passo.

Robie sabia que o local fora passado a pente fino pelo pessoal da agência, mas tinham-lhe afiançado que nada fora mexido. Embora a polícia desconhecesse a existência do edifício, sem

dúvida que as investigações desencadeadas acabariam, a dada altura, por conduzi-la até ali. Por enquanto, Robie ainda tinha diante de si uma pequena janela de oportunidade.

Abriu a porta e entrou.

Havia um único lugar na divisão de onde o disparo podia ter partido. A sala do torreão contava com três janelas viradas a sul. A que ficava no meio possuía a linha de mira conduzindo precisamente até Jacobs.

Robie aproximou-se e fez incidir a luz da lanterna no espaço em volta. No peitoril da janela distinguia-se uma ligeira alteração nas marcas deixadas pela poeira. Via-se ainda outra irregularidade no pó do chão; representada pelo joelho do atirador.

Notavam-se ligeiros resíduos provocados pelo descarregar da espingarda, tanto no parapeito da janela como no soalho. O silenciador devia ter impelido a descarga de gases mais ou menos naquele lugar.

Visto que os invólucros das munições não tinham sido encontrados, só podia significar que foram limpos, como o Blue Man referira. Da mesma forma, os efeitos provocados pelo sopro deviam ter sido apagados.

No entanto, tal não acontecera. Aos olhos de Robie, isso queria dizer que o atirador não se importava que a sua posição fosse descoberta.

Apanhou do chão um grande bocado de uma sapata que se desprendera, ajoelhou-se, e, usando aquele calço como se fosse uma espécie de arma imaginária, fez pontaria ao escritório de Jacobs.

Do quinto andar a apontar para o terceiro. É óbvio que o contrário não podia ser, por causa do ângulo do disparo. Não era possível disparar para cima e acertar no alvo. Tinha de se apontar para baixo. Se o prédio de Jacobs tivesse mais de cinco andares e o homem se encontrasse num andar mais alto, a velha moradia citadina não teria servido para albergar o posto do atirador.

Escusado será dizer que eles teriam encontrado outro lugar que cumprisse esses requisitos.

A partir dali, Robie deduziu que muitos edifícios da agência passariam a ter as suas janelas reforçadas com vidro à prova de

bala.

Tornava-se evidente que Jessica Reel, ou quem quer que o atirador tivesse sido, conhecia a planta do escritório de Jacobs. De costas para a janela, virado para a tela do computador. Sem obstruções à trajetória da bala até acertar no alvo. Em cheio no peito, o tiro destroçou o coração, fez ricochete numa costela e saiu, embatendo no computador.

Relativamente à colisão da bala com a costela, Robie limitava-se a tecer uma hipótese. Caso tivesse trespassado o corpo, o mais provável era a bala ter embatido no tampo da secretária, e não no computador. O ângulo parecia afastado demais. As costelas eram duras o suficiente para se interpor no caminho da bala, ao ponto de esta mudar a sua trajetória. Não tivera acesso aos resultados da autópsia de Jacobs, mas não se admirava nada que ele tivesse sofrido aquele tipo de ferimentos internos.

Portanto, o tiro tinha sido disparado. Jacobs estava morto. No caso de ter sido Jessica Reel a atiradora de serviço, ela devia ter ouvido pelo comunicador o vidro da janela partir-se, o impacto do projétil ao atingir Jacobs, e Jacobs a morrer. Confirmação de um assassinio — era sempre bom obtê-la quando se disparava às cegas através de uma janela.

Sem esquecer que ela devia ter na sua posse a planta do escritório de Jacobs. Jessica Reel não estaria propriamente a disparar "às cegas".

Uma vez mais, contando com ajuda interna.

Tal como a história do meu e-mail.

Ela pode muito bem andar a seguir-me neste preciso momento. Ou estar à minha espera, calculando que, mais cedo ou mais tarde, eu acabaria por fazer uma visitinha à casa citadina.

Robie inspecionou a rua, mas só viu uma amálgama de gente que corria de um lado para o outro, procurando escapar à chuva. Contudo, alguém como Jessica Reel não daria a conhecer a sua presença de uma forma tão imprudente. Robie olhou para baixo e examinou o seu sapato. Notou uma substância branca a espreitar de debaixo da sola. Agarrou nela e descolou-a. Estava mole, a desfazer-se. Levou a mão ao nariz. Tinha um cheiro característico.

Saiu apressadamente da sala e avançou pelo corredor, até chegar junto de uma janela que lhe permitia vislumbrar a porta da rua. Havia um grupo de pessoas amontoadas, todas encostadas umas às outras. Rebentara uma discussão. Robie conseguiu distinguir alguns elementos, que reconheceu como pertencendo à agência.

Ao mesmo tempo, percebeu que havia ali pessoal que não tinha nada que ver com a agência.

Era fácil distingui-los. Os que não faziam parte da agência envergavam blusões azuis com letras douradas nas costas.

Eram só três letras douradas. Mas eram três letras que Robie não queria ver pela frente.

FBI.

Contudo, ao reconhecer quem liderava os agentes do FBI, apressou-se a dar meia-volta e encaminhou-se para os fundos.

Combinara ir ter com Nicole Vance para jantar às oito.

Não queria correr o risco de dar de caras com ela dentro da casa nos minutos seguintes.

Capítulo 8

Robie sabia como teria de proceder para sair dali sem dar nas vistas. E foi o que fez. Dobrando a esquina, ficou a observar a cena atrás de uns arbustos, enquanto Vance continuava a discutir com os outros indivíduos.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem ao Blue Man.

Passado um minuto, Robie viu um dos tipos envolvidos na discussão com Vance tocar no ouvido.

Mensagem comunicada.

O outro deixou de discutir e Robie ouviu-o dizer: — Pode revistar o local à vontade, agente Vance. Deixamos a tarefa nas suas mãos.

Vance interrompeu a frase que estava a dizer e encarou-o muito séria.

Robie agachou-se no momento em que Vance rodou a cabeça, olhando em todas as direções. Dava para perceber que sabia exatamente o que acabara de suceder. Tinham mandado retirar os cães. O local era terreno aberto para ela exercer as suas funções. Aquela ordem viera de cima. As circunstâncias tinham mudado numa fração de segundo.

Robie estava em movimento, pois sabia que a tática seguinte de Nicole Vance poderia consistir em mandar os seus homens dispersar, à procura de quem se encontrava por detrás das mudanças no terreno. Não queria que Vance viesse a descobrir que era ele que estava na origem de tudo. Só ia contribuir para tornar o jantar ainda mais penoso do que já prometia ser.

Ao chegar junto do carro, Robie meteu-se lá dentro e arrancou. Carregou numas teclas do telefone, e o Blue Man atendeu quase de imediato.

— Obrigado pelo serviço prestado — disse o Blue Man.

— Vou jantar com a Vance hoje à noite. Foi uma coisa combinada antes de eu saber que ela estava metida nesta história. Teria sido simpático informarem-me antes. Ser desagradavelmente surpreendido desta maneira na linha da frente não inspira confiança — retorquiu Robie, agastado.

— Ignorávamos que ela tinha sido destacada para este caso. Quem manda no FBI não somos nós. Calculo que o êxito recentemente alcançado lhe tenha permitido ganhar um certo ascendente na agência.

— O que é que o FBI sabe exatamente? — perguntou Robie. — Ao dispores os teus homens nas imediações daquele edifício, ela ficou a saber que não se trata de um assassinio vulgar.

— Não podíamos encobrir por completo o que sucedeu ao Doug Jacobs. O envolvimento do FBI era inevitável. Apesar disso, cabe-nos gerir o caso da melhor maneira.

— Volto a perguntar, o que sabem eles no FBI?

— Sabem que Doug Jacobs era funcionário do Governo federal. Não sabem, e não saberão nunca, que ele trabalhava para a nossa agência. Oficialmente, é um membro da DTRA.

— Defense Threat Reduction⁶?

6 Defense Threat Reduction Agency (Agência para Redução da Ameaça à Defesa). A mais jovem agência criada pelo Departamento de Defesa tem como objetivo prioritário analisar potenciais ameaças contra os Estados Unidos e fornecer planos de contingência para eventuais cenários de ataque. (N. da T.)

— Mais concretamente, como funcionário do Centro de Análise de Informações. O Jacobs encontrava-se num edifício alugado pelo Centro. É um bom disfarce. No entanto, confesso que não estávamos à espera de que ele fosse assassinado no seu escritório.

— E os membros da DTRA entram nesse jogo? — inquiriu Robie.

— Têm uma visão global da coisa, como nós. No fim de contas, pertencem ao Departamento de Defesa.

— Estavam a par do que o Jacobs andava a fazer naquele escritório quando foi abatido?

— Não vejo vantagem em responder a essa pergunta. Costuma dizer-se que a ignorância é felicidade.

— Posto de outro modo, a DTRA não será obrigada a mentir ao FBI quando eles vierem pedir explicações?

— Já nos vieram bater à porta.

— E qual é a versão oficial? — quis saber Robie.

— Jacobs foi morto no cumprimento de suas funções de rotina, possivelmente às mãos de um atirador sem escrúpulos que tinha por alvo o Governo federal.

— E pensas que o FBI vai engolir essa história?

— Não sei se acreditam ou não — replicou o Blue Man. — Isso não faz parte das minhas preocupações.

— Mas não podes deixar que o FBI descubra que o Jacobs andava, na realidade, a orquestrar o assassinio de um líder estrangeiro.

— O homem ainda não era um líder estrangeiro. Esforçamo-nos por ser pró-ativos. Eliminar aqueles que já estão no poder é um risco acrescido. Por vezes necessário, mas a evitar, se possível, visto ser tecnicamente ilegal.

— A Vance é uma teimosa do carças.

— Lá nisso tens razão — concordou o Blue Man.

— Como tal, pode muito bem ser capaz de chegar à verdade.

— Isso não pode acontecer, Robie.

— Como tu próprio disseste, não és dono do FBI.

— Vais falar com ela acerca de quê, logo à noite? — perguntou o Blue Man.

— Não sei. Para mais, se eu cancelar em cima da hora, pode desconfiar.

— Achas que ela suspeita do teu envolvimento?

— É uma mulher inteligente. E sabe vagamente o que eu faço para ganhar a vida.

— Isso foi um erro de palmatória, Robie, deixar que ela soubesse quem tu eras.

— Para ser franco, não tive alternativa, pois não?

— E se ela começar a fazer perguntas?

— Nesse caso, faço questão de responder. A minha maneira. Apesar da aparente insistência naquela linha de interrogatório, o Blue Man mudou subitamente de tom e disparou: — Qual será o teu próximo passo em relação à Reel?

— Arranjar maneira de apurar os seus movimentos até o momento do disparo? Quer dizer, há a certeza absoluta de que estava no país e premiu o gatilho? Só por si, ter a sua voz no comunicador não prova que foi ela quem disparou.

— A Jessica Reel ficou em silêncio antes do disparo, por isso não conseguimos captar sons do lado dela, só os do Jacobs. Mas o simples fato de lhe termos ouvido a voz significa que esteve de fato envolvida.

Robie voltou à carga:

— A posição do atirador estava montada no estrangeiro. Alguma pista?

— Nada. Confirmamos que ela foi vista nessas paragens, mas isso aconteceu dois dias antes. Teve muito tempo para regressar aqui e assassinar o Jacobs.

— Quais são as últimas informações sobre o Ahmadi?

— O procedimento habitual. Eliminamos todos os vestígios da posição do atirador, escusado será dizer.

— Há planos para outro atentado?

— Bom, se ele chegou a saber da primeira tentativa, para mais frustrada, ligando o ataque a nós, imagino que tenha passado a ser supercauteloso. Corremos o risco de não lhe tornar a pôr a vista em cima quando for o novo líder da Síria.

— Não me agrada a ideia de a Reel conhecer o meu e-mail.

— Também a mim — concordou o Blue Man.

— Temos um infiltrado entre nós. Um agente adormecido.

— Talvez. Ou também pode acontecer que ela tenha obtido essa informação antecipadamente.

— Como é que a Reel podia saber que seria eu a ir no encalço dela?

— Uma conclusão baseada nos pressupostos? — aventou o Blue Man.

— Quem sabe se ela não anda a seguir-me neste preciso momento...

— Não me venhas com as tuas paranoias, Robie.

— Já é tarde para isso. Nos dias que correm, a minha paranoia não conhece limites.

— Onde vais agora?

— Arranjar-me para o jantar.

Robie desligou e tratou de se despachar. Deitou uma olhadela através do espelho retrovisor, à caça de Vance, Reel e dos outros papões da mesma raça.

Não estou a ficar paranoico. Sou paranoico por natureza. E quem é que me pode censurar?

Carregou mais a fundo no acelerador.

Pensando bem, enviar um assassino para liquidar um assassino fazia sentido.

Falamos uma linguagem diferente e vemos o mundo por um prisma diferente, que decerto mais ninguém poderia compreender.

Era muito bonito, mas aquela interdependência funcionava para os dois lados.

Com que então, a Jessica Reel vai acabar morta.

Ou eu.

Tão simples quanto isso.

E, ao mesmo tempo, complicado como o raio.

Capítulo 9

Jessica Reel sentou-se na cama do seu quarto de hotel. A roupa desportiva, encharcada de suor, encontrava-se caída pelo chão. Estava nua, a olhar para os dedos dos pés. Lá fora, cada vez mais forte, a chuva fustigava a cidade.

Faz lembrar uma saraivada de balas. Ao contrário das balas, porém, a chuva deixa-nos vivos.

Passou a mão pelo ventre liso. A firmeza dos músculos devia-se ao treino físico intensíssimo e a uma dieta cuidada. Não era uma questão de aparência física. Quando no núcleo do seu corpo residia a essência da sua força, a gordura diminuía a capacidade de resposta. No mundo em que ela se movimentava era o mesmo que veneno. Pela mesma ordem de ideias, dominava todas as artes marciais que lhe pudessem ser úteis em combates corpo a corpo.

Vira-se muitas vezes obrigada a tirar partido das aptidões físicas, a recorrer às técnicas de combate e aos seus dotes de lutadora. Nem sempre utilizava uma arma de longo alcance para matar. Por vezes, os alvos que tentavam assassiná-la faziam-lhe frente, recorrendo à mesmíssima violência que ela usava contra eles. Homens, quase sempre. O que lhes dava uma vantagem genética, tanto em tamanho como no que respeitava à capacidade física.

Até à data, mesmo assim, tinha saído sempre vencedora. Mas nunca se sabia o que o futuro nos reservava. Na sua profissão, só se perdia uma vez. Depois disso, já ninguém se dava ao trabalho de contar.

Só se recebia elogios. Talvez.

Perguntou a si própria se deveria enviar uma nova mensagem a Robie. Depois, pensando melhor, achou que isso seria estar a exagerar o seu papel. Não subestimava ninguém. E apesar de a célula a que pertencia ser, em teoria, impossível de detetar, pelo

menos a agência podia a todo o custo querer levar a sua avante, seguir-lhe o rastro através dos canais de comunicação e encontrá-la.

E que mais havia para dizer? Robie tinha uma missão. Utilizaria todos os meios ao seu alcance para a cumprir.

Pela parte que lhe dizia respeito, Reel faria os possíveis para se certificar de que ele falhava. Um deles ou ambos podiam acabar mortos. Fazia parte da natureza das coisas. A justiça não era para ali chamada. Não havia volta a dar.

Jessica Reel enfiou um robe, atravessou o quarto e foi buscar o telemóvel ao bolso do casaco pendurado na porta. Desatou a carregar em várias teclas. Era de fato espantoso o que uma pessoa podia fazer com um daqueles aparelhos. Localizam todos os nossos passos. Dizem exatamente como chegar a qualquer lado. Com o simples toque numa tecla, Reel estava em posição de obter as informações mais esotéricas numa questão de segundos.

Existia, no entanto, um lado negativo associado a toda essa liberdade.

As pessoas tinham agora milhões de olhos a observá-las. E não estamos a falar apenas do Governo. Ou dos grandes capitalistas. Podia ser o homem ao virar da esquina, desde que possuísse as tecnologias mais recentes e os conhecimentos técnicos mínimos necessários.

Isso complicava a tarefa de Jessica Reel. Uma tarefa difícil à partida, havia que reconhecer.

Digeriu a informação que apareceu na tela. Pôs o telemóvel de lado, esgueirou-se para o interior da casa de banho e despiu o robe. Caiu bem o contato com a água quente no chuveiro. Estava sem forças, sentia os músculos cansados, após um esquema de treino que puxara por ela mais do que nunca.

Encontrara dois ou três jovens no ginásio a fazer flexões só com uma mão, exibindo os seus dotes como pavões diante do espelho. Outro dedicara vinte minutos de moderada intensidade à bicicleta elíptica, pensando obviamente que era quanto bastava para fazer dele um ganhão. Reel escolheu uma sala ao lado e deu início ao exercício. Passados alguns minutos, notou que dois dos marmanjos a observavam. Por causa do modo como estava vestida não devia

ser. Usar roupas justas de lycra não era com ela. Roupas largas combinavam com seu estilo. Estava ali para suar, não para encontrar marido ou engatar alguém por uma noite.

Pressentia que eles não representavam qualquer ameaça. Estavam simplesmente abismados com as coisas que ela fazia com o seu corpo. Passados trinta minutos, quando já tinha cumprido um terço do exercício, viraram costas e foram-se embora, abanando a cabeça. Jessica sabia o que cada um ia a pensar.

Aquele ritmo, quem não aguentava cinco minutos de treino era eu.

E não se enganavam.

Fechou o chuveiro, secou-se e tornou a vestir o robe, enrolando o cabelo numa toalha. Passou os olhos pela ementa do serviço de quartos, escolheu uma salada e deu-se ao luxo de encomendar um copo de vinho Zinfandel, da Califórnia.

Quando o empregado, jovem e bem-parecido, lhe levou o tabuleiro ao quarto, observou-o de relance no espelho. Viu que ele estava a tirar-lhe as medidas.

Reel tinha mantido relações sexuais com vários homens espalhados por diferentes continentes. De todas as vezes que isso acontecera, havia uma missão envolvida. Um meio para atingir um fim. Se podia usar o sexo para chegar onde precisava, não hesitava. Partia do princípio de que essa era uma das razões por que a agência a contratara. Tinham-na encorajado a utilizar essa arma do seu arsenal, com a ressalva de nunca se envolver com nenhum dos parceiros. O que, traduzido por miúdos, significava que não deveria alimentar sentimentos de qualquer espécie por eles. Não passava de uma máquina, e a relação trazia vantagens para a missão, tão simples quanto isso.

Nesse aspecto, os homens eram o sexo mais fraco, sem sombra de dúvida. Prometendo-lhe um pouco de ação debaixo dos lençóis, contra uma parede ou de joelhos, as mulheres podiam levá-los a fazer tudo e mais alguma coisa, dependendo do caso.

Rubricou a conta e acrescentou uma generosa gorjeta.

Os olhos dele pediram mais.

Com um simples virar de costas, Jessica negou-lhe o pedido.

Assim que a porta se fechou atrás de si, despiu o robe, soltou os cabelos e vestiu uns calções e uma T-shirt. Empurrou uma mesa de encontro à porta, sentou-se para comer a sua refeição e saboreou devagar o vinho, enquanto a chuva martelava nos vidros.

Precisava de ir a um determinado lugar primeiro. Era importante manter a engrenagem a funcionar. Obstáculos parados tendem a ser derrubados.

Não tardaria muito para que Robie comesse a andar à sua procura a sério. Isso iria ocupar grande parte do seu tempo e da sua energia. Até lá, teria uma janela de oportunidade.

Tencionava aproveitar ao máximo.

Doug Jacobs situava-se num determinado nível.

Agora, Reel propunha-se avançar para o nível seguinte.

Não seria fácil. Uma vez atingido aquele patamar, eles estavam de sobreaviso.

Doug Jacobs tinha mulher e dois filhos. Reel sabia qual era o aspecto de cada um. Conhecia o nome deles, o lugar onde viviam. Sabia que estavam a passar por um sofrimento pavoroso. Por causa do que Jacobs fazia na vida, a família não podia ser informada das circunstâncias exatas da sua morte.

Era a política da empresa. E as regras nunca mudavam.

Segredos até o fim.

Realizar-se-ia um funeral e Jacobs iria a enterrar. O que seria perfeitamente normal, visto ter morrido. A jovem viúva prosseguiria com a sua vida, provavelmente tornaria a casar-se. Podia ser que tivesse mais filhos. A sugestão de Reel era que casasse com um canalizador ou com um vendedor. Teria uma vida muito menos atribulada.

Os filhos de Jacobs tanto podiam recordar-se do pai como não.

Para Jessica Reel, não queria dizer que isso fosse forçosamente uma coisa má.

Pelo que se lembrava dele, Douglas Jacobs não era uma figura digna de perdurar na memória.

Terminou a sua refeição e enfiou-se debaixo da roupa.

Em criança, recordava-se de ficar deitada na cama, ouvindo a chuva cair lá fora. Ninguém vinha ver se ela estava bem. O lugar onde se encontrava não era esse tipo de lar. As pessoas que

costumavam aparecer à noite na casa onde Reel crescera tinham por norma segundas intenções, intenções muito pouco benévolas, para não ir mais longe. Essa circunstância fizera dela uma pessoa desconfiada e dura desde tenra idade. Isso contribuíra para que preferisse estar sozinha, apenas aceitando companhia quando era ela a impor as suas próprias condições.

Quando alguém vem à tua procura a meio da noite, a única resposta é tratar-lhe da saúde primeiro.

Reel recordava a imagem da mãe — uma mulher frágil e vítima de abusos sexuais, que, no seu último dia à face da Terra, parecia ter mais quarenta anos em cima. Conhecera uma morte violenta, dolorosa. Não morrera em paz, mas acabara por partir. Jessica Reel, que na altura tinha apenas sete anos, assistira a tudo. Um espetáculo traumatizante a vários níveis! Mesmo no presente, Reel ainda não compreendia totalmente o que se tinha passado. Além de contribuir para definir a sua personalidade, a experiência determinara que muitas coisas normais que as pessoas faziam nunca fossem parte da sua vida.

Tudo o que te aconteceu na infância, sobretudo se foi mau, muda total e irreversivelmente a tua maneira de ser. É como se parte do cérebro se fechasse e se recusasse a desenvolver. Na idade adulta, és impotente para lutar contra isso. Permaneces assim até o dia da morte. Não há "terapia" que possa curar semelhante mal. Aquele muro tinha sido erguido e nada podia derrubá-lo.

Talvez seja por isso que eu faço o que faço. Um trabalho planeado desde criança.

A sua arma estava debaixo da almofada, bem apertada na mão, e a mesa continuava encostada à porta.

Dormiria descansada nessa noite.

Podia muito bem ser a última vez que isso acontecia.

Capítulo 10

No restaurante, Robie sentou-se a uma mesa que lhe permitia ver tudo o que se passava do outro lado da rua. O seu olhar alternava entre o que acontecia lá fora e o televisor montado na parede atrás do bar. Na televisão estava a dar uma reportagem sobre os preparativos para a realização de uma cúpula árabe que iria decorrer no Canadá. Um cenário aparentemente neutro, longe de atos terroristas e de guerras, poderia diminuir as probabilidades de ocorrerem desenvolvimentos significativos. Segundo o pivô do telejornal, esperava-se que a cúpula, apadrinhada pelas Nações Unidas, representasse o início de uma nova etapa de cooperação entre países que estavam em guerra há demasiado tempo.

Desejo-lhes boa sorte, disse Robie com os seus botões.

No minuto seguinte assistiu-se a uma mudança de canal, e Robie apanhou pela frente um anúncio aos medicamentos Cialis⁷, em que se via um homem e uma mulher, cada um dentro da sua banheira, estando ambas colocadas ao ar livre.

7 Genérico para disfunção erétil. (N. da T.)

Ora ali estava uma metáfora de índole sexual com a qual ele nunca atinara... Depois, as banheiras volatilizaram-se e apareceu outro pivô para falar sobre a viagem iminente do presidente à Irlanda, onde estaria presente como convidado de honra num simpósio sobre a ameaça do terrorismo internacional e as formas de lutar contra ele.

"Outros que vão precisar de sorte", murmurou Robie.

Afastou o olhar da televisão a tempo de ver Nicole Vance descer a rua em passo apressado. Olhou para o relógio. Vance vinha com cerca de quinze minutos de atraso. Estava a retocar a maquilhagem

e o batom e a confirmar o resultado num espelhinho que trazia consigo. Reparou que trocara a roupa com que fora trabalhar por um vestido, e que usava meias de vidro e sapatos de salto alto. Talvez fosse essa a explicação para o atraso.

Ocupada como estava a enfiar o estojo de maquilhagem na malinha, nem reparou que ele a observava, ao entrar precipitadamente pela porta do restaurante, e ainda bem. Robie duvidava que ela gostasse de ser apanhada a "retocar a cara" antes do jantar.

— Estás com um ar mais magro.

Robie levantou os olhos e encarou Nicole Vance, que tinha acabado de se sentar à sua frente.

— E tu estás com um ar vagamente atormentado — replicou ele.

— Desculpa o atraso. Fiquei a trabalhar num caso.

O empregado apareceu junto deles e tomou nota das bebidas. Quando ele foi embora, Robie partiu um gressino ao meio, comeu um pedaço e disse: — Alguma novidade?

— Finalmente, surgiu uma coisa interessante.

— Pensei que os teus casos eram todos interessantes.

— Os maus da fita, regra geral, costumam ser fáceis de identificar. Às tantas, é uma mera questão de juntar provas, o que tende rapidamente a tornar-se bastante monótono.

— Queres falar sobre o assunto?

— Sabes muito bem que não deves fazer essa pergunta, Robie. Há uma investigação em curso. A não ser que tenhas sido transferido para o FBI e ninguém me tenha dito nada. — Mantinha os olhos cravados nele. — Então, conta lá, saíste da cidade?

— Já me fizeste essa pergunta.

— Não me chegaste a responder.

— Sim, respondi. Como te disse, não me afastei por aí além.

— Mas sempre te afastaste um bocado...

— Porquê esse interesse no meu roteiro de viagens? — insistiu ele.

— Há coisas interessantes a acontecer no mundo, não sei se sabes. Mesmo aqui ao lado.

— Há sempre. E depois?

— Não estou propriamente no escuro quanto às tuas atividades. Robie olhou para a direita, depois para a esquerda, e tornou a fitar Jessica Vance.

Antes que ele pudesse falar, Vance disse: — Desculpa. Não devia ter ido por aí.

— Pois não, não devias.

— Começamos com o pé esquerdo. Como é que tens passado?

— Cheio de trabalho, como tu. — Fez uma pausa. — Pensei em telefonar-te umas poucas de vezes. Nunca cheguei a fazê-lo. As coisas se complicaram e tem sido uma loucura!

— Devo confessar que fiquei surpreendida por te teres lembrado de me ligar.

— Por quê? Tínhamos combinado manter contato.

— Agradeço a intenção, pela parte que me toca. Mas não creio que o teu trabalho te permita grandes períodos de inatividade, Robie.

— No teu caso, a mesma coisa.

— É diferente. Sabes disso.

O empregado trouxe as bebidas, e Vance, agradecida, deu um gole na sua.

— Oh, meu Deus, como isso é bom.

— Consegues saborear o linho?

Ela pousou o copo e sorriu.

— Todos os fiapinhos.

— O sentido de humor ajuda a ultrapassar uma série de barreiras.

— É o que toda a gente me diz. Verdade seja dita que cada vez encontro menos motivos para rir.

— O que nos traz de volta à realidade. Por que telefonaste a convidar para tomar um copo e jantar? A sério?

— Dois amigos em ameno convívio.

— Uma agente do FBI a trabalhar a desoras? Não me parece.

— Não tenho compromissos. Robie limitou-se a olhar para ela.

— Pronto, pode dizer-se que tenho alguns compromissos.

— Nesse caso, vamos lá conhecê-los...

Nicole Vance inclinou-se para a frente e baixou a voz.

— Douglas Jacobs?

Robie manteve uma expressão impassível.

— Quem é esse?

— Quem era esse, queres tu dizer. O Jacobs está morto. Foi alvejado no seu escritório.

— Lamento saber. O que aconteceu?

— Não tenho a certeza. Ao que parece, trabalhava para a DTRA. Sabes quem são?

— Estou a par da existência deles.

— Eu disse "ao que parece", porque de certeza absoluta que todas as pessoas com quem falei sobre o assunto estão a mentir com quantos dentes têm.

— Por que razão?

— Tu sabes qual é a razão, Robie. Estamos em território minado pelos espiões. Sei isso de ciência certa. E eles mentem sempre.

— Nem sempre — lembrou Robie.

— Mentem na maior parte do tempo.

Ela bebeu mais um gole do seu cocktail e lançou-lhe um olhar penetrante.

— De certeza que não fazias ideia de quem era o Jacobs?

— Nunca vi o homem na minha vida — afirmou Robie, com sinceridade.

Vance recostou-se na cadeira e olhou para ele, cética.

— Conheces toda a gente no FBI? — perguntou ele.

— Claro que não. É demasiado grande.

— Aí tens. Só vem provar o que eu estou a dizer.

— Diz-me o meu instinto que o tal Jacobs andava envolvido numa coisa em grande. E o que lhe aconteceu serviu para deixar certas pessoas com posições nos lugares de topo genuinamente apavoradas.

Sim, ele estava envolvido, e sim, o que lhe aconteceu pregou um susto de morte a muito boa gente, pensou Robie.

— Mesmo que eu soubesse alguma coisa, Vance, não poderia dizer-te nada. Sabes perfeitamente.

— Uma garota pode sempre ter uma esperança — sussurrou ela docemente, esvaziando o copo e fazendo sinal com a mão a pedir mais uma bebida.

Saborearam grande parte da refeição em silêncio. Quando acabaram de comer, Vance disse: — Nunca fui devidamente informada sobre o que aconteceu depois de termos saído de Marrocos.

— Estou em crer que não.

— Safaste-te?

— Claro. Está tudo bem.

— Ele mentiu — acrescentou Nicole Vance. — A cena na Casa Branca?

— Sim, o que tem?

— Estiveste metido nisso.

— Não oficialmente.

— Mas em todos os aspectos importantes, sim, estiveste.

— Isso são histórias passadas e não sou grande fã de andar a remexer no passado. Procuro ser um homem mais virado para o futuro.

— A tua capacidade de compartimentar as coisas é notável, Robie. Ele encolheu os ombros.

— Faz parte do trabalho. Depois de as coisas acontecerem, olhamos para elas e parecem-nos perfeitas. É aprendendo com os erros que se avança. Mas as situações variam.

Não podemos julgar toda a gente pela mesma bitola.

— É muito parecido com o que fazemos quando trabalhamos nos nossos casos. Conta-me lá, quanto tempo mais vais andar a fazer o mesmo?

— Provavelmente até cair para o lado.

— Acreditas mesmo nisso?

— E tu?

— Não sei, Robie. Disseste que eu era uma mulher virada para o futuro. Considero-me, acima de tudo, uma pessoa que vive no presente. Por isso te pergunto, quando é que desistes?

— O mais provável é não ser eu a tomar essa decisão.

Vance reclinou-se na cadeira, pesou as palavras e abanou a cabeça.

— Nesse caso, talvez devas fazer tudo ao teu alcance para garantir que a decisão te pertence.

— Não estamos propriamente a falar dos ossos do ofício, Vance. Ficaram os dois sem dizer nada durante um minuto, cada um entretido a brincar com a bebida que tinha à sua frente. Por fim, Vance quebrou o silêncio: — Tens visto a Julie?

— Não — respondeu Robie.

— Não prometeste manter-te em contacto com ela?

— Também te fiz a mesma promessa, e olha o que aconteceu.

— Mas ela é apenas uma criança — contrapôs Vance.

— Pois é. Tem uma longa vida à frente dela.

— Uma promessa é uma promessa.

— Nem por isso — disse Robie. — Ela não precisa me ter por perto. Recebeu a chance de levar uma vida normal. Não vou lixar essa oportunidade.

— Muito nobre da tua parte.

— Chama do que quiseres.

— Nossa, é mesmo difícil lidar contigo.

Uma vez mais, Robie ficou calado.

— Acho que vai ser assim, enquanto tiveres a profissão que tens — observou Vance.

— As coisas são o que são.

— Desejavas que fossem diferentes?

Robie começou a responder à pergunta, aparentemente simples, e só então percebeu que uma questão como aquela de simples nada tinha.

— Já deixei de formular desejos há imenso tempo, Vance.

— Porquê continuar a fazer isto, nesse caso? Quero dizer, eu levo uma vida de doidos, embora nada que se compare com a tua. Mas pelo menos tenho a satisfação de me manter à margem do lodo.

— E parece-te que eu não faço o mesmo?

— Não sei. Fazes?

Robie tirou dinheiro da carteira, depositou-o em cima da mesa para pagar a conta e levantou-se.

— Obrigado por me teres ligado. Foi simpático termos posto a conversa em dia. E boa sorte para ti no caso que tens em mãos.

— Estás a falar a sério, Robie?

— Provavelmente mais do que imaginas, acredita.

Capítulo 11

Jessica Reel tinha apanhado o avião em Nova Iorque e viajara para Washington. Fora obrigada a isso porque a tarefa seguinte só podia ser executada ali.

Da forma como encarava as coisas, havia três maneiras de executar a missão. Para todos os efeitos, tratava-se de uma missão.

Podia começar por baixo e ir subindo até o topo.

A outra hipótese era começar por cima e descer até o nível inferior.

Ou então, baralhar os dados, ser imprevisível e optar por não seguir uma ordem específica.

A primeira opção poderia revelar-se mais pura, de um ponto de vista simbólico.

A terceira abordagem aumentava significativamente as probabilidades de êxito de Jessica Reel, garantindo à partida melhores condições para a sua sobrevivência.

Reel escolheu o êxito e a sobrevivência em detrimento do simbolismo.

Aquela área de Washington estava cheia de edifícios de escritórios, todos vazios devido ao adiantado da hora. Trabalhavam ali não só os altos funcionários governamentais, como os seus ainda mais prósperos congêneres do setor privado.

Esse aspecto não interessava por aí além a Reel. Fossem ricos, pobres ou remediados, ela só ia até onde era preciso. Matara todos os que lhe tinham dito para eliminar, sem olhar a quem. Comportara-se como uma máquina de matar, executando ordens com precisão cirúrgica.

Colocou um comunicador no ouvido esquerdo e ligou o fio ao carregador elétrico atado ao cinto. Alisou o cabelo e desabotoou o casaco. A pistola estava na sovaqueira, à mão de semear.

Olhou para o relógio, calculou mentalmente o tempo e viu que tinha cerca de trinta minutos para pensar no que ia fazer.

Apesar de límpida, a noite estava fresca, depois de a chuva ter finalmente parado. Como seria de esperar naquela época do ano.

A rua encontrava-se desimpedida de trânsito, o que também era de prever a essa hora da noite.

Dirigiu-se para uma esquina e tomou posição junto de uma árvore com um banco por baixo. Ajustou o comunicador e tornou a consultar o relógio.

Era não só prisioneira do tempo, mas do tempo preciso, calculado ao segundo. Uma fração a menos, aqui ou ali, e era a morte dela.

Através do comunicador ficou a saber que o homem estava em movimento. Chegaria daí a dez minutos, um tudo-nada mais cedo do que o previsto. Conhecer as frequências de comunicação da sua agência era uma vantagem de peso.

Extraiu o aparelho do bolso. Tinha um acabamento em preto mate, media dez por quinze centímetros, com dois botões em cima, e era provavelmente — tirando a arma — a coisa mais importante que trazia consigo. Sem ele, o seu plano iria por água abaixo, a não ser que houvesse um fantástico golpe de sorte.

E Reel não podia contar com isso.

Vendo bem, já esgotei a minha reserva de sorte.

Levantou a cabeça no momento em que o carro começou a descer a rua.

Um Lincoln Town Car.

Preto.

Será que os fabricam noutra cor?

Precisava de confirmação. Afinal de contas, os modelos Town Car pretos naquela cidade eram quase tão abundantes como peixes no oceano. Ergueu o binóculo com visão noturna e espreitou através do para-brisas. Todas as outras janelas eram fumadas. Viu o que precisava ver. Baixou o binóculo e guardou-o. Tirou do bolso uma lanterna em forma de caneta e fez sinal de luzes uma vez. Teve como resposta um feixe de luz. Guardou a lanterna e agarrou na caixa preta. Olhou para cima e só depois atravessou a rua.

O que ia acontecer a seguir custara-lhe uma pipa de massa. Oxalá fosse dinheiro bem gasto.

Premiu o interruptor que havia no lado direito da caixa preta.

A luz dos semáforos passou imediatamente de verde para amarela antes de ficar vermelha. Colocou a caixa de lado.

Ao chegar ao cruzamento, o Lincoln parou no sinal.

A figura masculina saiu disparada das sombras e aproximou-se do Lincoln. Tinha um balde numa das mãos e outra coisa qualquer na outra. Um jorro de água inundou o para-brisas.

— Ei! — gritou o motorista, baixando o vidro da janela.

O miúdo negro tinha à volta de catorze anos. Usava um rodo para retirar a água com espuma dos vidros. O motorista gritou: — Desanda daqui!

A luz do semáforo continuava vermelha.

Reel tinha sacado da pistola, mantendo o cano apoiado ao ramo baixo da árvore junto da qual se encontrava. Na calha da arma via-se uma mira. O cano tinha sido aumentado e especialmente concebido de forma a disparar mais longe do que a maioria dos revólveres.

O miúdo correu para o outro lado e utilizou o rodo para enxaguar a água.

O vidro da janela do passageiro desceu suavemente.

Observar o vidro da janela a descer foi o mote para Reel, visto que o homem no assento traseiro se encontrava mesmo por trás do motorista. Tudo dependia do ângulo de disparo.

Fez pontaria, soltou um profundo suspiro e o dedo deslizou para o gatilho.

Ponto de não retorno.

O putro negro correu para o lado do motorista e agitou a mão espalmada.

— Superlimpo. Cinco dólares.

— Sai daqui, já disse! — berrou o motorista.

— A minha mãezinha precisa ser operada.

— Tens dois segundos para te pões a andar daqui para fora... O homem não chegou a acabar a frase; Reel tinha disparado.

A bala passou velozmente à frente do homem no lugar do passageiro, fazendo uma tangente entre ele e o motorista, e atingiu

com violência a testa do indivíduo sentado lá atrás.

Jessica Reel enfiou a arma no bolso e premiu o outro interruptor da caixa negra.

O sinal ficou verde.

O Lincoln não arrancou.

O motorista e o passageiro começaram aos gritos. Saíram do carro.

O miúdo armado com o limpador de para-brisas já devia ir longe. Tinha desatado a correr mal o tiro fora disparado.

Os homens estavam cobertos de sangue e massa encefálica.

Reel desapareceu na noite. Com apenas uma das mãos, tratou de desmontar a pistola, apressando-se a guardá-la dentro do bolso.

No carro, o corpo de Jim Gelder tombou para a frente, preso ao seu lugar apenas pelo cinto de segurança. Um pedaço do cérebro ficara esborrachado na janela de trás.

A agência teria de encontrar um novo homem para ocupar o lugar do número dois.

Enquanto os elementos da força de segurança, tão iguais que mais pareciam gémeos, corriam tudo quanto era lugar à procura do atirador, Reel foi a pé até a entrada de metro mais próxima e apanhou a primeira carruagem a sair da estação. Minutos depois, estava a quilômetros de distância.

Deixou de pensar em Jim Gelder e avançou para o alvo seguinte.

Capítulo 12

No mundo de Robie não havia grande diferença entre o dia e a noite. Uma vez que não trabalhava das nove às cinco, sete da tarde era uma hora tão boa como qualquer outra para dar início à sua nova missão.

Fosse de automóvel, de ônibus ou de avião, o acesso à costa oriental da Virgínia era complicado. Ainda por cima, não havia comboios.

Robie optou por ir de carro. Conduzir dava-lhe uma agradável sensação de controle.

Viajou em direção a sul até chegar à área de Norfolk, na Virgínia. Nessa altura, seguiu para norte atravessando a ponte-túnel da baía de Chesapeake, que ligava a costa leste da Virgínia ao resto da península.

As pontes baixas do túnel mergulhavam numa enfiada de túneis com alguns quilômetros de comprimento, que percorriam as ilhas artificiais criadas pelo homem, voltando a formar pontes elevadas sobre vários canais de navegação. Passavam poucos minutos das onze quando Robie finalmente deixou para trás a ponte-túnel e voltou a pisar terra firme.

A parte da Virgínia situada na Costa Leste ficava encravada entre dois condados rurais, Accomack e Northampton. Rasos como uma tábua, completavam o vale formado pela península Delmarva. Juntos, os dois condados tinham uma população de cerca de quarenta e cinco mil almas resistentes, enquanto só Fairfax County, na mesmíssima Virgínia, e geograficamente mais pequeno, contava para cima de um milhão de habitantes. Quase todos eram terrenos agrícolas: tinham algodão, feijão-de-soja e galinhas para dar e vender.

A Costa Leste também abrigava o centro de lançamentos da NASA, o Wallops Flight Facility⁸, bem como Chincoteague Island, um espaço onde os pôneis selvagens podiam andar à solta.

8 Criado em 1945 pelo Comité Consultivo para a Aeronáutica como um centro de investigação, usa tecnologia avançada em produção e lançamento de pequenos foguetes. (N. da T.)

Nessa noite, Robie andava à caça de algo mais bravio: uma assassina traiçoeira a soldo de outra pessoa.

Ou talvez por conta própria, quem sabe?

Robie dirigiu durante mais quinze quilômetros, até que a região rural deu lugar a um verdadeiro ermo. A distância, próximo da linha costeira, avistou uma mancha negra mais escura do que a noite que a envolvia. Meteu por uma estrada secundária de terra batida, continuou sempre em frente e parou o carro em frente da tal mancha, que, vista de perto, revelou ser uma casa de campo com paredes de ardósia escurecidas pelo sol e pelo ar salgado. Lá atrás, o oceano Atlântico batia na areia, enviando jatos de água ao colidir com uma série de rochas que formavam uma áspera muralha.

O local ficava à beira-mar plantado, mas Robie não acreditava que tão cedo se transformasse num destino turístico. Compreendia as razões que levavam Jessica Reel a fazer questão de morar ali. O isolamento era total. Aos olhos dela, a companhia devia ser um atributo bastante sobrevalorizado.

Sentou-se no carro e avaliou o cenário de todos os ângulos, de lés a lés e de alto a baixo.

Olhando para cima, anunciava-se uma tempestade. Baixando o olhar, o solo era argiloso, bom para plantar, embora não tão bom quanto isso para construir moradias. Não deve haver caves por estas bandas; concluiu Robie. Palpitava-lhe que o oceano poderia reclamar aquela língua de terra a todo o momento.

Varreu o local de uma ponta à outra, e o exame revelou apenas a existência de um pequeno anexo. Decididamente, não se via ali qualquer jardim, nem um relvado para amostra.

Jessica Reel devia levar uma vida simples. Robie não fazia ideia de onde é que ela iria comprar as suas provisões, ou arranjar um canalizador. Talvez não precisasse nem de uma coisa nem de outra.

A verdade é que ele nem sequer sabia com que frequência é que Reel se deslocava àquele lugar. Decerto que não contava que ela lá estivesse naquele momento. Mas uma coisa era ter esperança, outra, muito diferente, eram os fatos.

Saiu do carro, já a empunhar a arma. Afastou-se, procurando ficar fora da linha de mira hipoteticamente criada pela porta ou pelas janelas da casa. Não havia árvores que permitissem a alguém alinhar um disparo. O terreno era plano, sem espaço para albergar uma posição de atirador clandestina e esperar que ele aparecesse no ponto de mira.

Tudo razões que deveriam ter contribuído para Robie ganhar outro alento.

Mas não foi o caso. Porque também ele não tinha onde se esconder.

E porque significava que havia uma lacuna qualquer no seu raciocínio.

Viver num lugar daqueles pressupunha a existência de um plano. Uma espécie de baluarte defensivo, mesmo que não tivesse esse aspecto. Era o que ele faria, caso ali morasse. E não acreditava que fossem assim tão diferentes, ele e Reel, quando em causa estavam medidas de sobrevivência.

Baixou-se e inspecionou a área. A casa estava às escuras. O mais provável era encontrar-se vazia. Mas isso não significava que fosse seguro entrar.

Jessica Reel não precisava estar dentro de casa para conseguir matar um intruso.

Deu a volta à vivenda duas vezes, aproveitando para diminuir a distância a cada incursão. Havia um lago pequeno na direção do oceano, que ficava a vinte e cinco metros, formando uma linha a direito, a partir da porta dos fundos. Ao fazer incidir a luz da lanterna em redor, viu que a superfície se apresentava límpida, embora o terreno circundante, coberto por algas viscosas, tivesse um aspecto escorregadio.

Fora isso, não havia um único elemento suscetível de captar a sua atenção.

Tirando a moradia propriamente dita.

Robie pôs-se de cócoras no meio de um campo e permaneceu ali enquanto refletia sobre a situação.

Quando, finalmente, acabou de forjar um plano de ataque, regressou ao carro para ir buscar material. Reuniu os artigos de que precisava numa bolsa comprida de pele castanha, que pendurou ao ombro. Começou a rastejar e, ao chegar a cerca de trinta metros da porta dianteira da casa, imobilizou-se.

Tirou uma espingarda e introduziu-lhe a munição. Fez pontaria e disparou em direção à porta. A bala atravessou a madeira e penetrou nas paredes da casa.

Não aconteceu mais nada.

Introduziu uma nova munição e apontou às tábuas do chão do alpendre. Disparou. Estilhaços de madeira voaram pelo ar.

Não aconteceu mais nada.

Carregou a arma pela terceira vez, apontou e fez saltar a fechadura da porta dianteira com aquele disparo. A porta abriu-se.

Mas foi tudo.

Enfiou a espingarda dentro do saco e voltou a colocá-lo no carro. Antes disso, porém, retirou outro aparelho do saco e guardou-o no bolso.

Sacou da pistola e avançou, sempre agachado. Ao chegar perto da casa, tirou o aparelhómetro do bolso e apontou-o na direção da casa. Observou a tela de leitura.

Não se registravam imagens térmicas.

A não ser que Reel tivesse conseguido congelar-se a si própria, não se encontrava na vivenda, nem ela nem mais ninguém.

Isso não queria forçosamente dizer que o lugar fosse seguro.

Robie não tinha maneira de passar o local a pente fino, à procura de bombas. A dada altura, teria de arriscar. E chegara o momento. Afastou a câmara térmica, extraiu do bolso um pequeno objeto de metal e ligou-o.

Abriu a porta e entrou, tendo o cuidado de ver onde colocava os pés e servindo-se do aparelho eletrónico para revelar um ou outro fio de contacto invisível a olho nu. Procedeu também ao exame dos

diversos segmentos que compunham o pavimento antes de pisar o chão, para ver se a madeira tinha aspecto de nova. As placas de compressão debaixo do soalho não podiam ser detetadas pelo aparelho.

Percorreu as divisões de uma ponta à outra, sem encontrar nada. Demorou pouco, uma vez que a casa não era muito grande. O que o impressionou foi o fato de ser parecida com o seu apartamento — não em tamanho e desenho de interiores, mas no que tocava ao recheio.

Ou, melhor dizendo, ao recheio inexistente. A casa primava pela ausência de objetos pessoais. Não havia ali recordações nem bugigangas. Nada passível de revelar que Jessica Reel pertencia a um determinado grupo ou a um determinado lugar.

Tal como acontece comigo.

Dirigiu-se à cozinha no preciso instante em que o seu telemóvel tocou.

Baixou a cabeça e olhou para a tela.

A mensagem estava escrita em maiúsculas.

GELDER ABATIDO A TIRO NO CARRO EM WASHINGTON.
REEL CONSIDERADA SUSPEITA.

Robie pôs o telemóvel de lado e assimilou a notícia.

Notícias alarmantes, aquelas, independentemente das circunstâncias, mas ele tinha sido treinado para desdramatizar as situações. A sua primeira reação foi sair dali.

Arriscara muito e ganhara pouco.

Olhou para a direita e descobriu uma porta. Tinha aspecto de ser uma despensa ou uma arrecadação. Interrogou-se por que motivo não reparara na porta anteriormente, e depois viu que estava pintada da mesma cor que a parede da cozinha.

A porta fechava mal, revelando uma fresta de dois ou três centímetros. Empurrou-a com o pé ao mesmo tempo que introduzia a pistola diretamente através da abertura.

A despensa estava vazia.

A viagem tinha sido uma perda de tempo.

Enquanto ele tinha andado por ali, Jessica Reel liquidara o número dois da agência. Enquanto Reel marcava pontos, ele nem sequer completara a primeira jogada.

Fez incidir a luzinha para inspecionar melhor aquele espaço, apesar de se encontrar obviamente vazio. Foi então que viu a palavra escrita na parede do fundo: Lamento.

Robie abriu a porta dos fundos com um pontapé, calculando que seria a maneira mais fácil de sair dali sem voltar pelo mesmo caminho por dentro de casa.

Parecia uma boa ideia. Mais prudente.

Mas depois ouviu o clique, acompanhado de um som sussurrante, e a velha ideia de estar em segurança transformou-se automaticamente num pesadelo.

Capítulo 13

O silêncio da noite escura que se fazia sentir sobre a costa leste da Virgínia foi interrompido por uma bola de fogo.

A pequena casa desintegrou-se sob o efeito das chamas, com a madeira seca a funcionar como o perfeito combustível para alimentar as labaredas do inferno. Robie deu um salto do alpendre traseiro, rolou sobre si mesmo, levantou-se e desatou a correr.

Sem querer acreditar nos seus olhos, observou a parede de chamas erguer-se de um lado e de outro, formando uma passagem a direito, que ele se viu forçado a percorrer.

Tudo isto fora premeditado, escusado será dizer. O combustível que alimentava o fogo só podia ter sido cuidadosamente canalizado por baixo da terra, e o dispositivo para o acionar devia estar ligado ao mesmo mecanismo que rebentara dentro de casa.

Robie correu o mais depressa que pôde.

Não tinha escolha.

Dirigiu-se para o pequeno lago que vira antes. As paredes de fogo terminavam aí.

No instante seguinte, o que restava da moradia explodiu. Robie acocorou-se e, devido à força do abalo, tornou a rolar sobre o seu próprio corpo, vendo-se quase projetado de encontro ao lado direito daquela barreira incandescente.

Ergueu-se e redobrou os esforços, pensando que acabaria por alcançar a água.

A água era, por excelência, o antídoto do fogo.

Porém, ao chegar à beira do lago, teve um pressentimento.

Não havia limos. Não se viam algas à superfície, apesar de o terreno em redor se apresentar pejado delas.

O que teria dizimado a vegetação aquática?

E por que motivo se via forçado a correr em direção à única coisa que poderia salvá-lo?

Robie arremessou a arma por cima da parede de chamas, despiu o casaco, cobriu a cabeça e as mãos com ele e lançou-se pelo lado esquerdo de encontro àquela parede de chamas. Sentia o fogo corroê-lo como se fosse ácido.

Abriu caminho por entre as chamas e continuou sempre a rebolar, na tentativa de extinguir qualquer vestígio de fogo que pudesse ter ficado agarrado ao corpo. Imobilizou-se e olhou para cima, a tempo de ver as chamas atingirem o pequeno lago.

A explosão que se fez sentir atirou Robie pelos ares, e a sorte dele foi ter aterrado de costas numa poça de água que lhe amorteceu a queda.

Quando se levantou, tinha as pernas a tremer, a camisa feita em tiras; o casaco, esse, fora à vida. Não fazia a mínima ideia aonde é que a sua arma tinha ido parar. Felizmente, conservava as calças e os sapatos.

Procurou nos bolsos e tirou as chaves do carro. Assim que tocou nelas, deixou-as imediatamente cair, uma vez que a camada de plástico que as revestia escaldava.

Pegou nas chaves pela ponta com grande cuidado e deixou-se ficar ali, no mais completo silêncio, a ver o pequeno lago em chamas.

A ausência de algas — apesar de elas crescerem um pouco por todo o lado, nas redondezas — devia-se ao combustível ou acelerante que tinha sido escondido dentro do lago. Porque seria que não lhe cheirara a nada quando fizera o reconhecimento do pequeno corpo de água?, interrogou-se. Além do mais, havia maneiras de dissimular aquele tipo de odores. Sem esquecer que o cheiro do oceano era penetrante.

Olhou para trás, na direção do local onde costumava erguer-se a casa de campo.

Lamento.

Será que lamentas, Jessica? De certo modo, Robie não engolia aquela de Reel ter pena.

A tipa estava, sem sombra de dúvidas, a fazer jogo duro. Robie não teria esperado outra coisa dela.

Encontrou o casaco e a arma. A arma estava em boas condições. Por pouco não caíra numa poça de água, indo aterrar num caminho cheio de seixos. O casaco ficara queimado. Sentiu o volume formado pelo metal e o plástico por dentro.

Quanto ao seu telemóvel, tinha sérias dúvidas de que a garantia do fabricante cobrisse aquele gênero de incidente.

Por sorte, trazia a carteira nas calças e não se estragara.

Voltou para o carro a coxear. De tão quentes, o braço direito e a perna esquerda, paradoxalmente, pareciam blocos de gelo. Meteu-se no carro e fechou a porta, dando-se ao trabalho de a trancar, apesar de ser porventura o único ser humano nos quilômetros mais próximos.

Pôs o motor do carro a funcionar e acendeu a luz interior. Observou a sua cara no espelho retrovisor.

O rosto não apresentava ferimentos.

Já o braço direito não tivera a mesma sorte. Tinha ali uma queimadura bastante feia.

Baixou as calças crestadas pelo fogo e examinou a perna esquerda: vermelha e com ligeiras bolhas junto à parte superior da coxa. O tecido das calças fora absorvido pela queimadura.

Andava com um estojo de primeiros socorros no carro. Tirou-o do lugar onde o guardava, limpou as queimaduras na coxa e no braço o melhor que pôde, aplicou creme cicatrizante, cobriu-as com uma ligadura e depois atirou o estojo de primeiros socorros para o chão do carro.

Virou o carro na direção contrária e regressou pelo mesmo caminho. Não tinha maneira de entrar em contacto com o Blue Man nem com mais ninguém. Não podia parar a fim de receber assistência médica. Demasiadas explicações e relatórios preenchidos.

Por mais isolada que a Costa Leste ficasse, a visão de bolas de fogo projetadas no ar a sete metros de altura daria inevitavelmente nas vistas. Cruzou-se com um carro da polícia que vinha em sentido contrário, com as luzes a piscar e a sirene ligada no máximo. Os polícias não iriam encontrar grandes destroços, até aí ele sabia.

Voltou para Washington a altas horas da madrugada, regressou ao seu apartamento, foi buscar um telemóvel que tinha a mais e

ligou ao Blue Man. Em meia dúzia de frases, contou-lhe o sucedido.

— És um homem de sorte, Robie.

— Sinto-me um homem de sorte — retorquiu. — Tem uma parte boa e uma parte má. O que me podes dizer acerca do Gelder?

O Blue Man demorou alguns minutos a concretizar o pedido. Robie voltou à carga: — Mais nada, portanto. Apenas onde é o homem? Não temos ninguém a vigiar a Reel?

— Vem até cá para tratarmos dos teus ferimentos.

— Não há nenhuma teoria que nos permita perceber por que ela tinha como ah a o número dois? — insistiu Robie.

— Mesmo que houvesse, não passariam disso mesmo, de meras teorias.

Havia qualquer coisa na voz do Blue Man que começava a deixar Robie preocupado.

— Estás a querer dizer algo nas entrelinhas? — perguntou Robie. O Blue Man não lhe deu resposta.

— Estou aí dentro de poucas horas. Quero confirmar algumas coisas.

— Deixa-me dar outro endereço onde te deves dirigir.

— Mas não podem deixar o FBI descobrir que o Jacobs, na realidade, andava a orquestrar o assassinio de um líder estrangeiro.

— Ele ainda não era um líder estrangeiro. Fazemos os possíveis por estar sempre um passo à frente. Eliminar aqueles que já detêm o poder é complicado. Por vezes necessário, mas um passo a evitar, uma vez que é tecnicamente ilegal.

— Por que cargas-d'água? — perguntou Robie.

O Blue Man deu-lhe o endereço sem adiantar detalhes.

Robie pousou o telefone e aproximou-se da janela.

Na noite anterior, Jessica Reel deslocara-se à cidade para matar Gelder. Corriam rumores oficiais a esse respeito, mas algo no seu íntimo dizia a Robie que assim era.

A ser verdade, queria dizer que ela podia muito bem estar por perto naquele preciso momento. Era difícil saber o que a levaria a permanecer na cidade e andar por ali a rondar. Por norma, depois de cometer um homicídio, Robie procuraria imediatamente abandonar o local, pelas razões óbvias.

Mas aquilo não era normal, pois não?

Nem no meu caso, nem no caso dela.

Robie tirou a compressa de gaze que protegia as queimaduras, tomou duche, pôs novas ligaduras e vestiu roupa lavada.

O Blue Man dissera-lhe onde é que o tiroteio tinha decorrido. A zona devia estar cheia de polícias. Robie pouco mais podia fazer do que observar. Mas, por vezes, a simples observação permitia fazer progressos. Não tinha outro remédio senão esperar que fosse esse o caso.

A caminho do carro, de uma coisa estava ciente. Não seria capaz de aguentar muito mais noites como a anterior. Reel dava sinais de se encontrar sempre um passo à sua frente. Isso acontecia amiúde quando a história envolvia perseguido e perseguidor.

Reel sabia porque estava a fazer aquilo.

Robie ainda andava às apalpadelas.

Talvez eu não consiga ir mais longe desta vez.

Com efeito, e até o momento, as probabilidades eram nitidamente a favor de Jessica Reel. Robie não estava a ver nada que pudesse, assim do pé para a mão, ou da noite para o dia, alterar aquele estado de coisas.

Afastou-se ao volante do seu carro numa altura em que o Sol começava a erguer-se no horizonte.

Apenas mais um dia maravilhoso na capital.

Sentia-se feliz por ainda estar vivo e ter oportunidade de o gozar.

Capítulo 14

Robie tinha sobrevivido. Jessica Reel observara tudo no seu portátil.

Dentro do anexo, junto à casa de campo, havia uma câmara montada num tripé apontada à vivenda e com acesso a um satélite de comunicações. A ligação à Internet permitira-lhe ver Robie chegar, sair do carro e efetuar o reconhecimento da propriedade.

Ele não se dignara sequer dar uma espreitadela ao interior do anexo, o que fora um erro da sua parte.

Robie saiu disparado de casa, e logo a seguir a imagem dele desvaneceu-se, bloqueada pela parede de chamas destinada a conduzi-lo direitinho ao lago. O que, em princípio, tinha o aspecto de um porto seguro, converter-se-ia no seu túmulo.

Sujeito à pressão mais intensa, mantivera a cabeça fria, deduzira que o tal porto seguro não passava de uma armadilha e, por último, reagira na hora, executando uma manobra destinada a mantê-lo vivo.

E o certo é que conseguira os seus intentos.

Reel congelou na tela a imagem de Robie a regressar ao carro pelo seu próprio pé.

Teria eu sido capaz de fazer o mesmo? Sou tão boa como ele?

Olhou fixamente para a tela, perscrutando o rosto de Robie, procurando ler na mente dele, a fim de penetrar até o fundo da sua mente e saber o que o homem estava a pensar precisamente naquele momento.

O rosto era impenetrável, de máscara.

Um rosto a condizer com um bom jogador de póquer.

Não, mais do que isso, um excelente jogador de póquer.

Fechou o portátil e sentou-se na cama. Tirou a Glock de nove milímetros do coldre e começou a desmontá-la. Executou a

operação quase de olhos fechados, como fora treinada.

Em seguida, tornou a armá-la, de novo sem olhar.

Aquele exercício tinha o dom de acalmá-la, de ajudá-la a pensar com mais clareza. E ela precisava manter seu raciocínio tão claro quanto possível.

O combate desenvolvia-se em duas frentes.

Em seu poder tinha a lista com mais nomes. Essas pessoas encontravam-se agora de sobreaviso. Enquanto ela estava ali sentada, as suas conchas de proteção endureceram ainda mais, criando uma maior defesa.

Além disso, havia que contar com Will Robie, que naquela altura do campeonato devia estar mais do que furibundo por ela quase o ter matado. Seria de esperar que procurasse vingar-se, atacando-a pela retaguarda.

Isso significava que ela precisava ter olhos na nuca, estar atenta aos dois flancos de ataque ao mesmo tempo. Difícil, mas não impossível.

Robie tinha-se deslocado até a sua casa de campo na Costa Leste para ficar a saber mais sobre ela. Não atinara com nada, a não ser com um atentado à sua vida.

Naquele momento, porém, Reel precisava reunir mais informações acerca de Robie. Pensara que seria ele a vir atrás dela. O episódio na casa de campo confirmou isso mesmo.

Levantou-se, fez um telefonema, e em seguida enfiou jeans, camiseta, calçou botas e vestiu um blusão com capuz. A arma repousava no coldre. Escondida debaixo do blusão tinha uma faca Ka-Bar, num estojo de pele, enrolada à volta do seu braço esquerdo. Podia sacar dela num abrir e fechar de olhos, se fosse caso disso.

Apesar de ter mudado de visual, havia olhos por tudo quanto era lugar, e esse constituía o seu maior problema. Grande parte dos Estados Unidos e do mundo civilizado funcionava presentemente como uma grande câmara. O seu anterior patrão recorreria a sofisticado software de busca e reconhecimento facial, percorrendo as bases de dados que armazenavam milhões e milhões de imagens, numa tentativa de encontrar o seu rastro vinte e quatro sobre vinte e quatro horas.

Com toda essa bateria de recursos assestada contra ela, Reel não podia dar-se ao luxo de cometer erros. Construía um poderoso muro defensivo, mas nada era perfeito. Em todas as guerras, quase todas as linhas de defesa tinham sido quebradas, a dada altura. E não tinha ilusões de que seria uma das raras exceções.

Apanhou um táxi para um dos maiores cruzamentos e saiu aí. O resto do caminho podia ser feito a pé. Demorou cerca de trinta minutos para lá chegar, sempre a andar sem pressas, como se estivesse a dar um passeio. Ao longo do percurso, pôs-se em campo e, recorrendo às suas capacidades, verificou se estava a ser observada. As suas antenas nunca se enganavam.

Chegou ao local antes da hora e ficou a vigiá-lo a partir de um posto de observação escondido. Caso rebentasse alguma coisa, seria ali que tudo aconteceria.

Ao fim de vinte minutos viu-o se aproximar. Vinha de terno completo e parecia um perfeito burocrata. O que, de resto, batia certo. Não trazia com ele qualquer dossiê grosso de papel manilha. Isso era nos velhos tempos.

E eu tenho idade suficiente para recordar o que foi parte dos "velhos tempos".

Comprou um jornal numa máquina de venda de jornais e bateu com a porta de metal e vidro, verificando uma vez para ter a certeza de que ficava devidamente fechada. Tratava-se de uma espécie de ritual; não corria o risco de despertar a atenção de ninguém.

Voltou as costas e afastou-se.

Reel viu-o ir-se embora, e só então se aproximou da máquina. Inseriu as moedas necessárias, abriu a porta e retirou o jornal que se encontrava em cima da pilha. Ato contínuo, a sua mão agarrou no cartão de memória preto que o homem ali deixara ficar.

O procedimento, em desuso, destinava-se a enviar mensagens e a recuperar informações digitais. O seu informador, um velho amigo que lhe devia um favor, desconhecia que havia mais quem andasse atrás dela no terreno dos serviços de inteligência e informações. O fato de a agência ter optado por cerrar fileiras, no que tocava ao pequeno desvio dela ao cumprimento do dever, funcionara a seu favor. Reel confirmara isso mesmo ao usar uma porta dos fundos para acessar as bases de dados da agência, aproveitando

precisamente um programa que ela própria instalara muito antes. Essas portas dos fundos não tardariam a ser encerradas por completo e os seus velhos amigos fariam os possíveis por liquidá-la. Por enquanto, ainda tinha acesso à informação.

(9 Backdoor no original. Programa que facilita a entrada posterior do atacante num sistema. Regra geral, a porta é criada num servidor de conexões remotas. (N. da T.)

Reel deu meia-volta e afastou-se, sem grandes pressas, mas com todos os sentidos em alerta. Entrou num restaurante de fast food e foi direita à casa de banho. Tirou o pendrive, juntamente com o aparelhómetro guardado no outro bolso e que lhe permitia verificar se o pendrive continha algum software perigoso e indesejado ou um dispositivo de localização. Um velho amigo era isso mesmo, um velho amigo, mas, em boa verdade, no negócio da espionagem, uma pessoa não tinha amigos dignos desse nome, apenas inimigos e pessoas candidatas a tal.

O cartão de memória estava limpo.

Para regressar ao hotel, usou um circuito alternativo, táxi, ônibus e metro; por fim, fez o resto do caminho a pé. Duas horas mais tarde estava de volta a seu quarto, quase certa de que tudo o que se passara nas três horas anteriores havia escapado ao olhar de quem pudesse andar à caça dela.

Descalçou os sapatos e sentou-se à secretária que estava encostada a uma das paredes. Ligou o computador portátil e inseriu o pendrive na porta USB. Assim que abriu o arquivo, as informações inundaram a tela.

O que ali estava era a vida de Will Robie — bom, pelo menos tanto quanto era dado a saber ao seu chefe. De algumas coisas já ela tinha conhecimento, mas havia uma série de dados novos. Sob muitos e importantes aspectos, os primeiros tempos de vida dele eram um espelho da sua própria vida.

Nenhum deles tivera uma família a sério enquanto crescera.

Tinham sido ambos solitários por natureza.

Os dois haviam trilhado determinados caminhos na vida, escapando por pouco a uma morte prematura para servirem o seu

país.

Os dois tinham problemas com a autoridade.

Os dois gostavam de agir por sua conta e risco.

Eram os dois extremamente bons no seu mister.

Nenhum tinha falhado antes, nunca.

Agora, um deles estava condenado a fazê-lo.

Só podia haver um vencedor.

Era proibido empatar.

Foi percorrendo o menu e passando as informações até chegar às duas fotografias que apareciam na tela.

A primeira mostrava uma mulher atraente, de olhar decidido, com os seus trinta e muitos anos. Mesmo que Reel não soubesse que era agente federal, teria desconfiado só de olhar para ela.

Agente especial Nicole Vance, mais conhecida por Nikki pelos amigos, e que não eram assim tantos quanto isso, a julgar pelas notas que acompanhavam as fotografias.

Era uma agente do FBI dura de roer, lutadora até o fim e obstinada. Enfrentara os preconceitos de gênero que existiam em todas as agências e locais de trabalho. A imagem e semelhança de um foguetão lançado a partir da Florida, também a sua estrelinha profissional, baseada em mérito puro e genuína coragem, disparara e subira bem alto.

Era a pessoa que estava encarregada de investigar a morte de Doug Jacobs.

Ela conhecia Robie. Tinham trabalhado juntos.

Podia constituir um problema. Ou uma carta fora do baralho. Só o tempo diria.

Reel decorou os traços da cara de Vance, assim como todas as informações que constavam do arquivo. O processo de memorização era uma capacidade que tinha de ser desenvolvida continuamente, se é que se pretendia continuar vivo a fazer aquele trabalho.

Concentrou-se na segunda fotografia.

Era de uma garota; tinha catorze anos, de acordo com as notas.

Julie Getty.

Serviços de acolhimento. Pais assassinados.

A jovem tinha trabalhado com Robie, isto de uma forma não oficial, como é óbvio. Provara ser resistente, determinada e capaz de se adaptar às situações. Poucos adultos teriam aguentado as coisas a que ela sobrevivera. E, o mais importante de tudo, Robie dava mostras de se preocupar com ela. Arriscara muito para a ajudar.

Jessica Reel encostou o queixo aos nós dos dedos e analisou a fisionomia da jovem. No mais fundo daquela expressão viu marcas de uma maturidade que ia para além da sua idade oficial. Julie Getty tinha sofrido imenso, isso era óbvio. Também saltava à vista que tinha sobrevivido a muito. Mas, verdade seja dita, o sofrimento é algo que nunca nos abandona. Fica a fazer parte de nós, como uma espécie de segunda pele de que nunca nos conseguimos livrar, por mais que queiramos.

Era a concha protetora que exhibia ao mundo todos os dias, uma carapaça endurecida, quase à prova de bala. No entanto, as coisas não podiam ser assim. Os homens não eram feitos dessa massa.

Temos um coração. Temos uma alma. E podem sem aniquilados a qualquer altura.

Reel ligou para o serviço de quartos a fazer uma encomenda. Quando o pedido chegou, engoliu a comida, bebeu o café e concentrou o olhar naquela foto.

Os fatos por trás do rosto ela já conseguira decorar. Sabia onde Julie Getty morava, com quem vivia e qual a escola que frequentava. Sabia que Robie não a tinha ido visitar uma única vez.

E sabia por quê.

Ele a está protegendo. Mantém a menina separada do seu mundo.

Do meu mundo.

Não era lugar para amadores, por mais capazes que fossem.

Mas a jovem Julie não se encontrava resguardada.

Deixara de estar separada a partir do momento em que travara conhecimento com Will Robie.

Filha única, Julie encontrava-se agora órfã, uma vez que os seus pais tinham sido assassinados. Isso era algo que Reel podia entender. Sabia o que era depender de si mesma.

Na realidade, quando ficara entregue a si própria, era ainda mais nova do que Julie. Quem crescia num ambiente normal não acabava, regra geral, a fazer o que ela, Reel, fazia para ganhar a vida. Tinha de haver ali uma certa mágoa, uma dor que nunca desaparecia, ao ponto de levar alguém a pegar numa arma ou numa faca ou a recorrer à força das mãos nuas e arrancar a vida de outros seres humanos vezes sem conta. Não era crível uma pessoa ir às aulas e praticar desporto e pertencer ao clube de debate, ou tornar-se chefe de claque e, em seguida, regressar a casa, para os braços da mãe e do pai, acabando a fazer o que Reel passara a maior parte da sua vida adulta a fazer.

Jessica Reel bebeu outro gole de café e inclinou a cabeça no momento em que lá fora começava a chover. Continuou de olhos cravados na imagem de Julie Getty, enquanto a chuva fustigava os vidros.

Podias ser como eu, pensou ela.

E como o Robie.

Mas se tiveres de tomar uma decisão, caso tenhas oportunidade... Vê se te safas disto.

Não, melhor dizendo, fuge a sete pés disto, Julie.

Reel fechou o portátil e a imagem de Julie volatilizou-se.

Todavia, não desapareceu por completo. Continuava presente. Penetrava diretamente: 10 seu cérebro e queimava.

De certa forma, quando olhava para Julie Getty, Jessica Reel tinha a impressão de estar a ver-se a si mesma.

Capítulo 15

Mais fitas da polícia delimitavam o local do crime. Expostas ao vento e à chuva, assemelhavam-se a fios de corda dourados brilhando no escuro. Carrinhas do FBI, carros da polícia, barricadas, jornalistas tentando romper pelo meio da multidão, com o pessoal dos uniformes a contê-los.

Acontecia sempre o mesmo.

No âmago da história havia sempre um cadáver, geralmente vários. Quase se chegara ao ponto de aparecer diariamente uma nova carnificina para dissecar.

Por detrás das barreiras, Robie seguia toda aquela atividade com um olhar atento e informado. Tinha pensado em várias coisas desde que estivera quase a ir desta para melhor na Virgínia. Havia uma, em particular, que não lhe saía da cabeça.

Não passei revista ao anexo antes de me dirigir à casa.

Imaginou que pudesse haver material bem interessante no tal anexo. Mas o certo é que não tinha maneira de voltar ao local do crime. A polícia devia andar por todo o lado. Sempre gostaria de saber o que encontrariam.

Telefonou ao Blue Man e fez-lhe precisamente aquela pergunta.

— O anexo já não existe — disse o Blue Man.

— Já não existe?... O que queres dizer com isso?

— Dois minutos depois de teres saído de lá, desintegrou-se em chamas. Foi usado um agente acelerador e, talvez, pensamos nós, outro agente incendiário à base de fósforo. A temperatura deve ter ficado de tal maneira elevada que daria para o metal passar ao estado líquido. Acabei de ver através das imagens captadas por um dos nossos satélites. A polícia está no local, mas ainda não encontrou nada.

— A Reel fez um bom trabalho a cobrir as pistas.

— Esperavas menos dela?

— Acho que não.

— Não te esqueças de aparecer — disse o Blue Man.

— Mais cedo ou mais tarde passo por aí.

Robie desligou e ficou a ver a polícia e o FBI às voltas sem encontrarem nada.

O Town Car continuava estacionado no mesmo lugar, mas o ângulo de visão estava parcialmente tapado por uma tenda de lona plastificada azul, que fora montada à volta.

O Blue Man tinha fornecido a Robie os detalhes acerca da execução, e tratou-se disso mesmo: um miúdo qualquer aparecera para limpar o para-brisas; primeiro tinham baixado o vidro da janela do lado do motorista e, depois, o do lado do passageiro, através dos quais os agentes dos serviços secretos mandaram o puto afastar-se.

O disparo tinha partido do lado do passageiro, atingira Gelder na cabeça e acabara com a sua vida. Nenhum dos agentes ficara ferido.

Ela andava apenas atrás de Gelder. Fazia sentido. Era o número dois. Caso fosse ele o número um da agência, Robie começaria a sentir-se mais do que nervoso, uma vez que poderia ser o próximo da lista.

O miúdo tinha dado à sola. Andavam à procura dele; porém, mesmo que o encontrassem, Robie estava certo de que não teria nada para lhes contar. Recebera dinheiro para fazer o seu papel. Era altamente improvável, para não dizer impossível, que tivesse visto a pessoa que lhe pagara.

Passar do ataque desferido contra um atirador oficial como Douglas Jacobs para o homem que ocupava o segundo lugar no comando da agência representava um salto de gigante. Robie interrogou-se sobre a razão de ser de tudo aquilo. Calculava que Reel tivesse os seus motivos. Não acreditava que ela se limitasse a escolher os alvos como quem tira um nome à sorte de dentro de um frasco.

Isso significava que Robie precisava entender a lógica dela. E, para tal, tinha de conhecer melhor o modo de atuação não apenas Jessica Reel, mas também dos homens que ela assassinara.

Deduziu que o dossiê de Gelder seria forçosamente muito mais volumoso do que o de Jacobs e que as informações nele contidas deveriam ser em grande parte secretas. Interrogou-se quanta dessa informação lhe seria negada e quanta permaneceria em segredo. A páginas tantas, poderia ver-se obrigado a lutar contra o secretismo natural que o pessoal da agência tinha no ADN. Não podia resolver o que não compreendia.

Observou o semáforo. A luz estava verde naquele preciso momento, mas os carros não andavam, pois a rua tinha sido fechada ao trânsito.

Olhou para o carro e tornou a concentrar a sua atenção na luz do semáforo.

Acenou com a cabeça. Ela tinha-se encarregado de tudo, até daquele pormenor.

Voltou a ligar ao Blue Man.

— Manda alguém verificar os ciclos junto ao semáforo onde o carro ficou parado. Aposto que ela interferiu e obrigou o carro a imobilizar-se naquele lugar. Caso contrário, ficava em maus lençóis se o sinal passasse a verde.

— Já tratamos disso. E concluímos que os semáforos foram operados manualmente, porventura por ela.

Robie guardou o telefone e começou a afastar-se. Continuou, porém, sempre a olhar por cima do ombro, a fim de calcular o percurso que a bala provavelmente deveria ter seguido, e invertendo essa mesma rota para chegar aonde precisava chegar.

Parou junto de uma árvore. Como ficava a uma distância razoável do local do crime, a polícia ainda não tinha chegado lá, mas não tardaria a descobri-la.

Passou em revista o ramo mais baixo, à procura de uma marca recente onde alguém pudesse ter apoiado o cano de uma pistola. Não viu marca nenhuma, o que, só por si, não queria dizer nada. A seguir, examinou uma pequena faixa de lixo acumulado à volta do terreno onde a árvore estava plantada e junto ao passeio.

O Blue Man tinha dito que não havia testemunhas. Ora, vendo bem, havia três: os dois agentes dos serviços secretos e o tal miúdo. Acontecia, porém, que os agentes não tinham visto nada. Em abono da verdade, nem sequer eram capazes de precisar de

que direção tinha partido o disparo. O miúdo de pouco ou nada serviria, pois não saberia rigorosamente nada.

Robie traçou a linha de mira até a janela do carro. Um disparo preciso na diagonal entre dois objetos fixos à distância.

De noite.

Em condições longe de serem ideais.

Calculou uma margem de erro praticamente nula.

Ela só podia ter usado uma mira e uma arma híbrida, qualquer coisa entre uma pistola e uma espingarda. Aquele lugar não era propriamente a Costa Leste. Havia potenciais testemunhas por todo o lado. Sacar de uma espingarda de cano comprido era problemático, no mínimo.

Reel acertara em cheio, e a seguir evaporara-se. Como fumo. Aquilo não se limitara a acontecer, simplesmente. Alguém tornara aquilo possível.

Dirigiu o olhar para os arbustos que rodeavam a árvore, e foi então que viu qualquer coisa da segunda vez que por ali passou. Ajoelhou-se e apanhou aquilo do chão. Era uma coisa branca, a desfazer-se. Levou-a ao nariz e aspirou. Tinha um cheiro característico.

Regressou em espírito à velha casa citadina, de onde partira o disparo que liquidara Jacobs. A mesma cena.

Enfiou-a no bolso. Constituía a única pista, tanto quanto lhe era dado a ver, e não estava nos seus planos deixá-la ali ficar para ser detetada pela polícia. Os polícias não eram seus aliados naquele processo.

Olhou à sua volta. A bússola apontava para quatro direções, que, por seu turno, indicavam os milhares de hipotéticas vias de fuga que Reel poderia ter seguido.

O telefone vibrou de novo.

Tinha esperança de que fosse o Blue Man, a contar-lhe, quem sabe?, por que andava tão estranho.

Para seu espanto, não era o Blue Man.

Era Jessica Reel.

Capítulo 16

NADA DE PESSOAL.

Robie olhou fixamente para as duas palavras na tela minúsculo. A seguir fixou com mais atenção as palavras que apareceram a seguir: "Em parte fiquei contente por teres conseguido safar-te."

Sem pensar sequer duas vezes, teclou uma resposta: "Que parte?"

Ela não respondeu à pergunta, mas a mensagem seguinte revelou-se ainda mais surpreendente: "Regra geral, quando as coisas parecem ser simples, não o são. A noção do certo e do errado, do bem e do mal, está nos olhos de quem a vê. Procura entender a estratégia, Will. E toma cuidado contigo!"

O telemóvel voltou a tocar. Robie sabia que assim aconteceria. Não se tratava de uma nova mensagem enviada por Reel. Era um telefonema.

Respondeu à chamada.

— Robie.

— Precisas de regressar. Imediatamente.

— Quem fala?

— Fala do gabinete do diretor Evan Tucker.

Tudo bem, pensou Robie. Viram as mensagens enviadas por Reel, dado que tinham estado a monitorizar aquele telefone desde que ela lhe enviara o primeiro e-mail. É o número um da agência e sente-se obviamente nervoso com a situação. Não o posso censurar.

— Onde? Langley?

— O diretor está em casa. Encontrar-se-á consigo lá.

Robie meteu-se no carro e, cinco minutos mais tarde, seguia a toda a velocidade a caminho de Great Falls, na Virgínia. As estradas eram estreitas e cheias de curvas, mas naquele bairro residencial

nos subúrbios, situado numa zona densamente arborizada e com um toque rural, habitavam algumas das pessoas mais ricas e poderosas do país.

O diretor Tucker morava no final de uma rua sem saída. Havia uma barreira de segurança de cimento erguida a quinze metros de casa, de uma ponta à outra da estrada, interrompida apenas por uma cancela automática ao centro, que deixava passar os veículos em fila única. Tucker vivia numa imponente mansão colonial revestida de tijolos e dominada por um átrio central, com um telhado ondulado revestido com placas de cedro, numa área que tinha à volta de dois hectares e que abrangia uma piscina, um campo de ténis e cerca de oito mil metros quadrados de floresta.

Robie estacionou o carro na improvisada guarita montada junto à barreira de segurança. Tanto ele como o carro foram inspecionados, e a sua reunião confirmada. Teve de deixar a viatura e fazer o resto do caminho a pé.

Enfrentou um dos agentes mal-encarados.

— Estimo muito o meu Audi. Certifique-se de que ainda ali está quando eu regressar.

O homem nem sequer esboçou um sorriso para amostra.

Os agentes tinham ficado com a arma de Robie, o que não foi propriamente inesperado. Apesar disso, ele sentiu-se despedido ao subir o passeio que conduzia à porta principal.

Havia outros guardas à porta. Foi revistado uma vez mais, como se pudesse, vá lá saber-se como, ter adquirido uma arma nos quinze metros que acabara de percorrer. A porta estava aberta e escoltaram-no até dentro de casa.

Ainda era muito cedo, mas ele calculou que o pessoal do Serviço de Investigação Criminal da Defesa¹⁰ estivesse levantado, visto que o homem com a posição de comando abaixo dele na hierarquia tinha sido abatido com um único tiro na testa.

10 Agência federal do Departamento da Defesa. Seus membros são conhecidos como investigadores criminais. (N. da T.)

Se fosse ele, Robie também perderia o sono por causa disso.

Conduziram-no a uma biblioteca revestida de painéis de madeira e forrada de livros que tinham todo o aspecto de terem sido lidos. Um tapete retangular cobria parcialmente o soalho de madeira. A um canto da sala havia uma secretária com um candeeiro de mesa aceso. Diante da secretária encontrava-se posicionada uma cadeira.

Evan Tucker estava sentado à secretária. Vestia uma camisa branca, com as mangas arregaçadas, e calças escuras. Usava o colarinho — exageradamente engomado — aberto, e via-se uma chávina de café sobre o tampo da secretária, ali à mão.

Indicou a Robie a cadeira e perguntou-lhe: — Café?

— Obrigado.

A escolta desapareceu, provavelmente para dar cumprimento ao pedido feito. Entretanto, Robie recostou-se na cadeira e estudou o homem que governava a agência.

Parecia mais velho do que os cinquenta e quatro anos que constavam no bilhete de identidade. Tinha o cabelo grisalho, era largo de cintura e as suas mãos estavam salpicadas de manchas próprias da idade. Mas era a cara que, a bem dizer, dizia de sua justiça: coberta de rugas, com duplo queixo, olhos que se afundavam em profundas bolsas de gordura. Pareciam crateras em miniatura engolindo o homem. Tinha os lábios finos e gretados. Os dentes eram amarelos e irregulares. O sujeito não fez qualquer tentativa de os esconder. Mas também é preciso ver, e Robie estava consciente disso, que Evan Tucker tinha muito poucos motivos para sorrir naquele trabalho.

O assistente trouxe-lhe o café e foi-se logo embora, fechando a porta atrás de si.

Tucker carregou num botão escondido num recanto abaixo do tampo da secretária e ouviu-se uma espécie de ruído elétrico. Robie olhou para as janelas a tempo de ver deslizar os espessos painéis. Olhou depois para a porta e observou rigorosamente a mesma cena.

Era muito à maneira dos filmes de James Bond, mas obedecia a um propósito legítimo e concreto. A divisão convertera-se numa DIIC, que é como quem diz, Divisão de Informação Inteligente Compartmentada. Obviamente que as informações que Robie se

preparava para escutar eram consideradas ao mais alto nível daquela comunidade clandestina.

Tucker reclinou-se na cadeira sem tirar os olhos de Robie.

— Ela tem estado em contacto consigo — declarou. O tom era vagamente acusador. — A enviar-lhe essas estúpidas mensagens. Como se isto fosse uma espécie de jogo. E a dizer que não é intenção dela estourar seus miolos. É tudo uma mentira, como espero que saiba.

Robie não se deixou impressionar. Nunca se deixava impressionar. Só servia para desviá-lo do que estava em jogo.

— Eu sei. Mas acontece que nada posso fazer a esse respeito. A sua gente diz que não consegue encontrar o rastro.

— Dizem-me que ela utiliza habitualmente níveis de encriptação mais sofisticados do que os utilizados através da plataforma da Agência de Segurança Nacional. É óbvio que tem tudo isto muito bem planeado.

— Por outro lado, se continua a enviar-me mensagens, sempre nos vai avançando algumas informações. Além de que pode cometer um erro a qualquer momento. Na verdade, penso que o simples fato de comunicar comigo já representa um erro da parte dela.

— A Reel anda a fazer jogos mentais consigo, Robie. É nisso que é realmente boa. Já vi os relatórios acerca dela. Estamos na presença de uma manipuladora. Consegue levar as pessoas a fazer coisas insinuando-se junto delas e ganhando-lhes a confiança.

— Ela tentou queimar-me vivo. Curiosa maneira de ganhar a minha confiança.

— Mas depois diz-lhe que lamenta o sucedido? Se não há danos, não há problema? E ainda por cima manda-o ter cuidado? O bem e o mal? Anda a fazer os possíveis por virar o bico ao prego e sair desta história inocente e mal interpretada. Tudo isso me deixa enojado!

— Ela pode dizer o que quiser. Isso não altera a minha tarefa, pois não?

Robie bebeu um gole de café, poisando a chávena logo de seguida. Tucker continuava a olhar para Robie, como se estivesse a tentar descortinar a mais pequena dúvida nas suas palavras.

— O Gelder era um bom homem. Assim como o Doug Jacobs.

— Quer então dizer que também conhecia o Jacobs? — perguntou Robie.

— Não, mas de certeza absoluta que não merecia ser atingido nas costas por uma traidora.

— Claro que não — concordou Robie.

— Você faz o mesmo que ela, Robie — afirmou Tucker. — Explique-me como é que funciona a mente dela.

Robie não lhe respondeu logo, porque não sabia bem onde ele queria chegar com aquilo.

— De um ponto de vista técnico, posso dizer-lhe como é que ela encara as missões. Não consigo explicar-lhe a razão que a levou a tornar-se traidora. Ainda não possuo conhecimentos suficientes acerca dela. Acabei de ser destacado para este caso.

— A Reel não se pode dar ao luxo de perder tempo. E o Robie também não pode.

— Estive no cenário de ambos os tiroteios.

— E quase esbarrou com a agente do FBI encarregada da investigação. Mais tarde, foi jantar com essa mulher. Existe algum conflito de interesses que você não esteja a ver?

— Não sei se o senhor sabe, mas não me ofereci para esta missão. Além disso, não tenho maneira de controlar quem é que foi destacado pelo FBI para investigar o caso.

— Continue.

— Também me desloquei à casa da Jessica Reel na costa leste da Virgínia.

Tucker assentiu.

— E quase morreu queimado por causa disso. Vi as imagens captadas por satélite. Creio que tem de aumentar a parada, Robie. Caso contrário, ela vai acabar por lhe tratar da saúde. Você foi-nos altamente recomendado. Mas não precisamos de vir a descobrir mais à frente que ela é melhor.

Friamente, Robie avaliou o homem sentado atrás da secretária na sua imponente mansão, rodeado de agentes e com barreiras à volta. Robie estava bem informado acerca de Tucker. Tinha sido político, depois passara para o lado dos serviços secretos. Nunca fora promovido a agente no terreno. Nunca usara uniforme. Tal

como Jacobs, nunca estava lá. Cobia-lhe observar à distância nas telas de alta definição, do tamanho de paredes, as transmissões por satélite, enquanto os outros morriam violentamente.

Robie sabia que a tecnologia drone acabava por salvar vidas, uma vez que não era preciso enviar uma equipe de apoio e pô-los em perigo. Logo, apenas o alvo ficava em risco de ser atingido e morrer. Mas por vezes os computadores e os satélites e os drones não eram suficientes. Nessas alturas, requisitavam-se os serviços de Robie. E ele fazia o seu trabalho. O que o chateava era as pessoas que trabalhavam à secretária pensarem que faziam exatamente o mesmo que ele fazia. Porque não faziam. Nem por sombras.

— Acha que estou a ser injusto? — perguntou Tucker num tom paternalista.

— Isto não é uma questão de ser ou não ser justo — replicou Robie.

— É bom saber. Poupa-nos tempo.

Robie olhou à sua volta.

— Visto que estamos integrados numa DIIC, talvez me possa explicar por que tido está a acontecer.

— A Jessica Reel virou-se para o outro lado. Alguém lhe deu a volta.

— Quem é que pode ter sido, na sua opinião? A agência deve ter uma ideia formada.

— Será que a resposta a essa pergunta reside no homem que ela não matou?

— Refere-se a Ferat Ahmadi? Robie fez que sim com a cabeça.

— Por vezes, as respostas mais simples são as que estão certas.

— Isso explica o que aconteceu ao Jacobs. Não explica o que aconteceu no caso do Gelder.

— Vamos aprofundar o assunto. O Gelder estava envolvido no atentado ao Ahmadi?

Tucker olhou em redor, traduzindo com a sua expressão que, de súbito, as paredes da DIIC tinham deixado de ser espessas o suficiente para sustentar o peso daquela conversa.

Robie avançou:

— Se acha que eu não tenho autorização, a nossa discussão pode ficar por aqui.

— Seria uma grande estupidez da minha parte envolvê-lo neste processo sabendo que o meu amigo não estava autorizado a tal.

— Ora bem, o Gelder esteve ou não esteve metido no assunto?

— Tanto quanto julgo saber — começou Tucker a responder, porém, Robie levantou a mão como se fosse um polícia sinaleiro a dirigir o trânsito, que era como se sentia naquele momento.

— Com o devido respeito, introduções do gênero não me servem para nada. O senhor não está a testemunhar no Congresso. Dê-me uma resposta com princípio, meio e fim, ou desisto.

— O Gelder estava à frente das operações clandestinas, mas não teve um envolvimento direto na missão do Ahmadi — adiantou Tudeer, ao mesmo tempo que se endireitava na cadeia, parecendo olhar para Robie com outros olhos.

— Nesse caso, e descontando Ahmadi, quem mais é que temos? Precisamos de estabelecer a ligação entre o Jacobs e o Gelder.

— Já lhe ocorreu que a Reei pode estar a atingir pessoas da agência a título individual, de acordo com um esquema paranoico que tenha saído da sua própria cabeça? Andava a trabalhar com o Jacobs. Podia tê-lo tramado facilmente. O homem está morto. O Gelder é o número dois. Ela abate-o, o que teve consequências catastróficas na agência, ao mesmo tempo que dá uma mãozinha aos nossos inimigos. Não tem ponta por onde se lhe pegue..

— Não me parece.

— Por quê? — perguntou Tucker asperamente.

— Qualquer pessoa podia fazer o mesmo. A Reel não é uma pessoa qualquer.

— Não sabia que a conhecia assim tão bem. A informação no seu arquivo diz que não tinha nenhum contacto com ela há mais de uma década.

— É verdade. Mas o contacto que mantive com ela foi bastante intenso. Ficamos a conhecer uma pessoa nessas circunstâncias. No fundo, sentimos que é como se a tivéssemos conhecido durante a vida inteira.

— As pessoas mudam, Robie.

— Sim, lá isso mudam.

— O que é que me está a querer dizer exatamente?

— A Reel tem um plano. E o plano foi engendrado por ela.

— Em que é que se baseia para fazer essa afirmação? No seu instinto?

— Se ela estivesse a trabalhar para mais alguém, não andaria a comunicar comigo. O regulamento interno operacional exclui isso. Os seus superiores encarregar-se-iam de monitorizar o processo, como o senhor faz com as minhas comunicações. Ela não correria esse risco. Julgo que isto é pessoal.

— Ela pode estar a usá-lo. A colocá-lo fora da jogada. É uma mulher atraente. Os dados que temos indicam que usou todos os seus trunfos para completar as suas missões com êxito no passado. Não se deixe levar por ela.

— Levei isso em consideração. Ainda assim, não acrescenta nada de novo.

— Se ela tem uma estratégia, qual é? Andamos às voltas e não chegamos a lado nenhum.

— Tenho trabalho de casa para fazer. A ligação entre o Gelder e o Jacobs vai ser o meu ponto de partida.

— Se é que existe algum.

— Uma palavra de advertência...

Tucker olhou para ele.

— Sou todo ouvidos.

— A Reel foi do nível mais baixo ao mais alto de uma assentada. Pode estar a percorrer uma trajetória em ziguezague só para nos afastar do caminho.

— Essa teoria pressupõe que ela tem outros alvos.

— Penso que não existem dúvidas a esse respeito.

— Espero bem que se engane.

— Não creio.

— Quanto à tal advertência, em que ficamos?

— E se ela decidir continuar a percorrer a lista, subindo sempre na hierarquia da agência?

— Por essa ordem de ideias, só resta um cargo. O meu.

— Exato.

— Tenho seguranças.

— Também o Jim Gelder tinha.
— A minha segurança é melhor.
— Também a Jessica Reel é — replicou Robie.
— É uma ironia dos diabos que o país lhe tenha fornecido as competências técnicas que ela agora usa contra nós — resmungou Tucker entre dentes.
— Ajudou-a a desenvolver outro tipo de competências. A mais importante já ela a tinha.
— E qual é essa capacidade?
— Coragem. A maioria das pessoas acha que tem coragem. Quase todas elas estão enganadas.
— Você também é dotado dessa capacidade, Robie.
— E bem vou precisar dela. De toda a coragem e mais alguma.

Capítulo 17

Àquela hora da manhã, a viagem de regresso ao apartamento demorou pouco; ainda assim, foram trinta minutos, que pareceram a Robie trinta horas.

Tinha muito em que pensar.

O que ele dissera a Tucker e o que Tucker lhe respondera misturara-se no seu espírito, formando uma salgalhada do raio. Na realidade, não sabia o que pensar da reunião com o investigador criminal.

As mensagens de Reel convenceram Robie de que ela operava sozinha. Aquilo era típico da mulher. Ninguém faz pontaria ao adversário e falha, para em seguida andar a dizer que quase se ficou contente por isso. Saltava à vista, porém, que ela estava a tentar entrar na sua mente. As subtis referências ao bem e ao mal, alertando-o para a necessidade de ter cuidado, funcionavam como técnicas clássicas de manipulação destinadas a fazê-lo duvidar ao mesmo tempo da sua missão e da confiança depositada na agência. Era competente — disso não restavam dúvidas.

Tanto Robie como Reel tinham recebido o mesmo nível de formação e adquiriram calo com a ajuda dos mesmos sistemas; ocupavam os mesmos postos, tinham os mesmos protocolos gravados nas suas almas de profissionais. Mas existiam diferenças entre eles. Robie nunca pensaria em enviar a um adversário uma mensagem daquelas. Por regra, era adepto de seguir pelo caminho mais direto para atingir os seus objetivos. Se era uma questão de sexo, não sabia, nem estava interessado em saber. As diferenças eram evidentes, isso é que importava.

Jessica Reel poderia ter mudado. Mas também era possível que ela continuasse a ser exatamente a mesma pessoa de sempre.

Regressou ao prédio onde morava, estacionou na garagem subterrânea e subiu no elevador até o seu andar. Investigou o corredor para ver se notava alguma coisa fora do normal, depois abriu a porta e inseriu o código carregando numas teclas no painel a fim de desarmar o sistema de segurança.

Pôs água ao lume para fazer café instantâneo, preparou uma sanduíche de manteiga de amendoim e sentou-se junto à janela da sala. Bebeu o café, comeu a sanduíche e deixou-se ficar ali assistindo ao espetáculo da chuva, que entretanto começara a cair lá fora. Estava sem dúvida a contribuir para encravar o trânsito de hora de ponta numa cidade que já à luz do Sol costumava apresentar um ar desgraçado, reforçado agora com as ruas escorregadias e a chuva desabando em torrentes sobre os para-brisas.

Levou a mão ao bolso e tirou uma coisinha branca. Tinha-se fragmentado ainda mais dentro do bolso, mas ainda lá estava. Precisava de saber ao certo do que se tratava. Encontrara aquilo nos dois locais da matança.

Uma vez podia ser coincidência. Duas vezes correspondia a um padrão.

E se Jessica Reel deixara ficar aquilo para trás, tinha de haver uma explicação.

Encheu uma segunda chávena de café, sentou-se à secretária e começou a massacrar as teclas do seu computador portátil. A vida de Doug Jacobs inundou a tela à sua frente como sangue numa tira de teste.

Aos olhos de um leigo na matéria, devia parecer uma vida interessante, porém, segundo os padrões de Robie, não passava de uma vida bastante vulgar. Jacobs tinha começado por ser analista, antes de se tornar controlador. Nunca disparara uma arma em nome do seu país. Até ao dia em que morrera de morte violenta, nunca tinha sofrido qualquer ferimento no exercício da sua atividade.

Liquidara muita gente, era um fato, mas à distância e contando com pessoas como Robie para puxar o gatilho. Não havia nada de mal nisso. Homens como Robie também precisavam de indivíduos como Jacobs a fim de executarem as suas tarefas.

Ao longo de três anos, Jacobs trabalhara com Reel em cinco ocasiões diferentes. Não houvera o mínimo problema nem o mais pequeno sobressalto quando chegara a hora da execução. Os alvos tinham sido todos eliminados e Reel regressara a casa em segurança e pronta para uma nova missão.

Ele não tinha a certeza se os dois alguma vez se encontraram cara a cara. Os relatórios careciam de informações precisas a esse respeito. Não era raro que assim fosse. Robie nunca travara conhecimento com nenhum dos seus controladores. No que tocava ao sigilo e à política de defesa dos operacionais, a agência funcionava como uma espécie de Grande Muralha da China. Quanto menos as pessoas soubessem umas sobre as outras, menos podiam contar no caso de serem capturadas e torturadas.

Robie descartou tudo o que tivesse que ver com a vida pessoal de Jacobs. Uma vez que Reel estava metida ao barulho, era o tipo de coisa que só podia resultar da sua vida profissional.

Tinham sido inúmeras as missões bem-sucedidas. Sem problemas. E, depois, Reel matara Jacobs pelas costas, no decorrer de uma missão no Oriente Médio, que se destinava, em teoria, a pôr fim à vida de alguém cuja presença no poder não era tolerada pelos Estados Unidos.

Sem encontrar nada no arquivo de Jacobs, Robie abriu uma pasta consideravelmente maior, que continha a informação digital relativa à história de James Gelder.

Desde os tempos em que cumprira o serviço militar, Gelder começara a trabalhar no setor da espionagem e tinha sido toda a vida funcionário público. Progredira rapidamente na carreira e era tido como o provável sucessor de Evan Tucker, a não ser que o presidente decidisse marcar uma posição política e nomear para esse lugar algum finório do Capitólio, cuja única ligação aos serviços de inteligência fosse o fato de não possuir nenhuma...

Evan Tucker era o rosto oficial da agência, se é que se podia dizer que havia um. Era mais terra a terra que alguns dos seus predecessores, mas, no que tocava ao nível operacional, cabia a Gelder a missão de transportar a bola até a linha de ataque e marcar.

Robie perguntou a si próprio quem iria substituir Gelder. Haveria alguém interessado no lugar, depois de ter visto como as coisas tinham terminado para Gelder?

Recuou até os primórdios, antes de Gelder ter entrado para a agência e numa altura em que o outro ainda se encontrava na Marinha. A partir daí, começou a progredir metodicamente, a caminho do topo. O homem tivera uma carreira exemplar, e isso só aumentou o respeito que Robie nutria por ele.

Acabada a leitura do arquivo, recostou-se.

Por que cargas-d'água Jessica Reel teria matado Gelder? Partindo do princípio de que era pessoal, qual poderia ser a razão? Robie não conseguia estabelecer uma relação entre Reel e Gelder. Como Evan Tucker afirmara, Gelder não tivera qualquer intervenção direta na missão de Ahmadi, a não ser no momento de lhe dar a bênção oficial. Além disso, Robie não se revelara capaz de encontrar outras provas no sentido de Gelder ter trabalhado com Reel, tanto direta como indiretamente.

Carregou numas quantas teclas do computador para sair do arquivo, mas o ribombar de um trovão teve o condão de o atrapalhar e tocou em duas ou três teclas sem querer. A página que tinha à sua frente reformatou-se num abrir e fechar de olhos. O gesto deu origem a reviravolta nos cabeçalhos e rodapés, acompanhada de uma chinfrineira eletrônica.

Merda.

Não podia mudar a página, claro está, visto tratar-se de um documento só de leitura.

Martelou uma série de teclas na tentativa de sair daquele novo e accidental formato, mas nada pareceu dar resultado. Preparava-se para tentar de novo quando olhou para o fundo da página. Num tipo de letra muito sumida, tão sumida que foi preciso virar o candeeiro de mesa para ver melhor, estava uma palavra entre parênteses.

APAGADO

Robie fitou a palavra como se um fantasma tivesse acabado de lhe aparecer na tela, à frente dos olhos.

Merda, outra vez.

Receu imediatamente a fim de examinar outra vez as páginas relativas a Gelder e encontrou vinte e uma ocorrências de "apagado".

Voltou atrás e percorreu o arquivo de Jacobs, introduziu no computador a mesma chave e descobriu dezanove itens eliminados.

Recostou-se na cadeira.

Já esperava alguma censura, mas a verdade é que eles tinham pura e simplesmente reescrito o maldito documento eletrônico de uma ponta à outra. Quanto ao "eles", tanto podiam ser pessoas desconhecidas como a agência inteira, começando por Tucker, que ocupava um lugar de topo, e vindo por ali abaixo.

Abriu o arquivo oficial de Reel e, após ter executado várias combinações de teclas naquele documento, descobriu que estava atulhado de marcas em que se lia "apagado".

Eles bem querem que eu investigue isto, mas estou atado de pés e mãos. Pelo simples fato de não me contarem a história toda, mentiram-me.

Agarrou no telemóvel para ligar ao Blue Man. Depois interrompeu o gesto, ficando com o dedo a pairar sobre o teclado. Podia ser fruto da sua imaginação, mas tinha achado o outro muito estranho durante o telefonema mais recente. Insistira em que Robie se apresentasse na agência, sob pretexto de ser necessário tratar das suas queimaduras. O certo, porém, é que dera a Robie um endereço diferente, o que o levou a interrogar-se até que ponto as queimaduras seriam uma prioridade na agenda do Blue Man.

Estava nitidamente a passar-se qualquer coisa que escapava a Robie.

Levantou-se, foi até a janela e ficou ali a ver cair a chuva, como se o tempo desfavorável pudesse de alguma maneira clarificar os seus pensamentos.

Ajudava e não ajudava.

Ajudou na medida em que Robie tomou a decisão de ir ter com o Blue Man. Contudo, não estava disposto a relatar a recente descoberta. Pelo andar da carruagem, logo saberia. Ficaria à espera de ver se o Blue Man abordaria a questão, ou se ele estaria a jogar noutro lado do campo. No dia anterior, isso teria sido impensável.

Mas verdade seja dita que, na véspera, o que Robie acabara de ver na tela do computador teria sido igualmente impensável.

O seu raciocínio revelava-se bem menos nítido no que tocava a Jessica Reel. Começava a ter dúvidas neste particular. Sérias dúvidas.

"Nada de pessoal", tinha ela dito.

No entanto, Robie começava a pensar que, de certa forma, esta história não podia tornar-se ainda mais pessoal para a mulher. E, no caso de tal se verificar, impunha-se que ele descobrisse a razão.

Capítulo 18

Ao sair da garagem, Robie ouviu o telemóvel tocar. Olhou para a tela e resmungou. A pessoa já ligara uma data de vezes antes e nunca lhe devolvera a chamada. Tinha esperança de que deixasse de lhe telefonar. Mas, pelos vistos, ela não estava a entender a mensagem.

Mais por impulso do que por outra coisa, carregou no botão para atender.

— Estou?

— Que joguinho diabólico é que andas a fazer comigo, Robie?

A julgar pelo tom de voz, dir-se-ia a mesma Julie Getty da última vez que tinham falado. Ligeiramente irritada. Um nadinha desconfiada. Falando bem e claro, parecia pior do que estragada e desconfiada ao mais alto grau.

E, verdade seja dita, ele não a podia censurar por isso.

— Não sei bem o que é que queres dizer...

— Quero dizer que, se alguém te deixa vinte e seis mensagens na caixa de correio de voz, "deve" ser sinal de que essa pessoa quer falar contigo.

— Então, conta lá, como é que a vida tem te tratado?

— Uma merda.

— Sério? — perguntou Robie, cauteloso.

— Não, não é sério. Jerome tem sido tudo que disseram. De fato, tem sido até bom demais. Sinto-me igualzinho ao Huck Finn quando voltou a viver com a viúva Douglas¹¹.

(11 Personagens centrais do romance do escritor americano Mark Twain, As Aventuras de Huckleberry Finn. (N. da T.)

— Não levo a mal. Uma vida normal e aborrecida é fortemente subestimada.

— Bastava teres telefonado e logo ficarias sabendo como eu estava!

— Tenho andado ocupado.

— Foi covarde em relação a mim, e sabes disso perfeitamente. Cheguei a ir a tua procura, mas mudaste de casa. Esperei durante horas, isto por cinco vezes, até perceber o que tinha acontecido. Continuei sempre à procura de ver a tua fotografia escarrapachada na página da necrologia, porque calculei que fosses um homem de palavra. E, como tal, se não me tinhas contactado, era porque devias ter morrido. Tentei ligar mais esta vez só por descargo de consciência.

— Olha uma coisa, Julie... Ela cortou-lhe a palavra: — Prometeste-me. Costumo dar um certo desconto a merdas deste gênero, mas confiei em ti. Confiei verdadeiramente em ti. E tu desiludiste-me.

— Não precisas de uma pessoa como eu na tua vida. Creio que os acontecimentos do nosso passado recente vieram provar que eu tenho razão.

— Os acontecimentos passados a que te referes mostraram-me que tu eras um homem que cumpria a sua palavra. O que aconteceu foi que deixaste de o fazer.

— Fi-lo para o teu próprio bem — afirmou Robie.

— Por que não deixas que seja eu a decidir isso?

— Aos catorze anos, não tens idade para tomar esse tipo de decisões.

— É a tua opinião.

— Podes detestar-me e amaldiçoar-me e pensar que não passo de um merdoso. Mas vais ver que é para o teu bem.

— Não é preciso pensar muito. És um merdoso.

A chamada foi cortada e Robie deixou cair o telemóvel no assento.

Na realidade, não devia sentir-se mal com toda aquela situação. Tudo o que acabara de confessar a Julie Getty era verdade.

Nesse caso, porque será que me sinto o maior idiota do mundo?

A oitocentos metros de casa, estacionou junto do passeio e saiu do carro. Abriu a porta da loja e, assim que entrou, esbarrou num muro compacto de perfumes. Se fosse dado a alergias, o mais certo era ter desatado a espirrar.

Dirigiu-se ao balcão, onde se encontrava uma garota ainda nova a trabalhar. Tirou do bolso os pequenos fragmentos brancos e colocou-os em cima do balcão, ao mesmo tempo que ela se virava para ele.

— É uma pergunta estranha, bem sei — começou. — Importa-se de me dizer que espécie de flor é esta?

A jovem examinou um pedacinho de pétala.

— Não se pode dizer que seja realmente uma flor.

— Foi tudo o que sobrou.

Ela agarrou-o com a ponta do dedo e levou-o ao nariz. Abanou a cabeça.

— Não tenho a certeza. Trabalho aqui apenas umas horas por dia.

— Há mais alguém que me possa ajudar?

— Dê-me um segundo.

Foi até a sala dos fundos e, momentos depois, saiu dali uma mulher que usava óculos. Era mais velha e mais pesada e, por qualquer razão, Robie imaginou que se tratava da dona daquela florista.

— Posso ajudá-lo? — perguntou a mulher educadamente. Robie repetiu a pergunta. A mulher pegou no que sobrava da flor, segurou-a diante dos olhos, tirou os óculos, examinou o pedaço de pétala com mais atenção, e depois aspirou.

— Rosa branca — afirmou, peremptória. — Uma Madame Alfred Carrière. — Apontou para uma mancha na pétala. — Dá para distinguir um leve matiz rosado aqui. Além disso, tem um perfume forte, frutado e picante. A Madame Plantier, em comparação, é toda branca e o odor que dela se desprende revela-se bastante diferente, pelo menos para quem percebe de rosas. Tenho algumas rosas Carrière em armazém, se quiser vê-las.

— Fica para outra altura. — Robie fez uma pausa, pensando na melhor maneira de formular aquilo. — O que levaria alguém a

comprar flores brancas nesta altura? Quero dizer, para que tipo de ocasião?

— Bom, rosas brancas são tradicionalmente as flores escolhidas para os casamentos. Simbolizam a inocência, a pureza, a virgindade, sabe, esse gênero de coisas.

Robie deitou um olhar de relance para a jovem e apanhou-a a revirar os olhos.

— Mas não deixa de ser interessante... — atalhou a mulher mais velha.

Robie tornou a concentrar as atenções nela.

— O que é que não deixa de ser interessante?

— Bom, as rosas brancas são muitas vezes utilizadas também nos funerais. Representam a tranquilidade, o amor espiritual, enfim, tudo isso.

A mulher baixou os olhos para a pétala que Robie trouxera. Passou o dedo pela pequenina mancha rosada.

— Apesar de isto ser um gênero de símbolo que eu não associaria à paz.

— Por ser cor-de-rosa? O que pretende dizer com isso?

— Algumas pessoas associam-no a outra coisa inteiramente diferente, que não tem nada que ver com paz e amor.

— O quê?

— Sangue.

Capítulo 19

Robie saiu da florista e prosseguiu o seu caminho. Tinha muito em que pensar. Além do mais, a irritação tomara conta dele. Flores nas duas cenas do crime. Não, vendo bem, resquícios de flores em ambas as cenas do crime. O pessoal da agência não elaborara apenas os arquivos entretanto recebidos. Procederam à limpeza dos locais do crime e eliminaram as rosas brancas que Reel lá deixara ficar, mas escaparam-lhes duas ou três pétalas.

Na sua mensagem, Reel avisara-o para ter cuidado, dizendo que havia outras estratégias em cima da mesa. Naquele momento, acreditava que ela estava mais certa do que errada relativamente a esse assunto.

O novo endereço que o Blue Man lhe indicara ficava a oeste de Washington, em Loudoun County, na Virgínia. Aquela era a terra dos cavalos: grandes propriedades espalhadas ao longo de quilômetros e delimitadas por cercas, à mistura com herdades mais modestas. Espalhadas um pouco por toda a parte, havia cidadezinhas com lojas de luxo e restaurantes que serviam as necessidades de quem estava bem na vida e os abastados que gostavam de se armar em fidalgos rurais. Junto a esses estabelecimentos existiam pequenos armazéns que vendiam tudo aquilo de que as pessoas realmente necessitavam, como sementes para plantar e selas para cavalos.

A dada altura, Robie meteu por um caminho de gravilha ladeado de pinheiros frondosos, que tinham transformado o solo num tapete alaranjado coberto de caruma. À entrada, um letreiro aconselhava os viajantes que não tivessem negócios a tratar naquele lugar a não virarem ali e a seguirem viagem.

Foi obrigado a parar junto a um portão de aço, guardado por dois homens vestidos de uniformes camuflados e empunhando pistolas-metralhadoras MP-5. Tanto ele como o carro foram revistados;

escusado será dizer que o convite para se deslocar ali foi sujeito a confirmação. O portão de aço abriu-se, acionado por meios eletrônicos, e ele seguiu em frente.

O complexo estendia-se em várias direções, sempre com um único piso. Fazia lembrar as instalações de uma universidade comunitária bem estabelecida e solidamente financiada.

Estacionou o carro e encaminhou-se para a porta; deixaram-no entrar mal tocou à campainha, tendo sido recebido por uma mulher vestida de calça e casaco azul-escuro que exibia as credenciais à cintura. Robie examinou-as pelo canto do olho. Quando ela se deu conta, admoestou-o: — Se fosse a si, não me dava ao trabalho de as memorizar.

— Nunca tenho por hábito fazê-lo — retorquiu Robie.

A mulher deixou-o entregue à sua sorte numa sala de interrogatórios asséptica, fechando a porta atrás de si. Ele partiu do princípio de que a porta se fecharia automaticamente. Duvidava que o quisessem a cirandar sem escolta pelas instalações...

Um minuto mais tarde, a porta abriu-se e apareceu outra mulher. Era elegante, devia ter trinta e tal anos, com longos cabelos compridos presos na nuca, óculos, e os lábios pintados de vermelho. Usava uma bata médica branca.

— Sou a doutora Karin Meenan, senhor Robie. Sofreu alguns ferimentos, segundo julgo saber.

— Nada de muito grave.

— Onde é que se localizam esses ferimentos?

— Braços e pernas.

— Pode despir a roupa e deitar-se na marquesa, por favor?

A médica preparou uma série de instrumentos médicos, ao mesmo tempo que Robie despia o casaco, a camisa, as calças e os sapatos. Subiu para cima da mesa enquanto Meenan se sentava num banco com rodinhas e se aproximava dele.

Observou as queimaduras.

— Acha que não se trata de queimaduras sérias? — perguntou ela, arqueando as sobrancelhas.

— Não morri.

Ela continuou a examiná-lo.

— Quer-me parecer que se rege por padrões diferentes da maioria.

— Acho que é isso.

— Limpou as feridas?

— Sim.

— Fez muito bem — elogiou ela.

— Obrigado.

— Mesmo assim, linda temos trabalho pela frente.

— Para isso é que estou aqui.

— Além do mais, também vou lhe dar medicamentos para prevenir infecção.

— O que achar melhor — replicou Robie.

— E um paciente muito cooperativo.

— Costuma receber aqui outro tipo de pacientes?

— Para ser franca, não. Mas nem sempre trabalhei aqui, diga-se de passagem — confessou Karin Meenan.

— Por onde é que passou antes?

— Pelas urgências, a sudeste de Washington.

— Então devem ter-lhe passado pelas mãos ferimentos de bala que nunca mais acabam.

— Sim, é verdade. Por falar nisso, o senhor também teve a sua dose. — Ao dizer aquilo, ela olhou de relance para duas marcas concretas no corpo de Robie. Colocou o dedo numa espécie de concavidade no braço dele.

— Nove milímetros?

— Três-cinco-sete, para dizer a verdade. O atirador usava uma arma sem marca, que felizmente fez ricochete nele da segunda vez, ou não estaria aqui a ter esta conversa consigo.

Ela levantou a cabeça e fitou-o.

— Costuma ter sorte no seu trabalho?

— Quase nunca.

— Não é uma questão de sorte, pois não?

— Quase nunca — repetiu ele.

A médica demorou cerca de uma hora a limpar as feridas; o passo seguinte consistiu em fazer-lhe novos pensos.

— Posso dar-lhe a primeira dose de medicamentos por via intravenosa no traseiro ou no braço. O lugar da injeção vai doer

durante um bocado — anunciou ela.

Robie levantou de imediato o braço direito.

— Deduzo que dispara com a esquerda.

— Sim — confirmou ele.

Ela espetou-lhe a seringa no braço e empurrou o êmbolo.

— Encontrará um frasco de comprimidos à sua espera na entrada. Siga as instruções e não deverá ter problemas. Mas olhe que teve sorte. Foi por pouco que não precisou de fazer um enxerto. No entanto, pode acontecer que a pele não cicatrize por completo sem cirurgia plástica.

— Okay.

— Creio que não nos voltaremos a ver.

— Fazem autópsias aqui? Ela pareceu surpreendida.

— Não, por quê?

— Nesse caso, é pouco provável que me torne a ver. Robie tornou a vestir-se.

— Pode indicar-me onde é que tenho de me dirigir agora?

— Deve estar a aparecer outra pessoa para tratar desse assunto. Não há muitos lugares aqui dentro onde eu esteja autorizada a ir.

— Está contente por trabalhar aqui?

— E você?

— Faço essa pergunta a mim próprio todos os dias.

— Qual é a resposta?

— Varia, depende dos dias.

A médica exibiu o seu cartão de visita.

— Tem aqui o meu contacto. Com queimaduras não se deve brincar. E é bom que leve as coisas com mais calma. Aconselho-o a reduzir tudo o que seja exercício rigoroso, viagens e... — A voz sumiu-se ao vê-lo olhar fixamente para ela. — Nada disso é possível, certo?

Ele aceitou o cartão.

— Obrigado por ter tratado das minhas mazelas. Ela avançou em direção à porta, mas voltou atrás.

— Se lhe serve de algum consolo, desejo-lhe boa sorte. Em seguida, desapareceu de vista.

Robie ficou ali à espera durante uns bons cinco minutos.

A porta abriu-se.

O Blue Man estava ali parado. Vestia terno completo com uma gravata despretensiosa, tinha os sapatos engraxados e o cabelo penteado na perfeição.

Do seu rosto, porém, não se podia dizer a mesma coisa.

Olhando para as feições dele, Robie percebeu que o Blue Man não estava nos seus dias.

O que significava que as coisas em breve iriam mudar para Robie.

Capítulo 20

Jessica Reel estava de novo em movimento.

Nunca gostara de permanecer no mesmo lugar por muito tempo.

Tinha apanhado um táxi e depois prosseguira a pé. Gostava de andar. Quando uma pessoa é conduzida de táxi a qualquer lado, até certo ponto, perde o controle de si própria. Ela nunca tinha gostado que isso acontecesse.

O tempo estava mais fresco do que no dia anterior. A chuva, como aparecera, desaparecera, mas ficara nublado, e a umidade persistia no ar. Contudo, era uma umidade que não molhava. Uma umidade fria.

Sentiu-se contente por estar a usar o impermeável comprido. E o chapéu. O mesmo acontecia com os óculos escuros, apesar da luminosidade reduzida.

O automóvel desceu a rua. Era um dos modelos mais recentes da marca Jaguar, na versão conversível, cor verde-caçador. Ao volante estava um homem. Aparentava ter quarenta e muitos anos. Tinha o cabelo curto e ostentava uma pera grisalha.

Chamava-se Jerome Cassidy. Ultrapassara a dependência do álcool, entre outros problemas, e tornara-se milionário por mérito próprio. A forma como ele triunfara na vida era um exemplo de onde muitas lições se podiam tirar.

No entanto, era na pessoa que ia sentada ao lado dele que Jessica Reel estava interessada.

Catorze anos, pequena para a idade, cabelo esgrouviado.

Quando o carro parou e a menina saiu do interior, Reel reparou que estava de jeans com rasgões, tênis baratos e camiseta. Ao ombro trazia uma mochila enorme, que parecia pesar tanto quanto ela.

Julie Getty tinha todo o ar de uma típica adolescente urbana a caminho das aulas.

Os dois trocaram meia dúzia de palavras e, depois, o Jaguar arrancou.

Apesar de o relacionamento deles ser recente, Reel sabia que Jerome Cassidy amava Julie Getty como um pai.

Passado um momento, esqueceu-se de que Cassidy existia e fixou a sua atenção em Julie.

A primeira coisa que fez foi examinar a área. Duvidava que eles fossem capazes de se antecipar assim tanto, mas achou que mais valia estar prevenida.

Não viu indícios de que Julie pudesse ser alvo de vigilância. No caso de haver alguém à coca, estava convencida de que teria dado por isso. Extraiu o telemóvel do bolso e tirou algumas fotografias a Julie e à escola para onde ela se dirigia.

As aulas acabavam às três e um quarto.

Julie não regressaria a casa de Jaguar. Tinha por hábito apanhar o ônibus.

Reel voltaria ali quando fossem três e dez.

Viu Julie entrar no edifício da escola, desaparecer de vista, e só depois é que virou costas e começou a descer a rua.

Os assassinos regressam por vezes ao local do crime. Aquele era o ponto seguinte na sua agenda para aquela manhã. Não estava propriamente interessada na cena do crime. Estava, isso sim, interessada em alguém que ela sabia que iria lá estar.

Quando chegou ao seu destino, Reel reparou que as barricadas tinham sido retiradas, deixando apenas inacessíveis dois dos edifícios em questão.

Entrou numa loja, comprou café e um jornal e tornou a sair. Sentou-se num banco, leu o jornal, bebeu o café e ficou na expectativa.

Foi preciso esperar uma hora até a mulher aparecer. Há muito que Jessica Reel acabara de beber o café e de ler o jornal. Limitava-se a estar ali sentada, a olhar em volta com um ar vagamente ocioso. Ou pelo menos assim parecia.

A entrada em cena da mulher não provocou nela qualquer reação visível.

Nicole Vance conferenciou com um dos seus agentes e assinou um documento. Afastou-se e olhou durante muito tempo para o edifício de onde tinha sido disparado o tiro que matara Doug Jacobs. A seguir, concentrou-se no edifício onde a vida de Jacobs chegara ao fim.

A agente Vance era muito competente, e Jessica Reel sabia disso. Também sabia que a mulher provavelmente reunira todas as provas que havia para recolher em ambos os locais. O passo seguinte consistiria em analisar tudo e partir à caça do assassino. Vance estava condenada a não encontrar o assassino. Não porque não fosse suficientemente boa no seu campo, mas por se tratar do tipo de crime que a polícia raramente conseguia resolver.

Jessica Reel estava ciente de que tinha duas hipóteses: as pessoas que andavam atrás dela conseguiriam deitar-lhe a mão muito antes de a polícia ter sequer dado pela sua presença, ou então seria ela a terminar a sua tarefa e a desaparecer para sempre.

Não havia muita coisa que Reel temesse. Não tinha medo da polícia nem do FBI. Nem mesmo a agente especial Vance lhe inspirava receio.

Se havia alguém que lhe metia medo, era o seu antigo chefe.

Temia Will Robie.

Acima de tudo, tinha um medo pavoroso de falhar no cumprimento da missão que talvez a definisse como quem ela realmente era.

Fez de conta que estava a meio de uma chamada e utilizou o telemóvel para tirar fotografias a Vance.

Conhecia o lugar onde Vance morava. Um condomínio em Alexandria. Já lá vivia há bastante tempo. Nunca casara. Nunca estivera sequer perto disso. A carreira, pelos vistos, era o grande amor da vida dela.

Mas Vance gostava de Robie. Entrava pelos olhos dentro.

Reel tinha consciência de que esse fato poderia ajudá-la. E que prejudicaria Robie.

Analizou escrupulosamente o que sabia até a data. Robie sofrera queimaduras, era mais que evidente. Isso significava que teria de receber tratamento numa das instalações da agência. Com Jim

Gelder morto, de certeza que Robie devia ter sido chamado à presença do homem-forte acima de Gelder: Evan Tucker.

Apanhou um táxi que a levou direitinha a uma delegação da Hertz, alugou um carro e arrancou, misturando-se no meio do trânsito e juntando, na sua mente, as possibilidades da jovem adolescente com as do agente do FBI. O que Reel estava a pensar fazer nada tinha de justo. Porém, quando uma pessoa se confrontava com um leque reduzido de opções, não tinha outro remédio senão optar por elas.

Conduziu até Virgínia e parou o carro diante de um edifício relativamente novo, com aspecto imponente O Tribunal dos Estados Unidos.

Em teoria, era no interior daquele edifício que se revelavam as decisões dos tribunais e se aplicava a justiça. No seu interior, em teoria, corrigiam-se os erros. Os culpados eram punidos. Os inocentes, absolvidos.

Reel não tinha a certeza de que isso correspondesse à verdade, por aqueles dias. Não era licenciada em Direito e não entendia as complexidades do trabalho desenvolvido por advogados e juízes.

De uma coisa, porém, estava ciente.

As escolhas acarretavam consequências.

E no interior daquele edifício alguém tinha feito uma escolha, calhando ser ela a consequência dessa escolha.

Esperou na rua durante mais uma hora, dentro do carro, com o motor a funcionar. Não havia nem um único lugar para estacionar por aquelas bandas. Tivera a sorte de apanhar um lugar à má fila e não queria ficar sem ele.

As nuvens, cada vez mais densas, tinham voltado a agrupar-se junto ao rio. Algumas gotas de chuva bateram no para-brisas. Ela não ligou; continuava de baterias assestadas à escadaria do tribunal. Finalmente, as portas abriram-se e apareceram quatro homens.

Reel só estava interessada num dos quatro. O mais velho de todos. O tal que devia ter pensado melhor. Talvez, com a idade, a sabedoria não viesse por acréscimo, pelo menos no caso dele.

Tinha cabelos brancos, era alto e bem constituído, com o rosto moreno e olhos pequenos. Disse qualquer coisa a um dos outros

homens e riram-se todos. Ao chegarem ao fundo das escadas, separaram-se. O homem do cabelo branco foi para a esquerda; os outros seguiram para a direita.

Quando a chuva se tornou mais intensa, o homem abriu o guarda-chuva. O seu nome era Samuel Kent. Aqueles que lhe eram próximos chamavam-lhe Sam. Desempenhava desde há longa data as funções de juiz federal. Estava casado com uma mulher que vinha de uma família com dinheiro. Os fundos fiduciários dela permitiam-lhe manter um estilo de vida que se traduzia num apartamento em Nova Iorque, numa mansão do século dezassete, importante do ponto de vista arquitetónico, situada no bairro histórico de Old Town Alexandria, e numa quinta com cavalariças em Middleburg, na Virgínia.

Um ano antes, o juiz presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos tinha nomeado Sam Kent para o FISC, que significava Foreign Intelligence Surveillance Court¹².

12 Tribunal especial criado em 1978 pelo Departamento de Estado, responsável pela autorização de escutas telefônicas e outras formas de vigilância eletrônica e a investigação de suspeitos. As decisões do Foreign Intelligence Surveillance Court (FISC), apesar de mantidas sob sigilo, podem ser consultadas pelos membros da Comissão do Senado para os Serviços Secretos. (N. da T.)

Considerado o mais clandestino de todos os tribunais federais, funcionava num clima do mais absoluto secretismo. O presidente não tinha sobre ele qualquer autoridade. E o mesmo acontecia com o Congresso. Nunca publicava o resultado dos seus inquéritos. Não prestava contas a ninguém. O seu único propósito era o de conceder ou rejeitar mandados de vigilância contra agentes estrangeiros que operavam nos Estados Unidos. Apenas onze juízes integravam o coletivo do FISC, e Sam Kent rejubilava com a ideia de pertencer ao grupo. Basta dizer que nunca rejeitara um pedido de mandado.

Reel seguiu Kent com o olhar enquanto o juiz descia a rua. Sabia que o Maserati descapotável dele se encontrava estacionado numa

zona segura da garagem do tribunal, por isso não ia pegar no carro. A casa que habitava na cidade ficava a uma distância que facilmente podia ser percorrida a pé do velho tribunal federal, localizado em Old Town, e que era naqueles dias utilizado como sede do Tribunal de Falências. Contudo, não era longe, indo a pé. Havia duas estações de metro nas redondezas, mas Reel duvidava que ele se aventurasse a andar de transportes públicos. Não parecia ser o tipo de pessoa capaz de se misturar com a gente vulgar. Aquela hora do dia, deduzia que ele se preparava para ir comer qualquer coisa a um dos restaurantes mais próximos.

Abandonando o lugar onde estava estacionada, Jessica Reel arrancou e começou a seguir Kent, mantendo uma distância prudente.

Elaborara mentalmente uma lista. Dois dos nomes já tinham sido eliminados.

O juiz Kent era o terceiro do rol.

Até à data, havia passado em revista o setor da espionagem. Estava na hora de atacar o sistema judicial.

Kent era muito insensato ao dar-se ao luxo de andar sozinho durante o dia, pensou ela. Com Gelder e Jacobs mortos, seria de esperar que fosse mais cuidadoso. E, nesse caso, devia estar ciente da sua presença na lista.

Se não estava, não era um adversário tão temível como ela julgava.

E ela sabia que esse não era o caso. Há qualquer coisa que não bate certo nesta história. Deitou uma olhadela através do espelho retrovisor. Foi então que Jessica Reel percebeu que acabara de cometer um erro que lhe custaria caro.

Capítulo 21

— Estás com cara de quem acabou de ficar sem a pensão de reforma — disse Robie, percorrendo o corredor ao lado do Blue Man.

— E foi o que aconteceu. Mas não é por isso que estou preocupado.

— Pensava que não podiam tirar as pensões aos funcionários do Governo federal.

— Nós não trabalhamos propriamente para o Ministério da Agricultura. Nem sequer podemos dar-nos ao luxo de escrever um artigo de opinião no Washington Post pelo simples fato de estarmos incomodados com a situação.

— Onde é que vamos?

— Conversar.

— Só tu e eu?

— Não.

— Quem mais? Já tive uma conversa com o Evan Tucker. E, que eu saiba, o número dois já não se encontra entre nós.

— Temos um novo número dois. Interino, pelo menos.

— Foi rápido.

— Que nunca digam que a burocracia governamental não funciona rapidamente quando é preciso.

— Vamos lá saber, quem é ele?

— Ela.

— Tudo bem. Fico contente por ver que a agência acompanha o progresso. Como se chama a senhora em questão?

— Tenho a certeza de que ela própria se apresentará.

— E não podes ser tu a dizer-me porque...?

— Trata-se de um novo paradigma, Robie. Anda toda a gente à nora.

— Paradigma? Por causa do que aconteceu ao Jacobs e ao Gelder?

— Não só por isso...

— E que mais me podes adiantar? — inquiriu Robie.

— De certeza que ficará tudo em pratos limpos.

Robie não fez mais nenhuma pergunta, até porque saltava à vista que o Blue Man não estava com disposição para responder. De resto, não era aquele homem que tinha de ser interrogado acerca do policiamento nas cenas do crime e das rosas retiradas do local. Robie perguntou a si mesmo se a número dois interina seria a pessoa indicada a quem colocar aquelas questões.

A porta ao fundo do corredor abriu-se e Robie foi convidado a entrar, enquanto o Blue Man se afastou, fechando a porta atrás de si. Robie olhou em redor. A divisão em que se encontrava era grande, porém, estava decorada apenas com o essencial. Uma mesa redonda com duas cadeiras. Uma delas vazia. A outra, não.

A mulher andava pela casa dos cinquenta e tal, um metro e cinquenta e cinco, forte, com um rosto cheio de rugas e cabelo grisalho que lhe dava pelos ombros. Uns óculos grandes e redondos ocultavam parcialmente seu rosto um pouquinho cheio. Fazia lembrar a garota mais interessante do liceu, se bem que apresentando manifestos sinais de ter envelhecido mal.

Robie não reconheceu a senhora em questão. Afinal de contas, não passava de uma agência clandestina. Além de que não tinha por hábito andar por aí a fazer publicidade ao seu pessoal.

— Por favor, queira sentar-se, senhor Robie.

Robie sentou-se, desabotoou o casaco e pousou as mãos sobre o estômago. Não pretendia iniciar a conversa. Fora ela a convocá-lo. Como tal, cabia-lhe a ela dirigir as operações.

— O meu nome é Janet DiCarlo. Assumi as funções do senhor Gelder.

Não disse "do falecido Senhor Gelder". Nem do "malogrado senhor Gelder". Tão-pouco do "senhor Gelder, recentemente assassinado". Pelos vistos, não há tempo a perder com a compaixão.

— Assim julgo saber.

— Passei em revista os arquivos e analisei os seus passos mais recentes.

Os passos que dei em falso, queres tu dizer, pensou Robie, mas conteve-se.

Havia ali qualquer coisa que não fazia sentido. Interrogava-se sobre a razão de ser do duplo ataque. Primeiro Tucker, em casa. Agora o seu novo lugar-tenente.

Teria isto sido planeado antecipadamente?

DiCarlo fitou-o do outro lado da mesa.

— Como estão as feridas?

— Saradas.

— Foi por pouco — observou ela.

— Pois foi.

— Vi as imagens de satélite. Não me parece que o Robie consiga sobreviver a outro ataque do gênero.

— Provavelmente não.

— Não descobriu grande coisa.

— Estou a trabalhar nisso. Demora o seu tempo.

— A verdade é que começamos a ficar sem tempo.

— Diga-se de passagem que vocês nos têm dificultado as coisas — contrapôs Robie.

— Bom, talvez eu possa torná-las mais fáceis. Jessica Reel?

— O que tem?

— Julgo que posso dar-lhe uma ajuda em relação a ela.

— Sou todo ouvidos.

— Tem de estar muito atento ao que lhe vou dizer — advertiu DiCarlo.

— E estou.

— Existe uma razão para eu ter sido nomeada para este lugar nesta altura concreta.

— Gostaria de saber qual é essa razão.

— Estou em condições de revelar uma série de coisas acerca da Jessica Reel que poderão ser-lhe úteis.

— Como é isso?

— Fui eu que ajudei a treiná-la.

Capítulo 22

Jessica Reel não fez o que era óbvio. O óbvio teria sido acelerar ou adotar uma tática evasiva. Depois de registrar mentalmente as condições que se lhe ofereciam no terreno e de concluir qual o melhor cenário se queria sobreviver, não fez uma coisa nem outra.

Havia dois carros. Um SUV e uma van. Eram ambos pretos. Ambos tinham as janelas fumadas, sem exceção. Reel calculou que as viaturas estivessem cheias de homens armados. Sem dúvida que esses indivíduos estavam em comunicação uns com os outros.

Imaginando-se a competir num jogo de xadrez, antecipou-se e saltou quatro lances, rememorou cada elo de ligação na cadeia do pensamento, e decidiu que chegara o momento.

Ainda assim, não carregou no acelerador. Nem sequer tentou virar para uma rua lateral. Seria demasiado previsível. Olhou calmamente através do espelho retrovisor, considerou o piso escorregadio, dada a circunstância de ter chovido, examinou o trânsito à sua volta. Por fim, avaliou a posição do juiz Kent no meio da rua.

Contou até três e, em vez de acelerar, travou a fundo.

As rodas traseiras libertaram uma enorme quantidade de fumo, obrigando os carros que circulavam por perto a mudar de sentido.

Ela voltou a contar até três e acelerou. Mas isso só aconteceu depois de ter metido a marcha-atrás.

Recuou precipitadamente, direita ao SUV e à van.

Na sua cabeça era como se estivesse a ouvir as comunicações entre as duas unidades de ataque: "Ela está a tentar investir contra nós. A imobilizar-nos." Reel apontou a traseira do carro à grelha da van mais pequena. Era como se estivesse a brincar ao jogo da covardia, mas a grande velocidade e, em parte, às arrecuas.

As luzes da van começaram a piscar. Inclinou-se para a esquerda. O imponente SUV, porém, preencheu automaticamente o seu lugar.

No seu espírito, Reel imaginou a troca de comunicações seguinte.

O SUV bastante mais pesado, receberia o impacto, ao passo que a van sairia ilesa. Ela quase conseguia ver os tipos dentro do SUV a verificarem os cintos de segurança, preparando-se para a colisão iminente. Depois disso, o homem que seguia na van encarregar-se-ia de liquidar Reel.

O que o SUV não podia fazer, contudo, era comparar-se em agilidade a uma viatura mais pequena, sobretudo quando ao volante seguia uma motorista tão hábil como Jessica Reel.

Calculando na perfeição o momento, ela guinou o volante com força e apontou, ato contínuo, à traseira do carro, direita ao intervalo criado pela manobra do SUV, como um jogador de futebol americano a reagir repentinamente para aproveitar um espaço vazio entre os defesas. Sacou da arma ao mesmo tempo, usando o cotovelo para acionar o botão que fazia descer a janela.

Poder-se-ia pensar que um carro em marcha-atrás não seria tão eficiente como um carro a andar para a frente. A explicação, porém, era que Reel estava a conduzir na direção que pretendia, isto é, para trás. O que não acontecia com o SUV nem com a van. Isto porque as duas viaturas queriam ir para onde Reel seguia, ou seja, seguir o rumo oposto.

Reel voou por cima daquele espaço vazio, fez pontaria e disparou. O pneu traseiro do SUV explodiu, ficando todo às tiras, lançando fragmentos de borracha com a forma de crocodilos para a estrada. A viatura virou bruscamente e foi colidir com a van.

Livre dos dois veículos, Reel levantou o pé do acelerador, virou o volante, executou uma perfeita curva apertada, que lhe teria merecido da parte dos serviços secretos a atribuição da nota máxima, e acabou com a dianteira do carro apontada na direção oposta.

Uma vez aí, tornou a carregar no acelerador, virou para uma rua lateral e desapareceu do mapa.

Cinco minutos mais tarde, abandonou o carro e afastou-se, transportando uma pequena mala com roupa e outros artigos de primeira necessidade, que trazia consigo precisamente para o caso de acontecer uma cena do gênero. Não precisava limpar as impressões digitais do carro. Usava sempre luvas.

Entrou na estação do metro mais próxima, subiu para uma carruagem e, minutos depois, encontrava-se a muitos quilômetros dos dois carros, do juiz federal que era um alvo a abater e da morte prematura que quase experimentara.

Apesar do seu feito, censurou-se por algumas falhas e deu a si própria nota negativa, e com boas razões para tal. Reel, que sempre tinha sido a sua crítica mais severa, revelou-se de uma honestidade brutal. Cometera pelo menos cinco erros; qualquer deles poderia ter levado à sua morte.

Deveria ter levado à minha morte.

Ainda por cima, via-se obrigada a mudar de novo a sua identidade.

Os outros conheciam o carro que conduzia. Estavam em condições de o associar à agência de aluguel. Ficariam a saber o nome dela, o número do cartão de crédito e da carta de condução. Tudo maneiras de a localizar. A partir daí, aquelas coisas de nada lhe serviam.

Felizmente, já contara com isso. Tinha as suas estratégias de salvaguarda. Só não planeara que eles se deixassem corromper tão depressa, o que representava nitidamente um revés.

E, o que era pior, o juiz Kent havia sido alertado.

Tratava-se de um contratempo de proporções lamentáveis.

Apanhou um táxi para o banco e, uma vez lá dentro, acedeu ao cofre de valores que alugara usando a identidade que tinha acabado de ser posta em risco. Era ali que guardava os bilhetes de identidade adicionais, cartões de crédito, passaportes e outros documentos de que poderia vir a precisar. Fez o que tinha a fazer o mais depressa possível, uma vez que os outros já deviam andar no seu encalço.

Saiu do banco e dirigiu-se a pé até uma paragem de táxis. Não podia ficar instalada num hotel perto do banco. Isso seria estar a facilitar-lhes a vida. Depois de apanhar um táxi, que a levou direita a

outra paragem de táxis, esperou na fila. Escusou-se a entrar no primeiro táxi que apareceu e deitou um longo olhar crítico ao segundo.

Deu ao taxista um endereço que ficava do outro lado da cidade. Depois de ele a deixar no local, percorreu cerca de um quilômetro e meio na direção oposta.

Aos olhos de um leigo, podiam passar por medidas extraordinárias, como ela sabia. Mas representavam o elementar na área em que se movimentava.

Registrou-se num hotel diferente utilizando outro nome, foi para o quarto e guardou meia dúzia de coisas que tinha na mala. Sentada à mesa que ficava ao lado da janela, limpou e carregou a arma, atenta à possível presença de viaturas pretas com vidros: amados estacionadas em frente do hotel.

Momentos depois, olhou de relance para a manga da camisa.

Não saíra totalmente ilesa do aperto em que se vira. A bala rasgara-lhe a camisa e provocara-lhe uma queimadura, antes de ficar cravada na porta do lado do passageiro.

Enrolou a manga e examinou a ferida. O calor provocado pelo disparo cauterizara a marca deixada na pele. Não estava preocupada — guardava cicatrizes de missões anteriores que faziam com que esta, em comparação, não passasse de um ferimento insignificante.

Imaginava que Will Robie devia ter a sua quota-parte de troféus do gênero obtidos no decorrer das suas missões. Sem esquecer alguns bem recentes, provocados pela armadilha que ela lhe montara na Costa Leste. Se alguma vez chegassem a um confronto, esperava que essas feridas contribuíssem para o retardar o suficiente, permitindo-lhe aumentar a sua vantagem sobre ele.

Consultou o relógio. Teria de sair daí a pouco tempo, se queria chegar à escola a tempo e horas.

Reel deixou-se ficar a olhar lá para fora, vendo cair a chuva.

Estava um dia sombrio, que condizia perfeitamente com a sua existência.

Os outros tinham vencido aquela ronda, sem sombra de dúvida. Só esperava que fosse a única vez que levavam a melhor sobre ela.

Capítulo 23

Janet DiCarlo olhava fixamente para Robie. Ao mesmo tempo, porém, era como se não o estivesse a ver. Robie interrogou-se se aquela mulher tinha noção de que ele ainda se encontrava na sua presença. Passaram-se pelo menos dois minutos desde que ela se saíra com aquela notícia bombástica.

— Minha senhora? — declarou Robie, de forma delicada mas com firmeza. — Quer então dizer que ela foi treinada por si...

DiCarlo pestanejou, olhou de relance para Robie e voltou a recostar-se, parecendo um tudo-nada embaraçada.

— Ela foi a primeira e única operacional recrutada para a divisão. Eu era um dos poucos controladores do sexo feminino em exercício na nossa divisão. Toda a gente pensou que seria boa ideia formar equipe com as duas. A somar à minha experiência, ela revelava um potencial imenso. Nesse ano, a Reel levou a melhor sobre todos os homens que faziam parte da mesma classe.

— No início das nossas carreiras, cheguei a trabalhar com ela em várias missões.

— Eu sei — respondeu Janet DiCarlo.

Robie pareceu surpreendido, mas a expressão de DiCarlo deu-lhe a entender que não deveria ter ficado.

— Sabemos a quantas andamos, senhor Robie. É isso que as pessoas fazem. Em tudo, de resto. No desporto, nos negócios, nos seus relacionamentos.

— E no que toca a eliminar pessoas — disparou Robie.

— Eliminar problemas — corrigiu DiCarlo.

— Desculpe, enganei-me — reconheceu ele secamente.

— Tivemos oportunidade de apreciar o seu dossiê — referiu DiCarlo. — A Jessica, sobretudo ela, era uma grande admiradora sua. Dizia muitas vezes que o Robie conseguia ser o melhor de

todos. Num desafio taco a taco, você conseguiu superá-la. Foi, de resto, i) único a fazê-lo.

— Visto que quase me limpou o sebo, talvez ela devesse reavaliar essa sua opinião.

— "Quase" é aqui a palavra-chave. A questão é que ela não o matou. Você escapou ileso ao atentado que a Reel planeou.

— Em parte sorte, em parte instinto. Mas isso não nos ajuda em nada a deitar-lhe a mão.

— Até pode ser que sim, de certo modo.

DiCarlo inclinou-se para a frente na cadeira e juntou as pontas dos dedos em arco bem à sua frente.

— Avaliei os dois com a maior objetividade possível. Acho que são ambos dotados, ao mesmo tempo de maneiras parecidas e diferentes. Pensam de modo semelhante. Adaptam-se bem. Nas veias corre-vos gelo. Orgulham-se de estar um passo à frente, e, se a outra parte vos apanhar, têm sempre hipótese de vencer mudando rapidamente de tática.

— Volto a perguntar. De que forma é que isso me ajuda a chegar até ela?

— Não ajuda. Pelo menos diretamente. Se lhe estou a dizer isto tudo, é para que fique a conhecer a melhor maneira de a confrontar e de a derrotar quando se lhe deparar a oportunidade.

— Se a oportunidade alguma vez se propiciar. Primeiro tenho de descobrir o paradeiro dela.

— O que nos leva à questão de saber por que motivo ela está a fazer o que está a fazer. A resposta pode muito bem conduzir-nos direitinhos ao alvo seguinte, antes que ela se aproxime dele. Encaro isso como a sua melhor hipótese de marcar pontos, por assim dizer. De fato, creio que é a única maneira. Caso contrário, fica condenado a andar sempre um passo atrás.

— Na sua opinião, o que a leva a atuar assim? — perguntou Robie.

— Quando me disseram que a Jessica era suspeita de ter assassinado o seu controlador, recusei-me a acreditar.

— Continua a não acreditar?

DiCarlo pousou as mãos espalmadas em cima da mesa.

— Em última análise, pouco importa aquilo em que eu acredito, senhor Robie. Foi-me confiada a tarefa de o ajudar a encontrar o rastro da Jessica Reel.

— E de a matar? — perguntou Robie.

Queria ver a reação dela, porque o Blue Man fora o único a dizer explicitamente que a pretendiam nos escritórios para ser interrogada. As outras pessoas, incluindo Jim Gelder e Evan Tucker, tinham sido vagas ou mantiveram silêncio sobre o assunto.

— Foi destacado para esta missão há tempo suficiente para saber quais os resultados pretendidos.

— Seria de esperar que isso acontecesse. Mas não há nada acerca desta missão que tenha ficado claro.

DiCarlo sentou-se para trás na cadeira e enfrentou-o. Por fim, recuperou a presença de espírito e declarou: — Aconteça o que acontecer, a verdade é que isso não me afeta a mim nem a si, tão-pouco se repercute na razão de ser da nossa presença aqui.

Robie abanou a cabeça.

— Estamos de acordo nesse ponto, por agora. O que nos leva à outra questão: porque está a Reel a fazer isto?

— Julgo que ganhará alguma coisa em conhecer melhor o historial dela, Robie. Usando as capacidades que lhe reconheço, sei que pelo menos um ou mais fatos poderão vir a ajudá-lo no futuro.

Robie digeriu aquelas palavras durante alguns momentos.

— De acordo. Vamos lá então passar em revista a vida da Jessica Reel.

DiCarlo deu início ao seu relato.

— A Reel entrou para a agência em circunstâncias a que eu chamaria excepcionais, isto é, não chegou até nós através dos canais tradicionais.

— Quer então dizer que ela não era militar? É o que acontece com a maioria dos que fazem o que nós fazemos na vida.

— Não. Nem sequer estava ligada aos serviços secretos.

— Ela nunca entrou em confidências a esse respeito comigo.

— Tenho a certeza de que não o fez. A Jessica Reel nasceu no Alabama. O pai era um supremacista branco que liderou um grupo antigovernamental durante anos a fio. Era também traficante de drogas e fornecedor de explosivos. Em matéria de cores, não

gostava de preto, mas, pelos vistos, adorava o verde. Foi preso no decorrer de um tiroteio com os elementos da DEA13 e da ATF14 e está agora cumprindo pena perpétua numa prisão federal.

13 Abreviatura para Drug Enforcement Administration, agência responsável pelo combate ao tráfico de drogas. (N. da T.)

14 Abreviatura para Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives, organização do Departamento de Justiça dos EUA de combate a crimes federais que envolvam uso, manufatura e posse ilegais de armas e explosivos. (N. da T.)

— E a mãe?

— Foi morta pelo pai quando Jessica tinha sete anos. Depois de ele ser feito prisioneiro, os restos mortais da senhora foram descobertos no porão da casa deles. Já estavam lá há um certo tempo.

— Portanto, tem certeza de que ele matou a mulher?

— Jessica assistiu à execução, foi disso que se tratou. A senhora Reel não compartilhava das opiniões do marido e se tornou um risco para ele. A propósito, todos esses fatos foram confirmados por fontes independentes. Como é óbvio, não nos limitamos a acreditar no relato de uma menininha. Além disso, as autoridades têm uma série de outras provas que ligam o marido ao crime. Não que importasse muito, na realidade, visto que ele cumpria pena de prisão perpétua, acusado de outros crimes, mas sempre era um sinal de justiça para Jessica e a infeliz mãe.

— Entendo. E o que aconteceu à jovem Jessica depois disso?

— Foi mandada embora para casa de familiares, que viviam noutros estados e que não a queriam lá, ou não estavam em condições de alimentar mais uma boca. Acabou por ir parar ao sistema de serviços de acolhimento na Geórgia. Ficou a cargo de uma gentilha do mais reles que se possa imaginar. Obrigaram-na a fazer coisas que ela não queria fazer. Foi então que fugiu e começou a viver nas ruas.

— Não parece ser o gênero de pessoa que a agência alguma vez pusesse a hipótese de recrutar para os seus quadros. Como é

que se procedeu à seleção?

— Já lá vamos, senhor Robie — disse Janet DiCarlo, franzindo o sobrolho.

— Desculpe, minha senhora, continue.

Robie recostou-se, concentrando toda a sua atenção na mulher.

— Quando completou dezasseis anos, a Jessica Reel fez uma coisa que mais tarde viria a colocá-la ao abrigo do Programa de Proteção às Testemunhas.

— O quê? — exclamou Robie, apanhado de surpresa.

— Tornou-se informadora, a trabalhar infiltrada junto de um grupo neonazi que planeava um ataque em massa contra o Governo.

— Como é que uma garota de dezasseis anos conseguiu fazer isso?

— Um dos pais do tal serviço de acolhimento que a recolheu tinha um irmão que fazia parte do grupo nazi. Ele e alguns dos amigos utilizavam a casa como base quando se reuniam na cidade para recrutar pessoal, isto no estado da Geórgia. Reel dirigiu-se aos escritórios do FBI e ofereceu-se não só para usar uma escuta, mas também se mostrou disposta no sentido de ajudar a construir um caso contra eles.

— E a agência permitiu que isso acontecesse?

— Bem sei que toda a história parece uma coisa do outro mundo. Acontece que li o relatório elaborado pelo agente especial encarregado do processo, que dá conta do encontro inicial com a Jessica Reel. O sujeito não acreditava que ela tivesse dezasseis anos. E não apenas por causa do aspecto. A julgar pelos seus apontamentos, pensava que estava a entrevistar um veterano com experiência em combate. A garota deu mostras de uma firmeza inquebrantável. Tinha uma explicação para tudo. Quanto à Reel, independentemente do que a agência lhe pudesse ter feito, mandou-os passear. Via-se que queria realmente encostar os tipos à parede.

— Por causa do pai? E da mãe?

— Também pensei que fosse por isso. Mas com a Reel uma pessoa nunca sabe em que pé se encontra. Estamos a falar de

alguém que faz coisas por razões que só parecem claras aos olhos dela.

— Quer dizer que a Reel ajudou a deitar a mão aos neonazis?

— Não foi apenas isso, matou um deles. Isso aconteceu depois de ter conseguido sacar-lhe a arma.

— Aos dezasseis anos?

— Bom, nessa altura já tinha dezassete. Passou um ano infiltrada na organização. Ganhou a confiança dos elementos do grupo, cozinhou para eles, escreveu os seus asquerosos panfletos cheios de palavras que destilavam ódio, lavou-lhes os uniformes encardidos. Para o fim, andava a ajudá-los a planejar o ataque principal. E, como não podia deixar de ser, a passar aos elementos da agência os detalhes todos.

— Só consigo pensar em quatro ou cinco agentes do FBI, daqueles que trabalham infiltrados, capazes de levar essa missão a cabo com êxito. E, que eu saiba, nenhum deles era adolescente...

— Quando desencadearam o ataque, a agência tinha sido avisada e estava à espera deles, em força.

Mesmo assim, isso não impediu que se travasse uma batalha. O homem que a Reel matou procurava emboscar vários agentes do FBI. Ela salvou as vidas deles.

— E foi colocada no Programa de Proteção às Testemunhas.

— Neste país, a organização neonazi é uma hidra de sete cabeças. São muitos os lugares a que chegam. Com a ajuda da Reel, conseguiram dismantelar parte, mas o monstro ainda se mantinha vivo.

— E como se processou a passagem dela do Programa de Proteção às Testemunhas para a agência?

— Através do FBI ficamos a par do que ela fizera. Ocorreu-nos que possuía um talento que se ia perder. Além do mais, graças ao novo trabalho, tornar-se-ia invisível. Passaria a ter uma nova identidade e viajaria o tempo todo, adquirindo meios de proteção pessoal que tornariam muito difícil a qualquer pessoa, até mesmo a um membro dos cabeças-rapadas, chegar até ela e matá-la. Abordamos Jessica Reel e a desafiamos a vir trabalhar para nós. Aceitou na hora. Sem hesitações. Passamos anos a educá-la e a treiná-la, como aconteceu consigo.

— Isso constitui uma forma única de entrar para a agência, há que reconhecer.

Janet DiCarlo ficou calada por instantes.

— Olhe que não é assim tão diferente da forma como chegou até nós, senhor Robie.

— Não sou eu que estou em causa. É ela. A julgar pelo que acabou de me relatar, e no que diz respeito à Reel, tenho duas opções.

DiCarlo pareceu ficar perplexa.

— Explique lá isso.

— Parto do princípio de que, devido aos traumas sofridos na infância, lhe terá feito uma série de testes psicológicos para ver se ela estava mentalmente preparada para encarar as pressões do trabalho?

— Sim, e devo dizer que ela passou nos testes todos com distinção.

— Pois, mas isso aconteceu porque estava bem mentalmente, ou por ser uma grande mentirosa.

— Ela é uma grande mentirosa. Estamos a falar de alguém que andou a enganar cabeças-rapadas durante mais de um ano.

— E até parece que isso faz dela uma grande patriota, o que nos obriga a voltar à vaca-fria, que é como quem diz, à história de ter dado com os pés à agência. Portanto, ou aconteceu qualquer coisa e ela anda a fazer isto por razões que nos escapam, ou virou-se contra nós e mudou de campo, da forma tradicional, o que significa que vos enganou a todos e que, afinal de contas, não é assim tão patriótica como pensavam.

— Estou a seguir o seu raciocínio.

— Apesar de eu apreciar devidamente o fato de ficar com um melhor conhecimento da história dela, preciso, isso sim, de ter informações acerca das missões para que foi destacada nestes dois anos mais recentes.

— Porquê dois anos?

— Porque, como eu vejo as coisas, esse é o limite máximo de tempo que ela guardaria algo no seu íntimo, para em seguida delinear o plano que lhe permitisse ripostar. Isto apenas no caso de

ela não se ter limitado a mudar de campo, o que poderia explicar-se, pura e simplesmente, por uma questão de dinheiro.

— Nunca acreditaria numa coisa dessas vinda da Reel. Robie inclinou a cabeça e fitou DiCarlo.

— Acreditaria se a história se passasse comigo?

— Não o conheço a si tão bem como a ela.

— A verdade, minha senhora, é que não conhece nenhum de nós. Por isso é que a Reel e eu somos exceccionalmente bons no que fazemos. Daí que nos tenha abordado, para começar. Não se é como nós quando se teve uma infância normal. Não somos Beaver Cleavers¹⁵ com uma mãezinha em casa que assa tortas e tem leite à espera depois das aulas.

15 Típica família suburbana idealizada na sitcom Leave It to Beaver. As peripécias giravam em torno do dia a dia de um rapazinho mais ou menos ingênuo, Theodore "The Beaver" Cleaver, e dos seus pais, June e Ward Cleaver. (N. da T.)

— Estou a ver a cena.

— Até prova em contrário, deduzo que a Jessica Reel anda a fazer isto por razões que nada têm que ver com ter sido comprada. Para compreender melhor a situação, preciso saber em que é que ela esteve envolvida nos últimos dois anos.

— Seria de imaginar que o Will já estivesse na posse dos arquivos que contêm esses elementos.

— Requisitei todos os arquivos que lhe dizem respeito, e não apenas os enviados para publicação.

DiCarlo mostrou-se espantada.

— Está se referindo a quê?

— Os arquivos eletrônicos que me passaram tinham sido censurados. Encontrei uma grande quantidade de informações apagadas. Existiam lacunas de tempo. Se quero ter condições para fazer o meu trabalho, preciso analisar a situação no seu conjunto. — Robie fez uma pausa, e depois acabou por confessar: — Além disso, a cena do crime foi adulterada. Houve materiais retirados de lá, não pela polícia, mas por nossos agentes. Tenho que saber a todo custo o que foi desviado da cena do crime, e por quê.

DiCarlo afastou o olhar. Porém, antes de isso acontecer, Robie conseguiu detetar sinais de apreensão nos olhos da mulher. Quando ela tornou a fitá-lo, já tinha recuperado a presença de espírito.

— Vou investigar o assunto imediatamente e depois tornamos a conversar.

Robie assentiu, sem fazer um grande esforço por disfarçar o seu ceticismo.

A seguir levantou-se.

— Portanto, quer que eu acabe de vez com a Jessica Reel? — perguntou.

DiCarlo olhou de frente para ele.

— Quero que descubra a verdade, senhor Robie.

— Nesse caso, é melhor deitar mãos à obra.

Capítulo 24

Robie voltou para Washington, mas não regressou ao seu apartamento. Em vez disso, seguiu de carro até junto de uma escola.

Estacionou junto do passeio e olhou em volta. Encontrava-se numa parte simpática da cidade. A escola que Julie Getty frequentava era considerada uma das melhores. O que não significava que fosse um daqueles estabelecimentos de ensino onde os estudantes andavam obrigatoriamente de uniforme e provinham da melhor franja da sociedade. Os jovens eram admitidos unicamente com base nos seus próprios méritos, e não graças à capacidade que os paizinhos tinham de pagar a matrícula ou fazer doações. Bastava o aluno ser admitido para a questão da matrícula ficar resolvida. A filosofia do local baseava-se na individualidade. Havia regras na escola, mas esperava-se que os estudantes aprendessem ao seu próprio ritmo e evoluíssem de forma diferente.

Robie imaginou que Julie Getty devia estar a fazer imensos progressos num ambiente daqueles. Descobrira que o seu andamento e o seu ritmo eram tão pessoais quanto humanamente possível.

Dera voltas à cabeça, sem saber como encarar o primeiro encontro com ela. Às tantas, deixou de se preocupar com isso. Não havia uma maneira ideal de abordar a questão.

Vou reconhecer as culpas que tenho, talvez seja o melhor a fazer.

A chuva parecia querer aumentar, e Robie ligou os limpadores de para-brisa e deixou-se ficar ali vendo-os remover a água dos vidros. Consultou o relógio. Estava quase na hora. Existia uma fileira de carros à espera dos alunos. A escola não tinha serviço de

transporte a funcionar, apesar de existir um sinal de trânsito do outro lado da rua permitindo a paragem de um ônibus público.

Passados alguns segundos, abriu-se a porta da escola e os estudantes saíram em bando. Robie saltou do carro assim que a viu, levantou a gola do casaco para se proteger daquela chuvinha e atravessou a rua a correr.

Julie vinha a passo na cauda de um grupo de garotas. De fones nos ouvidos, teclava mensagens no smartphone. Em pouco tempo, percorrera um grande caminho, pensou Robie. Quando ele a conhecera, não tinha dinheiro para comprar qualquer tipo de telemóvel.

Robie deixou passar o grupo das garotas e só depois deu um passo à frente.

— O que estás aqui a fazer? — quis ela saber.

— Cumpro a minha promessa e venho ver-te.

— É um bocado tarde para isso.

— Achas?

A chuva começou a cair com mais intensidade.

— Precisas de boleia para casa? — perguntou ele, ao vê-la tiritar.

— Apanho o ônibus do outro lado da rua.

Robie virou-se a tempo de ver um ônibus, prestes a imobilizar-se junto à paragem, do lado de lá do passeio.

— Depois do que aconteceu da última vez, julguei que nunca mais voltarias a entrar num ônibus.

Robie detetou o que parecia ser a amostra de um sorriso no seu rosto e procurou tirar partido da vantagem.

— Posso levar-te de carro. Aproveitamos para conversar. Isso permite-me ver como está o Jerome. Certificar-me de que ele é um bom guardião.

— É ótimo. Já te disse.

— Nada como ver com os meus próprios olhos.

— Não quero que estejas aqui pelo simples fato de te sentires na merda por causa da forma como me trataste.

— Sinto-me péssimo, mas não é isso que me traz aqui.

— Por que vieste, então?

— Podemos sair da chuva?

— Tens medo de te derreter?

Ele apontou para os fones e para o telemóvel dela.

— Não quero que sejas eletrocutada.

— Certo — replicou ela sarcasticamente.

Apesar do tom, seguiu-o até o carro. Entraram, Robie ligou o motor e arrancou.

Julie puxou o cinto de segurança.

— O que é que te trouxe aqui, a sério? — insistiu ela.

— Assuntos por resolver.

— Isso não me diz nada.

— Não estás a tornar-me as coisas mais fáceis.

— E por que razão deveria eu fazê-lo? Tu desrespeitaste-me, mas aposto que te encontraste várias vezes com a superagente Vance.

— Estive com ela, sim, mas apenas uma vez, e por motivos profissionais. A Vance andava a ver se sacava informações sobre um determinado assunto.

— Mais mortes?

— Por que dizes isso?

— Que outra coisa poderia ser? A vossa especialidade, tua e da Vance, são os cadáveres. Quantos mais, melhor.

— Acho que te percebo.

— Mesmo assim, continuas a dar-te com ela?

— É diferente.

— Para mim não. Robie franziu a testa.

— Isto é alguma competição?

— Tem que ver com um homem manter a palavra dada, Robie. Não gosto que as pessoas me mintam. Se não me queres ver mais, só tens de dizer. Não há nenhum problema.

— Pensas que é assim tão simples?

— Devia ser.

— Estou aqui porque sei que não me portei bem.

— De que maneira? — perguntou ela.

— Queria proteger-te. Devia ter tido mais cabeça.

— O que queres dizer com isso?

— Neste tipo de trabalho fazemos inimigos. A minha intenção foi manter aquela gente afastada de ti. Queria que recomeçasses de

novo, cortando todos os laços antigos. Queria que soubesses o que era a felicidade.

— Não me estás a dar uma grande tanga? — perguntou ela.

— A felicidade é uma coisa difícil de obter. Desejava que tivesses a oportunidade de recomeçar do zero. Quase te vi morrer. Não queria que essa cena se repetisse.

— Nesse caso, porque não começaste por dizer isso mesmo?

— Porque sou um idiota chapado.

— Não me parece, Will — afirmou ela num tom mais suave.

— Tens noção de que me chamas Robie quando estás chateada e Will quando não estás?

— Então faz os possíveis por não me obrigares a chamar-te Robie.

Ele abrandou por causa de um sinal vermelho e olhou de soslaio para ela.

— Se calhar, era minha intenção fazer exatamente o que te disse que faria. Se calhar, queria manter-me em contacto. Se calhar...

— Se calhar, tudo o que querias era ser normal.

O sinal ficou verde e Robie arrancou de novo. Manteve-se calado durante alguns segundos.

— Se calhar, até queria.

A chuva começou a cair com mais força.

— Acho que isso foi a coisa mais honesta que alguma vez me disseste.

— Tens demasiada maturidade para os teus catorze anos.

— Posso ter catorze em anos, mas não em experiência. Quem me dera que não fosse assim.

Robie anuiu.

— Compreendo o que sentes. Olhou para ela.

— Numa boa?

— Estamos a chegar lá. Se calhar... Will.

Robie sorriu e depois espreitou através do espelho retrovisor. Reparou num carro, não o que seguia colado ao dele, mas o que vinha atrás desse.

— O que é?

Robie virou-se e viu Julie fitá-lo.

— Conheço esse olhar — disse ela. — Estás a ver alguém que não devia estar ali?

Robie refletiu depressa. Não podia ser. Era impossível. Mas, pensando melhor, porque não? Tudo o que acontecera até a data revelara-se totalmente imprevisível.

Tinha ali um dilema óbvio. Julie estava consigo. Se a deixasse ficar em casa, ela ficaria vulnerável. Se a conservasse na sua companhia, o mais provável seria ela correr perigo. Tornou a fixá-la, e a jovem pareceu captar a ansiedade que ele sentia.

— Escuta, quando te enervas, enches-me de medo. Que se passa?

— Devia ter seguido o meu instinto, Julie, e deixar-te em paz. Esta é precisamente a razão que eu precisava para ficar longe de ti.

Julie começou a virar-se para trás, mas Robie logo a travou: — Não faças isso. Ficarão a saber que demos pela presença deles.

— Nesse caso, o que é que se faz?

— Continuamos a guiar normalmente.

— Então é assim? É esse o nosso plano?

— Prosseguimos normalmente até que aconteça alguma coisa que nos faça parar.

— Okay, assim já gosto mais.

— Só temos de ver o que acontece.

Robie agarrou-se ao volante com mais força e deitou outra espreitadela através do retrovisor. O carro continuava lá atrás. Parecia seguir o seu caminho com toda a normalidade. Robie podia estar enganado. Mas sabia que não era esse o caso. Andava naquilo há demasiado tempo.

A questão era: quem andaria à cata dele? Seria gente do seu lado ou outra malta? E se fossem os outros?

Não podia ser Jessica Reel. Isso quebraria todas as normas estabelecidas. E daí, se calhar, era essa a estratégia. Ao transgredires as regras, tornaste imprevisível.

Bom, pensou ele, também posso alinhar nesse jogo.

Capítulo 25

Robie respeitou o andamento imposto pelos outros carros, sem fazer manobras bruscas e comportando-se como qualquer motorista no meio do tráfego. Às tantas, decidiu meter por um atalho e tirar a limpo se a tal ameaça de que se apercebera antes era real ou imaginária. Seria apenas uma espécie de finta, mas sempre responderia às suas dúvidas, no caso de a ameaça se concretizar.

Fez sinal de virar à direita.

— Will, a minha casa não fica para esse lado — observou Julie.

— Agarra-te bem. Vamos fazer um pequeno teste.

Olhou de fugida pelo espelho retrovisor. O terceiro carro mantinha-se mesmo atrás do segundo, o que o impedia de ver alguma coisa. Só por si, isso já era esclarecedor. Rodou um pouco o volante, o suficiente para ultrapassar o carro que estava no meio deles.

A manobra não resultou. O motorista do outro carro não deu mostras de morder o isco.

Em seguida, abrandou e olhou para trás, na direção de um edifício que ficava do outro lado da rua. No reflexo do vidro constatou que o terceiro carro tinha o pisca da direita ligado.

Muito bem. Marcado esse ponto, voltou a olhar para o cruzamento que tinha pela frente.

Começou a virar à direita, mas depois endireitou o volante e seguiu em frente.

O carro do meio virou à direita. O segundo carro ficou exposto.

O sinal de virar à direita já não estava ligado. Seguiu em frente, mas abrandou a marcha e deixou que outra viatura se metesse entre os dois.

Em Washington, os motoristas não costumam ser tão simpáticos, pensou Robie.

Além do mais, a decisão de imitar os seus movimentos e seguir em frente no cruzamento eliminara todas as dúvidas que lhe pudessem ter passado pela cabeça.

— Estás a ser seguido? — quis saber Julie.

Robie desviou os olhos para baixo, na direção dela.

— Cinto apertado?

Ela deu um puxão ao cinto de segurança.

— Estou bem — replicou. — E tu, estás armado?

— Tudo bem.

— Qual é o plano?

Robie não teve tempo de responder. O carro que andava a segui-los acelerou de repente e colocou-se ao lado deles. Robie preparava-se para meter prego a fundo, a fim de iniciar uma ação evasiva, mas depois descontraiu.

— Vance? — exclamou.

Com efeito, era a agente do FBI que estava ao volante do outro carro.

Vance fez-lhe sinal para encostar à berma. Robie virou para uma rua secundária e parou o Audi na berma. Saiu de dentro do carro antes que Vance tivesse hipótese de tirar o cinto de segurança, foi direito ao carro e abriu a porta.

— Que raio andas tu a fazer? — disparou ele.

— Por que estás tão irritado?

— Percebi que vinha alguém a perseguir-me. Por sorte, não levaste um tiro.

Ela libertou-se do cinto de segurança e saiu do carro. Olhou por cima do ombro e viu Julie de pé, ao lado da viatura de Robie.

— Olá, Julie — saudou.

Julie acenou com a cabeça e, em seguida, olhou timidamente para Robie.

— Explica-te, Vance — disse ele. — Por que andavas a seguir-me?

— És sempre assim tão paranoico?

— Sou, sim. Sobretudo nos tempos que correm.

— Não andava a seguir-te.

— Ora, não me venhas dizer que foi uma coincidência estares precisamente no mesmo lugar por onde vinha a passar... — disse

Robie, de forma cética.

— Não, vi-te quando foste buscar a Julie.

— E por que raio estavas lá?

Vance olhou na direção de Julie e baixou a voz: — Julgo que ela poderá ser um alvo para certas pessoas.

Robie deu um passo atrás.

— O que é que tu sabes que eu não sei?

— Sei apenas que os sauditas têm os bolsos fundos e montes de aliados. Sabem quem é a Julie. Conhecem-me. Eu, pelo menos, posso contar com o FBI para proteger a minha retaguarda. E a Julie, conta com quê?

Robie recuou de novo e examinou Julie. Desconhecia se a jovem conseguia ouvi-los, mas o olhar dela traduzia uma certa ansiedade.

— Tem-me a mim — referiu ele baixinho.

— Até hoje, pelo menos, não tinha. Fiquei surpreendida ao ver-te na escola à espera dela.

— Talvez eu me tenha surpreendido a mim mesmo — confessou Robie, num tom que denunciava um vago sentimento de culpa.

Vance deu um passo na direção dele e o seu tom tornou-se mais brando.

— Não é uma coisa má, Robie. — Fez uma pausa. — Quem é que pensaste que eu era?

Robie levantou a cabeça e lançou-lhe um olhar dos dele.

— No meu trabalho, estar em alerta é um procedimento normal.

— Tens a certeza de que é só isso? Ele abanou a cabeça, cansado.

— Porque será que, contigo por perto, todas as conversas se transformam em interrogatórios?

— Porque é a única maneira de te sacar alguma informação — atirou Vance, exasperada. — E, mesmo assim, dá-me sempre a sensação de ficar a saber menos do que antes de perguntar. Por isso, se te sentes frustrado, olha que já somos dois a sentir o mesmo. — Fez uma pausa antes de prosseguir num tom mais calmo. — Sei que a tua agência está em alerta máximo depois do que aconteceu ao Jim Gelder.

Robie não se dignou responder.

— E convém não esquecer que é provável que o Doug Jacobs e vocês tenham um problema do caraças nas mãos. — voltou ela a atacar, aproximando-se. — A explicação avançada pela DTRA não me convenceu. Era um homem da agência em toda a linha. Provavelmente, um controlador ou um analista.

— Will — chamou Julie. — Quero ir para casa. Tenho imensos trabalhos da escola para fazer.

— Um segundo — pediu Robie.

Depois voltou-se para Jessica Vance e disse: — Quanto menos souberes, melhor. Peço-te que te mantinhas afastada de toda esta história. É um favor que me fazes enquanto colega.

Vance começara a abanar a cabeça ainda ele não tinha acabado de falar.

— A coisa não funciona assim, Robie. Devias saber que, neste caso, não posso deixar-te em paz. Tenho uma missão a cumprir, e como deve ser, sem hesitações.

Vance deitou uma olhadela a Julie antes de continuar.

— E se vamos ter merda, aconselho que sigas teu instinto e te mantinhas afastado da Julie. Atirar no número dois da agência? Não me parece que esse tipo de gente hesite em tirar a vida de uma menina de catorze anos.

Dito aquilo, meteu-se no carro e arrancou. Robie ficou a segui-la com o olhar até ela fazer a curva e desaparecer de vista. Julie aproximou-se dele.

— Que conversa foi aquela com a superagente Vance? Robie não respondeu e Julie desviou o olhar, desapontada.

— Leva-me para casa, Robie — limitou-se a dizer. Meteram-se no carro e afastaram-se.

Atrás deles, um carro saiu do lugar onde permanecera estacionado e começou a segui-los.

Ao volante ia Jessica Reel.

Capítulo 26

Reel manteve a distância, deduzindo que Robie ainda deveria estar de sobreaviso, embora um pouco menos do que anteriormente. Vance aparecera e começara a seguir Robie, o que lhe permitira mantê-lo debaixo de olho às escondidas, deixando-o pensar que era apenas Vance que andava atrás dele.

De momento, a situação dava-lhe espaço de manobra e tempo para observar. Havia de encontrar coisas acerca de Robie. Mais coisas.

Enquanto seguia de carro atrás dele sem grandes pressas, entreteve-se a percorrer mentalmente uma lista de nomes.

Jacobs era um assunto arrumado.

Gelder, assunto arrumado.

Sam Kent, pela parte que lhe tocava, um desastre completo.

Ainda tinha mais um nome na lista. Entretanto, Kent já devia ter entrado em contacto com a pessoa. Gelder e Jacobs poderiam ser apontados simplesmente como ataques aos serviços secretos americanos. No caso de Kent, porém, ao falhar a missão ela revelara os seus trunfos.

Testemunhara com admiração as manobras de Robie ao fingir Vance, obrigando-a a denunciar os seus planos. Ela teria feito a mesmíssima coisa. Reel perguntou a si própria se a facilidade que tinha de compreender Robie resultava do simples fato de calcular que reagiriam à mesma situação do mesmo modo. Em seguida, rejeitou uma ideia tão simplista como aquela. Robie provavelmente descobriria isso e desataria aos ziguezagues de propósito.

Então é que é a minha morte.

Passados trinta minutos, encostou o carro quando Robie parou o dele para deixar Julie Getty sair. A jovem estava com cara de poucos amigos, pensou Reel. Julie apressou-se a subir os degraus

que levavam à mansão de quatro andares, o edifício mais imponente daquele bairro habitado por gente de posses.

Reel acenou com a cabeça em sinal de aprovação e olhou em redor, ao mesmo tempo que estudava as casas. A criança à guarda dos serviços de acolhimento subira na vida.

Em seguida, virou a cabeça na direção de Robie. Continuava dentro do carro, sempre a olhar para Julie. Quando ela entrou e a porta se fechou, arrancou finalmente.

Reel tirou uma fotografia da casa citadina com o telemóvel, esperou que Robie ganhasse uma certa distância, e só então voltou a segui-lo.

Aquele era, sem sombra de dúvidas, o calcanhar de Aquiles de Robie. Ele gostava de uma pessoa. Ele gostava daquela jovem. Quebrara a regra número um que imperava no mundo deles e naquele tipo de trabalho.

Não podes alimentar sentimentos por ninguém. Deves ser uma máquina, porque tens de matar sem sentir remorsos. E passar rapidamente para o alvo seguinte depois de te esqueceres de que o anterior existiu sequer.

E, no entanto, Reel conseguia perceber que Robie cometesse aquele erro, e por uma razão de peso.

Eu fiz o mesmo.

Seguiu-o até Washington, onde Robie estacionou o carro na garagem subterrânea de um prédio de apartamentos.

Reel não foi atrás dele até a garagem. Isso teria dado demasiado nas vistas. Levantou a cabeça e estudou o edifício de oito andares, sem identidade e sem história. Parecia um daqueles lugares onde os jovens em começo de vida ou os idosos à beira da idade da reforma coexistiam com uma dose saudável de pessoas de meia-idade que pura e simplesmente nunca compreenderam bem o que é que andavam a fazer nesta vida.

Mais anódino não podia ser.

Logo, era perfeito para Robie, que podia assim passar despercebido à vista desarmada.

Reel ficara a saber onde é que Robie tinha a base dele e não ganhava nada em permanecer ali. O poiso de Robie podia ser alvo de observação. Uma vez que havia trânsito e um grande número de

peões a circular, a ideia de alguém dar pela presença dela não a preocupava por aí além. No entanto, quanto mais tempo se demorasse por aquelas bandas, mais riscos corria.

Naquele preciso momento, Reel confrontava-se com um novo problema.

Acreditara que a lista estava completa. Mas o seu instinto dizia-lhe que havia mais alguém a juntar ao rol, uma pessoa com a qual ela não tinha contado.

Jacobs era peixe miúdo.

Gelder era peixe graúdo.

Quanto a Kent, não era carne nem peixe por se tratar de um juiz especial, que, analisando bem, às tantas podia não ser apenas um juiz.

E agora havia uma quarta pessoa a engrossar a sua lista.

No entanto, ela pressentia que existia ainda uma quinta pessoa, porventura a mais importante de todas.

Tinha de recolher mais informações. Tinha de encontrar o catalisador certo que lhe permitisse desvendar o caso, até a sua origem. E, para isso, precisava de ajuda.

Uma ajuda muito concreta. Sabia exatamente aonde poderia ir buscá-la.

No lugar mais improvável de todos.

Um lugar que não passava pelos corredores do poder.

Reel encontraria aquilo de que precisava num centro comercial das redondezas.

Capítulo 27

Ao volante do carro, Reel afastou-se em direção a oeste. Além de perigosa, a tarefa que tinha pela frente anunciava-se difícil e delicada. Como tudo, de resto, o que ela fazia.

Agarrou com mais força no volante, mas não por uma questão de nervos. Desconhecia o que isso era, pelo menos como acontecia com as pessoas normais. Ao entrar numa zona de perigo, costumava acalmar-se, a frequência do coração tornava-se mais cadenciada e os membros menos rígidos. O seu campo visual parecia ganhar uma clareza tal que, à volta, as coisas abrandavam, permitindo-lhe, em teoria, analisar todos os fatores ao ritmo que pretendia.

Regra geral, tudo chegava ao fim num abrir e fechar de olhos.

E alguém caía morto.

A viagem de carro durou uma hora. O trânsito estava mau. Tanto chovia a cântaros como a chuva abrandava.

Gostava de centros comerciais, sobretudo porque estavam repletos de pessoas e tinham muitos pontos de entrada e saída.

Precisamente pelas mesmas razões, também detestava centros comerciais: por estarem repletos de pessoas e terem muitos pontos de entrada e saída.

Estacionou a viatura na garagem subterrânea e subiu as escadas até a porta principal. Seguiu atrás de um grupo de adolescentes carregadas de sacos de compras provenientes de uma série de lojas diferentes. Iam entretidas a escrever mensagens nos seus telemóveis, indiferentes ao que acontecia à sua roda.

Reel podia tê-las matado todas antes de terem sequer tempo de carregar no botão "enviar".

Entrou no centro comercial e começou a andar mais devagar. Conservou os óculos escuros, o boné de basebol enterrado na

cabeça. Os seus olhos dardejantes penetravam em todo o lado, enquanto a sua mente funcionava como um microprocessador que tivesse por tarefa analisar potenciais problemas e decidir o que fazer. Nunca mais poderia entrar simplesmente num edifício, dar um passeio a pé ou de carro sem mobilizar aquela parte do cérebro. Era como respirar. Não podia deixar de o fazer ter esperança de viver.

Ao aproximar-se do estabelecimento comercial que tinha em vista, abrandou ainda mais o andamento. Passou diante da loja, mas não entrou. Estabeleceu contacto visual, deu um piparote com o dedo por baixo do queixo, fez um ligeiro aceno de cabeça e seguiu em frente. Continuou a percorrer o átrio, até que parou junto de um quiosque, à procura de qualquer coisa. Levantou a cabeça mesmo a tempo de ver a pessoa a quem tinha feito sinal sair da loja e encaminhar-se na sua direção.

Ato contínuo, Reel começou a caminhar na direção oposta, acabando por virar e entrar num corredor que ia dar às casas de banho. Abriu a porta da casa de banho familiar e fechou-a logo a seguir. Uma vez dentro do cubículo, empunhou a arma e ficou à espera. Detestava sentir-se entrincheirada daquela maneira, mas não tinha grande escolha.

Ao fim de alguns segundos, a porta abriu-se. Espreitando pelo espaço entre a porta e a parede, viu quem era.

— Tranca a porta — ordenou Reel.

A pessoa em questão trancou a porta.

Reel saiu de onde estava, de arma em punho.

O homem levantou os olhos e fitou-a. Era baixo, devia medir um metro e sessenta e pesar sessenta quilos em cima do esqueleto. Contra ela não teria nenhuma hipótese de se safar, fisicamente falando, mesmo sem contar com a arma. Acontecia, porém, que Reel não se encontrava ali para discutir ou entrar em confrontos. Precisava de informações.

O indivíduo chamava-se Michael Gioffre. Trabalhava numa loja Game Stop que havia no centro comercial, na qualidade de especialista em jogos eletrônicos, e adorava o gozo da competição. Tinha quarenta e poucos anos e nunca crescera, diga-se em abono da verdade. Vestia uma T-shirt que dizia "Day of the Doom" (16 Dia

do Juízo Final. Título original de um romance de David Baldacci, da série The 39 Clues. Ainda sem tradução em português. (N. da T).

Tinha sido espião, também ele. Quando abria a boca, podia muito bem afirmar nas calmas uma coisa e o seu contrário, e era menino para vender areia a um homem que estivesse a morrer de sede. Já na reforma, zelava sobretudo pela sua segurança.

E pela segurança de Jessica Reel.

Tudo porque Reel lhe salvara a vida, não apenas uma, mas duas vezes.

Ele era, por assim dizer, a sua carta de trunfo, um dos poucos que ela possuía.

Gioffre examinou a arma.

— Estás metida numa enrascada valente? Reel acenou afirmativamente.

— Existem enrascadas de outro gênero?

— Quase não te reconhecia sem o sinal no queixo. A cirurgia plástica ficou muito bem, a propósito. Favorece-te imenso.

— Na hora de ir à faca, há que escolher sempre o melhor.

— Estou a par da história oficial. O Gelder e outro tipo qualquer bateram a bota.

— Isso mesmo.

— Foi obra tua? — Pela expressão dele, via-se que não estava à espera de resposta. — Em que posso ajudar-te, Jess?

Reel guardou a arma e encostou-se ao lavatório.

— Preciso de informações.

— Correste um grande risco vindo até aqui.

— Não tão grande como há três anos. Tens andado desaparecido nos últimos tempos, Mike. Sei por onde anda a tua unidade de proteção. Não se encontram no seu posto. De fato, há seis meses que não lhes ponho a vista em cima.

Gioffre cruzou os braços e encostou-se à porta.

— Confesso que me tenho sentido um bocado exposto. Contudo, acho que acabaram por perceber que, no fim de contas, eu estava de fato reformado e oficialmente dedicado à minha carreira de jogador profissional. Tinham-se acabado as missões na clandestinidade. Portanto, não há proteção para ninguém. Que informação?

— Conhecias o Gelder?

O outro fez que sim com a cabeça.

— Quase toda a gente o conhecia. Já estava no seu posto há muito tempo.

— E o outro tipo que morreu, Doug Jacobs? O disfarce dele era a DTRA?

Gioffre abanou a cabeça.

— Não.

— Eles se conheciam. E não apenas nos círculos da agência.

— Como é que sabes? — — inquiriu ele.

— Não interessa para o caso. Mas não deixa de ser verdade.

— O que tem isso a ver comigo?

— Nada. Acontece que preciso de um favor teu — repetiu Reel.

— O quê?

— Preciso de informações, como te disse. Não se trata de uma coisa que saibas, mas sim de algo que terás que descobrir. E preciso disso para ontem.

— Não fiquei com muitos contatos lá dentro.

— Ninguém te disse que tinhas de sacar a informação de lá de dentro. Pelo menos, agora já não.

Capítulo 28

Robie recostou-se na cadeira e esfregou os olhos. Visto que Janet DiCarlo ainda não lhe tinha enviado os novos arquivos por e-mail, passara os olhos pelo material antigo por mais de uma vez, à procura de alguma coisa que lhe pudesse ter escapado. Mas não topou com nenhuma informação relevante.

As missões recentes de Reel tinham decorrido fora do país. Robie conseguia inteirar-se de cada uma delas passando em revista os destinos, mas não tinha a certeza das vantagens que uma investigação dessas lhe traria.

Para o efeito, teria de recuar dois anos, que era o que tinha programado na vida dela enquanto intervalo de tempo exterior. O único problema era que isso também exigia tempo.

Quantas pessoas mataria Reel nesse ínterim?

Se ela continuasse a somar corpos àquele ritmo, Robie imaginava-se a ser dispensado da tarefa de a encontrar. E, pela parte que lhe tocava, isso seria ouro sobre azul.

Telefonara para o número que Janet DiCarlo lhe dera, mas tinha ido parar à caixa de mensagens. Interrogou-se sobre as pétalas de rosa e qual poderia ser o seu significado. Duvidava que Reel as tivesse deixado ficar para trás por simbolizarem o seu piedoso modo de vida. Tê-las-ia deixado enquanto símbolos de uma morte sangrenta, antecipando o funeral certo? Aquilo também não fazia sentido para ele; logo, devia estar a ver mal as coisas.

Qual será a forma correta de analisar a questão?, perguntou a si próprio servindo-se de uma nova chávena de café. Consultou o relógio.

Eram duas da manhã. Despejou o café no lava-loiça.

Estava na hora de ir dormir. Tinha de passar pelo sono se queria fazer alguma coisa de jeito, suscetível de reverter a seu favor, ou em

prol dos outros, no meio daquele processo todo.

Quando acordou, cinco horas mais tarde, sentia-se razoavelmente retemperado. Passou várias horas a investigar os arquivos que lhe tinham fornecido. Mesmo considerando que os textos foram editados, palpitava-lhe que podia encontrar no meio daquele material algo que o ajudasse a resolver as suas dúvidas.

Uma vez mais, não descobriu grande coisa. Fez meia dúzia de telefonemas, que se revelaram igualmente pouco produtivos. Passou a correr pelo ginásio que havia na cave do seu prédio de apartamentos, para meia hora de exercício, e a seguir preparou uma refeição rápida, que comeu de pé na cozinha. Foi nessa altura que lhe ligaram da agência. Tinham algo que poderia ajudá-lo na sua pesquisa, mas para isso ele precisava se deslocar às instalações da CIA a fim de recolher o material. Tomou duche, foi buscar a arma e pôs-se a caminho.

O local ficava a uma hora de distância, nos arredores de Washington. Tinha sido aí que Jessica Reel preparara a sua missão, antes de matar Doug Jacobs. Havia um cofre que continha os poucos haveres que Reel deixara ficar. Considerando o que se passara com o material editado e depois de se ter deparado com as cenas do crime limpas pela polícia, Robie não depositava grande esperança de vir a descobrir ali algum pormenor que lhe pudesse ser útil, mas, apesar de tudo, sentia-se na obrigação de confirmar.

Foi-lhe autorizado o acesso às instalações, depois de passar pela segurança, e conduziram-no até junto dos cofres. Aberta a porta, deixaram-no sozinho, entregue à tarefa de examinar o seu conteúdo. Para além de ser coisa pouca, Robie não tinha maneira de saber se era apenas aquilo que se encontrava lá dentro. Naquele momento, não confiava em ninguém.

Os artigos: uma foto, um livro sobre a Segunda Guerra Mundial e uma pistola automática Glock 17, calibre de nove milímetros, com alça feita à medida. A fotografia mostrava Reel ao lado de um homem que Robie não identificou.

Recolheu os pertences e fez-se à estrada, pronto para a viagem de uma hora que lhe permitiria regressar ao seu apartamento e passar o material recolhido pelo crivo.

Robie sentia-se como um peixe fora de água. Fiel à política da terra queimada, a sua especialidade era preparar a morte de outro ser humano, e depois sair de cena vitorioso, pronto para um novo dia de luta. Fazer de detetive, examinar exaustiva e minuciosamente os pormenorezinhos à procura de pistas, viajar para todo o lado, interrogar pessoas, isso não era bem o seu estilo. Não tinha perfil de investigador privado. Era, sim, um atirador profissional. No entanto, se estavam à espera de que ele investigasse, daria conta do recado.

Depositou a fotografia, o livro e a arma em cima da mesa e examinou os três objetos, um a um, enquanto a chuva caía com mais força de encontro aos vidros da janela.

Desmontou a arma e descobriu que se tratava de uma pistola vulgaríssima, sem nada de especial. Devido à facilidade com que os elementos se separaram e voltaram a ficar encaixados, Robie concluiu que o pessoal da agência se tinha dado ao trabalho de fazer o mesmo, à procura de pistas. Já verificara as munições. Tinha um carregador anormalmente grande, que dava para trinta e três balas, a munição normal que Robie vira milhões de vezes.

Trinta e três balas para fazer o trabalhinho, Reel? Quem teria imaginado?

Havia também um pino de segurança de titânio. Reduzia a fricção, tornava o gatilho mais leve e aumentava o grau de precisão. Robie usava um na sua própria arma, apesar de aumentar excessivamente a capacidade de destruição da pistola.

No entanto, era evidente que Reel prestava atenção aos detalhes.

O punho tinha a superfície rugosa para aumentar a aderência à mão. Não se tratava apenas de facilitar o manuseamento; a estrutura fora alterada para que o padrão em relevo ficasse gravado na própria arma.

Robie imaginou um ferro de soldar a ser usado para produzir o tal pontilhado na armação de polímero da Glock. Também ele fizera o mesmo às suas armas, nos primeiros tempos. De fato, tanto ele como Reel tinham aprendido a fazer rasgos com um agente de campo da velha guarda chamado Ryan Marshall, que era partidário daquele método.

Em seguida, passou os olhos pela mira feita à medida. Era uma bela peça de engenharia. Robie franziu os olhos para ver o nome lá gravado. Encontrou as iniciais PSAC.

Foi ao Google e descobriu uma empresa chamada Pennsylvania Small Arms Company. Nunca tinha ouvido falar neles, mas empresas do gênero não faltavam. Por qualquer razão, Reel não ficara satisfeita com a mira da Glock, óbvio. Uma questão de pormenor, ainda e sempre.

Pôs a arma de lado e estudou a fotografia. Reel encontrava-se de pé ao lado de um homem alto, que teria bem um metro e noventa. Parecia andar pelos cinquenta anos, com corpo de atleta que já vira melhores dias. Distinguia-se uma mancha vermelha mesmo ao lado do homem. Podia ter sido outra pessoa vestida dessa cor, talvez um sinal ou um carro, Robie não conseguiu distinguir com precisão. E, a não ser que tivesse o negativo ou o cartão de onde a fotografia surgira, não estava a ver ali mais nada que desse para ser aumentado.

Estudou o retrato de Reel. Era alta, mesmo de sapatos com saltos rasos. Ao contrário do seu companheiro, não tinha um grama de gordura a mais. O seu olhar estava apontado à câmara. Aquela não era a primeira imagem de Reel que lhe passara pelas mãos. Mas sempre que via uma fotografia dela, tinha a impressão de estar a olhar para uma pessoa diferente.

Somos todos camaleões, até certo ponto.

E, no entanto, começava a compreender melhor Jessica Reel, de cada vez que reconhecia traços que identificava como seus, ou quando ficava a saber qualquer coisa nova acerca dela. Era como se estivesse a descascar várias camadas de uma cebola.

Parecia calma, segura de si mesma, sem se mostrar excessivamente confiante. Apesar de os membros estarem descontraídos, Robie pressentia sinais de alguma tensão interior, significando que poderiam entrar em ação de um minuto para o outro. Dava a sensação de se equilibrar na ponta dos pés, mantendo o peso do corpo distribuído por igual, ao contrário do que acontece com a maioria das pessoas, que tendem a inclinar-se demasiado para a frente ou para trás. Isso contribuiria para atrasar

um ou dois segundos os seus movimentos. Na vida da maior parte das pessoas, semelhante atraso não faria grande diferença.

Na vida de Reel e de Robie, um atraso desses seria significativo.

Os lábios revelavam-se mais cheios naquele instantâneo. O batom era vermelho, quase tão vermelho como a extremidade de qualquer coisa que se via na fotografia. Robie virou a foto de vários ângulos para ver se o ajudava a distinguir o que poderia ser a tal coisa.

Não ajudou.

Poisou a fotografia e passou ao livro, uma história da Segunda Guerra Mundial. Folheou as páginas à procura de alguma nota que Reel pudesse ter escrito nas margens, mas não descobriu nada.

E mesmo que existisse algum apontamento no livro, Robie tinha obrigação de saber que a agência já teria arranjado maneira de o suprimir. O simples fato de terem deixado ficar o livro, a arma e a fotografia era sinal de que não tinham encontrado nada que valesse a pena. Caso contrário, aqueles artigos não teriam ficado no cofre para serem avaliados por ele. Robie estava convencido de que pretendiam que fosse atrás de Reel para a matar, mas começava a duvidar se queriam que descobrisse a verdade por detrás das suas ações.

Pôs o livro de lado e olhou pela janela. Reel encontrava-se algures não muito longe, provavelmente a tratar dos detalhes relativos ao próximo atentado. Julie também devia estar por perto, entretida a fazer os trabalhos de casa, porventura ainda a pensar no encontro da véspera.

Nicole Vance, essa estava em campo, a tentar encontrar Reel, apesar de ela não o saber. Uma situação que reunia todas as condições para se tornar ainda mais complexa.

Duas horas mais tarde, quando se encontrava embrenhado a inspecionar os elementos que recolhera no cofre de Jessica Reel, o seu telemóvel vibrou. Olhou para a mensagem na tela. Janet DiCarlo queria vê-lo. Mas não no mesmo local em que se tinham encontrado da última vez. Num lugar em Middleburg. Na casa dela, possivelmente, a julgar pelo endereço.

Robie respondeu à mensagem, enfiou o casaco, guardou a arma de Reel, o livro e a fotografia no cofre que tinha na parede, e saiu

porta fora.

Era bom que DiCarlo estivesse preparada para lhe dar algumas respostas. Caso contrário, ignorava qual seria o seu próximo passo. Sentia que Reel ganhava cada vez mais terreno em relação a si.

Capítulo 29

Começava a escurecer quando ele saiu para a rua. Por causa do trânsito, a viagem de carro até a casa de Janet DiCarlo demorou cerca de uma hora. Robie acelerou o mais que pôde, mas viu-se obrigado a diminuir o andamento à passagem por algumas cidadezinhas que ficavam no caminho. Perguntou a si próprio até que ponto a mulher gostaria de enfrentar aquele fluxo de trânsito todos os dias. Calculou que a resposta fosse negativa. Os habitantes de Washington, na sua maioria, passavam anos a fio sentados ao volante dos seus carros a magicar na melhor maneira para matar os outros motoristas que infringiam as regras.

Robie abrandou ao aproximar-se do cruzamento. Naquele ponto, a longa e sinuosa estrada de gravilha dividia-se em duas, deixando ver duas alamedas bordejadas de pinheiros altos. A casa, antiga, tinha sido construída em tijolo; viam-se três carros no espaço reservado ao estacionamento.

Considerando o que acontecera a Jim Gelder, Robie estava à espera de ser mandado parar antes, mas podia dar-se o caso de terem visto quem ele era, graças ao sistema de vigilância de grande alcance. Desligou o motor e saiu do carro, evitando fazer movimentos bruscos: não queria levar um tiro.

Apareceram-lhe pela frente dois homens que se encontravam ocultos. Eram da mesma altura que Robie, rijos e musculados como nós de árvores. Verificaram a identidade dele, deixaram-no conservar a arma e escoltaram-no até dentro de casa. Percorreram um corredor estreito e escuro, que os dirigiu até junto de uma porta, e em seguida foram-se ambos embora.

Robie bateu à porta e de lá de dentro ouviu-se uma voz que o mandou entrar.

Ele abriu a porta e avançou. Janet DiCarlo encontrava-se sentada à secretária. Exibia uma expressão preocupada e tinha o cabelo despenteado.

Assim do pé para a mão, foi o que chamou a atenção de Robie.

A segunda coisa em que reparou foi na pistola, poisada sobre a secretária. Deixou-se ficar parado à porta.

— Está tudo bem? — perguntou, farto de saber que as coisas não estavam bem.

— Faça o favor de se sentar, senhor Robie.

Ele fechou a porta, passou por cima de um pequeno tapete oriental em forma de quadrado e sentou-se na cadeira em frente.

— O seu perímetro de segurança é um pouco frouxo — observou. Só de olhar para a expressão no rosto de DiCarlo, Robie percebeu que a mulher tinha noção desse fato.

— Confiava a minha vida aos dois homens lá fora — defendeu ela. Robie leu rapidamente nas entrelinhas.

— São as únicas pessoas em quem confia?

— Os serviços secretos não são um setor fácil para se trabalhar. As regras estão sempre a mudar...

— Quem hoje é nosso amigo, amanhã é nosso inimigo — traduziu Robie. — Entendo. Vivi esse drama na pele. — Ao dizer aquilo, pousou a mão sobre o estômago. Fê-lo de modo a permitir à sua mão direita ficar ao alcance do coldre. Dirigiu o olhar para a arma dela, primeiro, e logo de seguida para o rosto de DiCarlo.

— Quer discutir o assunto? — perguntou ele. — Se a pessoa que é o número dois da agência está preocupada com a sua segurança e não confia nos elementos do círculo mais próximo para assegurar a sua proteção, tenho o direito de ser informado.

A mão de DiCarlo foi direita à pistola, mas Robie chegou lá primeiro.

— Ia só guardá-la — disse ela.

— Deixe-a ficar onde está — ordenou Robie. — E não tente deitar-lhe a mão, a não ser que alguém tente alvejá-la.

DiCarlo recostou-se, incomodada pela atitude dele, aos seus olhos uma clara atitude de insubordinação. Logo a seguir, porém, as feições deixaram transparecer sinais de um apaziguamento temporário.

— Se eu sou paranoica, por que o Robie não havia de ser? — observou ela.

— Podemos chegar a acordo... e concordar nisso. Mas porquê a paranoia?

— O Gelder e o Jacobs estão mortos — afirmou ela.

— Foi a Reel. Anda a trabalhar por conta própria.

— Andará?

— O que é que sabe que a leva a pensar que isso não acontece? Se bem me lembro, da última vez que conversamos, defendeu-a até dizer chega.

— Defendi?

DiCarlo levantou-se e foi até a janela. As cortinas estavam fechadas, e ela não esboçou qualquer tentativa para as afastar.

Robie começou a interrogar-se se por acaso não existiria um sistema de vigilância de longo alcance a funcionar no exterior.

— Diga-me a senhora — replicou. Ela virou-se de frente e encarou-o.

— Você deve ser muito novo para se lembrar da Guerra Fria. E sem dúvida que é muito novo para ter estado ao serviço da agência nessa altura.

— Muito bem. Foi a isso que voltamos, aos tempos da Guerra Fria? Quando as pessoas mudavam de campo como quem muda de camisa?

— Não estou em condições de responder a essa pergunta de uma forma peremptória, senhor Robie. Quem me dera poder fazê-lo. O que lhe posso dizer é que temos vindo a assistir a uma série de acontecimentos perturbantes nestes últimos anos.

— Por exemplo?

— Missões que nunca deveriam ter-se realizado — desfiou ela.

— Pessoal que anda desaparecido. Dinheiro que foi desviado de um lado para o outro e que, a páginas tantas, acabou por se evaporar. Equipamento que foi parar a lugares para onde nunca deveria ter sido enviado e que também se volatilizou. E não é tudo. Estamos a falar de coisas que aconteceram a conta-gotas, no decorrer de longos períodos de tempo. Consideradas individualmente, ninguém diria que aquilo fosse nada de extraordinário. No entanto, analisando-as no seu conjunto...

DiCarlo interrompeu o discurso, nitidamente exausta pelo desabafo.

— E a senhora foi a única pessoa que o fez? — perguntou Robie.

— Quero dizer, que foi capaz de olhar para o que estava a acontecer e ficar com uma perspetiva de conjunto?

— Não lhe sei dizer ao certo.

— Pessoal desaparecido. Como é o caso da Reel?

— Não lhe sei dizer ao certo.

— O que me pode dizer ao certo?

Ela sentou-se direita na cadeira.

— Que a traição anda no ar, senhor Robie. Não sei se tem alguma coisa que ver com a Jessica Reel. O que sei é que a situação atingiu um ponto crítico.

— O Evan Tucker partilha das suas preocupações?

DiCarlo passou a mão pela testa. Preparava-se para responder quando os sons chegaram aos ouvidos de Robie. Empunhou a arma numa das mãos e deitou ao chão o candeeiro de secretária com a outra, deixando o escritório às escuras.

Esticou a mão por cima da secretária e agarrou no braço de Janet DiCarlo.

— Esconda-se debaixo da secretária e não saia daí.

Estendeu a mão e começou a tatear o tampo da mesa, encontrou a arma dela e entregou-a.

— Combina com suas ideias?

— Sim — sussurrou ela, sem fôlego.

— Ótimo — disse ele secamente. — Ótimo. Robie pôs-se em campo no minuto seguinte.

Sabia exatamente o que significavam aqueles sons. Já os tinha ouvido vezes sem conta na carreira.

Dois sopros do canhão equivaliam a dois disparos de longa distância feitos com uma espingarda.

Seguiram-se os estampidos dos tiros no ar.

Dois baques surdos representavam o impacto das balas ao atingir a carne. Os últimos dois sons surdos eram o som dos corpos sem vida dos dois membros de confiança encarregados da segurança de Janet DiCarlo a embater no chão.

O perímetro de segurança dela deixara de existir.

Agora, apenas Robie se interpunha entre DiCarlo e quem quer que ali estivesse.

Marcou um número no telemóvel, mas não conseguiu fazer a chamada. Olhou e viu que tinha quatro barras. Mesmo assim, não conseguiu a chamada.

Tudo porque eles estavam a bloquear o sinal. O que significava que teria de se confrontar com mais do que um simples atirador especial.

Abriu a porta, disparou através da fresta e avançou pelo corredor fora.

Capítulo 30

Robie espreitou pela janela da frente. No parque de estacionamento, caídos por terra de barriga para baixo, viam-se os dois guardas que o tinham deixado entrar. Voltou para trás e seguiu pelo corredor até a cozinha; encontrou um telefone fixo e marcou o número do Blue Man. Ao fim de dois toques, atenderam.

— Senhora DiCarlo? — perguntou o Blue Man, que estava obviamente a ver o número no seu identificador de chamadas.

— É o Robie. Encontrava-me com a DiCarlo aqui em casa quando foram disparados tiros. Os elementos da equipe de segurança estão mortos. Não há mais nada entre ela e seja o que for que está lá fora. Preciso de reforços, já!

— Feito — respondeu o Blue Man, e desligou.

Robie pousou o telefone e olhou à sua volta. Hesitou, perguntando a si mesmo se deveria regressar para junto de DiCarlo — a fim de reforçar o círculo duro em torno dela — enquanto esperava pela cavalaria. Parecia ser um plano seguro. Porém, era bom não esquecer que se encontravam no meio de nada e a ajuda ainda demoraria algum tempo a chegar.

Se recuasse para junto de DiCarlo, estaria a fornecer uma clara vantagem tática aos seus adversários. Eles podiam facilmente espalhar-se à volta da casa, apertar o cerco, e, contando com o seu poder de fogo, a coisa terminaria rapidamente. Para tal, bastaria uma granada atirada pela janela.

Desde que não surgissem outros percalços, o que Robie tinha a fazer era passar à ofensiva. Isso sim, era o melhor. Sentia-se mais à vontade ao ataque do que a defender.

Os homens jaziam no terreno à frente da casa, logo, o atirador só podia estar posicionado ali. No entanto, visto que estavam ambos mortos, talvez a posição dele fosse agora diferente.

Robie pôs-se na pele do atirador e procurou pensar como ele.
O que é que eu faria?

Era aquilo a que Robie designava por situação com uma ou mais variáveis. A pessoa vai um passo à frente na estratégia, mas evitando dar mostras de um excesso de confiança.

Mortos na parte da frente. Usar a retaguarda. Eles recorrem à análise com uma ou mais variáveis e deduzem que Robie chegará a essa mesma conclusão, optando por sair pela frente.

Então, Robie pôs em prática a variável dois e saiu pelos fundos. Escusado será dizer que, se houvesse dois atiradores especiais, um à frente e outro atrás, a sua jogada ficaria sem efeito e ele acabaria morto. Quando ele saiu, não se registrou nenhum disparo. Afastou-se da porta e procurou abrigo atrás de uma árvore, onde poderia não só ganhar algum tempo para inspecionar a zona, mas também, de certa forma, ficar protegido. Estava escuro, por isso não teria hipótese de ver grande coisa; quando muito, talvez um ou outro movimento. Mesmo que conseguisse distinguir os atiradores, seria praticamente impossível acertar neles com um tiro de pistola, partindo do princípio de que estavam a uma distância considerável.

Sem ter vislumbrado nada que lhe chamasse a atenção, saiu de trás da árvore e esgueirou-se para o lado direito da casa. No seu espírito fixou a posição dos homens mortos. A partir dali, aplicou mentalmente um processo de retroengenharia para calcular os elementos da trajetória das balas que poderiam ter causado as mortes.

O único local possível era o outeiro, que ficava a cerca de quinhentos metros. Tinha dado por ele durante a viagem de carro. Existia uma brecha no meio das árvores.

O terreno elevado era bom para matar a grandes distâncias. Qualquer atirador especial que soubesse do seu ofício poderia ter efetuado aqueles disparos certos.

Olhou para cima, na direção do outeiro, à procura de sinais do atirador.

Será que é a Jessica Reel quem está a empunhar a espingarda? Deitou-se de barriga para baixo e arrastou-se até ficar na retaguarda do seu carro. Dali avistava os dois cadáveres. Conseguiu agarrar na perna do que estava mais perto de si e puxou

o corpo de maneira a posicioná-lo atrás do carro. Viu que a bala penetrara no pescoço do homem, atingindo gravemente a coluna vertebral ao sair. Morte instantânea.

Limitou-se a olhar de longe para o outro corpo, mas sabia que o homem devia ter sofrido o mesmo tipo de ferimento mortal.

Atingir uma pessoa no tronco àquela distância não representava uma missão difícil, desde que o atirador soubesse o que estava a fazer. Atingir a medula espinal com a bala a entrar e a sair já era mais complicado, sobretudo à noite. Quem se encontrava algures lá fora sabia usar, e bem, o cano longo e a mira telescópica. O que significava que essa pessoa podia acertar-lhe com toda a facilidade.

Abriu a porta do carro e enfiou-se lá dentro.

Numa questão de segundos tinha-lhe ocorrido um plano.

Pretendia colocá-lo em prática nos segundos seguintes.

Mantendo a cabeça baixa, deslizou até junto do assento do motorista, pôs o motor a trabalhar e engatou a primeira.

Foi então que aconteceu o que ele tinha pensado que poderia acontecer.

Uma bala atingiu com violência a janela do lado do motorista, lançando uma data de cacos de vidro para cima dele.

Estavam à sua espera mais adiante. Logo, tinham-se ficado pela análise básica. Aquilo teve o condão de lhe levantar um pouquinho o moral. Se ao menos conseguisse sobreviver, nem que fosse apenas mais uns minutos...

Carregou a fundo no acelerador e meteu a marcha-atrás.

Uma bala atingiu um dos pneus da frente, rebentando com ele.

A viatura recuou aos solavancos, fazendo uma chinfrineira por causa do pneu estourado, que rapidamente perdeu a borracha toda até passar a rodar apenas sustentado pela jante.

No fundo, não era preciso afastar-se para muito longe. Precisava apenas de ganhar alguma distância.

Utilizando o espelho lateral para se orientar, deu a curva e acelerou ao longo da parede lateral da casa. Ao mesmo tempo, ligou o número da residência de Janet DiCarlo, que decorara só de o ver registrado na tela do telefone fixo.

— Alô? — Percebia-se que DiCarlo tinha a voz trémula, e Robie não podia censurá-la.

Robie traçou o ponto da situação e explicou-lhe quais os seus planos.

— O sinal será dado quando eu tocar a buzina — disse ele.

Com os atiradores entrincheirados em parte incerta, provavelmente lá mais adiante, ao pé do outeiro, ainda tinha algum tempo. Recuou com o carro para junto da porta dos fundos, usando-o como escudo para evitar ficar na linha de mira de algum atirador que calhasse andar por ali a rondar.

Fez soar a buzina. A porta traseira abriu-se automaticamente e DiCarlo apareceu. Seguindo as instruções de Robie, manteve-se agachada e apressou-se a entrar no carro, abrindo a porta de trás e fechando-a logo a seguir.

— Abaixei-se — gritou Robie.

Meteu a primeira e deu a volta até ficar à frente da casa. Ficava na linha de fogo, mas não tinha opção. Só existia uma estrada; o acesso era o mesmo para toda a gente.

As balas sibilaram ao embater na estrutura do carro e reduziram a estilhaços os vidros das janelas mal eles chegaram à parte da frente. Robie ouviu DiCarlo respirar com dificuldade e, em seguida, gemer. Levantando a cabeça por cima do assento, Robie espreitou.

Estava ferida no peito e o sangue jorrava. Fora atingida, provavelmente por uma bala que fizera ricochete.

Outro disparo rasgara o pneu esquerdo traseiro. Contava agora com duas rodas em mau estado.

Também lhe queria parecer que os disparos começavam a ficar cada vez mais próximos e mais certos. Isso significava que os atiradores tinham abandonado as suas posições no outeiro e estavam a aproximar-se, prontos para a matança.

Robie parou ao lado do Range Rover e estacionou nesse local. Saiu do carro, procurou o corpo do segurança que fora abatido ali mesmo e encontrou as chaves. Examinou a carroçaria do Range Rover, passou em revista as janelas e os pneus.

Blindado, à prova de bala, pneus antifuro, concluiu após o seu exame.

Abriu a porta traseira do seu automóvel e lá conseguiu arrastar DiCarlo. Respirava a custo, de forma descompassada. Pegou nela e ajudou-a a deitar-se no banco de trás no momento em que as balas

começaram a embater com estrépito de encontro à carapaça do veículo.

Robie sacou da pistola e disse. A distância a que se encontrava, sabia que dificilmente teria hipóteses de acertar, mas sempre podia contribuir para atrasar o avanço dos outros.

Trepou para o lado do passageiro, deslizou até o assento do motorista e pôs o motor do jipe a funcionar.

As balas começavam a chover cada vez mais depressa, atingindo tudo em redor. Robie sentiu-se tentado a descer o vidro da janela do seu lado, a fim de disparar, quando aconteceu a coisa mais espantosa do mundo.

A resposta não se fez esperar.

Cem metros à sua frente, atrás de uma árvore, detetou alguém que empunhava uma espingarda apoiada no ramo mais baixo. Devia ser uma arma automática, visto que o atirador respondia com rajadas.

Robie olhou para o lugar de onde provinham os disparos. Conseguiu distinguir luzes ao longe. Mesmo à frente dos seus olhos, uma das luzes explodiu. Depois assistiu-se a uma dispersão das restantes.

De uma assentada, o contra-atirador pusera cobro ao avanço.

Fascinado, Robie observou a forma como o atirador se adiantou aos adversários espalhados pelas várias coordenadas. Os outros tentavam escapar aos tiros por ele disparados correndo em ziguezague, mas o atirador adivinhava com precisão os seus movimentos, e Robie assistiu à explosão de outra luz, possivelmente no momento em que um dos atiradores bateu com os costados no chão pela última vez.

Finalmente, os atiradores tomaram outra direção, optando pela retirada total.

Quanto ao outro atirador, continuou sempre a disparar, perseguindo-os sem tréguas.

Os gemidos de Janet DiCarlo, no banco traseiro do carro, obrigaram Robie a interromper a sua observação. Voltou a meter a primeira e acelerou. No momento em que fez a curva para regressar pelo caminho de gravilha, rumo à estrada principal, viu o que viu.

Ou, melhor dizendo, viu o outro atirador.

Na realidade, tudo o que vislumbrou foi a cabeleira comprida.

Logo a seguir, o atirador desapareceu no meio da escuridão.

Quem lhe salvara a pele tinha sido uma mulher.

E Robie tinha a certezinha absoluta de que essa mulher era Jessica Reel.

Capítulo 31

Robie queria desesperadamente voltar atrás e confirmar a presença de Reel como sua aliada no decorrer daquele tiroteio. Mas o certo é que tinha uma mulher gravemente ferida no assento de trás e não fazia a mínima ideia de onde poderia ficar o hospital mais próximo.

Já na estrada principal, meteu prego a fundo e ligou ao Blue Man.

Este respondeu imediatamente, e Robie contou-lhe os últimos acontecimentos, deixando de fora, contudo, o fato de o outro atirador ser uma mulher.

O Blue Man revelou que a ajuda ia a caminho e forneceu-lhe indicações para chegar ao hospital mais próximo, afirmando que logo mandaria alguns elementos da agência ter com ele. Acrescentou ainda que já tinham enviado uma unidade de resposta tática para casa de DiCarlo.

Robie encostou o carro à berma. Dois minutos foi o tempo que perdeu a examinar o ferimento de Janet DiCarlo e a tentar fazer os possíveis por estancar a hemorragia. A mulher estava sempre a perder e a recuperar a consciência. Ora se agarrava ao braço dele, ora o largava.

— Vai ficar boa, minha senhora. Não a deixarei morrer. Ficará ótima — sossegou-a Robie.

Ignorava se havia alguma verdade nas suas palavras, mas ela precisava ouvir aquilo.

Chegou ao hospital local vinte minutos mais tarde. O pessoal da agência, que já ali se encontrava, tomou imediatamente conta do assunto assim que Robie entrou no parque de estacionamento e travou o carro com uma grande chiadeira de pneus. No hospital, estabilizaram a situação clínica de DiCarlo e só depois a

transferiram para um helicóptero de evacuação de feridos, que levantou voo e transportou a paciente para um hospital mais bem equipado, destinado a assegurar os cuidados necessários num caso de emergência médica.

Robie deixou-se ficar para trás, a fim de prestar todas as informações sobre a operação ao Blue Man, que aparecera no local passados dez minutos. Sentaram-se num cubículozinho, à saída das urgências, a beber café morno saído da máquina automática.

— Como é que ela está? — perguntou Robie.

— Estabilizou, mas ainda se encontra em estado crítico. Pelo que ouvi dizer, perdeu muito sangue e ficou em choque. Confesso que não sei se irá safar-se. Alguém declarou guerra à agência, é mais do que óbvio. — Fez uma pausa. — Jessica Reel.

Não se tratava de uma pergunta.

Robie hesitou. Por um lado, queria contar ao Blue Man o espetáculo que testemunhara naquela noite. O outro atirador era uma mulher. Tinha a certeza absoluta disso, assim como também estava convencido de que a mulher era Reel. Longe de ser um fato comprovado, a sua teoria não passava de especulação. E, no entanto, quem mais poderia ter sido?

Depois de pensar um bocado, acabou por guardar aqueles pensamentos para ele.

— Havia vários atiradores — afirmou. — Da forma como eu vejo as coisas, a Reel funciona mais como uma atiradora solitária.

O Blue Man atirou o resto do café para o caixote do lixo, limpou as mãos e tornou a sentar-se ao lado de Robie, numa cadeira de plástico toda riscada. A salinha tresandava a desinfetante e comida rançosa.

— Vários atiradores? Tens a certeza?

— Quatro ou cinco, possivelmente. Talvez mais.

Robie interrogou-se se iriam encontrar algum corpo, tirando o dos seguranças da Sr.^a DiCarlo. Estava convencido de que Jessica Reel tratara da saúde a pelo menos dois homens.

O Blue Man limpou o suor da testa com a mão.

— É caso para dizer que nos deparamos com uma conspiração em toda a linha.

— Mas porquê a DiCarlo? Como alvo, quero dizer.

— Era ela a número dois.

— Então, a conspiração tem por alvo os quadros superiores da agência? Nesse caso, por que foram atrás do Jacobs? O homem não fazia parte do círculo mais restrito.

— Não sei, Robie. Mas se havia vários atiradores e se a Reel está feita com eles, algum objetivo devem ter em mente.

— Não deixa de ser curioso que a equipe de segurança da Janet DiCarlo fosse tão reduzida — atirou Robie. — Sobretudo depois do que aconteceu ao Gelder.

Antes de Robie terminar o que estava a dizer já o Blue Man começara a acenar afirmativamente com a cabeça.

— Bem sei.

— Fui encontrá-la com apenas dois tipos à perna e sem perímetro de segurança digno desse nome. Havia múltiplos pontos de ataque. Nem sequer era preciso esforçarem-se muito para chegar até ela. Bastava-lhes aparecer no local.

— Era a casa dela.

— Isso não é uma razão. A agência tem casas seguras que nunca mais acabam. Não deviam sequer tê-la deixado voltar para casa, tendo em conta a história do Gelder.

— Tens razão, Robie.

— E quem lhe devia ter dito isso mesmo era o Evan Tucker, o número um. O "um" vale mais do que o "dois", certo?

— Não estou a par do tipo de relacionamento que os dois mantinham, nem das conversas entre eles acerca dos acontecimentos mais recentes.

— Quer dizer que não há nada que possas dizer para me ajudar? O Blue Man levantou os olhos para ele, deixando transparecer a batalha que se travava no seu espírito.

— Não sei que te diga, Robie.

— Isso, só por si, já me diz muito.

Robie analisou com o Blue Man os detalhes relativos ao encontro que mantivera com Janet DiCarlo. Uma vez mais, porém, não abriu o jogo todo. Recordava-se perfeitamente da ansiedade que detetara na voz de DiCarlo.

"Missões que nunca deveriam ter-se realizado. Pessoal que anda desaparecido. Dinheiro que foi desviado de um lado para o

outro e que, a páginas tantas, acabou por se evaporar. Equipamento que foi parar a lugares para onde nunca deveria ter sido enviado e que também se volatilizou. E não é tudo. Estamos a falar de coisas que aconteceram a conta-gotas, no decorrer de longos períodos de tempo. Consideradas individualmente, ninguém diria que aquilo fosse nada de extraordinário. No entanto, analisando-as no seu conjunto..."

Sem esquecer o último comentário, porventura ainda mais perturbador, dando-lhe a entender que "a traição anda no ar (...). Não sei se tem alguma coisa que ver com a Jessica Reel. O que sei é que a situação atingiu um ponto crítico".

Isso não revelou ele ao Blue Man, porque, na sua qualidade de zeloso e cumpridor funcionário da agência, o outro teria levado o assunto ao conhecimento dos seus superiores hierárquicos. E, naquele momento, Robie não queria correr o risco de tal acontecer.

— Mais alguma coisa? — perguntou o Blue Man.

— Quando é que ficaremos a saber se a DiCarlo se safa ou não?

— Pode demorar dois ou três dias, segundo a última informação que me deram.

— Ela chegou a fazer algum tipo de declaração? O Blue Man abanou a cabeça.

— Nenhuma. Estava inconsciente. Têm esperança de obter um depoimento nos próximos dias. No caso de sobreviver.

— Já sabem quem é que vai ser o número dois? — quis saber Robie.

— Não sei até que ponto haverá quem queira ficar com o cargo agora — respondeu o Blue Man.

— É de esperar que o Evan Tucker apareça por estas bandas?

— Não sei. Está a par de tudo, escusado será dizer. E tenho a certeza de que vai querer ouvir a versão dos fatos diretamente da tua boca.

— Não há mais nada para contar.

— Quer dizer que não viste outras pessoas por lá? Robie não teve um momento de hesitação.

— Só vi os atiradores, mais ninguém. E encontravam-se a uma distância considerável. Pela minha parte, estava mais preocupado

em tirar a DiCarlo daquele lugar. Não tive tempo para grandes observações.

— É evidente.

O Blue Man pôs-se de pé.

— Precisas de boleia para casa?

— Claro. O Rover constitui oficialmente prova e o meu carro foi para a sucata.

— Vou ficar por aqui, mas pedirei a um dos meus homens para te conduzir até a cidade.

Antes que qualquer um deles começasse sequer a dirigir-se para a saída, entraram em cena vários homens todos engravatados.

— Will Robie? Robie olhou para eles.

— Quem são os senhores?

— Gostaríamos que nos acompanhasse.

— "Nós", quem?

O que tinha usado da palavra fitou-o.

— O assunto não lhe diz respeito.

— Não diz uma porra! O Robie está comigo. — Ao mesmo tempo que dizia aquilo, o Blue Man puxou das suas credenciais.

O mesmo homem voltou à carga.

— Certo, nós sabemos quem o senhor é.

Foi a vez de ele exhibir as suas credenciais. Impressionado com o que viu, o Blue Man abriu e fechou os olhos, recuando um passo.

Robie também vira o documento de identificação e o crachá. Não ficou admirado com a reação do Blue Man.

Quando o conselheiro para a segurança nacional do país exigia a presença de um cidadão, bom, uma pessoa obedecia e pronto.

Robie dirigiu-se para o exterior, entrou no SUV que estava à espera deles e foi conduzido ao seu destino.

Regressar a casa nos tempos mais próximos estava fora de questão.

Capítulo 32

Jessica Reel sentou-se no carro, que estava estacionado junto ao passeio numa rua normalmente movimentada de Washington. Já era tarde e o trânsito diminuía a olhos vistos, até mesmo naquela artéria principal.

A sua espingarda encontrava-se na bagageira. Disparara mais de quarenta balas contra os atiradores. Era provável que tivesse salvado a vida de Will Robie, não estava segura disso. Apesar de Janet DiCarlo poder vir a morrer devido aos ferimentos, o certo é que estaria morta se não fosse a intervenção de Reel. E, claro está, de Robie.

Esse fato contribuiu para lhe levantar o ânimo, algo que sucedia com muita frequência nos últimos tempos.

Fora uma estupidez da parte de Janet DiCarlo contar com uma segurança tão pouco apertada, para mais encontrando-se afastada de tudo e de todos. Anos antes, Reel visitara a casa dela, onde se realizara uma reunião amigável para discutir o seu futuro.

A simples recordação desse fato provocou-lhe um sorriso forçado.

O meu futuro?

Tivera uma epifania depois de ter deixado Gioffre para trás. Sabia que DiCarlo fora nomeada número dois. Ainda tinha acesso eletrônico à base de dados da agência por portas e travessas. Até que a entrada lhe fosse negada — e isso não tardaria a acontecer -, fazia questão de a utilizar ao máximo. A manter-se DiCarlo no lugar de número dois da agência, calculava que teriam de se encontrar os dois, ela e Robie. Reel só não sabia que esse seria, de fato, o segundo encontro deles, cara a cara.

Reel e DiCarlo partilhavam um passado comum, muito respeitável, e a ligação que existia entre as duas era mais antiga do

que qualquer outra. Ela pudera contar sempre com DiCarlo para lhe proteger a retaguarda. A partir daí, isso deixava de ser possível. Reel não se limitara a passar os limites, rebentara com eles.

Seguira Robie até a casa de Janet DiCarlo. Inicialmente, não sabia para onde se dirigia, e à medida que ele foi metendo por estradas mais rurais e o trânsito começou a revelar-se menos intenso, receou que detetasse a sua presença. Chegando a um determinado ponto, porém, deduziu para onde ele estaria a dirigir-se e desistiu da perseguição, preferindo dar a volta e tomar posição. Não fazia ideia de que se estava a preparar uma ofensiva.

Porém, uma vez mais, não tinha razões que a levassem a pensar que não viria aí uma ofensiva.

Atingira alguns dos atiradores, podia jurar. A confirmar-se isso, esperava que aquela trapalhada já estivesse resolvida antes que mais alguém aparecesse no local. Não haveria agentes adormecidos.

Os seus pensamentos viraram-se para Janet DiCarlo. Porquê fazer dela um alvo? O que saberia ela?

Reel há muito que suspeitava que DiCarlo estava mais bem informada do que muitas pessoas no interior da agência poderiam pensar. Possivelmente, tinham acreditado que ela asseguraria de forma competente, ainda que apenas por uma temporada, as funções de número dois da agência.

Não, corrigiu, que ela seria um número dois seguro.

Obviamente que não conheciam DiCarlo tão bem como Reel a conhecia.

O mais provável era que pensassem isso por se tratar de uma mulher. Não se tinham apercebido de que ela trabalhara três vezes mais e tivera de provar que era duas vezes mais dura do que um homem para alcançar o nível a que chegara.

O tempo, inclemente, parecia ter dado umas breves tréguas àquela zona, mas sobre a cidade pairava um amplo sistema de baixa pressão, e, quando as nuvens se tornaram bastante densas, a chuva abateu-se de novo devido à umidade. Levantou-se vento e uma rajada fez o carro de aluguel conduzido por Reel andar de lado. As ruas que a chuva tornara escorregadias tinham espantado os poucos peões, levando-os porventura a procurar locais secos,

permitindo a Reel uma perspectiva desanuviada do pavimento, apesar dos resquícios de água. Quem lhe dera que as suas ideias fossem assim tão livres de preocupações. A verdade, porém, é que estavam tão turvas como a depressão cavada na montanha numa manhã fria.

O juiz Samuel Kent e a outra pessoa na sua lista não só estavam de sobreaviso, como passaram ao ataque. Restavam a Reel poucas ou nenhuma dúvida de que tinham sido eles a orquestrar o ataque contra Janet DiCarlo. Esse aspecto revelava-se perturbador, pois era óbvio que aquele grupinho sabia algo acerca de DiCarlo que ela própria ignorava. Tratava-se de uma jogada insólita, e uma jogada insólita só podia ter uma justificação insólita.

Tirou o telemóvel para fora e observou a tela. Enviar uma mensagem a Robie não representava uma dificuldade por aí além. Não havia maneira de poderem localizar a chamada, isso sabia ela de ciência certa. Por outro lado, Reel estava ciente de que a agência tinha acesso a todas as mensagens enviadas. Precisava ter um certo cuidado, não apenas por sua causa, mas por ele. Não deixava de ser um pensamento divertido, ao mesmo tempo, o fato de estar preocupada com o bem-estar de um homem que, por sua iniciativa, estivera quase a transformar-se num pedaço de casca calcinada. Naquele momento, abriam-se diante de si certas possibilidades, e estava determinada a tirar partido delas.

Carregou em várias teclas na tela e enviou a mensagem. Agora só tinha de esperar para ver se a jogada surtia efeito. Muita coisa iria depender de Robie.

A chuva voltou a cair e ela afastou-se rapidamente dali.

Reel nunca usara um uniforme e, contudo, matara provavelmente mais pessoas do que o mais condecorado dos soldados profissionais. Arriscava a sua vida de cada vez que matava alguém. No entanto, recebia ordens daqueles que se encontravam a uma distância segura do campo de batalha. Nunca questionara essas ordens. Executara-as sempre fielmente, isto durante quase toda a sua vida adulta.

Até que chegara um dia em que tinha deixado de ser capaz de o fazer.

O pai não passava de um monstro. Recebera tanta pancada que por pouco não morrera precocemente. As feridas eram permanentes. Não as que ficam marcadas no corpo — as que ficam gravadas na memória. Essas nunca saram verdadeiramente.

A sua carreira de assassina dera-lhe algo que ela nunca pensara ter.

Uma linha de ação esclarecida.

O bem contra o mal.

O bem ganha. O mal perde.

Sentia-se como se estivesse a matar o pai, vezes sem conta. Era como se extinguisse os neonazis do mapa para toda a eternidade, Bem como todos os demônios que se atrevessem a cruzar-se com os representantes da raça humana, semeando o caos e a destruição.

E, no entanto, as coisas nunca tinham sido e nunca seriam tão simples quanto isso.

Jessica Reel deu-se finalmente conta de que o melhor juiz para avaliar o que era o bem e o que era o mal residia na sua própria moral, mesmo ensombrada, como estava, pelos atos cometidos no seu passado.

O corte com a obediência cega ao seu chefe não fora uma atitude fácil de tomar. Espantosamente, porém, a verdade é que se sentira mais estimulada do que nunca pelo simples fato de voltar a pensar pela sua própria cabeça a partir do momento em que isso acontecera.

Voltando a arrancar, Reel perguntou a si mesma o que pensaria Robie do presentinho que ela lhe deixara ficar.

Capítulo 33

Ele não era oficialmente considerado o homem da NSA, porque isso teria levado a uma confusão com a Agência de Segurança Nacional. De um ponto de vista técnico, funcionava como assistente do presidente para assuntos de segurança nacional, ou APNSA¹⁷. Não se tratava de uma organização homologada pelo Senado americano, mas os seus elementos eram escolhidos diretamente pelo presidente. O escritório ficava na Ala Oeste, perto da Sala Oval. Ao contrário do que acontecia com o secretário da Segurança Interna ou o secretário da Defesa, o APNSA não detinha autoridade sobre nenhuma agência governamental.

17 Assistant to the President for National Security Affairs, no original. (N. da T.)

Devido a essas limitações, seria fácil concluir que o APNSA pouco ou nenhuma autoridade tinha, o mesmo se podendo dizer em relação à sua área de influência. Ora, semelhante conclusão não podia estar mais errada.

Toda a gente com acesso privilegiado ao presidente possuía grande domínio e exercia uma enorme influência. Em tempos de crise nacional, o APNSA operava diretamente a partir da Sala da Crise¹⁸ da Casa Branca, contando quase sempre com o presidente a seu lado.

18 Após o fracasso da operação Baía dos Porcos, em Cuba, a Sala da Crise (Situation Room) foi criada em 1961 pelo presidente John F. Kennedy como centro de comunicações secreto, dotado dos dispositivos mais modernos para enfrentar as situações complicadas em tempo de Guerra Fria. (N. da T.)

Ao ser conduzido ao número 1600 da Pennsylvania Avenue¹⁹, Robie estava farto de saber isso. Os portões com barreiras à prova de carros de combate abriram-se e o cortejo de SUV seguiu em direção àquele que era, indiscutivelmente, o endereço mais famoso do mundo.

19 Endereço da Casa Branca. (N. da T.)

Depois de deixarem os veículos, não foi preciso andar muito. Ninguém dirigiu Robie à Sala da Crise. Bom, pensou ele com os seus botões, se as coisas continuassem assim, a Casa Branca poderia tornar-se em breve um local cheio de ação.

Levaram-no até uma pequena sala de reuniões e mandaram-no sentar. Obedeceu. Sabia que havia homens armados a guardar a porta.

Interrogou-se se o presidente estaria na cidade. Tinha a certeza de que ele havia sido devidamente informado sobre tudo aquilo. Quanto ao que fizera com as informações, isso era algo que ninguém sabia.

Robie ficou ali sentado e entregue a si próprio durante uns bons cinco minutos, tempo mais do que suficiente para que ficasse claro que o homem de quem se encontrava à espera era muito importante e que o assunto de Robie, apesar da importância vital de que se revestia, era apenas um dos muitos com que o APNSA se debatia.

O mundo, no fim de contas, era um lugar muito complicado. E a América, no papel da única superpotência que existia, encontrava-se no âmago de todas as complicações. Não importava o que os Estados Unidos fizessem: metade do mundo iria odiar, e a outra metade queixar-se-ia, acusando os americanos de não estarem a fazer o suficiente.

Quando a porta se abriu, Robie regressou ao presente. O homem que entrou na sala era, em grande parte, desconhecido aos olhos de um público que teria dificuldade em nomear um único membro do executivo e que, não raras vezes, até se enganava ao dizer o nome do vice-presidente.

Robie partiu do princípio de que ele preferia o anonimato.

O seu nome era Gus Whitcomb. Tinha sessenta e oito anos, exibia uma barriguinha saliente, mas ainda conservava os ombros largos dos tempos em que jogava como defesa na Academia Naval. Não devia ter apanhado muitas pancadas na cabeça, uma vez que o seu cérebro dava mostras de funcionar na perfeição. Tinha fama de perseguir os inimigos da América com uma mistura explosiva de paixão e dureza.

Além de que, é bom não esquecer, o presidente demonstrava ter nele uma confiança a toda a prova.

Sentou-se diante de Robie, colocou uns óculos de aros metálicos e olhou para o tablet que trouxera. A Casa Branca, como o resto do mundo, começava a deixar de trabalhar com papel. Leu o que estava escrito na tela, tirou os óculos, enfiou-os no bolso do casaco e encarou Robie de frente.

— O presidente manda cumprimentos.

— Aprecio o gesto.

— Bem, ele também o aprecia a si.

Finda a troca de amabilidades, Whitcomb mudou de estratégia.

— Teve uma noite dura.

— Inesperada, sim.

— As últimas informações acerca da Janet DiCarlo são animadoras. Pensam que ela conseguirá safar-se.

— Folgo em ouvir isso.

— Li o seu relatório por mais de uma vez. Não menciona quem poderiam ser os atacantes.

— Nunca consegui vê-los bem. Estavam a disparar de muito longe. A equipe de análise forense presente no local forneceu alguma pista?

— Um sem-número de invólucros de balas. Robie acenou com a cabeça.

— Encontraram algum corpo? Whitcomb lançou-lhe um olhar brusco.

— E por que raio havíamos de encontrar? Àquela distância, o Robie dificilmente poderia atingir alguém com a sua pistola...

Tinha sido ele quem se metera na boca do lobo. Ninguém lhe mandava levantar a lebre nem avançar dados que iam para além do

que estava escrito no seu relatório oficial. Estava mais cansado do que pensava.

— Começavam a ganhar terreno quando eu consegui tirar-nos de lá. Mesmo assim, ainda disparei contra eles. Nunca sabemos quando vamos ter a sorte do nosso lado.

Whitcomb não parecia estar a prestar grande atenção, o que deixou Robie naturalmente inquieto, levando-o a pensar que o outro já devia ter tomado uma decisão. As palavras do homem ficaram gravadas na sua mente, e ele esforçou-se por não deixar que isso transparecesse nas suas feições.

Um sem-número de invólucros de balas. Carradas deles.

Como se tivesse lido os pensamentos de Robie, Whitcomb voltou à carga.

— Encontramos mais de quarenta cartuchos junto a uma árvore localizada à esquerda da casa de DiCarlo. A julgar pela posição dos invólucros espalhados pelo chão, o atirador estava a disparar para o local onde você indicou que os outros atiradores se encontravam, e também foram avistados sinais de sangue e cartuchos diferentes. Foram ainda descobertos cacos de vidro, que foi possível identificar como pertencendo à mira telescópica e à lanterna de um atirador especial. Portanto, a questão que se levanta é: quem mais andava por lá? Fazendo de propósito, Whitcomb não desviou o olhar dele ao dizer aquilo. Como o outro não lhe respondesse, prosseguiu: — Só muito dificilmente o Robie poderia não ter visto a pessoa que disparou mais de quarenta balas de espingarda contra um alvo que, por seu turno, o mantinha a si debaixo de fogo. Então, desembuche, quem foi o seu anjo da guarda? Essa é a primeira pergunta. A segunda pergunta não tem nada que saber: por que essa informação não consta do relatório?

— Por uma questão de confiança.

A julgar pela expressão pouco entusiástica de Whitcomb, aquela não era a resposta que esperava.

— Desculpe? — replicou ele com rispidez.

— A Janet DiCarlo fez-me saber que as coisas não eram o que deveriam ser, tanto na agência como em vários outros lugares. Partilhou comigo os motivos da sua preocupação. Alertou-me para a

crise que se aproximava. Só tinha dois seguranças junto dela, porque eram os únicos homens em quem confiava.

Whitcomb voltou a pôr os óculos, como se esse gesto lhe permitisse ver com mais clareza tudo o que Robie acabara de mencionar.

— Quer que eu acredite que o número dois da agência não confiava no seu chefe? Por outras palavras, na CIA? — Abanou a cabeça vagarosamente. — Isso é extremamente difícil de entender, senhor Robie.

— Limito-me a transmitir-lhe o que ela me disse.

— Porém, a verdade é que essa afirmação inusitada não constava do relatório oficial. E, logo por azar, não temos aqui connosco a senhora DiCarlo para confirmar o seu depoimento.

— Foi ela quem me convidou para ir a sua casa. Por alguma razão, queria conversar comigo acerca destes assuntos.

— Uma vez mais, temos apenas a sua palavra para nos orientarmos.

— Quer dizer que o senhor não acredita em mim? — perguntou Robie.

— Bom, pelo que me é dado a ver, você também não acredita em nada.

Robie abanou a cabeça mas ficou calado. Whitcomb continuou ao ataque.

— Os meus informadores dizem-me que temos um agente a atuar por conta própria, ; gente esse que anda por aí a matar o pessoal da agência. O Robie foi contratado para se juntar a nós com o propósito de descobrir o paradeiro do traidor e tratar-lhe da saúde. Ora, não creio que esteja perto de o fazer. Na realidade, quer-me parecer que começa a acreditar que o verdadeiro inimigo se encontra cá dentro, e não no exterior.

— É natural que a confiança que deposito nos que estão do meu lado sofra um abalo, ao ver que são eles os primeiros a ocultar informações. Além disso, esse aspecto só vem tornar a minha missão ainda mais difícil.

— Ocultar informações?

— Ficheiros apagados, cenas do crime devassadas, encontros crípticos onde fica mais por dizer do que é dito. Objetivos que estão

sempre a ser alterados. Não se pode dizer que seja uma plataforma para obter êxito neste campo.

Whitcomb observou as mãos durante alguns momentos antes de levantar a cabeça e dizer: — Responda-me a uma simples pergunta. Viu a pessoa que atirou?

Robie sabia que hesitar numa resposta como aquela seria desastroso.

— Foi uma mulher. Não tive oportunidade de ver a cara dela com nitidez. Mas foi sem dúvida uma mulher.

— E não tentou confirmar quem ela era?

Robie tinha ali a oportunidade de despejar uma daquelas respostas engatilhadas que nem um duro como Whitcomb podia contestar.

— No banco traseiro do meu carro estava uma pessoa ferida, que podia morrer a qualquer momento. Havia atiradores emboscados ali, que disparavam a torto e a direito. Não tive tempo para fazer mais nada a não ser abandonar o local o mais depressa possível. A minha preocupação maior era a sobrevivência da senhora DiCarlo.

Whitcomb começara a acenar com a cabeça mesmo antes de o seu interlocutor ter terminado o discurso.

— Claro que sim, Robie. Evidentemente, foi uma atitude perfeitamente compreensível. Só temos de agradecer à rapidez das suas reações o fato de a Janet DiCarlo ter sobrevivido, e oxalá se mantenha assim.

Fez uma pausa, parecendo pôr ordem nos seus pensamentos, enquanto Robie esperava pela pergunta seguinte.

— Faz ideia de quem poderia ser a mulher?

— Meu caro senhor, adiantar um nome nesta fase do processo não passaria de um tiro no escuro.

— Acato a sua decisão, nesta fase do processo.

— Julgo que se tratou da Jessica Reel, a tal agente extraviada que tenho por missão erradicar do mapa.

Capítulo 34

A loja GameStop só abria as portas daí a algumas horas. Sabendo, como sabia, que o outro tinha por hábito chegar mais cedo, Reel deixou-se ficar sentada no carro, lá fora, junto à entrada do centro comercial que ele costumava utilizar. Fez sinal de luzes assim que o viu aparecer e estacionar o Mustang preto vintage.

Ele dirigiu-se ao carro e entrou.

Ela arrancou.

Michael Gioffre vestia um blusão de capuz com fecho aberto, jeans largos e a sua velha camiseta "Day of the Doom". Reel partiu do princípio de que ele devia ter dúzias daquilo.

— Onde é que vamos? — perguntou Gioffre. — Tenho um inventário para fazer.

— Não vamos longe. E não demora muito, desde que tu me arranjes o que eu preciso. É só o tempo de bebermos um café.

Ao dizer aquilo, apontou para o café à espera dentro do copo, no respetivo suporte. O outro pegou no copo e deu um gole.

— Não me deste muito tempo — resmungou entre dentes.

— Se bem me lembro, não costumavas precisar de muito tempo. Engano-me?

Gioffre bebeu mais um pouco de café e limpou a boca.

— Posso meter-me numa carga de trabalhos por fazer isto.

— Pois podes.

— E mesmo assim estás à espera de que eu te ajude?

— Estou. Se a situação se invertesse, não estarias à espera de que eu te ajudasse?

Gioffre suspirou.

— Detesto quando raciocinas de maneira tão lógica.

— És um jogador. Pensava que te guiavas pela lógica.

— Também aprecio a fantasia. Mato indivíduos na tela. Tu matas gente de carne e osso.

Seguiram viagem em silêncio durante um bocado.

— Foi um comentário estúpido, desculpa — acabou por dizer Gioffre.

— É a verdade, como é que pode ser estúpido?

— Uma questão de lógica, lá está outra vez — referiu ele. — Tens disso para dar e vender.

— Sempre preferi a lógica ao caos. Quando me dão hipótese de escolher, claro.

Reel tinha a sensação de que estavam a viajar pelo túnel do tempo, recuando até dez anos antes, os dois metidos dentro do carro, a caminho de um país estrangeiro: ela à caça de informações, e Gioffre pronto a fornecê-las. Porém, a cena repetia-se, e todos os lugares lhe pareciam estranhos, até mesmo aqueles a que costumava chamar casa.

Continuaram em silêncio durante vários quilômetros. Aos olhos de Reel, cada baga de chuva simbolizava um segundo das suas vidas que estava a ser desperdiçado.

— Eles mereciam? — perguntou Gioffre, quebrando calmamente o silêncio.

Reel não respondeu.

Ele mudou de posição no assento.

— Pergunto isto porque, conhecendo-te como eu conheço, julgo que devem ter merecido.

— Não me atribuas mérito por uma coisa que não mereço.

— O que é que queres dizer com isso? — replicou Gioffre de forma ríspida.

— Liquidei uma data de gente que nunca vi mais gorda, porque alguém bem colocado na cadeira de comando me explicou não só que era o correto, mas que era também o meu dever. Nunca foi tido em linha de conta se essas pessoas mereciam o tratamento que tiveram. É isto que pretendo dizer.

— No entanto, já sabias que ias enfrentar situações dessas. Pela minha parte, esse foi precisamente o motivo que me levou a entrar para a agência na altura. Estávamos do lado da razão e da justiça. Pelo menos, foi o que nos disseram.

— Em grande parte era verdade, Mike. Mas só em parte. Quando existem seres humanos metidos ao barulho, nada é perfeito; na realidade, tudo é de fato imperfeito.

— E então, mereceram? Desta vez, quero dizer?

Reel fez uma curva rápida, encostou o carro ao passeio e carregou a fundo no travão.

— Sim, mereceram. Mas é simples e complicado ao mesmo tempo. A parte simples acabou. Ou, pelo menos, está a caminho disso. A parte complicada vai demorar bastante mais, podendo até nunca chegar ao fim.

— Quer dizer que vamos ter mais ação? — quis ele saber.

— Parece-te que acabei a minha missão?

— Não.

Ela meteu a primeira e arrancou.

— Se eu te disser mais coisas, tornaste cúmplice de todos os meus atos. Por isso, vamos ficar por aqui. Tens aquilo de que eu preciso?

Ele tirou um pendrive do bolso e entregou. Reel o guardou.

— Não verifiquei o que tem dentro — afirmou Gioffre.

— Fizeste bem.

— Como é que sabias da sua existência?

— Porque eles andam a pôr em prática este plano em concreto. Não te atiras a uma coisa destas sem planear. Sem um mapa que te aponte as coordenadas. Alguém teve de passar tudo para o papel. Não é um enigma que se possa rebobinar. Os elementos têm de estar no lugar certo, depois de consideradas todas as possibilidades.

— Quem são "eles"? Reel abanou a cabeça.

— Não vás por aí.

— Lá terias de me matar também...

— Calculas bem... — disse ela, sem a menor sombra de um sorriso. Gioffre passou a mão pelo cabelo despenteado e desviou o olhar.

— O café estava ao teu gosto? — perguntou ela. Ele agarrou no copo.

— Perfeito. Tens boa memória.

— Quando estamos a dois segundos de morrer violentamente, recordamos as pequeninas coisas. Uma embalagem de natas antes de deitar o café, a seguir uma dose de açúcar. Não mexer. É isso que me mantém inteira. Provavelmente acontece o mesmo contigo, certo?

— De que mais é que te lembras dessa altura?

Reel olhou lá fora, através do para-brisas. Ao seu espírito acorreram mil e uma imagens. Por mais que se esforçasse, jamais conseguiria apagar a maior parte delas.

— O vento soprava continuamente. A areia fustigava-me a pele e encravava as armas. Nunca tinha comida para me alimentar nem água em quantidade suficiente para beber. Mas, acima de tudo, lembro-me de me questionar sobre que raio andávamos ali a fazer. Sabia que as coisas iriam ficar exatamente na mesma depois de partirmos. Sem esquecer que, no fim, tudo o que deixaríamos para trás seria uma boa quantidade de sangue, em grande parte o sangue derramado por nós.

Gioffre virou-se e olhou lá para fora. Saboreou o café devagarinho, de uma forma comedida, como se fosse a derradeira dose de cafeína que tomasse na sua vida.

— Mike, tornaste impossível o acesso à tua pessoa, certo?

— Fiz o melhor que pude. Eles teriam de ser mais hábeis do que eu para me apanhar. E não creio que sejam. Conheço rufias com dezasseis anos, putos que nunca na vida beijaram uma garota, que são de longe melhores programadores do que o pessoal que a NSA tem a trabalhar para eles.

— Mesmo assim, tem cuidado. Não há margem para grandes confidências.

— Parece que vamos ter chuva durante o dia inteiro — observou.

— Parece que vai chover durante o resto da minha vida.

— Quanto tempo prevês que dure? — perguntou ele. — Refiro-me à tua vida.

— O melhor é seres tu a avaliar. Deixei de ser uma testemunha objetiva.

— Não deverias ir-te embora assim, Jess. Sobretudo depois de tudo o que fizeste.

— É precisamente por causa disso que tenho de me vir embora assim. Porque não há outra maneira de partir e ser capaz de me ver ao espelho. Se as pessoas experimentassem pôr em prática este simples teste, de certeza que não fariam três quartos da porcaria que fazem. Mas a verdade é que, no final do dia, as pessoas arranjam sempre maneira de se justificar, dê lá por onde der. Fomos programados assim.

— Devem ter-te magoado a sério.

Na realidade, magoaram alguém que me era muito querido, pensou Reel. Magoaram-no tanto que está morto. Ao magoá-lo, magoaram-me a mim. E agora chegou a minha vez de lhes pagar na mesma moeda e de os atacar onde mais dói.

Conduziu-o de volta ao centro comercial, estacionou o carro perto da GameStop e deixou-o sair.

— Agradeço a tua ajuda, Mike. Ninguém saberá onde obtive a informação.

— Não duvido.

Ele fez menção de se afastar, mas depois voltou atrás e refugiou-se de novo dentro do carro, em virtude de ter começado a chover a cântaros.

— Espero que te safes.

— Veremos.

— Quem é que mandaram atrás de ti?

— Will Robie.

Gioffre respirou fundo e os seus olhos encheram-se de medo.

— Merda. O Robie?

— Eu sei. Mas pode ser que ele me dê alguma margem de manobra.

— Por que raio faria ele uma coisa dessas?

— Porque lhe salvei o coiro a noite passada.

Deixando Gioffre ali de pé, à chuva, a vê-la ir-se embora, Reel afastou-se. Conduziu durante vários quilômetros, até que estacionou numa garagem subterrânea e parou o carro, embora deixando o motor a trabalhar. Inseriu o pendrive no seu computador portátil e passou a ler as informações que continha.

Pelos vistos, ia ser preciso fazer uma viagem de avião.

Arrancou e seguiu o seu caminho.

Capítulo 35

O SUV que transportava Robie deixou-o ficar diante do edifício onde vivia. Desde o instante em que abandonaram a Casa Branca, e durante a curta viagem, os homens não disseram uma palavra, mantendo-se calados quando lhe abriram a porta para ele sair. Robie ficou a ver o veículo desaparecer no meio do intenso trânsito matinal.

Whitcomb não adiantara grande coisa depois de Robie lhe ter dito que acreditava que Jessica Reel tinha sido a pessoa que viera em sua ajuda na noite anterior. O chefe tomara algumas notas no seu tablet, lançando olhares desconfiados na direção de Robie; a páginas tantas, acabou por se levantar e sair da sala.

Robie deixou-se ficar sentado, até que, minutos mais tarde, apareceu um segurança encarregado de o ir buscar. Aquela visita à Casa Branca estava a revelar-se ao mesmo tempo memorável e perturbadora, disso não restavam dúvidas.

Ali espedado a olhar para o prédio, Robie não se lembrava da última vez que se sentira tão extenuado. Aquilo era bastante significativo, considerando que passara dias a fio sem dormir e a alimentar-se mal, sempre a trabalhar em condições adversas.

Talvez eu esteja a ficar demasiado velho para isto.

Ainda que lhe custasse fazer essa concessão, o seu corpo dorido e a sua mente cansada constituíam duas fortes chamadas de atenção. Provavelmente, aquela afirmação continha mais verdade do que gostaria de reconhecer.

Subiu no elevador até o apartamento, abriu a porta, desligou o alarme e fechou a porta atrás de si. Tinha desligado o telemóvel enquanto permanecera na Casa Branca, como lhe haviam pedido. Tornou a ligá-lo e a mensagem apareceu automaticamente na tela:

"Tudo o que faço tem uma razão de ser. Limita-te a abrir a fechadura."

Robie sentou-se numa cadeira e ficou a olhar para a tela durante uns bons cinco minutos. A seguir, colocou o telemóvel em cima da mesa e esteve vinte minutos debaixo do chuveiro, deixando a água escorrer, a fim de o libertar daquele cansaço extremo. Vestiu-se e bebeu um sumo de laranja. Depois sentou-se outra vez a ler a mensagem.

"Tudo o que faço tem uma razão de ser. Limita-te a abrir a fechadura."

Reel mostrara-se particularmente ativa. Em que coisas é que deveria concentrar a sua atenção. O que deveria ele desbloquear?

As mortes?

O fato de ela ter vindo em seu auxílio?

O envio da mensagem mais recente?

Tudo somado?

Estava à espera de receber uma nova chamada da agência. Naquela altura já deveriam ter lido a mensagem e provavelmente tinham uma dúzia de analistas a tentar decifrá-la. Porém, não recebeu chamada nenhuma. Talvez já não soubessem o que lhe dizer. Ainda considerou a hipótese de responder, perguntando a Reel o que pretendia dizer ao certo com aquilo. Mas ela sabia tão bem como ele que a agência tinha a faca e o queijo na mão e podia ler as palavrinhas todas. Decidiu que não valia a pena dar-se ao trabalho de enviar um SMS.

Enfiou o telemóvel no bolso, pôs-se de pé e espreguiçou-se. Devia procurar dormir umas horinhas, mas não tinha tempo para isso.

De repente, deu-se conta de que precisava alugar um carro. O seu carro estava crivado de buracos num dos depósitos de provas do governo.

Nesse ano perdera a conta às viaturas que lhe tinham passado pelas mãos. Felizmente, o dinheiro do aluguel era dedutível nos impostos, o que constituía sempre um motivo de alívio. Os assassinos profissionais não costumavam usufruir de grandes benefícios fiscais.

Apanhou um táxi para um stand de aluguel de carros e assinou a papelada para levar um Audi 6. O último que tinha conduzido ficara, também ele, crivado de balas. Interrogou-se se faria parte de alguma lista de clientes passíveis de constituir um risco para as agências de aluguel de automóveis. Caso fizesse, o estamine onde acabara de fechar contrato ainda não devia ter recebido a mensagem para o manterem à distância.

Arrancou no seu novo bólido e dirigiu-se ao hospital onde Janet DiCarlo se encontrava hospitalizada. Entrara em contacto com o Blue Man, e ele enviara-lhe um e-mail com as informações necessárias.

Chegou ao local quarenta minutos depois de o boletim com as notícias do tempo e do trânsito da hora de ponta lhe ter estragado os planos para o resto do dia.

Robie ia à espera de se deparar com forte segurança no andar em que DiCarlo estava hospitalizada, mas encontrou pela frente um cenário bastante diferente. Encarou isso como um péssimo sinal. O fato de a unidade de cuidados intensivos estar praticamente vazia só contribuiu para agravar a situação.

Ao perguntar a uma das enfermeiras onde ficava o quarto de Janet DiCarlo, ela fixou-o inexpressivamente.

Tudo bem, pensou Robie, não lhe facultaram o verdadeiro nome da senhora.

Olhou na direção dos números dos quartos e apontou para um deles.

— A pessoa em questão que está naquele quarto — disse. O Blue Man tinha sido muito claro. Unidade de Cuidados Intensivos, quarto sete.

A mulher continuava muda e queda.

— Morreu? — insistiu ele.

Apareceu outra mulher. Tinha todo o aspecto de ser uma supervisora qualquer. Robie voltou a colocar-lhe as mesmas perguntas.

A outra pegou-lhe no cotovelo e levou-o para um canto. Robie mostrou-lhe as suas credenciais, que ela examinou minuciosamente.

— O estado clínico da paciente, bem como a sua presente localização, não são do nosso conhecimento — referiu ela.

— Como é que se explica isso? Estamos num hospital! Será que deixam qualquer pessoa entrar nas vossas instalações e transportar os pacientes críticos para fora daqui?

— É colega da referida senhora?

— Por quê?

— Porque já trabalho nesta área há muito tempo, e aparece-nos à frente todo o tipo de gente. Estou em crer que a mulher de que estamos a falar fazia parte de um grupo de elite, altamente secreto. A sua identificação não nos foi facultada. Além disso, apareceram de manhã cedo e levaram-na daqui. Ninguém nos disse para onde.

Parto do princípio de que arranjarão maneira de lhe providenciar os cuidados médicos necessários.

— Quem é que a levou?

— Uns homens de terno com crachás e cartões de identificação, que me pregaram um susto do caraças, para ser franca.

— O que é que diziam esses crachás e os cartões de identificação?

— Segurança Interna.

Foi a vez de Robie ficar olhando para ela sem compreender.

O Departamento de Segurança Interna estava envolvido no caso. A CIA e a Segurança Interna não funcionavam bem juntos, era certo e sabido. Mas para conseguir transportar Janet DiCarlo para fora daquele local a Segurança Interna teria de contar com o beneplácito de Langley. Portanto, contra todas as previsões, os dois monstros federais estavam a trabalhar em conjunto.

Robie focou a sua atenção na mulher que tinha diante de si.

— E não disseram para onde tencionavam conduzi-la?

— Não.

— Foi seguro terem-na transportado para fora do hospital?

— Na minha qualidade de enfermeira com vinte anos de experiência nos cuidados intensivos, diria categoricamente que não. Porém, isso não os impediu de levarem a sua avante.

— Qual era a gravidade do estado dela?

— Não estou autorizada a discutir o assunto. É confidencial.

— Encontrava-me com ela quando foi atingida a tiro. Fui eu que consegui libertá-la das mãos dos que a tentavam matar. A agência enviou-me a fim de averiguar qual o estado de saúde e a sua condição física. Por certo compreenderá a minha surpresa ao verificar que Janet DiCarlo não se encontra aqui. Bem sei que existe todo um processo de confidencialidade à volta do assunto, contudo, verifico que a senhora enfermeira nem sequer sabe o nome dela. Para si não passava da mulher no quarto número sete. Não vejo de que forma é que isso seria estar a violar as regras da HIPPA20.

20 The Health Information Protection Act (Lei de Portabilidade e Responsabilidade de Seguros de Saúde) é uma lei destinada a proteger o direito à privacidade e segurança das empresas no campo da saúde. A fim de proteger as informações de possíveis ameaças, as empresas devem evitar o uso ou divulgação não autorizado dessas informações. (N. da T.)

A mulher ponderou o assunto e depois declarou: — É uma situação invulgar.

— As suas palavras não podiam ser mais verdadeiras. A mulher esboçou um breve sorriso.

— A referida senhora esteve nos cuidados intensivos. E não deveria ter saído daqui tão cedo. Os ferimentos que sofreu causaram uma grande quantidade de danos internos. A bala foi removida durante uma intervenção cirúrgica, mas, apesar disso, atingiu uma série de órgãos vitais. Vai ter de se sujeitar a um longo período de reabilitação. Isto é, no caso de escapar com vida. Mais não lhe posso dizer.

Robie agradeceu e foi-se embora.

A caminho do carro, telefonou ao Blue Man e transmitiu-lhe as notícias. Estava sobremaneira interessado na reação dele. Robie queria saber — melhor dizendo, precisava saber — se o Blue Man já sabia da situação.

As primeiras palavras que o homem proferiu deram a Robie a confirmação de que ele não sabia de nada.

— Meu Deus, que raio se passa aí?

— Deixa-me descobrir — prometeu Robie. — Logo te digo. A seguir desligou e meteu-se no carro.

Havia várias maneiras de dar seguimento ao assunto, mas uma ia direta ao fundo da questão. E, naquela fase do campeonato, Robie bem precisava levar a água ao seu moinho.

Meteu prego a fundo e arrancou no seu Audi.

Quando precisas de respostas diretas, por vezes o melhor que tens a fazer é ir direitinho ao topo da cadeia.

Capítulo 36

O cortejo automóvel que transportava Evan Tucker partiu de casa dele e desceu a rua. De súbito, o SUV que ia à frente travou bruscamente e dois homens armados saíram a correr de lá de dentro.

Havia um Audi 6 a bloquear a estrada. Diante do Audi 6 encontrava-se Will Robie. Num ápice, viu-se cercado por cinco seguranças.

— Mãos ao ar, já! — gritou o segurança principal. Robie deixou-se estar e não mexeu as mãos.

— Diga ao seu chefe que, a não ser que tenhamos uma conversa agora mesmo, o meu próximo destino será o FBI, onde contarei tudo o que sei e mais alguma coisa. Ele não vai gostar, garanto-lhe.

— Essas mãos para cima, já disse. Robie virou-se e encarou-o.

— E eu estou a dizer-lhe para entrar em contacto com o seu patrão. Já!

Os seguranças aproximaram-se, preparados para revistar Robie. Um foi parar direitinho ao capô do Audi. O segundo acabou estatelado no meio do chão. Um terceiro preparava-se para tentar a sua sorte quando se ouviu uma ordem: "Chega!"

Viraram-se todos à uma. De pé, ao lado do SUV, estava Evan Tucker.

— Vamos lá acabar com este comportamento ridículo.

Os agentes caídos por terra levantaram-se, lançaram um olhar ameaçador na direção de Robie e recuaram. Tucker dirigiu-se a Robie.

— Temos um problema?

— Sim, com efeito, temos. E esse problema chama-se Janet DiCarlo.

Tucker relanceou o olhar por vários dos mirones que ali se encontravam, boquiabertos e sem arredar pé, especados junto dos seus carros, ou agarrando os filhos pela mão.

— Robie — sussurrou ele, sarcástico -, estamos a dar espetáculo.

— Não é um problema meu. Disse aos seus homens que pretendia falar consigo. Em privado. Parece que eles não entenderam a mensagem.

Tucker olhou para uma das pessoas que estava mais perto, uma jovem mãe de mão dada com o filho, que devia ter os seus cinco anos e parecia prestes a fazer chichi pelas pernas abaixo ao ver diante de si aqueles homens todos de armas em riste.

Tucker sorriu.

— Um pequeno equívoco. Estamos prestes a sair daqui. Desejo-vos um bom dia. — Apontou para Robie. — Anda comigo.

Robie abanou a cabeça.

— Sigo-o no meu carro. É alugado. Não quero ficar sem ele. Sabe bem o que aconteceu ao último carro que tive.

Tucker ficou a ruminar aquela resposta durante alguns momentos; depois regressou ao SUV e bateu com a porta. Robie entrou no Audi, fez marcha atrás, deixou passar alguns automóveis e só depois arrancou atrás do outro.

Ao chegar a uma rua principal, Robie viu o que precisava. Virou rapidamente à direita e encostou ao lado de um parque de estacionamento. Saiu do carro e, antes de entrar no restaurante da cadeia de restaurantes especializados em panquecas, avistou pelo canto do olho a comitiva a parar e a começar a recuar. Em redor, os carros desataram todos a buzinar em protesto.

Robie entrou no restaurante e dirigiu-se ao espaço de acolhimento aos clientes. Uma jovem, trazendo na mão uma ementa, aproximou-se dele.

— Pequeno-almoço para um, cavalheiro?

— Não; a bem dizer, seremos dois ao pequeno-almoço. Mas vamos precisar de espaço para cinco homens à volta da mesa.

A jovem ficou de olhos esbugalhados.

— Desculpe?

— E se por acaso tiver uma salinha privada, seria ouro sobre azul.

— Uma sala privada?

Robie sacou das suas credenciais e exibiu-as.

— Está tudo bem. Somos os bons da fita.

Quando Evan Tucker entrou de rompante com a sua comitiva, já Robie mandara vir dois cafés. Fazendo menção de os expulsar dali para fora, a rececionista parecia horrorizada.

— Está tudo bem — confirmou Robie. — A partir daqui, encarrego-me do assunto.

A rececionista arranjava lugar para Robie na sala dos fundos, mesmo ao canto, o local mais privado que se poderia disponibilizar num lugar daqueles. Por sorte, o restaurante não estava muito cheio. Os clientes habituais encontravam-se a cinco ou seis mesas de distância.

— Que diabo de jogo anda você a jogar? — disparou Tucker.

— Não tive tempo para tomar o pequeno-almoço. Além disso, estou com fome. Pedi um café para si — retorquiu Robie.

— Não podemos discutir o assunto neste lugar.

— Bom, acontece que este é o único lugar onde eu estou preparado para discutir o assunto.

— Quer que o mande prender?

— Não tem autoridade para me mandar prender em território dos Estados Unidos, senhor diretor. E não creio que esteja interessado em envolver a polícia local. É muita areia para a sua camioneta. Poderiam levar-nos dentro e deixar que outra pessoa ficasse a saber do caso. Por isso, aconselho-o a sentar-se. Diga aos seus homens para tomarem posição à volta da mesa, de costas para nós e atentos ao que se passa no exterior, depois de usarem os aparelhos de vigilância antieletrônicos que eles têm na sua posse, claro, e poderemos então conversar acerca de tudo isto.

Conseguindo por fim dominar a sua fúria, Tucker respirou fundo e sentou-se. Fez sinal aos seus homens para fazerem exatamente o que Robie sugerira. De um dos aparelhos que um dos homens tinha na mão, um zumbido soou baixinho.

— Gosta do café com natas e açúcar? — perguntou Robie.

— Sem nada está ótimo.

Aproximou-se dele um empregado, praticamente ainda adolescente. Numa voz trémula, perguntou: — Hã... Querem pedir?

Antes que os seguranças pudessem mandá-lo calar e desaparecer dali, Robie disse: — Pela minha parte, quero. E o senhor diretor?

Tucker abanou a cabeça, mas depois deu uma olhadela à ementa.

— Espere aí... pensando melhor, ainda não comi nada hoje. O que é que recomenda? — perguntou ele ao empregado.

O jovem dava a ideia de que preferia ser devorado por tubarões do que abrir a boca. Mesmo assim, lá conseguiu murmurar: — A modos que somos conhecidos pelas nossas famosas panquecas.

Tucker dirigiu um sorrisinho a Robie.

— Bom, nesse caso traga-me dois ovos estrelados só de um lado, bacon, uma pilha das panquecas ao seu gosto e sumo de toranja.

— O mesmo para mim.

Assim que o funcionário saiu dali, quase em passo de corrida, Robie cravou o olhar em Tucker.

— E agora, podemos finalmente ir direitos ao que interessa? — atacou Tucker.

— Uma pergunta — contrapôs Robie. — Sabe onde se encontra a Janet DiCarlo?

— No hospital, Robie — respondeu Tucker de rajada.

— Okay, mas em que hospital? Porque o hospital onde se encontrava internada na noite passada não faz ideia do atual paradeiro dela.

Tucker ficou petrificado no preciso momento em que ia levar a caneca à boca. Voltou a poisar a caneca.

— Estou a ver que não sabia realmente de nada — afirmou Robie, incrédulo.

— É impossível. Onde é que ela poderia estar? Acabou de sair da sala de operações... Ainda se encontra em estado crítico.

— Está a querer dizer-me que os homens que tem a trabalhar para si naquele hospital não lhe disseram que apareceram uns tipos do Departamento de Segurança Interna que a levaram sabe Deus

para onde? Eu diria que isso era impossível, mas, pelos vistos, estou enganado.

Tucker passou a língua pelos lábios e bebeu um gole de café, poisando de seguida a caneca sobre a mesa.

Robie observou a cena, pensando com os seus botões: A cabeça dele está a trabalhar a toda a velocidade, enquanto procura ganhar tempo.

— Departamento de Segurança Interna? — disse por fim Tucker.
— Tem a certeza?

— Pelo menos era o que diziam as credenciais que foram mostradas às enfermeiras, e que permitiram deixar sair a Janet DiCarlo.

Tucker remeteu-se ao silêncio.

Robie voltou à carga:

— Enquanto o senhor diretor ficava a matutar no assunto, devo dizer-lhe que também eu tive uma pequena conversa com o APSNA.

— Com o Gus Whitcomb? Por quê? — perguntou Tucker bruscamente.

— Os seus homens apareceram e obrigaram-me a ir com eles. O senhor Whitcomb foi honesto comigo, tenho de reconhecer, e não ficou muito contente com a história que lhe contei.

Tucker bebeu mais um pouco de café. Desta vez, aquele gesto representou um erro tático da parte dele, na medida em que permitiu a Robie ver que o outro tinha a mão tremendo.

— O que é que você lhe disse, ao certo?

— Quer mesmo saber?

— Claro que sim.

— Houve uma boa razão que permitiu que a Janet DiCarlo saísse viva daquela emboscada, na noite passada.

— Que razão foi essa?

— Contamos com um anjo da guarda que veio em nosso auxílio.

— Anjo? Que anjo?

— Julgo que o nome dela lhe é familiar. Jessica Reel.

Tucker afastou um nadinha os lábios, mas não havia maneira de as palavras lhe saírem da boca. Finalmente, lá conseguiu balbuciar:
— É ridículo.

— Também seria levado a pensar isso, uma vez que me foi confiada a missão de a encontrar, por ela ser considerada uma traidora que deixou ficar mal o seu país. Pelo menos foi essa a versão que me venderam.

— O que é que pretendia a DiCarlo?

— Tinha uma carrada de histórias interessantes para me contar, tudo coisas relativas a missões anteriores.

— Por exemplo? — insistiu Tucker.

— Missões que não deveriam ter existido, pessoas e equipamento que desapareceram do mapa. Dinheiro deitado ao mar.

Robie deu conta a Tucker, com grande pormenor, das informações que Janet DiCarlo partilhara com ele. Depois de ter terminado o seu relatório, Tucker preparava-se para argumentar, mas Robie ergueu a mão e apontou para a esquerda.

Vinha aí o pequeno-almoço.

O círculo de homens separou-se e os pratos foram colocados à frente deles.

— Mais alguma coisa? — perguntou o empregado, numa voz esganiçada. — Café acabado de fazer?

— Estou ótimo, obrigado — respondeu Tucker, olhando de soslaio para Robie.

— Agradecia um pouco mais de café.

O empregado encheu a caneca de Robie e foi-se embora a correr. Robie atacou a comida; Tucker, no entanto, limitou-se a ficar ali sentado.

— A Janet DiCarlo chegou a fornecer-lhe detalhes exatos acerca dessas missões, no que respeita ao pessoal, equipamento e dinheiro envolvidos?

— Não, mas, se eu estivesse no seu lugar, faria os possíveis e os impossíveis para apurar a verdade.

Tucker abanou a cabeça devagar. Robie não sabia ao certo se o gesto indicava descrença, frustração, ou uma mistura de ambos.

— Tem a certeza de que se tratava da Jessica Reel?

— Mesma altura, mesma constituição física. Era uma mulher.

— Então não pode ter a certeza?

— Quantas mulheres tem o senhor a trabalhar para si capazes de enfrentar meia dúzia de assassinos treinados, isto no decorrer de um tiroteio, e levá-los de vencida? — perguntou Robie. — Caramba, quantos tipos é que seriam capazes do mesmo?

Tucker começou a partir os ovos. Durante alguns minutos, os dois homens comeram em silêncio.

Robie levou a última garfada à boca, empurrou a comida com o resto do café e sentou-se para trás na cadeira, atirando o guardanapo para cima da mesa.

Tucker fez o mesmo.

— No caso de se confirmar que foi a Reel, por que cargas d'água o faria? — perguntou ele.

— Era isso que eu estava à espera que me pudesse dizer.

— Por que razão iria eu ter uma resposta a essa pergunta?

— Porque o senhor é o diretor de investigação criminal. Que diabo, se não tiver respostas para me dar, quem é que vai ter?

— Talvez o Departamento de Segurança Interna.

— Continua a não se entender bem com o seu irmão mais velho? Tucker encolheu os ombros.

— Durante décadas a fio, o FBI era o gorila de trezentos e sessenta e tal qui os que toda a gente detestava. Agora, o Departamento de Segurança Interna, ainda mais detestado, é o urso que pesa quatrocentos quilos.

— Não se pode propriamente dizer que vocês, rapazes, se esforcem por cooperar uns com os outros.

— Isso acontece mais vezes do que o Robie julga.

— Nesse caso, pegue no telefone, ligue para o seu homólogo e peça-lhe com bons modos que deixe regressar a sua funcionária.

— As coisas não são assim tão fáceis.

— Por quê?

— É complicado.

— Ora explique lá.

— Não há tempo para explicar. Tenho várias reuniões importantes e já estou atrasado.

Robie levantou-se.

— Muito bem. Deixo-o então ir para as suas reuniões importantes. Mas, se arranjar um tempinho, talvez seja boa ideia

tentar saber se a DiCarlo ainda está viva.

— Gosto muito da Janet. Não ponha as coisas nesses termos, fazendo-me passar por quem não sou. Para além de minha amiga, é também uma colega.

— Ações, senhor diretor. Levam sempre a melhor sobre a retórica.

— Qual vai ser o seu próximo passo no sentido de encontrar a Jessica Reel?

— O próximo passo não existe. Até alguém me explicar o que raio se está a passar, abandonei oficialmente o terreno de jogo.

— Estaria a desobedecer a uma ordem direta. — referiu Tucker de mau humor.

— Mande-me prender.

Robie empurrou o escudo de seguranças para abrir caminho e abandonou o restaurante.

Quando Tucker fez menção de sair também, o empregado aproximou-se, temeroso, entregou-lhe a conta e escapuliu-se logo a seguir. Após ter conferido o valor da despesa, o diretor da CIA puxou da carteira.

Capítulo 37

Robie deixou-se ficar sentado no apartamento, a remoer os seus pensamentos e a ver se encontrava uma maneira de obter informações de forma discreta. Não era fácil, sobretudo quando as outras pessoas andavam de olho nele.

No entanto, convinha não esquecer que trabalhara na divisão clandestina. Como tal, possuía vários recursos e tinha a seu favor um vasto conjunto de conhecimentos técnicos. Chegara a altura de utilizar esses trunfos.

Meteu-se no carro e deslocou-se até um centro comercial, estacionou na garagem coberta e foi às compras. Passada uma hora, visitara três lojas diferentes e saía de lá com três sacos diferentes.

Munido de um copázio de café, sentou-se a uma mesa e bebeu-o de uma assentada. Aproveitou para comer um queque, apesar de não se poder dizer que estivesse com grande apetite. Levantou-se, deitou o copo vazio no caixote do lixo e continuou a andar.

Ignorava se andava a ser seguido, mas partia do princípio de que isso era uma realidade. Tinha de acreditar que a sua cotação na agência aumentara significativamente. Sem esquecer que agora poderia haver outras agências envolvidas no caso.

Pelos vistos, a Segurança Interna fisgara Janet DiCarlo. Tinham à sua disposição uma substancial quantidade de meios, incluindo satélites. Tornava-se difícil enganar os satélites. Mas havia maneiras. Só podiam divisar aquilo que os seus olhos captavam. E, por vezes, o que pensavam estar a ver não correspondia à realidade.

Consultou o relógio. Uma hora tão boa como outra qualquer. Uma coisa era certa: teriam de se despachar.

Não regressou ao carro. Apanhou o elevador e desceu até o metro.

Viu-se imediatamente rodeado pelo vaivém suburbano das pessoas que se deslocam diariamente de metro, viajando de casa para o trabalho. Misturou-se com um grupo que tentava a viva força entrar na estação e lá conseguiu os seus intentos, deixando cair os sacos, o que provocou um rebuliço enorme à entrada da carruagem.

Uma voz anunciou que as portas estavam prestes a fechar-se. Robie entrou e continuou sempre a andar. Ao chegar ao fim da carruagem, olhou para trás. Dois homens lutavam um com o outro, empurrando tudo e todos para arranjar à força um lugar dentro do comboio.

Robie não os conhecia. Mas sabia de quem se tratava.

Eram os homens encarregados de o seguir. Os sinais não podiam ser mais evidentes.

Segundos antes de as portas se fecharem, Robie saiu por outra porta.

O comboio afastou-se da estação e Robie dirigiu-se para a saída do metro, tornando-se invisível no meio dos demais passageiros.

Em vez de ir pelas escadas, escapuliu-se por uma porta que estava praticamente oculta na parede e que conduzia à área de manutenção.

No corredor deu de caras com dois homens, que quiseram saber o que estava ele a fazer ali; Robie exibiu as credenciais e perguntou-lhes qual era a saída mais próxima. Os homens indicaram-lhe o caminho, e nem um minuto demorou a lá chegar.

Despiu o casaco castanho e virou-o do avesso, deixando à mostra o forro azul. Tirou um boné do bolso e enfiou-o na cabeça. Ocultou o rosto por trás dos óculos escuros.

Mal chegou à rua, apanhou logo um táxi. Passados vinte minutos, já deixara a cidade para trás.

Saiu do táxi um pouco antes de chegar ao seu destino e fez o resto do trajeto a pé.

A oficina de reparação de calçado ficava numa zona de casas e lojas decrépitas. Assim que Robie entrou lá dentro, soou uma campainha; a porta fechou-se automaticamente nas suas costas.

Após uma breve pausa, despiu o casaco e tirou os óculos, e só depois olhou à sua volta. A loja continha tudo o que seria de esperar num comércio do gênero. Com a diferença de que o cavalheiro que geria aquele negócio não dependia de pôr capas em sapatos velhos para ganhar o pão de cada dia.

O indivíduo saiu de trás de uma cortina que dava acesso a uma passagem, escondida atrás do balcão.

— Posso ajudá-lo?... — ia ele a perguntar, mas interrompeu a frase ao reconhecer Robie.

Robie avançou e pousou as mãos sobre o balcão.

— Sim, espero bem que me possas ajudar, Arnie.

O homem andava na casa dos cinquenta, tinha cabelo grisalho, barba cuidada e umas orelhas descomunais. Ato contínuo, olhou por cima dos ombros de Robie, em direção à porta. Robie abanou a cabeça.

— Estou sozinho.

— Nunca se sabe — retorquiu Arnie.

— Nunca se sabe — concordou Robie.

— Vens em trabalho? — perguntou Arnie.

— Uma cena diferente.

— Gelder?

Robie acenou afirmativamente.

— Dava-me jeito uma ajuda.

— Estou basicamente reformado.

— Isso é basicamente uma mentira.

— De que precisas?

— Jessica Reel — respondeu Robie.

— Aí está um nome que eu não ouvia há muito tempo.

— Esse estado de coisas pode mudar. Quem eram os seus contatos?

— Lá dentro, imagino que saibas, visto que ainda pertences à agência — alvitrou Arnie.

— Não me refiro ao interior da agência. Arnie passou a mão pelo queixo.

— A Reel é boa no que faz. Talvez seja tão boa como tu.

— Melhor até do que eu, provavelmente.

— Estamos a falar de quê, em concreto?

— Ela está metida numa enrascada. Talvez a possa ajudar.
— Vocês os dois já trabalharam juntos — observou Arnie.
— Há muito tempo. Gostava de descobrir o paradeiro dela.
— Para depois fazeres o quê?
— O meu trabalho. Arnie abanou a cabeça.
— Não te vou ajudar a eliminá-la, se é disso que se trata.
— Trata-se de fazermos deste país um país seguro, Arnie, é disso que se trata.
— Não sei dela há um ror de tempo.
— E os contatos dela?
— Juras que a tua intenção é ajudá-la? — perguntou Arnie.
— Se eu jurasse, acreditavas na minha palavra?
— Tens fama de ter boa pontaria, Robie. E não me refiro apenas aos resultados que consegues de espingarda em punho. Porém, estamos no mesmo barco, e talvez eu te possa ajudar. São estas as minhas condições. Se não gostares, e partindo do princípio de que não tens sapatos para remendar, serei obrigado a pedir-te que abandones a minha loja.

Robie ponderou as palavras do outro e chegou à conclusão de que não tinha escolha possível.

— Pensam que a Jessica Reel matou o Gelder e outro operacional.

— O tanas!

— Na realidade, acredito que tenha sido ela a matá-los. Mas não é assim tão simples como parece. Passa-se alguma coisa, Arnie. Assistimos a uma tramoia qualquer a nível interno, que cheira mal que se farta. Tive oportunidade de conhecer bem a Reel. Confiei-lhe a minha vida.

— E se foi ela quem matou o número dois? — atalhou Arnie.

— Incumbiram-me de lhe deitar a mão, visando repor a transparência e apurar a verdade dos fatos.

— E tens as tuas dúvidas, é isso?

— Se não tivesse, não estaria aqui — confirmou Robie.

Os dois homens olharam um para o outro, cada um do seu lado daquele balcão manchado e coberto de sulcos. Parecia a Robie que Arnie estava a tentar perceber, na medida do possível, até que ponto ele era sincero. E com uma certa razão. Naquela atividade, a

sinceridade era um atributo difícil de encontrar. Quando isso acontecia, uma pessoa quase ficava surpreendida com a sua estrelinha.

— Pode ser que tenhas sorte — disse Arnie.

— Por que dizes isso?

— O meu campo de intervenção é pequeno, contam-se pelos dedos os jogadores que fazem parte da equipe. Não diria que existem propriamente reuniões, mas mantemos um certo contacto. Sempre que um de nós precisa de ajuda, marcamos encontro ou, se for caso disso, fazemos favores uns aos outros, na esperança de que esse favor seja retribuído se alguma vez precisarmos.

— E como é que isso me ajuda? — perguntou Robie.

— Recebi uma chamada de alguém que faz o mesmo que eu. Não vou avançar nomes, mas é uma pessoa que conhece a Reel. Ora bem, pode acontecer que tenha estado em contacto com ela.

— O que é que ela pretendia desse teu amigo?

— Um documento e um endereço.

— Que tipo de documento e o endereço de quem? — quis saber Robie.

— Não tenho a certeza. Para ser franco, não o pude ajudar. Mas mandei-o ter com alguém que porventura reunia as condições desejadas e poderia fazê-lo, na minha opinião.

— Volto a insistir, Arnie. Não estou a ver para que é que isso me serve.

— Havia um nome relacionado com o endereço.

— Que nome era esse?

— Roy West.

— Quem é? — perguntou Robie.

— Trabalhava para a agência. Arraia-miúda, mas o certo é que a Reel estava interessada nele. Suficientemente interessada para correr o risco de contactar o meu amigo. Se foi ela quem matou o Gelder, ficou indelevelmente marcada no círculo mais próximo.

— Fazes ideia das razões que levam a Jessica Reel a estar interessada no West?

— Não. Mas o pedido foi feito com carácter de urgência.

— Achas que o teu outro amigo conseguiu arranjar-lhe o documento que ela pretendia?

Arnie abanou a cabeça.

— Não tenho forma de saber. E não te incomodes sequer a pedir-me que faça o mesmo por ti. Esse amigo, quando muito, realiza um favor de cinco em cinco anos. Passou à clandestinidade. Não existe maneira de chegar até ele.

Robie perscrutou atentamente o outro homem. Em parte, tinha a impressão de que tudo aquilo não passava de uma treta pegada, mas, por outro lado, algo lhe dizia que havia ali qualquer coisa que fazia sentido. Os agentes clandestinos não eram propriamente comerciantes de revenda. As suas lojas não se encontravam abertas sem razão de ser.

— Bom, parece que lá terei de ir à procura do West e do tal documento por portas travessas.

— O West está no Arkansas.

— Como é que sabes?

— Não pude ajudar com o documento, mas, visto que pesquei o nome, fiquei curioso. Em resultado disso, fiz a minha investigaçãozinha.

Arnie puxou dos óculos e colocou-os. Virou-se para o computador colocado em cima do balcão, carregou em várias teclas e uma folha de papel aterrou no tabuleiro da impressora. Entregou-o a Robie, que não se deu sequer ao trabalho de olhar para ela antes de o enfiar no bolso.

— Não é um endereço, são indicações. Complicadas, pelo que me foi dado a ver. É esse gênero de lugar, palpita-me.

— Aprecio o gesto — disse Robie.

— Quem não aprecia nada a situação sou eu, no caso de me estares a intrujar. Se a Reel tombar às tuas mãos, não tornes a pôr os pés aqui.

— Depreendo que gostas dela?

— Se foi ela que matou aqueles homens, só sei que devia ter uma razão muito boa para o fazer.

— Espero que estejas certo.

Robie saiu e apanhou outro táxi, que o deixou a três quilômetros do seu destino, onde o esperava uma nova etapa. Fez o resto do caminho a pé.

O bosque ficava à sua direita. Agachou-se e percorreu num passo acelerado o trilho coberto de gravilha que seguia ao longo das árvores. A casa ficava a cerca de quilômetro e meio.

Era o seu esconderijo. O porto de abrigo cuja existência a agência desconhecia.

Julie sabia que a casa existia e onde ficava. O mesmo sucedia com Nicole Vance. Mais ninguém.

A bem dizer, Robie lamentava que elas estivessem a par daquele segredo, mas não podia voltar atrás e alterar as coisas.

Desativou o sistema de segurança, subiu as escadas a correr, fez a mala e dirigiu-se ao velho celeiro, que ficava mesmo ao lado da casa. Destrancou a porta e esgueirou-se lá para dentro. Na única baia existente no celeiro estava uma van de caixa aberta. Tinha o depósito cheio.

Robie dispersou o feno que cobria o chão, deixando a descoberto um painel quadrado de madeira. Levantou-o e apressou-se a descer os degraus que ficaram à vista.

Não tinha sido ele a construir aquele lugar debaixo do celeiro. O responsável fora o proprietário original, um agricultor que ali vivera e que deitara mãos à obra no dealbar dos anos cinquenta do século passado, sem dúvida na esperança de que uma superfície revestida de madeira e palha o pudesse, até certo ponto, proteger contra um ataque termonuclear por parte da União Soviética. Imagine-se!

Robie descobrira aquele refúgio por mero acidente, quando andava um dia a revistar o celeiro, depois de ter comprado a propriedade usando outro nome que não o seu.

Pouco a pouco, tinha-o equipado com uma série de coisas de que poderia vir a precisar quando chegasse a hora. E chegara a hora.

Empacotou o equipamento num cobertor enorme e enfiou-o no estrado da van, que possuía uma cobertura que se podia fechar a cadeado. Abriu a porta do celeiro, trouxe a van para o exterior e voltou a trancar a porta. Conduziu até a estrada principal e carregou a fundo no acelerador.

Esperava muitas coisas daquela jornada. Acima de tudo, contava enfrentar Jessica Reel. No caso de isso se verificar, esperava estar

preparado para se defender de tudo e mais alguma coisa que ela pudesse arremessar contra ele.

Capítulo 38

A velhota arrastrou-se em direção à fila de controle de passageiros. Era alta e magra, com as mãos cobertas de manchas da idade. Tinha as costas curvadas e parecia sofrer horrores a cada passo que dava. O cabelo era branco e estava cortado curto. Olhou para o chão quando passou pelo magnetômetro sem que a máquina produzisse qualquer som.

Recolheu a bagagem e seguiu o seu caminho, continuando a arrastar os pés.

No ônibus, escolheu o assento ao pé da janela. Olhou lá para fora e não meteu conversa com o passageiro que ia sentado ao lado dela. O voo foi calmo, a aterragem sem história.

A chegada, o Sol brilhava e o céu estava limpo. Sempre era uma mudança simpática, depois do clima úmido e frio que se fazia sentir em Washington.

Mal desembarcou, caminhou de novo lenta e de forma trôpega para a casa de banho.

Passados vinte minutos, tornou a aparecer, mais nova e direita. Deixara de arrastar os pés. O seu disfarce encontrava-se cuidadosamente guardado no carrinho de mão.

Tinha uma mala para levantar na área de recolha de bagagens. Tratava-se de uma mala grande com rodas, e no interior havia duas caixas metálicas, ambas hermeticamente fechadas.

Uma continha dois conjuntos diferentes de munições.

Na outra estava a sua Glock.

Ela declarara a arma no momento do embarque, ainda no papel de velha senhora. O pessoal que estava a fazer o check-in limitara-se a partir do princípio de que se tratava de uma avozinha que gostava de andar protegida.

Também transportava lá dentro inúmeras peças de plástico e acessórios metálicos, assim como uma data de molas espalhadas no meio da bagagem, por tudo quanto era lugar.

Levantou a mala e puxou-a pelas rodinhas até o balcão dos carros de aluguel. Vinte minutos mais tarde, Jessica Reel encontrava-se ao volante, a abandonar o aeroporto num Ford Explorer preto.

A Glock estava no coldre, devidamente carregada e pronta a entrar em ação.

Ela esperava não ter de a usar. Nem aquela nem as outras armas que trouxera na bagagem.

Na maior parte das vezes, as suas esperanças não se realizavam.

Contava para aí uma dúzia de disfarces que os seus anteriores chefes desconheciam por completo. Tratara de se certificar de que as coisas funcionavam desse modo mesmo quando trabalhava para eles. Não estava no seu feitio confiar facilmente nos outros — sobretudo quando tinha por superior hierárquico alguém que se mostrava pronto a renegar a ligação com ela e a deixá-la cair mal falhasse uma missão.

Atinou com a estrada certa e rumou a oeste. Encontrava-se a percorrer uma área pouco populosa, que ameaçava tornar-se cada vez menos povoada à medida que os quilômetros se sucediam e avançava no terreno. Seguindo as instruções do GPS, saiu da estrada principal; dez quilômetros mais à frente, depois de uma série de curvas e contracurvas, o GPS falhou em grande e deixou-a às aranhas. Por sorte, Reel tinha traçado o mapa da zona antes de partir e, mentalmente, seguiu o traçado sinuoso com a ajuda da sua bússola interna até se encontrar a pouco mais de um quilómetro do destino programado. Passou a saída da autoestrada que tomaria mais tarde e continuou sempre em frente.

Estava na hora de proceder ao necessário reconhecimento. Contornou a estrada e deu com outro caminho. Aventurou-se por esse trilho fora tão longe quanto pôde. Viu-se obrigada a puxar ao máximo pelo seu modelo de tração às quatro rodas, mas ficou satisfeita com o resultado. Voltou para trás e meteu-se pelo desvio por onde tinha passado antes. Continuou sempre pela estrada de

terra batida e gravilha durante cerca de um quilômetro e depois parou.

Era o máximo que se aventuraria de carro. O resto do percurso teria de ser feito a pé.

Abriu uma das malas e retirou de lá todo o material de plástico e de metal, sem esquecer as molas. Algumas peças eram bastante grandes, outras pequenas.

Colocou todos os artigos no espaço de carga do Ford. Movendo os dedos com destreza e precisão, demorou pouquíssimo tempo a montar a MP-5.

Juntou a caixa de munições contendo trinta e duas balas e passou a alça por cima da cabeça, a fim de permitir que a pistola-metralhadora ficasse confortavelmente apoiada à sua frente. Tapou a arma com um longo casaco guarda-pó de couro, que lhe chegava praticamente aos calcanhares. Na cabeça enfiou um chapéu de cowboy, que puxou para os olhos; equipou-se com óculos e luvas.

Podia perfeitamente representar a versão feminina de um pistoleiro a preparar-se para uma batalha de rua.

Olhou em frente, estudou a topografia do terreno, e só depois avançou. O seu andamento era lento, enquanto o olhar varria tudo em redor. De cima a baixo e de um lado ao outro. Sem deixar de prestar atenção a todos os sons que, nas suas costas, pudessem constituir uma ameaça.

Andou setecentos e cinquenta metros, certificou-se de que a estrada fazia uma curva mais à frente e imobilizou-se. Olhou para a direita e para esquerda, e inspecionou outra vez o terreno atrás de si.

Após ter avançado quinze metros, agachou-se, estudando a configuração do terreno. Os potenciais pontos de ameaça eram numerosos e, para uma pessoa experiente como ela, todos bem visíveis.

A casa tinha, de fato, o aspecto de uma verdadeira cabana. A começar pelos troncos, cortados e serrados como mandavam as regras, e a terminar nas extremidades afiadas, passando pelo enchimento entre os toros. A porta era constituída por uma robusta peça de madeira. Reel deduziu que teria múltiplas fechaduras instaladas e, muito provavelmente, um sistema de segurança.

Até ali, que ela pudesse ver, não existiam linhas elétricas. O seu olhar percorreu o espaço em volta, e foi então que reparou no gerador a diesel. Contudo, estava desligado. Destinava-se nitidamente a uma situação de recurso.

Nesse caso, onde estaria instalada a principal fonte de energia?

Desviou-se para a direita, a fim de obter uma vista melhor por trás da cabana.

Foi então que viu um campo enorme repleto de painéis solares. Era um exagero, pensou ela. O que ali estava devia fornecer energia suficiente para alimentar um lugar dez vezes maior. De certeza que havia cabos subterrâneos destinados a transportar toda aquela energia até a cabana.

A esquerda da cabana, para aí cinquenta metros mais à frente, via-se um celeiro. Porventura alimentado a energia solar.

Totalmente incontactável. Faz todo o sentido.

Reel não estava à espera de ir encontrar vacas nem cavalos dentro daquele celeiro.

Deparou-se com um jipe de quatro portas, último modelo, coberto de poeira. A matrícula era local. Cabide de armas na parte de trás com mira acoplada.

Começou a avançar, mas, às tantas, pensou duas vezes. Escondida atrás de uma árvore, tirou um objeto de metal estreitinho, ligou-o e apontou na direção do solo, mesmo à sua frente. As linhas de laser até aí invisíveis tornaram-se evidentes. Visita técnica. Apenas um alerta? Ou teriam armadilhas?

Podia haver IED²¹ espalhados por todo o lado, com o perigo de o dono da casa ser o único a saber onde se encontravam.

21 IED = improved explosive devices, isto é, artefatos explosivos improvisados, cada vez mais sofisticados e letais. (N. da T.)

Permaneceu onde estava, dando voltas na cabeça para descobrir como havia de contornar aquele perímetro. Havia maneiras de o fazer; só tinha de encontrar a maneira certa.

Enquanto se mantinha no seu posto de observação, a porta da cabana abriu-se.

Talvez o problema estivesse em vias de se resolver por si próprio.

Capítulo 39

Era uma viagem de dezoito horas de carro até o Arkansas, onde Roy West fixara residência. Robie só parou para meter gasolina e ir à casa de banho. Quando sentiu fome, comeu o que levava preparado da casa segura.

Pelas suas contas, no momento em que o Sol nascera, encontrava-se parado a cerca de oito quilômetros do destino final.

Olhou em redor. Passara pela civilização duas horas antes e encontrava-se oficialmente numa terra de ninguém. Na última meia hora não avistara uma única casa. O terreno tanto era rochoso como se mostrava luxuriante. Quanto às estradas... bom, verdade seja dita que não parecia haver muito disso por aquelas bandas. E as únicas que se viam tinham deixado de ser asfaltadas e passaram a ser de terra batida.

Robie consultou o relógio de pulso. Ganhara uma hora ao mudar de fuso horário. Oxalá valesse a pena. Sentia-se cansado, mas não se podia dizer que estivesse esgotado.

Abriu a janela e respirou o ar seco, cortante.

Atravessara montanhas e planícies.

Regressara à zona montanhosa.

Arnie tinha-lhe dito que Roy West trabalhara para a agência. Reel mostrara-se interessada num documento da autoria de West, pelo que Robie depreendia. Isto tinha um significado qualquer aos olhos de Jessica Reel. Um significado importante.

E onde é que se encontrava Reel? Será que já ali estava?

Olhou novamente à sua volta. Esconderijos não faltavam. Se o lugar para onde se dirigia era tão remoto como aquele, não tinha hipótese de lá chegar de carro sem dar nas vistas.

Ora, isto significava que teria de deixar a van algures pelo caminho.

Preferia andar a pé.

Uma van daquele tamanho era um alvo demasiado óbvio.

Robie estacionou o veículo num local afastado da estrada, mudou de roupa, vestiu um uniforme camuflado. Também aproveitou para enfarruscar a cara. Guardou o material todo dentro do saco e fez-se à estrada. Dera-se ao trabalho de decorar o trajeto que teria de percorrer para chegar a casa de Roy West. Estava decidido a encarar aquela missão como outra qualquer.

No entanto, ao contrário das suas habituais missões, o certo é que não tinha um propósito definido quando chegasse ao destino. Desconhecia se West se revelaria amigo ou inimigo. Não fazia ideia se estaria a caminho de uma armadilha, que, por qualquer razão, Jessica Reel lhe pudesse ter montado.

Apesar do percurso montanhoso, a travessia decorreu sem acidentes. Treinara durante anos a fio para missões daquele gênero. Mesmo aos quarenta anos, movimentava-se por cima dos rochedos e do terreno irregular com a agilidade de um atleta de elite no seu pico de forma.

Anotou mentalmente os quilômetros. A medida que se aproximava do que poderia ser o ground zero, a sua mão fechou-se com mais força em torno da principal arma, a espingarda de atirador especial.

Levara mais duas armas na bagagem, juntamente com munições suficientes para fazer frente a uma poderosa artilharia do outro lado. Escolhera o armamento a pensar já em diferentes cenários.

A MP-5 destinava-se a uma luta em recinto fechado contra um inimigo superior em número. Com a patilha de segurança em posição de rajada automática, conseguia dizimar os adversários a uma velocidade impressionante.

Destinava a sua faca Ka-Bar a combates corpo a corpo. Tanto podia utilizá-la para cortar a garganta como para esventrar alguém, tudo com a mesma eficácia garantida.

Quanto à Glock, essa tinha lugar cativo na sovaqueira. Nunca ia a lado nenhum sem ela. Era, por assim dizer, o seu terceiro braço.

Além disso, ainda contava com um tipo de artilharia especial no arsenal que transportava consigo. Era o seu plano B.

Ao chegar a uma clareira, aproveitou para tirar o binóculo do saco e varrer demoradamente toda a zona em redor, tirando partido do fato de se situar num ponto estrategicamente elevado.

Fora a natureza propriamente dita, pareceu a Robie não haver muito mais digno de registro. Até que distinguiu uma chaminé a espreitar por entre um espaço no meio das árvores. Existia uma estrada de terra batida, toda aos altos e baixos, que ia lá ter. De onde se encontrava, não dava para ver a casa.

Apesar de Robie não vislumbrar fumo vindo da chaminé, a verdade é que não estava frio nenhum, por isso era perfeitamente plausível que alguém pudesse estar dentro de casa sem precisar de acender a lareira. No mapa que visualizara, aquela casa — o endereço de Roy West — representava o seu destino.

Com o binóculo focado e descrevendo um amplo arco, continuou a perscrutar o horizonte. Por fim, pousou o binóculo e olhou através da mira da espingarda, de longe mais potente.

O seu objetivo não visava apenas detetar a presença de West ou de quem quer que estivesse com ele. Estava à procura de Reel. De uma coisa Robie estava certo.

A mulher encontrava-se ali.

Sentia-o nos ossos.

Capítulo 40

O homem saiu da cabana.

Roy West estava na casa dos quarenta, media pouco menos de um metro e oitenta e tinha à volta de noventa quilos bem pesados. Os dedos eram longos e curtidos, a condizer com o rosto. O bigode e a barba cobriam-lhe o lábio superior e o queixo. Calçava botas de combate, com jeans enfiados por dentro, camisa de flanela, e usava um colete com bolsos incorporados para guardar balas de espingarda.

Tirou um controle remoto do bolso e carregou no botão. O campo laser desligou-se e desapareceu. Estacionara o jipe num local estratégico, para não interferir com o campo laser.

Do seu esconderijo, Jessica Reel viu-o aproximar-se do veículo, seguindo todos os seus passos. Ela tinha razão: o local encontrava-se armadilhado. Para chegar até ao jipe, West dava-se ao trabalho de percorrer o caminho em ziguezague, devagar e cheio de cautelas.

Assim que o viu tocar na porta do veículo, Reel passou ao ataque.

— Precisamos de conversar, Roy.

Ele deu uma volta sobre si mesmo, fazendo aparecer a arma como que por magia.

A MP-5 desatou a disparar em modo automático antes que ele tivesse sequer oportunidade de lhe apontar a pistola. Uma saraivada de balas destruiu a traseira do jipe, penetrando através do metal e dando cabo do interior.

West atirou-se para cima do tejadilho do jipe.

— A próxima descarga é para ti — avisou Reel. — Baixa a arma. Imediatamente. Não torno a avisar.

West baixou a arma.

— Vira-te para mim, mãos em cima da cabeça, dedos cruzados. Olhos no chão. Levantas a cabeça e levas com um balázio no olho direito.

O outro virou-se, com os dedos entrelaçados à volta da cabeça, sempre a olhar para baixo.

— O que queres? — perguntou ele numa voz pouco firme.

— Aproxima-te Vê lá, não tropeces num IED.

West pareceu ficar aturdido ao ouvir aquele comentário, mas encaminhou-se na direção dela, evitando o campo de minas e imobilizando-se a dois passos delas.

— Já posso olhar para cima?

— Não. Deita-te no chão, de barriga para baixo, pernas e braços abertos.

West obedeceu.

Reel pôs um pé em cima dele, mantendo-se sempre na retaguarda, devidamente protegida.

— Há um homem na cabana com uma espingarda apontada a ti — disse ele.

— Não me parece.

— Esse é um risco que não podes correr.

— Isso é que posso. Encontro-me atrás de uma árvore. E se o teu "homem" não deu a cara depois de ter assistido à minha chuva de balas, é porque não passa de um covarde, e não vale a pena perder o meu tempo com ele.

— Quem és tu e o que pretendes de mim?

— Quem eu sou não vem ao caso. Já te digo o que pretendo saber.

Reel tirou de debaixo do casaco um monte de papéis e lançou-os para o meio do chão, na direção dele.

— Posso dar uma olhadela sem correr o risco de levar um tiro? — perguntou ele.

— Estende os braços devagar, muito devagar.

Ele fez o que ela mandou e agarrou nas folhas de papel. Puxou-as para si e leu a primeira página.

— E então?

— Foste tu quem escreveu isto?

— E se tiver sido?

— Por quê?

— Era o meu trabalho. O meu antigo trabalho.

— Verifiquei qual é o novo trabalho que tens. Diriges a tua própria milícia.

West respirou de forma ofegante.

— Não somos uma milícia. Combatemos pela liberdade.

— Combatem pela liberdade de quem?

— Se estás a perguntar, é porque não irias entender a resposta. Reel franziu o sobrolho.

— O governo dos mauzões? Vives no meio do nada. Tens armas. Tens tua casa. Estás incontatável. Ninguém te chateia, pelo que me é dado ver. Qual é o problema?

— É só uma questão de tempo até eles virem a nossa procura. E, acredita no que te digo, estaremos preparados.

— Sabes o que escreveste no papel. Acreditas nisso?

— Claro que sim.

— Achas que pode, de fato, tornar-se realidade? — quis ela saber.

— Sei que pode. Tudo porque somos negligentes em matéria de segurança. O que acontece é que eles não tiveram tomates para admitir isso mesmo, em Washington. Palpita-me que os mandachuvias queriam que os cabrões nos atacassem. Foi uma das razões que me levou a pedir a demissão. Meteu-me nojo.

— Na tua opinião, este é o caminho para um futuro de paz?

— Nunca disse que o objetivo era construir um futuro pacífico. Ter um futuro é o objetivo. Domina-se pela força. Enchem-se as pessoas de porrada, em vez de se ficar à espera de que elas nos ataquem. Montes de pó, como nós lhes chamamos. Pensam que a segurança é impenetrável. Bem, o meu artigo demonstrou o grau de impenetrabilidade da coisa. Uma porra.

— Quer dizer que a tua missão consistia em antecipar a perspetiva mais catastrófica?

— Tínhamos um gabinete exclusivamente para isso. As outras pessoas, na sua maioria, limitavam-se a fazer a mesma treta de sempre. Que é como quem diz, nada que fugisse à rotina normal. Tinham medo de agitar as águas. Eu não sou assim. Dão-me uma tarefa, e eu faço-a. Estou-me nas tintas para as consequências.

— A quem é que mostraste o livro branco?

— É confidencial — respondeu West.

— Já não trabalhas para o Governo — argumentou Reel.

— Não deixa de ser confidencial.

— Pensava que o Governo era o inimigo.

— Neste momento, tu és o inimigo. E se pensas que vais safar-te daqui com vida, a tua estupidez não tem limites.

— És tu que ditas as leis aqui? Tu e os teus guerrilheiros?

— Podemos dizer que sim, basicamente. Por que razão pensas que vim viver para estas bandas?

— Por que te sujeitas a isto? — voltou ela à carga — O que é que vais fazer? Torturar-me? — perguntou ele com desprezo.

— Não tenho tempo para isso. Se eu te torturasse, nunca mais te esquecerias disso, garanto-te. Caso não me digas o que pretendo, dou-te um tiro, tão simples quanto isso.

— A sangue-frio? — troçou ele. — És uma mulher.

— Isso deveria chegar para te fazer medo. West soltou uma gargalhada.

— Tens o sexo feminino em grande conta, não tens?

— Foste um manga de alpaca durante toda a tua carreira. Nunca disparaste um tiro e ninguém disparou contra ti. O mais perto que estiveste de uma situação de perigo foi observar tudo através de vídeo, a milhares de quilómetros de distância. Alguma vez te sentiste um homem a sério por causa disso, em vez do rufião e do enconado que na realidade és?

West ameaçou dar um salto e levantar-se, mas Reel disparou. O tiro passou a escassos centímetros do ouvido direito dele; pedaços de terra batida saltaram e fizeram ricochete na orelha, que começou de imediato a sangrar.

— Atingiste-me, sua cabra estúpida! — gritou ele.

— É terra, e não metal. Irias dar pela diferença, acredita. Agora afasta mais as pernas.

— O quê?

— Afasta as pernas.

— Por quê?

— Faz o que te digo ou juro que a próxima coisa que sentirás não vai ser um pedaço de terra.

West afastou as pernas.

Reel aproximou-se por trás dele e alinhou o tiro com a Glock.

— Que raio estás tu a fazer? — berrou ele, em pânico.

— Com qual dos testículos queres ficar? Mas deixa-me que te diga uma coisa: deste ângulo, não te posso garantir que não atinja os dois com um só disparo.

Ele juntou imediatamente as pernas.

— Assim apanhas com um balázio pelo cu acima — disparou ela. — Desconfio que não te fará sentir muito melhor.

— Por que cargas-d'água fazes isso? — gritou ele.

— É muito simples. Pedi-te o nome de uma pessoa. Não me deste esse nome.

— Não apresentei oficialmente o relatório a ninguém em concreto.

— Sem ser oficialmente, nesse caso — disse Reel.

— O que interessa isso?

— Interessa, porque parece que algumas pessoas te levaram a sério e vão pôr a tua teoria em prática.

— Jura!...

— Não te mostres tão satisfeito. É de loucos. E agora, o nome. Não torno a pedir.

— Não passava de um nome em código — confessou West.

— O tanas!

— Juro por Deus!

— Que explicação me dás para o fato de apresentares oficiosamente um documento a uma pessoa que se esconde por trás de um nome em código? E é bom que a tua resposta faça sentido, ou vais ter de arranjar uma nova maneira de aliviar os intestinos.

— A pessoa em questão veio ter comigo.

— Que pessoa? — continuou Reel a apertar com ele.

— Dirigiram-se a mim por correio eletrónico, quero dizer. Por alguma razão, descobriram que eu tinha traçado um cenário abrangente e revolucionário. Obrigou a uma justificação.

Reel sentiu repulsa ao ver como o outro, de repente, se animara pelo simples fato de ter começado a dissertar sobre os seus "feitos".

— Quando é que essa história aconteceu?

— Há coisa de dois anos — afirmou ele, acrescentando: — Vão mesmo para a frente com isso? Quem, concretamente?

— Qual era o nome de código? Ele não abriu o bico.

— Tens um segundo. Agora!

— Roger Astucioso — gritou ele.

— E por que apresentar o relatório ao Astucioso? — perguntou ela calmamente, mantendo o dedo no gatilho da Glock.

— A assinatura eletrônica dele indicava que tinha autorização ultrassecreta das mais altas esferas e que estava pelo menos três níveis acima de mim. Pretendia saber qual o resultado das minhas pesquisas. Afirmou que corriam rumores de que o meu plano era revolucionário.

— Como é que ele sabia uma coisa dessas se tu não tinhas mostrado o plano a mais ninguém?

O indivíduo hesitou e lá acabou por dizer, meio envergonhado: — Talvez eu tenha tocado no assunto quando nos encontrávamos depois das horas de trabalho num bar para tomar um copo.

— Não admira que o Governo te tenha mandado dar uma curva. És um idiota.

— Eu acabaria por me vir embora, de qualquer maneira — apressou-se ele a dizer.

— Certo. Para vires a correr morar numa pequena cabana perdida no meio desta sarjeta a céu aberto.

— Esta é a verdadeira América, cabra!

— O teu relatório catastrofista não podia ser mais concreto.

— País a país, líder a líder, passo a passo. Era tudo uma questão de tempo. O perfeito quebra-cabeças. Passei dois anos a trabalhar na sua resolução. Todas as contingências. Tudo o que podia correr mal. Nada ficou por conta do acaso.

— Nem tudo.

— Isso é impossível — disparou ele.

— Não contaste comigo.

Foi Reel a perceber-se dos sons. Quando isso aconteceu, ele sorriu.

— O teu tempo chegou ao fim, jovem senhora.

— Não sou jovem. E nunca me tive na conta de uma senhora.

A bota dela abateu-se sobre a nuca de West, ressaltando na terra batida e arrumando com ele de vez. Reel agarrou nas folhas e enfiou-as dentro do casaco guarda-pó.

Reel recuou até a cabana, seguindo os passos seguros dados por West, e passou rapidamente em revista o seu interior. Havia montes de armas, munições, granadas, quantidades industriais de C4 e Semtex, entre outros explosivos. Através de uma janela que dava para o alpendre traseiro, avistou bidões de duzentos litros com o que parecia ser gasolina e talvez fertilizador. Duvidava que servissem para alimentar o gerador ou para a preparação das sementeiras. Calculou que o celeiro devia estar repleto de contentores iguais àqueles.

Encontrou ainda pormenorizados planos de ataque a cidades importantes dos Estados Unidos. Pessoas daquela laia eram terroristas domésticos da pior espécie. Agarrou no que lhe pareceu importante, incluindo um pendrive USB que estava ligado ao notebook, e enfiou tudo nos bolsos do casaco.

Aproveitou para pegar duas ou três granadas. Uma "senhora" nunca devia carregar granadas demais.

Saiu dali a correr em direção ao jipe, abriu a porta de trás e sacou a espingarda com a mira e uma caixa de munições, que estavam depositadas no compartimento de carga.

Regressou a toda a velocidade ao seu Explorer, saltou lá para dentro e arrancou na mecha. Antes de chegar à estrada principal, soube que era demasiado tarde. Quando se apercebeu do que a esperava, não teve outro remédio senão fazer meia-volta e voltar à cabana.

Segundo tudo indicava, aqueles preciosos segundos que Reel desperdiçara poderiam vir a custar-lhe a vida.

Capítulo 41

Reel carregou no acelerador e o Explorer disparou em alta velocidade, rugindo pela estrada de gravilha. Planeava já o ataque. Num cenário de inferioridade numérica, a retirada nem sempre constituía a opção óbvia. Forças em número superior nunca esperavam que o oponente, sobretudo em clara desvantagem, se decidisse pelo ataque.

Reel não se preparava para fazer exatamente isso. Tinha em mente, sim, uma versão modificada de um ataque frontal.

Olhou através do espelho retrovisor e aumentou a distância em relação à potente van Denali que a perseguia. Devia estar repleta de fanáticos radicais, combatentes da liberdade, e, em princípio, fortemente armados, como mandava o figurino.

Se seria verdade ou não, iria descobri-lo daí a poucos segundos. E também ficaria a saber de que massa eram feitos como guerreiros. Só esperava que o seu plano, que não passava de um mero subterfúgio, resultasse.

Assim que ganhou a distância necessária, baixou o vidro do lado do motorista, travou energicamente e guinou o volante, o que fez com que o Ford derrapasse até se imobilizar no meio da estrada, bloqueando-a. Agarrou na espingarda, apoiou o cano na janela, fez pontaria e atirou sobre os pneus da Denali. A seguir, colocou outro tiro direito ao centro da grelha frontal. A van expulsou uma nuvem de vapor e imobilizou-se.

As portas abriram-se e os homens saíram, empunhando uma parafernália de armas.

Pistolas ou outras armas de menor potencial ofensivo não a preocupavam. Não dispunham de alcance suficiente para se tornarem letais.

Os homens abriram fogo, mas não lhe fizeram molha, nem de perto nem de longe.

Reel disparou três vezes, e três dos fulanos caíram redondos no chão, nenhum com ferimentos mortais, o que era intencional por parte dela. Apenas os queria fora de ação. Talvez existisse um raro sentido de equidade ou benevolência no meio daquilo tudo. Não tinha forçosamente de os matar se os podia deixar impossibilitados de lutar.

Desviou a atenção para outro dos combatentes, que surgira do lado esquerdo da Denali. Empunhava uma espingarda de atirador especial.

Esse, sim, podia atingi-la. Por isso, despachou-o com um único tiro na cabeça. Viu o corpo ser arremessado para trás com o impacto e a espingarda saltar-lhe das mãos.

Ninguém correu para a recuperar.

Os homens, talvez pensando no que se tinham metido, recuaram e apressaram-se a tomar abrigo, usando a Denali como escudo.

Porém, através da mira telescópica, Reel viu alguns alcançarem os telemóveis.

Estavam a pedir reforços.

Por mais irônico que parecesse, era exatamente o que pretendia. Dar-lhe-ia o tempo necessário para executar a segunda parte do plano. Engatou uma mudança e pôs-se outra vez em movimento, na direção da cabana.

Chegou momentos depois e apeou-se, deixando o Ford a uma distância segura, atrás de uma linha de árvores. Alcançou as granadas que trazia nos bolsos, correu para a cabana, retirou as cavilhas e lançou-as pelas janelas da frente.

Preparava-se para recuar quando Roy West caiu sobre ela.

Reel conseguiu manter o equilíbrio, apesar de ter uma das mãos dele em torno da garganta. Devido à sua superioridade física, West partira do princípio de que a batalha tinha terminado ali.

Não podia estar mais enganado.

Reel rodou o corpo para a esquerda, libertando-se o suficiente do agressor. Ao mesmo tempo, levantou o joelho na direção das virilhas do sujeito, com resultados devastadores. O rosto de West tornou-se cor de púrpura, os joelhos cederam, e ali ficou, com

ambas as mãos agarradas aos genitais. Reel arremessou o cotovelo com toda a força contra a têmpora esquerda dele. West gritou, ofegante, e preparava-se para tombar quando, acidentalmente, uma das pernas derrubou também Reel com um golpe de gancho, acabando os dois no chão, ele por cima dela.

As granadas explodiram nesse preciso instante, assim como o restante material explosivo e inflamável que se encontrava na cabana.

O telhado elevou-se uns bons sete metros, e estilhaços de madeira, metal e vidro voaram em todas as direções a uma velocidade supersônica.

Reel sentiu o impacto dos projéteis sobre o corpo de West. Às centenas, como uma chuva de detritos. O rosto dele ficou branco, depois cinzento, e o sangue começou a escorrer-lhe da boca e do nariz.

Por ironia do destino, West convertera-se numa espécie de escudo e salvara-lhe a vida.

Reel rolou para a direita, libertando-se do peso morto. Levantou-se e ficou a olhar fixamente as chamas e a coluna de fumo negro e espesso erguendo-se no céu. Contemplou as suas roupas, rasgadas e manchadas pelo sangue de West. Também não escapara incólume. Tinha várias escoriações na face e nas mãos, para além de sentir a perna entorpecida no lugar onde West caíra sobre ela.

Mas estava viva.

Observou o celeiro. As chamas iriam atingir aquela estrutura rapidamente. Não tencionava ficar por ali para testemunhar ou sentir os efeitos de outra bola de fogo. Regressou ao Ford e arrancou a toda a velocidade.

Ouviu a aproximação de veículos vindos da estrada. Reforços, com toda a certeza. Devido à explosão, iriam concentrar toda a atenção na cabana. Fora precisamente essa a sua intenção quando a tinha feito explodir pelos ares.

Sabia ao certo para onde ir. Quando se tem uma cabana no meio de nenhures, repleta de explosivos e planos de destruição em massa, não nos devemos contentar com um único acesso. Em caso

de haver problemas, é preciso ter mais do que uma maneira de escapar.

Reel, que já tratara de procurar essa segunda alternativa, encontrara-a quando fizera o reconhecimento prévio do terreno.

Uma estrada de terra, para leste. Era a sua saída. Para mal dos seus pecados, estava bloqueada por dois veículos. Em conjunto com uma dúzia de homens suficientemente armados para se baterem de igual para igual com uma equipe de assalto das forças especiais.

Estava cercada.

Agora, sim, talvez fosse o fim.

Capítulo 42

Reel deixou-se ficar sentado no Ford a observar os homens. Encontravam-se dispostos em duas posições defensivas, que podiam rapidamente transformar-se em cenários de ataque. Envergavam uniformes improvisados, calças de camuflados e Tshirts sem mangas. Na sua maioria, eram corpulentos, exibindo o tronco forte e musculado, e os ombros e os abdominais estavam bem trabalhados.

Tinham espingardas especiais, caçadeiras, pistolas e metralhadoras MP-5 apontadas na sua direção. Quando abrissem fogo, o que pareciam dispostos a fazer a todo o momento, o primeiro disparo acabaria com ela, isso era limpinho.

Não era assim que Reel imaginara a sua morte. Pelo menos, não se imaginava a morrer às mãos de um bando de imbecis, que pareciam acabados de sair das cavernas e nem um passo tinham dado no sentido da civilização.

Registrou-se uma explosão à distância. Devia ter sido o celeiro a ir pelos ares, pensou ela. Empunhou a pistola. Podia meter prego a fundo e atirar a viatura para cima deles, mas não tinha grandes hipóteses de conseguir furar aquela barreira. Muito rapidamente, calculou por alto que tinha menos de cinco por cento de hipóteses de sobreviver.

Logo a seguir, ouviu os veículos que se aproximavam vindos de trás. Espreitou através do espelho retrovisor e apercebeu-se da presença de mais duas vans, distinguindo dez membros da milícia a deslizarem lá dentro, a menos de noventa metros do local onde se encontrava.

Seria caso para dizer que estava desarmada e em inferioridade numérica.

A minha hipótese de sobrevivência acabou de baixar para zero.

Sacou da arma e saiu da van. Tomou a decisão de não se deixar abater sem dar luta. Nunca poderiam dizer isso a respeito dela.

Os indivíduos fizeram pontaria com precisão e colocaram os dedos no gatilho. Estavam apostados em acabar com Reel no mortífero campo de fogo.

Ela abanou um tudo-nada a cabeça e até conseguiu sorrir.

"Finito", mui murou para si mesma.

— Vão para o diabo que vos carreguei — berrou na direção dos elementos que compunham a milícia, ao mesmo tempo que brandia a sua arma, sabendo que era provavelmente a última vez que faria aquele gesto.

Foi nessa altura que se deu a primeira explosão.

Apanhada de surpresa, Reel agachou-se instintivamente e rebolou para debaixo da van. O seu primeiro pensamento foi que um dos idiotas da milícia tinha deixado cair uma granada, explodindo juntamente com ela.

Quando olhou para trás, parecia que tinha sido efetivamente esse o caso. As vans à sua frente estavam a arder, os homens jaziam mortos, atordoados, ou espalhados pelo terreno.

Precisamente nessa altura, pelo canto do olho, deu-se conta de um tiro a ser disparado de um ponto elevado à sua esquerda. O disparo atingiu de lado uma das vans na retaguarda, incendiou o depósito de gasolina e levantou a van de duas toneladas do chão, espalhando fragmentos de metal por tudo quanto era lugar.

Os corpos de seis homens haviam sido esventrados pelas balas, e eles caíram ali mesmo onde se encontravam, para não mais voltarem a combater. Em seguida, iniciou-se o tiroteio. Mas não era contra ela que faziam fogo. Os tiros estavam a ser disparados na direção do monte.

Reel espreitou de onde se encontrava, debaixo da van. Apesar de ter a luz do Sol a incidir-lhe nos olhos, desviou-se um nadinha para a direita e o reflexo desvaneceu-se. Tirou o binóculo do bolso, encostou-o aos olhos e rodou o botão de focagem.

Avistou a boca de uma espingarda de atirador especial. E não se podia dizer que fosse um modelo qualquer. Ela própria tinha uma igual. Tratava-se de uma arma feita por encomenda, reservada apenas a alguns clientes.

A espingarda disparou uma, duas, três vezes.

Reel olhou para trás e avistou três homens caídos por terra, mortos.

Tornou a olhar para o cimo do monte. O homem movimentava-se com extrema rapidez e rente ao terreno, fazendo lembrar um puma em perseguição da sua presa.

Ficou de queixo caído. Era Will Robie.

Espantou-a a facilidade com que ele se movimentava, dando mostras de grande rapidez e leveza no meio daquele terreno agreste. Depois, interrogou-se sobre os motivos que o levariam a abdicar da sua posição nas alturas.

Deixou de ter dúvidas quando testemunhou o que ele fez a seguir.

Robie disparou um tiro, que acertou em cheio no depósito de combustível da outra van à retaguarda dela. Tivera de mudar de posição a fim de obter uma visão perfeita do alvo. Devia ter usado balas incendiárias, porque a verdade é que aquela van também explodiu. Mais três homens morreram, e os sobreviventes, na tentativa de escapar dali, desataram a fugir pela estrada fora, batendo em retirada.

Robie imobilizou-se, deu meia-volta, e depois respondeu disparando uma rajada de tiros na direção dos homens que ainda se encontravam dispersos na dianteira.

Escolhe um alvo e dispara. Escolhe um alvo e dispara. Era tão natural como respirar, tão natural e sem esforço. Reel contou todos os disparos e, a cada tiro disparado, um homem caiu. Robie não errou o alvo uma única vez. Era um homem feito a lutar contra fedelhos.

Eles procuraram abrigo e, por seu turno, ripostaram. No entanto, apesar de os outros serem em maior número, dir-se-ia que Robie possuía um poder de fogo superior. Enquanto os elementos da milícia disparavam como loucos, a adrenalina e o medo tornando pouco provável que conseguissem atingir fosse o que fosse, Robie apontava e abria fogo nas calmas e com eficácia, mais parecendo que estava perante um videojogo e que, como tal, podia carregar no botão de reiniciar quando lhe desse na real gana.

Ao fim de mais um minuto deste ritual de matança, já os únicos elementos da milícia que ainda permaneciam no flanco dianteiro tinham começado a retirar em série.

Isso deixou-os aos dois sozinhos.

Reel observou Robie. Ele estava de pé no cimo de um pequeno outeiro, a fitá-la.

Ela saiu de debaixo da van e segurou descontraidamente na pistola de lado.

Por seu turno, ele deixara cair a espingarda. Na mão direita empunhava a Glock, sem apertar o gatilho.

Reel avaliou os sinais de fogo deixados por toda aquela carnificina, observou os corpos sem vida, e voltou o olhar para Robie.

— Obrigada.

Robie deu meia dúzia de passos em frente e depois parou. Estava quase ao nível do chão, a uns escassos cinquenta metros dela.

Tinham os dois consciência do mesmo.

Bastava reduzir em vinte a distância que os separava para que as suas Glock ficassem ao alcance de tiro.

— Podias tê-los deixado acabar comigo — disse ela. — Visto a proporção ser de mais de vinte contra um, era inevitável. Continuas a ter as mãos limpas.

— Não fazia parte das minhas opções. — Robie olhou de soslaio para um dos homens mortos. — Quem são?

— Fazem parte de uma milícia. E não se pode dizer que sejam muito competentes.

Robie concordou com a cabeça.

— Foste tu que mataste o Jacobs e o Gelder?

Reel aproximou-se e parou a poucos metros. Deitou uma olhadela às mãos de Robie. Não se tinham mexido. Mas bastaria um segundo para esse estado de coisas se alterar e ele disparar a sua Glock.

— Como é que vieste aqui parar? — perguntou ela.

— Através de um amigo de um amigo. Ignorava se te iria encontrar aqui. Andava à procura do Roy West.

— Por quê?

— Porque tu andavas à caça dele.

Reel permaneceu calada, sem tirar os olhos da mão que repousava sobre a pistola.

— Não precisas de me enviar mais mensagens cifradas, Jess. Estou aqui. Agora, diz-me lá o que se passa.

— É complicado, Will.

— Nesse caso, vamos simplificar. Quem os matou? Foste tu? Robie avançou mais cinco metros no terreno. Encontravam-se agora a um passo.

Ambos tinham deixado de empunhar as respetivas Glock de forma displicente. Os músculos das mãos que apertavam o gatilho mostravam-se fortes e firmes. Ainda assim, os dedos mantinham-se no gatilho.

— Não mudaste muito, Will.

— Tu, pelos vistos, mudaste — retorquiu Robie. — Roy West? Onde é que ele está? No meio da pilha de cadáveres?

Ela abanou a cabeça.

— Não está numa pilha daquelas. Mas está morto, sim.

— Também o liquidaste?

— Ele próprio rebentou com ele. É perigoso encher a casa de explosivos. Tão perigoso como viver rodeado de cascavéis.

— Por que razão tiveste necessidade de recorrer aos serviços do West?

— Ele tinha uma coisa que me fazia falta.

— Um documento? — quis saber Robie. O rosto de Reel exprimiu preocupação.

— Como é que sabes?

— Obtiveste o que querias?

— O documento estava na minha posse e já o tinha lido. Pretendia mais informação, mas não tive sorte.

— Quer dizer que tudo isto foi em vão? — observou ele. Olharam ambos em redor. Ao longe, ouvia-se um som. Sirenes.

Mesmo no meio do nada, explosões em cadeia e uma troca de tiros acabavam sempre por chamar a atenção da polícia. Reel olhou para ele.

— Sei qual foi a missão de que te encarregaram — afirmou.

— E eu estou a dar-te a oportunidade de pões tudo em pratos limpos.

— Com que então, a justificação antes da execução?!

— Isso depende única e exclusivamente da justificação que me deres.

As sirenes aproximavam-se. Cada uivo monocórdico que rasgava o silêncio assemelhava-se ao som de um disparo de artilharia.

— Além disso — acrescentou ele -, estamos a ficar sem tempo.

— Não sou nenhuma traidora.

— É bom saber. Agora prova isso mesmo.

— Não tenho forma de o provar. Por enquanto.

Os dedos de um e de outro deslizaram, aproximando-se dos respetivos gatilhos. Cada um deu dois passos à frente. Era um movimento simultâneo, que nada tinha de coreografado. Encontravam-se agora à mercê das suas Glock.

Robie franziu a testa.

— Vais ter de fazer melhor do que isso. Tenho um número dois morto e outro gajo da agência enterrado. Em circunstâncias normais, isso seria mais do que suficiente, o que equivale a dizer que este assunto me obrigou a sair da minha zona de conforto. Portanto, conta-me tudo. Sem perder tempo.

Pelo som, as sirenes estavam quase a chegar.

— O Gelder e o Jacobs eram os traidores.

— Como?

— Mataram alguém. Alguém que significava muito para mim.

— Por quê? — quis saber Robie.

— Porque ia denunciar a conspiração deles.

— Que conspiração era essa?

As sirenes faziam uma barulheira ensurdecadora. Parecia que todos os polícias no Arkansas tinham respondido à chamada.

— Agora não tenho tempo para explicar.

— Não sei até que ponto te podes dar ao luxo de escolher, Jessica.

— Que interessa? Tu tens as tuas ordens, Will.

— Nem sempre as sigo. Tal como acontece contigo.

— Quase sempre segues as ordens que te dão.

— Enviaste-me as mensagens. Afirmavas que tudo o que fizeste tinha uma razão de ser. Que eu precisava abrir a fechadura. Por

isso, explica-me o que pretendias dizer com aquilo. Mas ficas desde já avisada: não te dou garantias de espécie alguma, Jessica. Mesmo que a tua explicação faça sentido. É assim que vai ser.

Já não estavam de olhos nos olhos. Olhavam para a mão um do outro. Mãos que empunhavam armas que matavam, enquanto os olhos não passavam de pontos suscetíveis de causar engano; era uma lição aprendida demasiado tarde pelo idiota que, às tantas, se esqueceu de olhar para os dedos.

— Como é que sei que posso confiar em ti? — perguntou ela. — Enviar mensagens é uma coisa. Mas perturba-me enormemente que tenhas sido capaz de seguir o meu rastro até este lugar e de me encontrar tão depressa. — Ao dizer aquilo, Reel ousou levantar a cabeça e fitá-lo, desviando os olhos da mão poisada na arma. — Faz-me pensar que tiveste ajuda. Refiro-me a uma ajuda por parte da agência. Por isso, a questão que agora se põe é a seguinte: como é que sei que posso confiar em ti?

— Não podes, pelo menos a cem por cento. Tal como eu não sei se posso confiar em ti.

— Não me parece que esta conversa nos leve a algum lado, Will. Robie reparou que a mão dela apertava a arma com mais força.

— As coisas não têm de ser assim, Jessica.

— Seria bom que não fosse? Seria. Mas o mais provável é acontecer precisamente isso.

— O Roy West era um analista que foi despedido. Que importância é que ele podia ter? — Notava-se uma maior urgência no tom de voz de Robie, pois as sirenes estavam de tal maneira próximas que ele receava ser obrigado a envolver-se numa troca de tiros com os polícias só para escapar dali. — Desembucha, e depressa.

— É um tipo que não presta, mas sabe escrever.

— Sobre o que é que ele escreveu, ao certo, naquele documento?

— O apocalipse — confessou ela.

Tanto um como o outro conseguiam ouvir o chiar dos pneus, a somar ao som das sirenes.

— O apocalipse? Explica-te.

— Não há tempo suficiente, Will. Vais ter de acreditar em mim.

— Isso é pedir muito. Demasiado.

— Não te pedi ajuda.

— Nesse caso, por que me enviaste aquelas mensagens? Ela começou a falar, mas depois não acabou o que ia a dizer.

— Acho que não quis que tu pensasses que eu tinha passado para o lado dos maus. — Interrompeu o seu discurso, mas apenas por um segundo.

— Desculpa, Will.

Antes que ele pudesse responder, Reel disparou. Não contra Robie, mas na direção de um dos elementos da milícia, que não estava completamente morto e que se preparava para fazer fogo sobre eles. O indivíduo caiu redondo no chão, depois de ter levado com uma bala disparada por ela, acertando-lhe em cheio na cabeça.

Quando Reel se virou, Robie apontava-lhe a pistola, com as duas mãos a apertar a coronha da Glock. O dedo dele pairava por cima do gatilho. Agora é que não tinha safa possível. Sem préstimo, a pistola escorregou-lhe dos dedos e ficou a balançar.

Os uivos das sirenes entravam-lhes pelos ouvidos dentro.

— Fecha os olhos, Jessica.

— Prefiro tê-los abertos.

— Mande-te fechar os olhos. É a última vez que digo isto.

Reel fechou os olhos devagar. Preparou-se para o impacto da bala. Robie só iria precisar de disparar uma vez. Nesse aspecto, podia contar com ele. Teria morte instantânea.

O que não a impedia de se interrogar: qual seria a sensação?

Passaram-se alguns segundos, mas não houve qualquer disparo.

Por fim, abriu os olhos.

Will Robie tinha-se evaporado.

Capítulo 43

Reel saltou para a van, pôs o motor a funcionar e regressou à estrada principal por um carreiro que lhe permitiu afastar-se das sirenes e daquela chinfrineira toda.

Por fim, sentindo o carro pisar asfalto firme, meteu prego a fundo e o Ford acelerou estrada fora. Só quando se encontrava já a trinta quilômetros, e deixara de ver o penacho de fumo acima da linha das árvores, é que reduziu a velocidade.

Depois de encostar à berma, desmontou as armas, arrumou-as no saco e tomou a direção do aeroporto. De caminho, passou por uma estação de lavagem de carros e lá conseguiu retirar a maior parte da sujidade, apesar de o Ford ter ficado com algumas amolgadelas e arranhaduras que não existiam à partida. Seguiu viagem e chegou por fim ao aeroporto.

No momento de proceder à entrega do veículo, o funcionário de serviço nem se dignou passar revista ao carro. Anotou a gasolina e a quilometragem e imprimiu a fatura.

— Uma viagem rápida — foi o único comentário que fez.

— Sim.

— Espero que tenha gostado de cá estar. Somos conhecidos pelo ritmo mais lento como vivemos a vida, pela paz e a tranquilidade que nos são características.

— Acho melhor rever essa filosofia — sugeriu Reel, dirigindo-se para o ônibus que iria transportá-la até o terminal.

Voltou a mudar de roupa na casa de banho e a disfarçar-se de velhota, e embarcou no primeiro voo em direção a leste.

Quando já estavam no ar e o Sol ameaçava incendiar o horizonte, Reel colocou o assento para trás, fechou os olhos e pensou nas lições a tirar daquela experiência.

Alguém com autorização e acesso a informações ultrassecretas, pelo menos três níveis acima de Roy West, tinha lido o famigerado livro branco.

Aquilo acontecera dois anos antes. O nível e as autorizações podiam ter mudado. De fato, o mais certo era terem mudado. Tudo levava a crer que a pessoa em questão devia ocupar um cargo destacado. Isso queria dizer alguma coisa, sem deixar de ser problemático ao mesmo tempo.

Teria sido Gelder? Dois anos antes, ele estaria nas calmas, no mínimo, três níveis acima de um tipo como Roy West, se não mais. Mas isso era partindo do princípio de que West lhe tinha contado a verdade. Ela nem sequer tinha hipótese de confirmar a existência de alguém com o nome de Roger Astucioso.

No entanto, sabia da existência do livro branco. Sabia que o plano mencionado nesse documento estava em andamento. Conhecia algumas das pessoas que andavam a tentar pô-lo em prática.

Matara duas delas e tentara acabar com uma terceira.

Mas não as conheço a todas.

E, uma vez que não as conhecia todas, não havia maneira de pôr fim àquilo.

Reel olhou para fora da janela.

Uma hora mais tarde, no voo em direção a leste, estava escuro como breu. E naquela vasta escuridão, o único sentimento que invadia Reel era o desespero.

Chegara até ali, quase acabara sendo morta e voltava de mãos abanar. No entanto, vendo bem, até tinha trabalho para mostrar. Concentrou a sua atenção no que de fato importava relativamente àquela viagem.

Ali, o homem era o elemento importante.

Ela ainda não compreendera bem o que tinha sucedido. A matança a que assistira já se tornara uma rotina. Cadáveres, explosões, devastação. Reel estava nas suas sete quintas, por assim dizer. Mas, desta vez, a coisa era diferente.

Fechou os olhos e a imagem de Will Robie apareceu-lhe automaticamente em pensamento. Apontava-lhe a arma à cabeça.

Dizia-lhe que fechasse os olhos para não ser obrigado a enfrentá-la no momento do tiro fatal.

Afinal, não tinha disparado.

Deixara-a viver.

Deixara-a escapar com vida.

Ficara admirada com isso. Não, melhor dizendo, ficara atordoada.

O que a surpreendera, muito concretamente, tinha sido uma emoção com que ela nunca se deparara antes no desempenho das suas funções.

Piedade.

Will Robie, o assassino mais bem-sucedido da sua geração, tivera piedade dela.

Quando vira Robie matar o inimigo em vez dela, Reel chegara a pensar que ele se tornara seu aliado. Que os dois iriam encerrar aquele caso juntos. Que ideia mais ridícula! Aquele era o combate dela, e não o dele.

No entanto, Robie deixara-a continuar viva. Deixara-a escapar.

Se isso não tivesse acontecido, a sua missão acabaria ali mesmo. A agência louvaria o seu desempenho. Podia muito bem acontecer que fosse promovido fora do trabalho de campo, ou teria direito a gozar uma merecida licença alargada. Resolveria o problema principal da agência, ainda por cima em tempo recorde.

No fim de contas, ele acabara por permitir que Reel se safasse.

Ela sempre sentira admiração por Will Robie. Era um tipo calmo, um profissional que não perdia o sangue-frio, que fazia o seu trabalho e nunca falava acerca dos seus êxitos. Isso não impedia, contudo, que ela se apercebesse da infinita tristeza que consumia aquele homem, que ela não conseguira abraçar uma única vez. Era, de resto, um estado emocional que partilhava com ele.

Eram os dois muito parecidos.

E Robie deixara-a viver.

Os assassinos não faziam isso. Os assassinos nunca faziam isso. Reel não tinha a certeza se deixaria Robie escapar com vida, caso as posições se invertessem.

O mais provável era tê-lo matado.

Se calhar, tinha mentido quando confessara a Robie que não queria ajuda. Gostaria de contar com o auxílio dele, pois, na realidade, dera-se finalmente conta de que não seria capaz de levar por diante a sua missão sozinha. O que significava que falhara.

Ainda por cima, Jessica Reel percebeu uma coisa que não lhe acontecia desde menina.

As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Fechou outra vez os olhos. E só tornou a abri-los quando as rodas do avião tocaram no solo.

Ao abrir de novo os olhos, sentiu uma certa dificuldade em ver as coisas à sua frente com nitidez.

Capítulo 44

Trezentos e vinte quilômetros. Robie percorreu essa distância de carro sem parar pelo caminho. Dirigia-se para leste, na direção que precisava tomar. Mas, às tantas, até mesmo a sua vontade de ferro cedeu e viu-se forçado a fazer uma paragem, porque, verdade seja dita, já não aguentava ver um palmo de estrada à frente.

Registrou-se num motel mesmo à saída da autoestrada, pagou o quarto em dinheiro, e dormiu durante dezoito horas a fio para compensar uma semana inteira que passara praticamente sem ter conseguido pregar olho.

Mergulhou no sono mais profundo dos últimos anos.

Quando acordou, escurecera de novo. Tinha perdido quase um dia inteiro da sua vida.

Encontrou um restaurante barato e devorou com apetite voraz duas refeições de uma assentada. Parecia que não havia no mundo comida nem bebida que pudessem matar-lhe a fome ou a sede. Ao poisar a derradeira chávena de café, levantou-se da mesa com a sensação de ter enfim recuperado forças.

Deixou-se estar sentado na van, no parque de estacionamento, a olhar fixamente para o painel dos instrumentos.

Tivera Jessica Reel no seu ângulo de disparo. Bastava-lhe premir o gatilho e pronto. Era a morte de Reel. Missão cumprida. Acabavam-se os problemas.

Na realidade, chegara a ter o dedo sobre o gatilho. Ao longo da sua vida profissional, quando chegara a esse ponto, tinha disparado sempre.

Sem exceção.

Exceto daquela vez.

Jessica Reel.

Mandara-a fechar os olhos. Ao dar-lhe essa ordem, Robie estava determinado a desferir o tiro certo, afastando-se a seguir.

Deixaria que fosse outra pessoa qualquer a encontrar a solução. Ele era apenas o homem do gatilho. Tudo o que tinha de fazer era dar ao maldito dedo.

Precisamente o que eu não fiz.

Já uma vez na vida lhe acontecera falhar o tiro. A sua decisão viera a revelar-se acertada.

Robie não sabia se também aconteceria o mesmo naquele caso.

Reel parecia uma pessoa diferente. Não completamente, apenas em parte, mas era quanto bastava. De uma forma geral, as pessoas revelavam-se péssimas observadoras.

E mesmo as que eram boas na missão de observar as outras não apreciavam muito essa sua faceta. Reel fizera apenas o suficiente para suplantar as hipóteses de alguém poder tê-la observado. Nem de mais. Nem de menos. Apenas o suficiente.

Robie teria feito o mesmo se estivesse na posição dela.

E, pelo fato de não ter pressionado o gatilho, talvez me encontre na posição dela neste momento.

Conduziu de volta ao hotel, foi direito ao quarto, despiu-se, pôs-se debaixo do chuveiro e ali ficou durante um bom bocado, deixando a água arrastar toda a sujidade que sentia em cada partícula do corpo.

A água, contudo, não conseguia penetrar na sua mente, onde tinha a sensação de que se acumulara uma grande camada de porcaria, impedindo-o de raciocinar com clareza.

Secou o corpo e vestiu-se. Encostado à parede, usou as duas mãos e desatou a bater com toda a força até sentir o aglomerado estalar. Deixou ficar cinquenta dólares em cima da cama para pagar os estragos provocados na parede e agarrou na mala.

Tinha uma longa viagem pela frente. O melhor era ir andando.

Mudou de estação radiofônica ao entrar na autoestrada interestadual. Não se falava de outra coisa nos serviços noticiosos. Um massacre que acontecera numa montanha isolada no meio do nada, no estado do Arkansas. Apesar de não existir qualquer comentário oficial, milícias rivais tinham aparentemente entrado em

confronto. Uma cabana fora pelos ares. O mesmo acontecera com vários caminhões. Do confronto resultara uma carrada de cadáveres.

Um deles fora identificado como pertencendo a Roy West, antigo analista que trabalhara para os serviços secretos, em Washington. Quando e por que razão rumara ele ao Arkansas e escolhera, como novo modo de vida, armar-se até os dentes e fazer bombas permanecia ainda no segredo dos deuses. Corria rumores de que o pessoal em Washington se dirigia para o local, a fim de dar início à investigação.

Robie levantou a cabeça e olhou para o céu, quase esperando ver passar um avião governamental a caminho da cena do crime.

A medida que as notícias se dispersavam por outros temas, Robie deu por si a pensar no que Reel lhe dissera.

West tinha descrito o apocalipse. O que significaria ao certo?

Este trabalhara na agência. A designação oficial para o que ele fazia era a de "analista". Aquilo dava para abranger uma data de coisas. A maioria dos analistas com quem Robie se cruzara passava os dias a tratar de assuntos em tempo real. Mas havia quem não o fizesse.

Robie ouvira dizer que a agência tinha relatórios de avaliação escritos, desenvolvendo uma grande quantidade de cenários, que levavam em linha de conta a paisagem política em mudança. Aqueles livros brancos acabavam quase sempre por ir parar a uma pilha destinada à máquina trituradora de documentos, resultando tudo em ações por executar e, na sua maior parte, votadas ao esquecimento. No entanto, talvez o documento redigido por West afinal não tivesse ido parar à tal pilha. Se calhar, alguém levara a sério o seu conteúdo.

Descrever o apocalipse.

Reel arriscara muito ao dar aquele passo. Se Robie não tivesse lá estado, a essa hora ela estaria morta. Reel era uma assassina com credenciais, contando-se pelos dedos os adversários à sua altura. O certo, porém, é que se tinha encontrado em desvantagem numérica, numa proporção de mais de vinte para um. Nem o soldado mais bem treinado poderia sobreviver a um ataque daquele calibre.

Se ela sabia que West tinha traçado o cenário do apocalipse, das duas uma: ou lera o documento, ou, mesmo sem o ler, estava a par do seu conteúdo. Na realidade, ela dissera que estava na posse do documento. Portanto, era pouco provável ter-se deslocado até ali para interrogar West sobre o assunto. Robie duvidava seriamente que lhe interessasse apurar o motivo que o tinha inspirado ou a razão por detrás dos seus atos.

Nesse caso, o que poderia ser?

Continuou viagem ao volante do seu carro, e só ao fim de vinte e cinco quilômetros é que atinou com a resposta.

Ela queria saber a quem é que ele havia entregado o relatório.

Caso o documento não tivesse seguido através dos canais oficiais, podia ter ido parar às mãos de alguém que não ocupava uma posição oficial. Devia ter sido isso o que Reel pretendia. O nome da pessoa ou das pessoas que tinham visto o documento acerca do apocalipse.

Robie percorreu mais uns quantos quilômetros. Parou para meter gasolina e fazer nova refeição. Sentou-se ao balcão, concentrou-se na comida que lhe puseram à frente, mas o seu espírito não parava de vaguear, indo muito para além dos limites daquele restaurantezinho à beira-estrada plantado.

Havia a lista de alvos abatidos.

Primeiro Jacobs. Gelder a seguir. Ambos traidores, no dizer dela.

Também acrescentara que havia outros.

A verdade, porém, é que ela liquidara Jacobs e Gelder antes de ter ido à procura de Roy West. Logo, sabia forçosamente que eles faziam parte do cenário apocalíptico antes de ter confrontado Roy West.

O que só podia querer dizer uma coisa.

Robie levava o copo de chá gelado à boca, mas acabou por tornar a poisá-lo, devagar, sem chegar a beber.

Tinha de lá ter estado mais alguém. Possivelmente, mais gente sabia da existência do documento. E essas pessoas davam mostras de grande tenacidade na prossecução dos seus objetivos, muito embora Reel desconhecesse a sua identidade.

Ela estava decidida a matar os conspiradores — era assim que Robie começava naturalmente a encará-los -, mas a sua lista estava

incompleta.

Foram muitas mais as dúvidas que o assaltaram, principalmente a questão de saber porquê e como é que Reel se envolvera em toda aquela história. Qual era o catalisador que a impelira a arriscar, levando-a a fazer o que estava a fazer?

Robie encarara a mulher, olhos nos olhos, chegando a uma conclusão definitiva.

Não se tratava simplesmente de mais uma missão. Aquilo era pessoal. E, no caso de os seus argumentos baterem certo, tinha de haver uma razão. Não, melhor dizendo, tinha de haver uma pessoa envolvida que tornava a questão pessoal aos olhos dela. Reel tinha dito que mataram alguém que significava muito para ela. E que ele ou ela tinha sido morto porque se preparava para denunciar a conspiração.

Robie tinha uma data de perguntas e continuava sem respostas. Mas uma coisa sabia.

Um apocalipse nunca era uma boa maneira de as coisas acabarem.

Capítulo 45

As crianças divertiam-se ruidosamente. Balões com as cores do arco-íris. Presentes que deviam ter custado os olhos da cara, qual deles o mais dispendioso.

O juiz Samuel Kent olhou à sua volta e sorriu ao ver as travessuras próprias dos miúdos em idade pré-escolar, que se encontravam na enorme sala onde decorria a festa de aniversário. Kent casara-se tarde, e o seu filho mais novo era hóspede naquela casa, propriedade de um conhecido lobista que fizera fortuna vendendo este mundo e o outro no Capitólio.

A mulher de Kent, quase vinte anos mais nova, não se encontrava presente. Uma viagem até um spa em Napa Valley, na companhia de um grupo de amigas, tivera prioridade sobre a festa dos amiguinhos do filho. No entanto, Kent ficara feliz da vida por ir na vez dela e desempenhar o seu papel. Permitia-lhe tirar partido de certas oportunidades.

Examinou de novo a sala e acenou com a cabeça.

O homem encaminhou-se na direção dele com um passo enérgico.

Era mais alto do que Kent, tinha uns quilinhos a mais, e o cabelo começava a rarear a olhos vistos. Apesar de se encontrar num ambiente de festa, a expressão dele era tudo menos risonha. Com efeito, dir-se-ia que estava prestes a vomitar.

— Howard? — disse Kent, estendendo a mão, que o outro apertou rapidamente. O contacto com a pele revelou uma mão suada e pegajosa.

O congressista Howard Decker declarou: — Precisamos de falar.

Kent sorriu e indicou com um gesto uma enorme piñata²² pendurada do teto, num dos cantos da divisão.

22 Com origem no México, objeto de papier-mâché, barro ou tecido recheado de guloseimas, geralmente pendurado. Os mais novos se divertem batendo nele para pegar a maior quantidade possível de doces e brinquedos. (N. da T.)

— Não quero estar aqui quando desatarem a bater naquela coisa. Que tal irmos dar uma volta até lá fora? O jardim é deveras impressionante.

Os dois homens transpuseram as portadas e deram início a um passeio pelos sofisticados jardins, que se estendiam por grande parte de um terreno com cerca de doze mil e duzentos metros quadrados. Havia uma piscina, uma casa de hóspedes, um pavilhão exterior de pedra, um lago com superfície espelhada, bancos e portões e jardins laterais; nem sequer faltava um telheiro. Eram ambos homens abastados e, como tal, sentiam-se nas suas sete quintas rodeados por aquele cenário palaciano.

Quando já se encontravam numa parte isolada da propriedade, depois de se terem afastado o suficiente da casa principal, interromperam a caminhada.

— Como é que vão as coisas no Capitólio? — perguntou Kent.

— Não é esse o assunto que me traz aqui, como muito bem sabes.

— Pois sei, Howard. Estou apenas a tentar evitar que os nervos te atraiçoe. É importante manter uma expressão séria, própria de um jogador de póquer.

— Quer dizer que não estás preocupado? Ouvi dizer que a Reel quase te apanhou — disse Decker.

— Estamos preparados. O único problema foi que ela demonstrou ser mais hábil do que pensávamos.

— Sabes que o Roy West está morto.

— Isso não importa, não é minimamente relevante.

— E a Reel?

— Também não importa nem é minimamente relevante.

— Eu cá acho que ela é relevante. O Jacobs, o Gelder, tu? Ela tem uma lista. Como é isso possível? — quis Howard saber.

— Óbvio — respondeu Kent. — Confiei no Joe Stockwell, e não o devia ter feito. Pensei que ele era um dos nossos. Pelos vistos, não era. Fui levado e o engano saiu-nos caro.

— Então foi ele quem disse à Reel?

Kent fez que sim com a cabeça, deixando transparecer um ar pensativo.

— Parece ter sido esse o caso. Pena não nos termos livrado dele mais cedo.

— Por quê? Qual é a ligação entre o Stockwell e a Reel?

— Não sei — replicou Kent. — Tem de haver uma, como é óbvio. Em tempos, era um dos agentes ao serviço dos U. S. Marshals e mantinha boas ligações. Tentei por todos os meios ao meu alcance descobrir que ligações eram essas, depois de termos sabido que ele andava a espiar os nossos movimentos, em vez de trabalhar para nós. Mas grande parte desse material é confidencial. Não me foi possível pressionar muito sem correr o risco de levantar suspeitas.

— Estamos todos comprometidos. Provavelmente, eu estou nessa lista. Ele sabia da minha existência.

— Sim, podes muito bem constar dessa lista.

— A Jessica Reel chegou ao Gelder. Ele era o número dois, por amor de Deus! Que hipóteses é que eu tenho?

— Excelentes hipóteses. Quase lhe deitamos a mão, Howard. De certeza que ela sabe que os alvos endureceram a sua posição, neste momento. Vai estar na defensiva. Será obrigada a recuar.

— Se foi ela quem matou o West, dificilmente estará na defensiva — contrariou Howard.

— O Roy West não era um alvo bem protegido. Além de que ainda não estamos na posse de todos os fatos. Se é verdade que foi realmente ela quem o matou, só foi até lá a fim de recolher mais informações.

— E se ele lhe deu as informações pretendidas?

— Não tinha informações nenhuma para dar. Ela andava a ver se pescava alguma coisa, mas não tem nada a que se agarrar, o que só mostra como a sua posição enfraqueceu.

— Alguém deu com a língua nos dentes e falou-lhe no West.

— Estamos a averiguar. Mas não vejo isso como sendo uma prioridade. Temos coisas mais importantes para fazer.

— O West tornou-se um verdadeiro psicopata com a cena da milícia. Se não chamas a isso endurecido, não sei o que será... Tinha bombas caseiras na sua posse, e vivia rodeado de um punhado de homens tão malucos como ele. E, mesmo assim, ela liquidou-o.

— Nunca disse que ela não era uma mulher competente ou perigosa. Sem dúvida que é.

— Como tal, capaz de chegar até mim.

— Tal como pode atingir-me. Contudo, temos de jogar com as probabilidades, Howard. E a vantagem está do nosso lado. Bem vistas as coisas, quando embarcamos nesta "oportunidade", conhecíamos os perigos que nos esperavam. Ninguém se lança numa demanda desta dimensão sem correr riscos.

— E se ela souber de tudo?

— Não sabe. Se isso fosse verdade, havia outros canais que teria tentado explorar. Tem conhecimento, isso sim, das pessoas envolvidas. Pode até saber, de uma forma geral, o que pretendemos fazer. Desconhece qual o alvo específico. Se o conhecesse, eu saberia, acredita.

Howard passou a mão pela testa coberta de suor, apesar de o dia estar fresco.

— Fazer planos nunca é arriscado. Os riscos só aparecem na hora de passar da teoria à prática.

— Precisamente o que a Reel tem andado a fazer, a executar pessoas.

— É o trabalho dela. E é muito boa nisso.

— Como é que sabes tanto sobre o assunto?

— Não fui juiz a vida inteira, Howard.

— Serviços secretos?

— É algo de que não posso falar.

— Como foste parar à magistratura?

— É o que faz ter o curso de Direito e contar com amigos nos lugares certos. Dá-me uma cobertura enorme e permite-me ter uma grande liberdade de movimentos para me dedicar a outras iniciativas. Sei do que estou a falar. Vamos ultrapassar esta fase. Não penses por um segundo que eu não vou retaliar contra a Reel.

Por muito eficiente que ela seja, encontra-se isolada. Não tem hipótese de competir com os nossos recursos.

— É bom não esquecer que ela anda à solta por aí. Ainda está viva.

— Por enquanto. — Kent olhou na direção da casa. — Acho que deve estar quase na hora de começarem a comer o bolo e o gelado. Se calhar, é melhor irmos andando. Não quero desapontar a miudagem.

No caminho de regresso, Kent aproveitou para preparar mentalmente a jogada que iria desenrolar-se a seguir no tabuleiro de jogo.

Não tinha sido totalmente honesto com o congressista, que, por seu turno, se mostrava nervoso e pouco à vontade.

Reel era uma força a levar em consideração, de certeza absoluta.

No entanto, Kent tinha problemas mais graves para resolver.

O fato de Jacobs e Gelder terem sido assassinados não o incomodava por aí além. Agora que o plano estava a ser posto em prática, tinha toda a vantagem que os principais intervenientes comesçassem a tombar. Se o plano desse para o torto, eram sempre os conspiradores que viravam o bico ao prego e nos abatiam.

Provavelmente, Gelder conseguiria atrasar o processo, embora tivesse muito a perder.

Jacobs era o elo fraco da cadeia. Se bem que pudesse ser considerado parte essencial da operação no terreno, falhara redondamente assim que a verdadeira pressão começara a aumentar. Acabaria por prejudicá-los. Se Jessica Reel não o tivesse matado, teria sido o próprio Kent a fazê-lo.

Anteriormente, quando se encontravam na festa, Kent olhara de soslaio para Decker, no momento em que o aniversariante de dez anos soprava as velas do bolo.

Decker era outro elemento fraco.

Kent devia ter pensado melhor antes de recrutar um congressista, mas Decker representava uma mais-valia — a presidência de uma comissão que interessava especialmente a Kent. Esse trunfo havia sido utilizado e, por conseguinte, a importância de Decker diminuía significativamente.

Sem esquecer que havia uma outra pessoa envolvida no assunto.

Alguém que não podia ser considerado o elo mais fraco.

Com efeito, tinha de se precaver relativamente a essa pessoa, depois de chegar à conclusão de que o próprio Kent constituía um obstáculo.

Era esse o seu principal problema. Caso fosse considerado um elo fraco por esse parceiro, a sua vida corria um grande risco. Isso representava um risco ainda maior do que ter Jessica Reel na sua pista.

Kent abandonou a casa com o jovem a reboque. Viu Decker meter-se num Toum Car com o filho. O motorista parecia competente e sem dúvida que estava armado.

Mas era o único.

Antes de entrar no carro, Decker parou e olhou para trás, na direção de Kent.

O juiz sorriu e despediu-se com um aceno de mão.

Decker acenou também e a seguir meteu-se no carro.

Kent entrou no seu Jaguar. Não trazia segurança. Em contrapartida, o filho estava com ele. Sabia o suficiente acerca de Jessica Reel para ser levado a pensar que ela não seria capaz de o matar diante do seu rapaz. Aquela bússola moral era a melhor proteção que tinha.

Bastava-lhe congeminar um stratagema, arranjar maneira de andar com o puto sempre colado a ele, e ficaria safo.

A falta disso, teria de encontrar Reel e matá-la o mais depressa possível.

Estava em crer que encontrara uma forma de o fazer.

E o seu plano envolvia um indivíduo chamado Will Robie.

Capítulo 46

Robie estacionou o carro à frente da escola e ficou à espera.

De regresso à área de Washington, arrumara a van no celeiro que ficava na sua velha e isolada casa no meio do campo. Depois, apanhara um táxi que o transportara até o carro, estacionado no centro comercial.

Não tivera notícias de Evan Tucker desde que saíra do restaurante onde tomara o pequeno-almoço.

Não tivera notícias de ninguém desde que saíra do restaurante.

Na sua forma de ver as coisas, não era bom sinal.

Por outro lado, ninguém o mandara para trás das grades. Encarou isso como um ponto a seu favor.

Ficou rígido quando viu Julie sair do edifício e caminhar em direção à paragem do ônibus. Deslizou no assento e observou-a.

Vestia o mesmo jeans, rasgado nos joelhos, um blusão com capuz, calçava tênis encardidos, e trazia a mochila de sempre, arrebatando nas costuras. Viu-a prender o cabelo comprido atrás das orelhas e olhar em redor.

Não estava a ouvir música nos fones.

Não estava a enviar mensagens no telemóvel.

Mostrava-se atenta a tudo o que a rodeava.

Ainda bem, pensou Robie. Tens de estar alerta, Julie.

O ônibus chegou e ela entrou. Assim que retomou a marcha, Robie começou a segui-lo. Foi sempre atrás até o ônibus parar e Julie sair. Depois ficou a vê-la seguir o seu caminho, sem problemas, até casa. Assim que ela entrou, fechando a porta, Robie arrancou.

Tinha consciência de que não podia fazer aquilo todos os dias. Naquela fase do campeonato, porém, só pensava numa coisa:

manter Julie livre de perigo. A única coisa que lhe interessava era somar pontos e alcançar resultados positivos.

Observou o telemóvel e decidiu-se a passar das ideias à ação. Carregou na tecla das marcações rápidas.

Ao fim de dois toques, ela atendeu.

— Incrível — declarou Nicole Vance. — Enganaste-te no número?

Ele ignorou o sarcasmo.

— Tens tempo para nos encontrarmos?

— Por quê?

— Para conversarmos, só isso.

— Nunca te limitas a querer conversar, Robie.

— Hoje, quero. Se não puderes, não há problema.

— Consigo ir ter contigo às sete da tarde, antes disso não.

Acertaram os detalhes do encontro e Robie desligou.

Tinha tempo para fazer uma coisa e decidira tirar o máximo partido disso. Fez outro telefonema e combinou uma reunião com o homem.

Em boa verdade, não sabia o que esperar, mas palpitava-lhe que era o caminho que oferecia menos resistência. E tendo em conta que não confiava em ninguém, pelo menos era caso para dizer que naquela pessoa sempre depositava uma certa confiança.

— Ouvi dizer que encostaste o diretor à parede, há dias, quando ele ia a caminho do trabalho — observou o Blue Man.

— O quê? Não me digas que correm boatos!

— É verdade?

— Precisava de algumas respostas.

— Obtiveste as respostas que pretendias?

— Não, por isso é que estou aqui.

— É um assunto que me ultrapassa, Robie.

— Essa é uma desculpa que não posso aceitar.

O Blue Man pôs-se a brincar com a gravata e recusou-se a olhar para ele de frente.

— Estamos a ser vigiados? Há câmaras de videovigilância aqui? — questionou Robie.

— Provavelmente.

— Aesse caso, temos de ir para outro fado qualquer.

— Outro café da cadeia IHOP? Já ouvi falar nisso. Passou a fazer parte dos hábitos da agência, pelos vistos — afirmou o Blue Man, mas não estava a sorrir.

— Vamos até o Starbucks.

Vinte minutos mais tarde estavam a entrar num Starbucks, fizeram os pedidos, receberam os respetivos cafés das mãos do barista e sentaram-se lá fora, numa mesa bastante afastada dos demais apreciadores de bebidas à base de cafeína. Estava a levantar-se vento, mas pelo menos deixara de chover e o céu não se apresentava muito ameaçador.

Beberam calmamente o café e o Blue Man encolheu-se todo, protegido pela sua gabardina de estilo militar. Aos olhos de Robie, parecia um banqueiro que tivesse saído para tomar uma chávena de café feito a partir dos grãos mais sofisticados. O que não tinha era aspecto de ser um homem que tomava decisões de vida e de morte. Um homem capaz de lidar com assuntos de segurança nacional com a mesma facilidade com que as outras pessoas escolhiam o que iam comer ao almoço.

Olha quem fala, Robie. Não podes ser tu a decidir quem vive e quem morre. Mas o certo é que puxas o gatilho.

Robie e o Blue Man ficaram em silêncio durante um minuto, entretidos a assistir ao vaivém das pessoas que entravam e saíam dos carros, que entravam nas lojas e saíam de lá de dentro carregadas de sacos, trazendo os filhos pela mão.

O Blue Man apanhou Robie a olhar.

— Alguma vez te arrependeste?

— De quê? — perguntou Robie.

— De fazer parte do mundo normal.

— Não tenho bem a certeza se cheguei alguma vez a pertencer a esse mundo.

— Em Princeton, estudei Literatura como principal variante. Queria ser o William Styron ou o Philip Roth da minha geração.

— E o que aconteceu?

— Fui a uma sessão de recrutamento organizada pelo Governo, levado por um amigo que estava interessado em trabalhar para o FBI. Havia uma série de homens sentados a uma mesa que não tinha nenhuma inscrição. Parei junto deles para ver de quem se

tratava. Tudo pessoal de trinta anos para cima... e aqui me tens hoje.

— Frustrado por não teres escrito o grande romance americano?

— Bom, sinto uma certa consolação quando vejo que o mundo em que vivo está cheio de ficção.

— Mentiras, queres tu dizer.

— Uma diferença sem importância — referiu o Blue Man. Olhou de relance para o braço e a perna de Robie. — Já voltaste àquele lugar para ser observado?

— Ainda não.

— Faz isso. A última coisa de que precisamos é que morras por teres apanhado uma infeção. Vai hoje, sem falta. Vou tratar de tudo. No mesmo lugar da outra vez.

— Pode ser. Há notícias da Janet DiCarlo? O Blue Man franziu a testa.

— Tanto quanto julgo saber, ficou debaixo da alçada da Segurança Interna.

— Até aí também eu chego! Consegues explicar-me como é possível que isso tenha acontecido? Faço a pergunta porque nem sequer o Tucker sabia até ser informado por mim.

— Não tenho a certeza. A verdade é que não sei até que ponto percebo o que se passa, Robie.

— Ela está viva?

— Acho improvável que a DiCarlo tenha morrido e nós não tenhamos sido informados.

— Qual é o papel do Departamento de Segurança Interna no meio disto tudo?

— Protegem a pátria. Nós, por outro lado, não temos autoridade para atuar neste país.

— E isso, como tu sabes perfeitamente, não passa de uma treta pegada.

— Pode ser que tenha sido. Mas deixou de ser.

Robie sabia perfeitamente que o Blue Man estava a falar a sério.

— É assim tão grave?

— Pelos vistos.

— E por que razão?

— O que foi que te disse a DiCarlo naquela célebre noite? Por que se queria encontrar contigo, para começar?

— Só tinha dois homens a guardá-la. O que é que isso te diz?

— Que ela não se sentia segura dentro da sua própria agência?

— Qualquer coisa do gênero.

— E que mais?

Robie bebeu mais um pouco de café.

— Não chega?

— Não, a não ser que haja algo mais...

— Talvez eu também me sinta inseguro.

O Blue Man desviou o olhar, impassível.

— Julgo que posso compreender isso.

— Uma dinâmica diferente, como tu disseste.

— O problema é que, se não confiamos um no outro, os que estão daquele lado já ganharam.

— Para isso ser verdade era preciso que soubéssemos quem é que está do outro lado.

— É a Jessica Reel? — perguntou o Blue Man.

— O que é que tem?

— De que lado é que ela está?

— Respondo-te o que respondi ao Gus Whitcomb. Acho que foi a Reel quem me salvou o coiro e quem salvou a vida à Janet DiCarlo.

— Bem me pareceu que ias dizer disso.

Robie ficou espantado ao ouvir aquele comentário, e as suas feições deixaram transparecer isso mesmo.

— Por quê?

— Porque acredito que a Jessica Reel possa estar do nosso lado.

— O que não a impediu de matar dois dos nossos agentes.

— Agora tira as tuas conclusões, Robie.

— Portanto, estás a querer dizer-me que o Jacobs e o Gelder não estavam do nosso lado.

Reel tinha-lhes chamado traidores, e, para seu espanto, Robie não deixava de considerar aquela possibilidade. Logo ele, que primava por ser um homem da agência até à medula.

— Exato. Caso a Reel esteja efetivamente a jogar do nosso lado.

— E dizes tu que ela alinha connosco.
— Digo que é uma possibilidade...
— Então, o número dois da agência é um traidor?
— Provavelmente. Mas um traidor pode ter muitas definições diferentes. E diferentes intenções.
— Quem mais pensa como tu?
— Não falei com mais ninguém acerca disto, só contigo. Se não tivesses sugerido que saíssemos do escritório, eu próprio me encarregaria do assunto. Não é de ânimo leve que faço estas declarações, Robie. Espero que tenhas consciência disso. Não se trata de um vira-casaca isolado que faz o que faz por dinheiro, como Aldrich Ames²³ ou Robert Hanssen²⁴. Podemos estar a assistir a um movimento sistêmico, e não creio que a motivação seja apenas o vil metal.

23 Antigo agente da CIA, Aldrich Ames forneceu ao KGB, mediante elevado pagamento, a identidade de espiões russos, alemães do Leste e poloneses que trabalhavam para os americanos nos países do Bloco Soviético. Descoberto em 1994, Ames foi condenado a prisão perpétua nos Estados Unidos.(N. da T.)

24 Agente do FBI, fez serviços de espionagem para as autoridades soviéticas e russas ao longo de 22 anos. Foi preso em 2001 e condenado a prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional. (N. da T.)

— Partindo do princípio de que são traidores, estão às ordens de quem? Trabalhavam em quê? E como foi que a Reel os descobriu?
— São tudo boas perguntas, e a verdade é que não tenho resposta para elas.
— E quanto ao envolvimento da Segurança Interna?
— Os outros devem suspeitar que existe um problema. Podem ter levado a DiCarlo para a proteger.
— E no caso do Evan Tucker?
— Nesta altura imagino que seja um homem muito preocupado. Contaste-lhe que a Reel esteve em casa da DiCarlo?
Robie assentiu.

— Soubeste do Roy West?

O Blue Man fez que sim com a cabeça.

— Pelos vistos, ficou incontactável e aderiu ao mundo da loucura paranoica.

— Era um analista. O que é que ele analisava, ao certo?

— Por que queres saber? Achas que tem alguma coisa que ver com...?

— Não me posso dar ao luxo de descartar nenhuma possibilidade, neste momento.

— Ele não era nada de especial, diga-se de passagem. Tinha uma certa reputação por descrever cenários absurdos. Provavelmente foi por isso que se livraram dele. Confesso que não estou a ver onde é que ele encaixa nesta história.

Robie gostaria de lhe dizer como é que West e Reel encaixavam exactamente naquela história, mas não o fez.

— O Tucker queria que eu continuasse no encalço da Jessica Reel.

— E que foi que lhe respondeste?

— Respondi-lhe que não.

— Ninguém te pode acusar de não teres tomates, Robie.

— A questão é saber o que faço agora.

— Não digas a ninguém o que te vou dizer — avisou o Blue Man.

— Muito bem.

— Se eu estivesse no lugar do Will Robie, consideraria a hipótese de me afastar do circuito e passar à clandestinidade.

— Para fazer o quê?

— Encontrar a Jessica Reel. E se fores capaz disso, pode muito bem acontecer que obtenhas todas as respostas.

Encontrei-a, pensou Robie. E deixei-a escapar.

O Blue Man acabou de beber o seu café e pôs-se de pé.

— E há ainda outra coisa que podes fazer, Robie. Robie levantou a cabeça e olhou para ele.

— O quê?

— Não é óbvio? Agradecer à Reel o fato de te ter salvado a pele. Depois de o Blue Man se afastar, Robie murmurou baixinho: "Demasiado tarde. Já lhe retribuí o favor."

Capítulo 47

Sentado na marquesa, depois de ter despido a camisa e as calças, Robie deixou que a Dr.a Meenan examinasse as suas queimaduras.

— Estão com melhor aspecto. Em todo o caso, ainda bem que apareceu. Verifico que tem corrimento e sinais de infeção. Vou limpar e dar alguns pontos a fim de estabilizar as áreas afetadas, para garantir que não haverá problema. Além disso, vou dar-lhe outra injeção e receitar mais medicamentos.

— Tudo bem.

A médica removeu um pedaço de pele morta, limpou cuidadosamente aquela área, e a seguir suturou algumas partes onde a pele tinha ficado repuxada. Quando acabou a tarefa, foi buscar uma seringa, desinfetou o braço esquerdo de Robie com álcool, espetou a agulha e depois colocou um penso rápido naquele lugar.

— Com que então, regressou são e salvo?

— Sim, regressei.

Robie olhou de esguelha para ela.

— Por que pergunta?

— Já perdemos bons agentes em quantidade suficiente. Pode tornar a vestir-se.

Robie voltou a enfiar as calças.

— Vou tratar dos comprimidos. Estarão prontos para serem levantados na entrada daqui a cinco minutos.

— Obrigado.

Robie abotoou a camisa enquanto Meenan tomava notas na sua ficha médica. Sem olhar para o paciente, ela voltou à carga: — Ouviu falar naquela loucura rematada que aconteceu no Arkansas? Conhecia o tipo que costumava trabalhar connosco?

— Um tipo chamado Roy West?

— Sim. Eu por acaso conhecia-o. Quero dizer, examinei-o uma vez.

— A que propósito?

— Desculpe, é preciso respeitar a privacidade do paciente. Aplica-se também aqui. Posso avançar que não se tratou de nenhum problema grave. Mas deixe-me que lhe diga que ele era um indivíduo estranho.

— O que há mais por aqui são indivíduos estranhos.

— Refiro-me a um tipo realmente bizarro.

A seguir, ela fez uma pausa e acabou o que estava a escrever, fechou o processo clínico e guardou-o num tabuleiro em rede metálica que havia em cima da secretária.

— Posso dizer-lhe uma coisa, em jeito de confidência? — pediu ela.

— Claro que sim.

— A sério que posso?

— A sério, isso nem se pergunta.

A médica sorriu ao ouvir aquilo, mas o sorriso não tardou a transformar-se numa expressão frustrada.

— O homem era assustador. Além de que parecia um convencido de primeira. Armado ao pingarelho, como se tivesse um segredo de todo o tamanho e mal pudesse conter-se para mo revelar.

— O mais provável é encontrar pessoas desse gênero por aqui ao pontapé.

— Talvez. Mas o certo é que ele bateu a concorrência.

— Bom, convenhamos que isso acabou por prejudicá-lo.

— Foi morto numa luta entre milícias, ouvi nas notícias.

— É o que dizem.

— Tem outras informações? — perguntou ela bruscamente.

— Longe disso, e confesso que já não tenho mãos a medir com os meus próprios problemas. — Acabou de atar os sapatos e desceu da mesa. — Obrigado por ter tratado de mim.

— É para isso que me pagam.

— Com que então, esse tal West era uma espécie de psicopata?! Ouvi dizer que ele foi despedido.

— Não me surpreende. Nem sei como é que passou nos testes de avaliação psicológica. A verdade é que dava mostras de ser demasiado instável mentalmente.

— Que mais recorda acerca dele? Alguma vez mencionou o nome de alguém?

— Alguém, como?

— Uma pessoa qualquer.

Ela sorriu, como quem não quer a coisa.

— Pensei ouvi-lo dizer que não tinha mãos a medir.

— Sou curioso por natureza.

— Bem, nesse caso, ele referiu que possuía amigos em lugares importantes. Muito importantes, foi o que ele disse. Pensei que estivesse apenas a vangloriar-se, uma vez que ocupava uma posição bastante inferior na agência. — Ao dizer aquilo, corou.

— O quê? — espantou-se Robie.

— Pensei que estava a dizer aquilo só para me impressionar.

— Quer dizer que ele estava a atirar-se a si?

— Sim, creio que sim. — Ela bateu-lhe de leve no braço. — E não ponha essa cara tão admirada.

— Acha que ele estava a falar a sério?

— Tenho pensado nisso. Se tivesse de adivinhar, diria que ele contava com alguém bem colocado na estrutura, alguém que lhe dava cobertura.

— Não devia estar assim tão bem colocado quanto isso, considerando que foi parar ao olho da rua.

— Tem razão. De qualquer forma, vamos partir do princípio de que ele estava a fazer-se a mim. — Tirou um cartão de visita do bolso. — Para o caso de ter perdido o outro, aqui tem este com todos os meus contatos, incluindo o telemóvel pessoal. Se tiver problemas com os ferimentos, não hesite em ligar-me.

Quando Robie aceitou o cartão de visita, os seus dedos tocaram-se. Ela não olhou para ele, mas apresentava as faces levemente vermelhas.

Robie tinha o forte pressentimento de que a médica estava a atirar-se a ele.

Capítulo 48

Desta vez tinha Nicole Vance à sua espera, e ela não usava maquilhagem. Decididamente, estava virada para as questões de trabalho. Robie sentou-se.

— Já mandei vir uma bebida para ti — adiantou Vance. Ele observou o gelo no copo.

— Gim?

— Ginger ale. Para todos os efeitos, ainda estou de serviço.

— Um dia longo.

— Uma vida longa. Pelo menos, assim espero. — Reparou no braço direito dele. — Tens esse braço um pouquinho rígido. O que se passa?

As queimaduras estavam a evoluir de forma favorável, mas lentamente. E o certo é que o braço se apresentava hirto, até porque os recentes pontos cirúrgicos feitos por Meenan haviam contribuído para o tornar ainda mais rígido. Interrogou-se sobre a sua capacidade de sacar rapidamente da arma. Se calhar, não seria capaz de o fazer com a rapidez necessária. No entanto, não se saíra nada mal naquele buraco no interior do Arkansas. A adrenalina tornara a dor suportável. Só mais tarde é que lhe começara a doer tudo.

— É da idade.

Ela sorriu com desdém.

— Boa tentativa.

— Por que ainda estás a trabalhar a esta hora? — perguntou Robie.

Ela bebeu um gole do ginger ale; o seu olhar estava perdido numa paisagem distante.

— Quando uma investigação não leva a parte nenhuma, tenho tendência para fazer horas extraordinárias. O mundo inteiro ameaça

converter-se num inferno, Robie.

— Onde é que está a novidade?

— Ouviste falar do que aconteceu no Arkansas? A cena com o Roy West?

— Vi nas notícias — respondeu ele.

— Ele fazia parte da tua agência.

— Nunca o encontrei.

— Pelos vistos, não se aguentou por lá muito tempo. Largou o emprego por falta de preparação, e foi então que se transformou num fanático antigoverno. Por que não investigam melhor o vosso pessoal?

— Essa tarefa não faz parte das minhas funções — disse ele. O empregado trouxe a bebida e ele provou-a.

— Está como gostas? — quis ela saber. Robie anuiu.

— Sim, obrigado.

— Ainda bem, podemos fazer um brinde a este mundo em vias de se converter num inferno.

— E que parte do mundo é que ameaça ao certo transformar-se num inferno?

— Escolhe um lugar ao calhas. Não há pistas quanto ao Jacobs. Nada relativamente ao Gelder. Aquela porra no Arkansas. E o ATF também está a passar-se.

— Com o quê?

— Uma explosão num local remoto na Costa Leste. Foi usado um dispositivo altamente sofisticado. E alguém se deu ao trabalho de utilizar um acelerador de combustão no lago que existia na propriedade. É caso para dizer que não sobrou muito, em matéria de provas. Não estou a trabalhar nesse caso. Temos outros agentes no FBI.

O Bureau também foi convocado no caso do Arkansas. Esta treta da milícia pode vir a tornar-se realmente assustadora. Antigamente, havia umas quantas dezenas de grupos desses. Agora, são aos milhares, para não dizer aos milhões.

— Como é que morreu esse tal Roy West?

— Não sei bem. Tal como te disse, não estou a par desse assunto. E, para cúmulo, ainda se registrou um tiroteio próximo do tribunal federal, em Alexandria.

— Não ouvi falar em nada — replicou Robie.

— Houve vários carros envolvidos. Ninguém obteve uma matrícula, desnecessário dizer. Tudo o que se sabe é que ao volante de uma van ia uma garota qualquer, que guiava como Jeff Gordon²⁵.

25 Piloto da NASCAR. (N. da T.)

Houve troca de tiros entre os ocupantes dos dois veículos. E o mais bizarro é que, coincidência das coincidências, um juiz federal ia a passar pela rua precisamente na mesma altura.

— Pensas que era ele o alvo?

— Não sei. Seja como for, tenho as minhas dúvidas. Só vinha no relatório por se tratar de um juiz. No entanto, temos de cobrir esse ângulo da investigação.

— Que juiz?

— O juiz Samuel Kent.

— Podia ter-se tratado de um confronto entre gangues.

— Aquela parte de Alexandria é do mais sofisticado que há. Ali não existem gangues.

— E não têm indicação de quem possa ter sido a tal "garota"?

— Nenhuma.

— Revelou-se uma motorista fora de série, segundo todos os relatos, e depois, nada... sumiu.

— E os atiradores?

— A mesma coisa. Desapareceram do radar. Espantoso como uma coisa dessas pode acontecer numa rua cheia de gente, mas aconteceu. — Acabou de beber o ginger ale. — Pediste para nos encontrarmos, mas foi a mim que coube a despesa da conversa. Agora chegou a vez de me calar e de passar a ouvinte.

Robie assentiu, procurando conciliar tudo o que Vance lhe tinha contado e perguntando a si mesmo se a tal "garota" seria quem ele pensava. Ao mesmo tempo, parecia ridiculamente impossível e extremamente provável que se tratasse de Jessica Reel, sobretudo depois do que acontecera no Arkansas.

— Foi bom ver a Julie — confessou Robie.

— A sério? Não me pareceu que tivesse corrido tão bem quanto isso, do meu ponto de vista.

— Ela estava chateada — rebateu Robie.

— E não tinha razões para estar?

— Sim, tinha. Mas conversamos um bocado durante a viagem até a casa dela.

— E?

— E ela continuava chateada.

— As tuas competências pessoais devem ter-se revelado excecionais no decorrer desse percurso.

— O meu objetivo é mantê-la a salvo. Tu também já me tinhas alertado.

— Sei disso, Robie. Mas não és obrigado a deixá-la por completo à margem da tua vida. Vocês passaram por muita coisa, os dois juntos. Que diabo, ela e eu passamos por muito juntas.

— Tu e eu passamos por maus bocados juntos — reforçou Robie. Aquele comentário apanhou Vance desprevenida. Sentou-se para trás, descontraída.

— Bem podes dizê-lo. Arriscaste a tua vida para me salvar.

— Era por minha causa que corrias perigo, em primeiro lugar. O que me faz regressar à minha opinião inicial sobre a Julie. E sobre ti. De todas as vezes que me encontro contigo, posso estar a colocar-te de novo numa situação de risco. Ora, acontece que esse não é um problema que eu encare de ânimo leve, Nikki. Provavelmente, teria sido melhor se não te tivesse ligado a pedir para nos encontrarmos esta noite.

— A verdade é que não podes proteger toda a gente, a toda a hora. Além disso, não te esqueças de que sou uma agente do FBI. Sei tomar conta de mim.

— Em circunstâncias normais, tudo bem. Acontece, porém, que eu não sou um caso normal.

Ela bufou de indignação, mas captando a sua expressão profundamente séria, acabou por acrescentar: — Percebo o que queres dizer, Will. Compreendo, acredita. A sério.

— E quais seriam as hipóteses da Julie? Estou envolvido numa série de coisas, neste momento.

Depois remeteu-se ao silêncio e desviou o olhar. Ela estendeu o braço, de forma hesitante, e tocou-lhe na mão, envolvendo-a com os seus dedos compridos e apertando-a.

— Que coisas?

Observou Vance retirar a mão, parecendo embaraçada por aquele gesto de ternura.

— A fim de proteger a minha retaguarda, tenho de olhar em todas as direções ao mesmo tempo — afirmou ele.

Ela pestanejou, nitidamente a esforçar-se por decifrar a mensagem.

— É a tua forma de dizer que não podes confiar em ninguém?

— É a minha forma de dizer que há coisas que ninguém consegue explicar. — Fe; uma pausa. — Soubeste o que aconteceu à Janet DiCarlo?

— Uma história vaga; qualquer coisa que se passou em casa dela.

— Eu estava lá. De vaga, a história não tem nada. Posso afiançar-te que, a certos níveis, foi até bastante clara.

— Que raio aconteceu?

Naquele ponto, Robie apertou-lhe a mão com força. O gesto nada tinha de íntimo.

— Se te contar, não pode sair daqui. Não estamos a falar de uma simples questão de cortesia profissional. Refiro-me à tua própria sobrevivência.

A boca de Vance abriu-se ligeiramente e os seus olhos ficaram arregalados.

— Tudo bem, o que me disseres não sairá daqui.

Robie bebeu um gole da sua bebida e empurrou o gelo para baixo.

— A DiCarlo foi atacada. Os guarda-costas morreram. Ela ficou ferida. Consegui tirá-la de lá. Ficou sob a proteção do Departamento de Segurança Interna.

— Por que a sua própria agência não podia protegê-la...? — Vance ficou a meio da pergunta.

Robie anuiu.

— Exatamente.

— Referes-te a traição ou a um grupo organizado?

— Não creio que seja um traidor que ande por aí atirando à toa.
— Organizado, nesse caso?
— É uma teoria.
— Que vais fazer relativamente a isso?
— Estou a pensar em ficar incontactável. Vance inspirou fundo.
— Tens a certeza de que é o melhor passo a dar?
— Tu afastaste-te, no meu lugar.
— Sou agente do FBI, Robie. O fato de tu desapareceres do mapa é uma coisa completamente diferente.
— Acho que é a única maneira que tenho de chegar à verdade.
— Ou de ser morto.
— Isso podia facilmente acontecer se eu não saísse do mesmo lugar. — Levantou o braço direito devagar. — Quase aconteceu por duas vezes nos dois últimos dias.

Ela observou o braço de Robie e depois tornou a olhar para ele. Dava para ver a tensão estampada na sua cara. O mesmo nível de tensão era mais do que evidente nas feições de Robie.

— O que posso fazer? — perguntou ela.
— Já fizeste muito.
— Isso é uma treta pegada, e tu bem sabes!
— Posso contactar-te, quando chegar a altura.
— Robie, não haverá outra maneira de lidar com isto? Podes ir comigo ao FBI. Podemos dar-te proteção e, quem sabe... -A voz dela sumiu-se.

— Agradeço o teu gesto. Mas julgo que é melhor fazermos as coisas à minha maneira.

— Que vais fazer, concretamente?
— Tenho algumas pistas e vou segui-las.
— Consegues ficar incontactável, mesmo com toda esta merda a acontecer?

— Posso tentar. É tudo o que posso fazer. — Levantou-se. — Obrigado por teres vindo ter comigo.

— Por que insististe neste encontro? Não foi só para me dizeres que ias desaparecer de cena...

Robie começou a dizer qualquer coisa, mas, às tantas, não foi capaz de prosseguir.

Vance pôs-se de pé e foi até junto dele. Antes que Robie fosse capaz de dar um passo, colocou os braços à volta dele e apertou-o com tanta força que dava a sensação de que eram um só corpo. Pondo-se nas pontas dos pés, beijou-o na face.

— Vais voltar — disse ela. — Conseguirás ultrapassar isto. És o Will Robie. Que diabo, alcançar o impossível é uma coisa que tu fazes com frequência!

— Farei o que puder.

Vance afastou-se em direção à entrada do restaurante e ficou a vê-lo descer a rua até mergulhar na escuridão.

Quando chegou ao pé do carro, sentou-se lá dentro, e ali ficou de olhar perdido no vazio, a pensar se não teria sido a última vez que estivera na companhia dele.

Capítulo 49

Incontatável.

Robie estava sentado no seu apartamento a pensar no passo que se preparava para dar.

Da última vez que desaparecera do radar, a experiência não fora agradável. De fato, essa decisão quase lhe custara a vida, bem como as vidas de outras pessoas, incluindo a de Julie e Vance.

Naquele momento, Jessica Reel encontrava-se incontatável. Parecia estar a utilizar uma estratégia complexa, que lhe permitia colocar-se em simultâneo dos dois lados do tabuleiro de xadrez. Que vantagem esperava ela ganhar com isso era uma coisa que escapava a Robie. Significava apenas que ambos os lados tinham incentivos para a encontrar e depois matá-la.

Duplicar a oposição não fazia sentido. E, no entanto, não tinha propriamente Reel na conta de uma pessoa com falta de massa cinzenta. Logo, se ela optara por seguir aquele caminho, algum sentido a sua estratégia havia de fazer.

No Arkansas, um antigo analista da agência transformara-se num fanático das milícias. Elaborara um documento a anunciar o apocalipse. Ela encontrava-se ali a fim de descobrir a quem é que ele tinha feito chegar os seus escritos.

Depois, havia ainda a considerar o tal juiz federal, era Alexandria.

A confirmar-se a suspeita de ter sido Jessica Reel a atuar em Alexandria, qual seria a ligação? Que raio de situação!

Um juiz, Gelder, Jacobs e Roy West.

Estariam todos envolvidos naquela história do apocalipse?

Se era esse o caso, de que se trataria ao certo?

Mesmo que West possuísse uma cópia, Robie não tinha maneira de a obter. A casa, ou o que restava dela, devia estar infestada de

polícias. Era provável que Reel tivesse uma cópia, mas, uma vez mais, como fazer para lhe deitar a mão?

Robie baixou a cabeça e examinou o texto que Jessica Reel lhe enviara anteriormente.

"Tudo o que faço tem uma razão de ser. Limita-te a abrir a fechadura."

De repente, soltou um gemido e bateu na mesa com a palma da mão. Como é que podia ter sido tão estúpido? Estava literalmente na cara, escarrapachado.

Dirigiu-se ao cofre, abriu-o e tirou de lá os três artigos que tinham sido deixados no cofre dela.

Isso mesmo, o cofre dela. Só preciso abrir.

Muito bem, agora que a parte simples terminara, as coisas complicavam-se rapidamente.

A arma.

O livro.

A fotografia.

A arma já se encontrava desmontada, sem que nada tivesse sido encontrado. Era apenas uma pistola com algumas partes especiais que não apontavam para nenhuma direção específica.

Quanto ao livro, não continha qualquer apontamento. Nem uma única anotação feita à margem. Nada que lhe indicasse um caminho a seguir.

A foto, essa também nada lhe dizia. Além de que ele não sabia quem era o homem ao lado de Reel.

Tudo o que faço tem uma razão de ser.

Exasperado, deixou escapar:

— Porreiro, minha senhora, da próxima vez não torne as coisas tão difíceis. É complicar ainda mais uma situação que, de si, já se anuncia difícil de decifrar para qualquer comum mortal.

Robie tornou a guardar os artigos a sete chaves e olhou pela janela.

O que o Blue Man lhe tinha dito era mais uma informação preocupante a somar a muitas outras. Tudo indicava que a agência estava em risco de colapso, a começar pelo mais alto nível, e sempre a descer por aí abaixo. Não deixava de ser espantoso o fato

de a principal organização de serviços secretos ter chegado àquele estado caótico.

A data, o mundo era um lugar verdadeiramente perigoso. Ainda mais perigoso do que durante a Guerra Fria. Naquela altura, os adversários estavam claramente definidos e alinhados um pouco por todo o lado. Da mesma forma, as apostas estavam perfeitamente definidas. A destruição do mundo era uma possibilidade. Mas, no fundo, não era bem assim. O conceito de destruição mútua assegurada funcionava como um grande catalisador da paz. Não era possível invadir o mundo se não houvesse mundo para ser invadido.

No presente, a situação era mais sutil, revelava contornos bastante flexíveis, e os lados não paravam de mudar com uma frequência alarmante. A bem dizer, Robie não sabia se o elemento de destruição mútua assegurada continuava a ser suficiente. Aparentemente, algumas pessoas não queriam saber se haveria sequer um mundo depois de tudo isso, o que as tornava perigosas a um nível sem precedentes.

Os comentários de DiCarlo vieram-lhe de novo à memória: "Missões que nunca deveriam ter-se realizado. Pessoal que anda desaparecido. Dinheiro que foi desviado de um lado para o outro e que, a páginas tantas, acabou por se evaporar. Equipamento que foi parar a lugares para onde nunca deveria ter sido enviado e que também se volatilizou. E não é tudo. Estamos a falar de coisas que aconteceram a conta-gotas, no decorrer de longos períodos de tempo. Consideradas individualmente, ninguém diria que aquilo era algo de extraordinário. No entanto, analisando-as no seu conjunto..."

No entender de Robie, o simples fato de ver o pessoal desaparecer dos quadros deveria ter constituído um sinal de alarme suficientemente forte, quanto mais tudo o que Janet DiCarlo lhe descrevera.

Como é que as circunstâncias podiam ter descarrilado assim?

Tucker era diretor há tempo mais do que suficiente e devia ter tomado a seu cargo a resolução das questões importantes. Ou, pelo menos, tê-las abordado, como era sua obrigação.

A não ser que Tucker estivesse do outro lado do tabuleiro de xadrez. Mas isso parecia inconcebível. Aí estava um cenário que

custava a imaginar: Jim Gelder na pele de um traidor. Porém, a acreditar em Reel, não havia dúvida de que era assim mesmo. Seriam as duas figuras de topo corruptas? Até que ponto uma tal hipótese seria plausível?

Contudo, que outra explicação existia para tantas coisas fracassarem e não serem resolvidas pela administração?

Robie tirou a carteira do bolso. Dentro do compartimento onde guardava o dinheiro encontrava-se uma bolsinha fechada. Lá dentro estavam as pétalas de rosa.

Era a outra prova que Reel tinha deixado para trás.

Alguém se desfizera das rosas e sabe-se lá do que mais, mas falhara aqueles fragmentos. O que teria Reel em mente com aquilo?

Se tudo o que ela fazia tinha um propósito, devia existir uma justificação. Uma explicação que podia ter o seu peso.

A senhora da florista explicara que as marcas rosadas assinaladas na rosa eram por vezes interpretadas como sinais de sangue. Bom, tinha havido uma grande quantidade de sangue derramado. Era esse o significado vulgar que Reel tinha em mente? Deduzindo que sim, em que medida a resposta o podia ajudar?

O Blue Man partira do pressuposto de que Reel pudesse estar do lado da razão. Diga-se, em abono da verdade, que Robie não tinha bem a certeza do que significava semelhante chavão no mundo da espionagem. Certo e errado estavam sempre a mudar de lado. Não, talvez estivesse a ser injusto. Havia elementos básicos permitindo distinguir o certo e o errado.

Terroristas que matavam pessoas inocentes ao transportarem bombas escondidas estavam do lado errado, sem a menor dúvida. No espírito de Robie, além do mais, também eram cobardes.

Ele matava a grande distância, mas também arriscava a existência para o fazer. E não tinha por alvo inocentes. Todos aqueles de quem ele ia atrás tinham passado a vida a causar sofrimento aos outros.

Será que isso me coloca, com carácter permanente, do lado do que é certo?

Abanou a cabeça para se libertar daqueles pensamentos inquietantes. Um bom tema para alimentar uma discussão numa

aula de filosofia. Em nada contribuía, no entanto, para o aproximar da verdade.

Nem de Jessica Reel.

Tinha dito a Tucker que não iria procurá-la.

Em parte, a sua resposta fora sincera.

Decididamente, não estava nos seus planos continuar à procura dela. Pelo menos não o faria a mando de Tucker nem ao serviço da agência. Mas iria encontrá-la, e desta vez tudo faria para a obrigar a contar-lhe o que se passava.

Acontecesse o que acontecesse, estava determinado a chegar à verdade.

Capítulo 50

O encontro não estava marcado na agenda oficial. Nem tinha de estar, diga-se de passagem.

Sam Kent sentara-se num dos lados da pequena mesa oval. Do outro lado encontrava-se um homem novo, em melhor forma física, mais baixo, que tinha umas mãos que pareciam tijolos e um tronco que fazia lembrar um muro.

O seu nome era Anthony Zim.

Ninguém lhe chamava Tony.

— Escolheram o Robie por razões óbvias — declarou Kent. Zim acenou afirmativamente com a cabeça.

— Boa escolha. Ele sabe o que está a fazer.

— E não está incontactável, como é o seu caso.

— Não estou incontactável, senhor Kent — protestou Zim. — Trabalho de forma autónoma. Há uma diferença, e grande.

— Até aí, eu entendo — afirmou Kent com toda a calma. — Desempenhei um papel decisivo na hora de o meter dentro da organização, onde podemos tirar o devido partido dos seus talentos.

Zim ficou calado. Poisou as manípulas em cima da mesa. Mesmo sentado, conservava o peso do corpo sobre a ponta dos pés. Se a situação assim o exigisse, podia movimentar-se rapidamente. E, ao longo dos anos, muitas tinham sido as ocasiões em que se encontrara nessa necessidade.

— Jessica Reel — enunciou Kent.

Zim limitou-se a ficar ali sentado, na expectativa. Kent prosseguiu.

— Ela anda algures por aí, e, a cada minuto que passa, a sua presença torna-se mais problemática.

— Foi sempre boa nisso.

— Deduzo que a conheça bem...

— Ninguém conheceu bem a Jessica Reel. Assim como ninguém conhece o Robie. Tanto um como o outro guardavam tudo para eles. Tal como eu faço. São ossos do ofício.

— Mas chegou a trabalhar com ela?

— Sim.

— E com o Robie?

— Duas vezes. Desempenhei um papel secundário, quer numa quer noutra ocasião. Afinal, ele não precisou do meu apoio.

— Consegue eliminar um, ou os dois, se for caso disso?

— Consigo. Desde que as condições sejam adequadas.

— Vamos tentar que isso se verifique.

— Preciso que façam melhor. Kent franziu a testa.

— Procurei a sua ajuda porque me disseram que era um dos melhores na sua especialidade.

— Está a pedir-me que vá em perseguição de duas pessoas, que, possivelmente, são tão competentes como eu. O mais provável é eu ser capaz de lhes deitar a mão, uma de cada vez. Agora, neste cenário em que apanho pela frente os dois de conluio, não lhe dou garantias de conseguir fazer o trabalhinho.

— Nesse caso, temos de garantir que eles nunca estão juntos.

— O Robie foi encarregado de ir atrás dela. Pode ser que ele chegue primeiro e lhe poupe uma série de problemas.

— No que respeita ao Robie, os mais recentes desenvolvimentos levam-me a encarar com alguma preocupação a hipótese de isso acontecer.

Zim mudou discretamente o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Que desenvolvimentos?

— Segundo parece, e para ser mais concreto, o fulano começa a pensar pela sua própria cabeça, em vez de se limitar a seguir ordens. Mas não só.

— Preciso de saber tudo.

— A Reel tem estado em contacto com ele. Anda a contar-lhe coisas.

— A manipulá-lo, quer o senhor dizer. É a especialidade dela.

— Pensava que não a conhecia assim tão bem...

— Conheço-a o suficiente para saber isso. — Zim inclinou-se ligeiramente para diante. — Permite-me uma sugestão?

— Sou todo ouvidos.

— Deixe correr o marfim. Robie mata Reel. Ou vice-versa. Ou então matam-se um ao outro.

— Era esse o plano original. Ainda pode tornar-se realidade — alvitrou Kent. Debruçou-se até ficar a escassos centímetros de Zim. — O meu amigo é o plano B. E, se eu estou a ver bem as coisas, vai aplicar-se a fundo para cumprir a sua missão. Não posso contar com um mundo ideal. Isso é para os pobres de espírito. Além do mais, envolve um elemento de sorte, e eu não me posso dar ao luxo disso.

— Então é bom que as condições sejam cumpridas.

— Tal como sugeriu, farei mais do que tentar.

— Como? — quis saber Zim.

— A Jessica Reel não é a única especialista na arte da manipulação.

— Pode não ser tão fácil como parece.

— Não me parece que seja fácil — contrariou Kent. — De fato, parece extremamente difícil.

— Como vai ser?

— Disso encarrego-me eu. Quanto a si, Zim, preocupe-se em cumprir a sua parte.

— É tudo, pela parte que me diz respeito?

— Dividir em compartimentos estanques. É o melhor protocolo, de uma forma geral.

— O senhor não é o tipo de pessoa que eu esperava.

— Quer dizer, por ser juiz? Zim encolheu os ombros. Kent sorriu.

— Sou um juiz especial, senhor Zim. O tempo passado no tribunal destina-se a dar seguimento a muito poucos casos. O resto é dedicado a fazer outras coisas em prol do meu país. Essas ações dão mil vezes mais gozo do que os períodos irregulares em que desempenho as funções de magistrado.

— Bom, alguma influência deve ter. Caso contrário, eu não estaria aqui sentado na sua companhia.

— Influência é dizer pouco... Nas mais das vezes, sou eu que puxo os cordelinhos.

— Quando é que serei destacado?

— Desconhece-se o momento exato. Mas, se interpreto corretamente os sinais, não deverá demorar muito. Aconselho-o a estar preparado vinte e quatro horas, sete dias da semana. Pronto para entrar em ação na hora.

— É a história da minha vida — replicou o outro.

— Esperemos que não seja a história da sua morte.

— Faz parte do ofício. Kent tornou a sentar-se.

— Você passa o tempo a dizer isso. Quase me sinto tentado a acreditar.

— Não espero que compreenda a minha posição, senhor Kent. Acontece que faço parte de um pequeno clube.

— Na realidade, compreendo muito bem.

— Não me parece. Pelo menos, até ter matado tantas pessoas como eu. E não há assim muita gente no mundo que o tenha feito...

— Quantas pessoas matou?

— Trinta e nove. Por essa razão é que estou interessado em deitar a mão à Reel. Com ela, arredondaria para quarenta.

— Impressionante. E escusado será dizer que o Robie iria desequilibrar tudo ao perfazer o número quarenta e um do rol.

— Nada que me faça perder o sono, garanto-lhe.

— Alegra-me saber isso.

Kent sorriu. Encostou o cano da pistola à testa de Zim antes de ele ter tempo para reagir.

Os olhos de Zim esbugalharam-se ao sentir a pressão do metal na pele.

Kent aproveitou a deixa:

— Como referi anteriormente, nem sempre fui juiz. Verifiquei o seu processo. Desempenha essas funções há onze anos, não é assim?

Quando Zim não lhe deu resposta, Kent pressionou a arma com mais força de encontro à cara dele.

— Não é verdade?

— Sim.

Kent assentiu com a cabeça.

— Acertei em cheio. Penso que as pessoas, por estes dias, se tornaram um nadinha mais frouxas. Nunca apanhei uma noite pela

frente em que tivesse condições de iluminação decentes. Matei quatro pela calada da noite com a ajuda de uma lanterna e empunhando uma velha espingarda da Guerra do Vietnã que era uma boa trampa. Mas cumpri a minha obrigação. E, a propósito, nunca andei por aí a vangloriar-me do número total das pessoas a quem limpei o sebo.

Kent puxou o cão da arma para trás.

— Mais uma coisa. Cheguei a mencionar que havia um teste envolvido no seu processo de seleção?

— Um teste? — espantou-se Zim, nitidamente desorientado.

— Se um homem de idade lhe consegue passar a perna e ganhar vantagem, não creio que você me possa servir de muito. Não reúne os requisitos necessários para tratar da saúde ao Robie ou à Reel. O que significa que a nossa entrevista está oficialmente concluída.

Kent premiu o gatilho, a arma disparou e a bala atingiu o cérebro de Zim. O homem caiu desamparado da cadeira.

Kent levantou-se, limpou os salpicos de sangue da cara com um lenço e só depois tornou a guardar a arma no coldre.

Baixou os olhos e examinou o corpo.

— E, para que conste, tenho no historial sessenta mortes. Só existe uma pessoa com um palmarés maior do que o meu. Um tipo da velha guarda, como eu. Nunca teria conseguido adiantar-me a ele como aconteceu contigo. Parvalhão.

Dito aquilo, Kent saiu porta fora.

Capítulo 51

Reel olhou fixamente para o seu telemóvel. Na tela via-se um rosto familiar, pelo menos à distância.

Will Robie devolveu-lhe o olhar.

Sabia que lhe devia ter fornecido mais informações durante o confronto no Arkansas. A verdade, porém, é que ficara siderada ao vê-lo ali. Convencera-se de que, vá lá saber-se como, a agência arranjava maneira de a seguir e enviara Robie para dar cabo dela. Aquilo abalara-a, fizera desaparecer toda e qualquer esperança que depositava nele. Essa esperança havia sido restaurada quando ele não a liquidara, escusado será dizer. Mas agora temia pela sua segurança.

Se a agência descobrisse que ele a tivera ao alcance da mira mas desperdiçara a oportunidade de disparar, Robie ficaria em perigo. E se entrasse de novo em contacto e ele aceitasse trabalhar como seu aliado (uma coisa que, pensando bem, até seria do seu agrado), nesse caso o perigo seria ainda mais ameaçador. Seriam enviados assassinos profissionais atrás dele. E Robie não estava preparado para ser um fugitivo, como ela. Por muito bom que fosse, não sobreviveria. A outra parte tinha demasiados recursos.

Tenho de ser eu a fazer isto sozinha.

Tirou o livro branco da mala e tornou a lê-lo.

Agora que conhecera Roy West, sentia grandes dificuldades em perceber como poderia um homem como ele ter congeminado um plano tão complexo. Infelizmente, a sua decisão de conspirar para conduzir ao massacre em massa dos seus compatriotas, com o fito de alimentar o seu ódio bizarro contra o Governo, estava de acordo com a natureza do documento. Isso e o fato de ele ser louco.

Mais. Toda e qualquer pessoa que subscrevesse o teor daquele documento só podia ser louca. Louca e perigosa.

West estava morto. O que significava que nunca mais voltaria a fazer mal a alguém. No entanto, havia outros, porventura até muitíssimo mais bem colocados, em posição de pôr em prática o Armagedão, conforme aparecia enunciado naquele documento.

País após país.

Líder após líder.

O perfeito puzzle.

Se a morte e o sofrimento em larga escala tivessem um rosto, podia ser a obra-prima daquele tarado do West.

E, depois, havia ainda a considerar o desconhecido. Devia andar a rondar algures por ali, isso sabia ela de ciência certa. O tal fulano que estava três níveis acima de West. Com acesso aos documentos altamente secretos. A pessoa que exigira estar na posse do documento, que fizera questão em conhecer o quebra-cabeças.

Roger Astucioso. Quem seria ele? Onde se encontraria? E o que estaria a planear naquele preciso momento?

O ataque contra Janet DiCarlo era previsível, mas Reel nunca desconfiara de nada, a não ser demasiado tarde. DiCarlo estava viva, mas por quanto tempo? Reel gostaria imenso de se encontrar e ficar à conversa com a sua velha mentora, a fim de saber o que ela descobrira — e em que circunstâncias — que a pudesse ter conduzido à beira da morte.

Mas isso não era possível. Reel não fazia ideia do paradeiro de DiCarlo. Além do mais, tudo apontava para que se encontrasse fortemente protegida. E, no entanto, se o ataque contra ela tivesse vindo do interior da agência, até que ponto ficaria a mulher em segurança, independentemente do lugar onde estivesse?

Reel voltou a olhar para o telemóvel. Deveria arriscar?

Sem parar para pensar sobre o assunto, bateu nas teclas e a mensagem seguiu para Robie, apesar de ter decidido não comunicar mais com ele. Vendo bem, aquela pergunta era de outro gênero; de certeza que não iam virar-se contra ele por causa disso.

Ignorava se lhe dariam resposta. Assim como não sabia se Robie confiava ou acreditava nela. Lembrava-se dos tempos, no início da sua carreira, em que fazia parte da equipe. Ele tinha sido o mais competente de todos, no meio de um grupo de grandes profissionais. Ensinara-lhe coisas sem precisar de grandes

conversas. Insistia sobretudo na importância dos detalhes. Faziam a diferença, dizia ele, entre triunfar e não triunfar.

Reel ficara a par de algumas coisas que lhe tinham acontecido no início desse ano. Robie fizera o impensável pelas pessoas que trabalhavam na mesma profissão. Ele não tinha puxado o gatilho.

Desobedecera a ordens, porque, no seu modo de ver, essas ordens eram incorretas e injustas.

O cidadão comum poderia ser levado a pensar que isso nada tinha de especial. Se uma pessoa achava que determinada coisa estava errada, porque não desobedecer? Acontece, porém, que não era tão simples quanto isso. Mais do que militares de carreira, Robie e Reel tinham sido ensinados a obedecer a ordens sem fazer perguntas. Na ausência dessa indestrutível cadeia de comando, dessa devoção ao autoritarismo, o sistema pura e simplesmente não funcionava. Nada podia interferir com isso.

Todavia, eles os dois tinham desobedecido a ordens.

Robie recusara-se a premir o gatilho. Por duas vezes. Se Reel ainda estava viva, devia-se única e exclusivamente à segunda vez que tal se verificara.

Quanto a ela, pela parte que lhe tocara, tinha carregado no gatilho. Liquidara dois homens que trabalhavam para o Governo. Ambos os crimes eram puníveis com longas penas de prisão, ou mesmo com a pena de morte.

Reel sempre gostaria de saber se ainda estava nos planos de Robie vir atrás dela. Será que ele se arrependera de não a ter matado?

Sentiu o telefone vibrar. Baixou os olhos para a tela.

Will Robie acabara de responder às suas dúvidas.

Capítulo 52

Robie olhou para a tela do telemóvel, depois de dar ao dedo nas suas teclas. Quanto tempo demoraria o pessoal da agência a entrar em contacto com ele, interrogou-se. Ou a deitar-lhe a porta de casa abaixo.

"Viva. Por enquanto."

Tinha sido a mensagem que escrevera e lhe enviara em resposta à pergunta simples que ela lhe fizera: "E a DiCarlo?"

Robie continuou a olhar fixamente para a tela do seu telemóvel, esperando em parte que ela tornasse à carga e enviasse nova mensagem. Havia muitas coisas que lhe queria perguntar. Tudo questões que não tivera tempo de colocar quando se cruzara com ela no Arkansas.

Estava quase a desistir no preciso momento em que chegou uma nova mensagem de Reel.

"AFL."

"AFL?"

Robie não estava a par da terminologia mais recente utilizada na Internet, sobretudo se metia acrônimos pelo meio. Além disso, não fazia a mínima ideia se o tal AFL era um desses acrônimos ou uma mensagem codificada enviada por Reel. Caso estivesse codificada, não lhe passava pela cabeça qual o seu significado.

O que levaria Reel a pensar que ele sabia?

Reclinou-se na cadeira e recuou no tempo, até os dias da derradeira missão em que participaram juntos, muitos anos antes. Por sinal, uma missão bastante rotineira, como mandava o figurino. O que não impedira que as coisas tivessem dado para o torto.

Robie fora para a esquerda e, no mesmíssimo segundo, Reel disparara para a direita. Se tivessem seguido na mesma direção, estariam os dois mortos. Da forma como tudo se passou,

neutralizaram as ameaças com que se viram confrontados de ambos os lados.

Mais tarde, Robie refletira sobre o sucedido e chegara a perguntar a Reel por que motivo correria na direção contrária, uma vez que não existia qualquer ameaça em nenhum dos flancos. Ela dera-lhe a única resposta possível.

— Sabia que tu só podias ir naquela direção.

— Como? — insistira Robie.

Em resposta, ela colocara-lhe uma pergunta.

— Como é que sabias para onde é que eu me dirigia?

E Robie não tinha podido responder outra coisa senão admitir que tivera um pressentimento. Tão simples quanto isso. Como é evidente, ele não podia ler os pensamentos dela no verdadeiro sentido da palavra, mas sabia qual seria a sua reação naquela situação exata. Assim como ela sabia qual seria a dele.

Uma coisa do gênero jamais voltara a acontecer-lhe. Só naquela ocasião, com Jessica Reel. Sempre gostaria de saber se tinha sido a última vez no caso dela.

Quando o telefonema chegou, olhou para a tela e a seguir afastou o telemóvel. Era o pessoal de Langley. Não lhe estava a apetecer avançar com explicações. Num certo sentido, dava-lhe a sensação de que não tinham nada que ver com o assunto. Se tinham segredos para ele, também podia dar-se ao luxo de esconder coisas. Eram todos espiões.

E foi então que lhe ocorreu uma hipótese sem qualquer relação com toda a história. Bom, quer dizer, o seu espírito devia ter estado, em parte, a pensar naquilo, à medida que ele viajava pelo tempo e revivia o passado.

Jessica Reel tinha-lhe contado meia dúzia de coisas acerca de si própria, mas havia uma em especial que o impressionara.

— Sou uma pessoa linear, Robie — declarara, no regresso da última missão em que trabalharam juntos.

— O que queres dizer com isso? — perguntara-lhe Robie.

— Quero dizer que gosto de coisas com princípio, meio e fim. Graças àquele pensamento, a inspiração brotou. Levantou-se de um salto, foi a correr até o cofre que tinha na parede de casa, retirou outra vez de lá os três objetos e examinou-os.

Arma.

Fotografia.

Livro.

AFL.

Sentou-se possuído por uma energia e por um interesse renovados. Inconscientemente, colocara-os na posição correta da última vez que os passara em revista. Agora, pelo menos, tinha a confirmação de que existia uma ordem entre eles.

Empunhou a arma. Já anteriormente a separara do lote, sem descobrir nada. Na verdade, porém, encontrara qualquer coisa.

Tudo o que faço tem uma razão de ser.

Tinha sido essa a frase que Reel lhe escrevera. Tudo o que ela fazia tinha uma razão de ser.

Olhou para a arma. Bom, tinha sido a Glock a fabricar aquela pistola, e não Reel.

Semicerrou os olhos.

A verdade é que ela tinha introduzido algumas alterações na arma.

Observou a mira. Pennsylvania Small Arms Company. Um acrescento feito por Reel, apesar de o modelo da mira que vinha com a arma estar em perfeitas condições.

O pino de segurança de titânio. Bela melhoria, mas, nunca era demais repeti-lo, desnecessária.

Observou de novo os rasgos que Reel teria, em teoria, marcado no punho. Uma vez mais, apesar de as estruturas de polímero poderem revelar-se escorregadias — como acontecia com a Glock —, o punho da pistola era perfeito.

Nesse caso, o que teria levado Reel a perder o seu tempo para refazer o punho produzido de fábrica, quando, vendo bem, tal não se justificava? Gravar aquele pontilhado na superfície devia ter demorado o seu tempo. Além disso, se uma pessoa não soubesse o que estava a fazer ou se porventura se enganasse, podia inutilizar a arma, pelo menos no que tocava ao punho da arma.

Sem esquecer que a maior parte dos seus disparos seriam tiros de longo alcance, altura em que o punho da arma já não constituía um problema.

E, depois, era preciso não esquecer as munições. Trinta e três munições no carregador. Aquela cena tinha-lhe dado que pensar desde o início. Numa profissão como a dele, efetuar um disparo contínuo de trinta e três balas contra qualquer coisa significava que tinhas feito asneira e que as probabilidades de morrer eram grandes. Um, dois ou três tiros e, em princípio, conseguias safar-te.

Dezassete disparos eram bastante vulgares neste modelo da Glock. No entanto, ela quase duplicara a capacidade ao utilizar um carregador extralongo, que, na verdade, era um tanto ou quanto pesado.

Reel não lhe parecia o tipo de pessoa que gostasse de confusões.

Verificou o número do modelo: Glock 17.

Teria de proceder com método. Imaginou que Jessica Reel devia ter engendrado o esquema todo da mesma maneira.

Robie sabia que estava no caminho certo por causa da mensagem que ela lhe enviara. Só podia significar: Arma, Fotografia, Livro. Não havia outra explicação possível. E o certo é que era uma forma bastante inteligente de abordar a questão. Reel ficara a saber que a agência lhe dera autorização para vasculhar o cofre e levar os seus pertences, depois de o ter encarregado de ir atrás dela. E a única razão por que lhe tinham dado acesso ao seu cofre prendia-se com o fato de terem passado revista aos artigos que se encontravam lá dentro e não terem encontrado nada que lhes pudesse ser útil. Como tal, Reel devia ter partido do princípio de que, a dada altura, também ele seria autorizado a acessar os itens em questão, aproveitando logicamente para os examinar em busca de uma pista.

Pegou num bocado de papel e numa caneta e desatou a trabalhar febrilmente no seu portátil. Abriu um motor de busca e deu início à investigação, introduzindo os fatos que recolhera da arma. Teve de ultrapassar uma série de falsas partidas até que, por fim, a coisa pareceu começar a bater certo. Ainda não se podia dizer que fizesse completamente sentido, mas os dados eram suficientes para lhe permitirem movimentar-se numa direção nova. Pelo menos, era uma hipótese a considerar.

Anotou tudo, deu por concluída a sua pesquisa e fechou o portátil.

Fez a mala enquanto o diabo esfrega um olho. Precisava de ir a um lugar. E tinha de se certificar de que conseguia lá chegar sem que ninguém o seguisse.

As palavras de Vance vieram-lhe à memória. Seria capaz de se manter incomunicável?

Bom, não tarda nada e ficarei a saber isso mesmo.

Capítulo 53

Os aposentos do juiz eram esplêndidos, imponentes, recheados de madeiras escuras, molduras, painéis perfeitamente alinhados, tapetes luxuosos, portas enormes e ornamentadas, luminária em série, desprendendo-se do seu conjunto um ar de sublime prosperidade.

Numa palavra, o exemplo do dinheiro federal gasto como mandavam as regras. Uma autêntica raridade.

Pelo menos era essa a humilde opinião de Sam Kent.

Estava sentado no seu escritório, em pleno tribunal. Fechou o livro que se encontrava a ler e olhou para o relógio.

Chegara a hora.

Um minuto mais tarde, apareceu um funcionário do tribunal, anunciando a chegada do congressista Howard Decker. O homem entrou e apertou a mão ao juiz. ao mesmo tempo que o funcionário deixava os dois homens sozinhos para a sua reunião privada.

Além de presidir ao House Permanent Select Committee on Intelligence²⁶, Decker tinha em tempos feito parte de uma subcomissão judicial da Câmara dos Representantes, por isso aquele seu encontro com Kent não causaria surpresa. Acresce que os dois homens eram amigos de longa data e tinham em comum o fato de partilharem ideias e ambições. Enquanto presidente da referida comissão ligada aos serviços secretos, Decker não se inibia de usar a influência adquirida junto do Congresso, que se estendia da CIA ao Ministério da Economia, passando por uma série de membros do Governo federal.

26 Comissão Permanente de Assuntos Especiais de Inteligência da Câmara dos Representantes. Juntamente com a Comissão do Senado em Assuntos Especiais de

Inteligência (Senate Select Committee on Intelligence), é responsável pelo Controle da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos. (N. da T.)

Sentaram-se a uma mesa posta a preceito com copos de cristal e guardanapos de linho, tendo o almoço sido preparado pelo chef do tribunal. Kent encarregou-se de servir o vinho branco.

— Um verdadeiro luxo — elogiou Decker. — A sala de jantar do Congresso está a ficar obsoleta.

— Bem, visto que precisamos de conversar, porque não fazê-lo aqui, no maior conforto e com toda a privacidade?

Decker soltou uma risada e levou o copo de vinho à boca.

— Neste tribunal, que autoriza escutas, não te preocupa que alguém possa escutar a nossa conversa?

As feições de Kent mantiveram-se impassíveis.

— Precisamos de falar, Howard.

Decker voltou a poisar o copo e a sua expressão tornou-se séria.

— É acerca do Roy West, não é?

— É acerca de muito mais do que isso — afirmou Kent.

— Pensas que a Jessica Reel foi a responsável por tudo? Aquilo mais parecia uma zona de guerra, daquelas que vemos nos telejornais.

— Eu estive na guerra, Howard, e deixa-me que te diga que não há comparação. As zonas de guerra têm um aspecto muito pior.

Devidamente posto no seu lugar, Decker reclinou-se na cadeira e passou a língua pelos lábios, já de si gretados.

— Então, o que fazemos?

— O nosso plano não sofreu alterações, que eu saiba, pois não?

— Qual plano? Deitar a mão à Reel? Claro que não.

— Ótimo, era só para confirmar. Queria ter a certeza de que estamos no mesmo comprimento de onda.

Decker fez uma careta.

— Sim, mas que medidas concretas é que tomaste? Não me parece que esse tal Robie seja capaz de dar conta do recado.

Kent bebeu um gole de vinho e ponderou o assunto.

— Ele é capaz de dar conta do recado. Pode é não ser o mesmo recado que nós temos em mente...

— Não estou a seguir o teu raciocínio.

— Recebi um relatório muito pormenorizado sobre os acontecimentos no Arkansas. Um relatório pormenorizadíssimo, elaborado pelas fontes mais importantes.

— E daí?

— Daí que aquele nível de carnificina não podia ter sido perpetrado por uma só pessoa, nem mesmo uma agente altamente qualificada como a Jessica Reel.

Decker inclinou-se para a frente na cadeira.

— Estás a dizer-me que ela teve ajuda? — reagiu ele. Após uma pequena pausa, acrescentou: — Robie!

— Não tenho provas concretas. Mas seria uma coincidência de proporções épicas acreditar que outra pessoa qualquer, para mais dotada de qualidades únicas que lhe permitiam lutar pela sua sobrevivência, se envolveu nesse pequeno drama, enfrentando o que se adivinhava constituir um obstáculo de monta. — Dizendo aquilo, pousou o copo e preparou-se para levar à boca uma garfada de salmão. — E eu até sou daqueles que não gostam de coincidências.

— Se o Robie e a Reel formaram equipe...

— Não foi isso que eu disse.

— Mas acabaste de dizer que só podia ser obra dos dois.

— Isso não significa que eles tenham trabalhado juntos.

— Que diabo poderia ter sido? O que se depreende das tuas palavras é que foram eles que mataram todos aqueles homens.

— A sobrevivência mútua não quer forçosamente dizer que se esteja do mesmo lado. Talvez eu me engane, mas as condições no terreno conduziram a uma aliança temporária.

— O que continua a não ser bom para nós.

— Claro que não. No entanto, se calhar significa que essa circunstância pode ser utilizada a nosso favor.

— No caso de o Robie juntar forças com a Reel?

— Nessa altura logo tratamos dele. Tenho pessoas indicadas para a tarefa.

— Se forem as mesmas pessoas que puseste no encalço da Reel, digo-te já que não vale a pena se incomodar.

— E qual é a tua alternativa?

— Quem tem obrigação de apresentar respostas nesta área específica és tu, Sam, e não eu. A divisão do trabalho de cada um ficou explicitamente definida. Ajudei-te a conseguir os ativos de que necessitavas e a chegar ao alvo. Era essa a minha missão. Cumprir a minha parte.

Kent levou à boca uma garfada de arroz e brócolos e ajudou a comida a ir para baixo bebendo água pelo copo de cristal lapidado.

— Pois foi, tens razão. Peço desculpa.

Apaziguado, Decker sentou-se para trás e começou a comer. Kent voltou à carga: — De fato, previ que a Reel conseguisse dar com o paradeiro do Roy West. Pensei que estivessem preparados para lidar com ela. Obviamente, estava enganado. Não voltarei a cair no mesmo erro.

— Espero que não.

— Também fiz os possíveis por recrutar um tipo que se ocupasse da Reel e, se possível, do Robie, mas ele meteu os pés pelas mãos.

— Esse indivíduo ameaça constituir um problema?

— Duvido.

Kent ergueu o copo de vinho.

— Como é que podes ter a certeza?

— Porque lhe desferi um tiro na cabeça. Kent bebeu um gole do seu vinho.

Decker largou os talheres. O garfo fez barulho ao embater no prato de porcelana e caiu no chão.

— Não estás a gostar do salmão? — perguntou Kent, limpando a boca.

Com as mãos a tremer, Decker inclinou-se e apanhou o garfo. Estava branco como um fantasma.

— Mataste-o? — perguntou.

— Bom, convenhamos que não existia uma alternativa viável. Além de que ele era um cretino arrogante. Achava-se o maior. Palpita-me que teria dado cabo dele, desse lá por onde desse!

Kent reparou no ar assustado de Decker.

— Não gosto de cretinos arrogantes, Howard. Não gosto de pessoas que se têm em grande conta. A minha primeira reação é matá-los. Tenho tendência a meter-lhes uma bala na cabeça para me certificar de que eles estão mortos.

Decker umedeceu os lábios.

— Bem sei que andas sujeito a uma enorme pressão, Sam.

Kent abanou a cabeça.

— Aqui não é lugar de estresse, Howard. Viver meses a fio enfiado num buraco no chão, no meio de uma selva infestada de serpentes e mosquitos, pensando em quem vai nos pegar primeiro, a disenteria que nos devora por dentro ou o vietcongue que não cessa de liquidar teus homens, um a um... Isso, meu amigo, isso é que era estressante.

— Também eu sei o que é viver debaixo de muita pressão.

— Certo. Foste eleito e tens o teu grande escritório e o teu motorista e a tua equipe e os jantares elegantes, e depois regressas a casa e dedicas-te a angariar dinheiro graças ao talento que tens para bajular os ricos, e então, muito de vez em quando, dás um ar da tua graça e apareces por aqui para ver se trabalhas e votas em qualquer coisa. Muita pressão. A política é fodida. Ainda bem que nunca me meti por esse caminho. Limitei-me a vestir a minha farda e fui ferido em combate. Tu, por outro lado, nunca soubeste o que foi fazer a tropa.

— Era muito novo para ir ao Vietnã.

— Terias ido como voluntário, como eu?

— Não estou dizendo isso.

— Nada te impedia de te alistar no exército, com o passar dos anos.

— Nem todos são talhados para a vida militar. Eu tinha outros objetivos na vida.

— Ganhei duas Purple Heart e uma Estrela de Bronze, e estava na fila para uma de Prata, mas o meu comandante não apreciava o fato de suas tropas gostarem mais de me seguir do que a ele. Quando a guerra acabou, me formei em Direito. Foi Tio Sam que ajudou a pagar o curso. Nada a objetar. Cumpri meu tempo de serviço militar. Tive as minhas contrapartidas. Só fez cagada, e agora está aqui instalado com toda a segurança, num belo escritório, servindo ao povo.

De repente, Kent esticou-se todo e agarrou Decker pelo cangote carnudo, obrigando-o a se inclinar para a frente até seus rostos ficarem quase encostados.

— Por isso, da próxima vez que tentar me fazer um sermão de qualquer coisa será a última em que bancas o difícil com alguém e lhe das lições, estamos entendidos? Aprende, que não tenho a intenção de repetir o que acabei de dizer.

Kent largou Decker e sentou-se direito. Apanhou o garfo.

— Prova o arroz. Está um nadinha picante, mas combina na perfeição com o tempero dos brócolos.

Decker não se mexeu. Deixou-se ficar ali sentado, a olhar fixamente para o outro.

Kent acabou de comer o que tinha no prato e pôs-se de pé.

— O funcionário te acompanha à porta. Espero que tenhas um resto de dia produtivo no Capitólio, servindo teu país.

Dito aquilo, deixou a sala, Decker pregado à cadeira, tremendo.

Capítulo 54

Robie dirigiu devagar pelas ruas estreitas de Titanium. Era uma pequena cidade nas profundezas da Pensilvânia, com o habitual conjunto de casas e a sua quota-parte de estabelecimentos comerciais. Os habitantes locais deambulavam pelas ruas, deitando o olho às montras das pequenas lojas. Os carros arrastavam-se pesadamente. As pessoas acenavam umas às outras. O ritmo de vida era lento e pacato.

Tudo fizera para evitar ser seguido. Até mesmo aos melhores agentes destacados seria difícil, para não dizer impossível, mantê-lo sob vigilância. Pelo menos, era a convicção que tinha. Bem mereciam mais um visto na coluna das vitórias, se lhe conseguissem seguir o rastro até ali.

Olhou de relance para o GPS. Andava à procura de uma rua em concreto, na esperança de que fosse a rua certa. Ficava a um quilómetro e meio de distância do centro da cidade, indicou-lhe o computador.

Marshall Street. Como no nome de Ryan Marshall, o agente de campo que me ensinou, tanto a mim como à Reel, a abrir rasgos no punho das armas. Uma coisa que só nós os dois ficamos a saber como se fazia.

Robie tinha inserido um número específico na tal morada da Marshall Street. Podia ser uma de duas hipóteses. Introduzira no sistema o número que escolhera atirando uma moeda ao ar no seu apartamento. Porém, num lugar pequeno como aquele, calculava que Marshall Street não podia ser assim tão comprida, caso se visse forçado a explorar a segunda opção.

Após ter saído da cidade, abrandou a velocidade do carro e voltou a penetrar numa área rural. Virou à direita para a Marshall e voltou diretamente para trás até a rua fazer uma curva acentuada

para a direita. Dava a impressão de não existir qualquer numeração naquele local, uma vez que não se viam casas. Começava a rezear ter feito aquela viagem em vão quando se apercebeu da existência de outra curva, um pouco mais à frente, e foi então que deu com o endereço. Parecia tratar-se de uma espécie de motor court²⁷, com aspecto de ter sido construído nos anos cinquenta.

27 Pequeno motel destinado motoristas que têm necessidade de percorrer grandes distâncias e precisam de um lugar para passar a noite. (N. da T.)

Robie estacionou o carro diante do pequeno escritório, que apresentava duas enormes janelas envidraçadas na parte da frente. Em forma de ferradura, com o escritório no centro, o edifício tinha dois andares e estava a cair aos bocados.

Robie não ligou a esse aspecto. Primeiro que tudo, o seu olhar dirigiu-se para o número pintado na fachada do edifício.

Trinta e três.

O mesmo número que as munições disparadas pelo carregador descomunal da Glock utilizada por Reel.

O outro número que Robie aventara como hipótese era o dezassete, o número que identificava o modelo da Glock.

Trinta e três era o correto, obviamente. Deitara a moeda ao ar e acertara em cheio. Ao mesmo tempo, porém, fazia sentido. O modelo 17 era o normal. Reel modificara-o, acrescentando-lhe o carregador extralongo.

A seguir, dirigiu o olhar para o letreiro em frente do motel. A parte de trás estava pintada de branco, com apertados círculos concêntricos pretos que emanavam do centro e o perímetro destacando-se a vermelho. O nome do motor court era Bull's-Eye Inn; o cartaz representava isso mesmo, ou seja, o alvo.

Piroso, pensou Robie, mas talvez possa ter sido considerado original e chamativo quando o local foi construído.

Contudo, o que lhe chamou a atenção foi a cercadura vermelha.

Segurou na fotografia que encontrara no cofre de Jessica Reel. A foto mostrava-a a ela e a uma série de gente desconhecida. A margem vermelha no lado direito da fotografia podia corresponder

ao cartaz, caso estivessem mesmo ao lado, a posar para o fotógrafo. Mais uma confirmação de que se encontrava no lugar certo.

Robie estacionou o carro, saiu e encaminhou-se para o escritório. Através dos vidros das janelas conseguiu distinguir uma mulher idosa, de cabelos brancos, sentada atrás de um balcão que lhe tapava o corpo até a cintura. Quando ele abriu a porta, ouviu-se uma campainha. A mulher levantou os olhos do computador, que era suficientemente antigo para não ter ainda uma tela plana, e que, pelo contrário, exibia a parte traseira robusta e arredondada do tamanho de um pequeno televisor. Ela levantou-se para recebê-lo.

Robie olhou em volta. A julgar pelo aspecto, dir-se-ia que não mudara rigorosamente nada desde o dia da inauguração. Parecia um lugar estagnado no tempo, desde muito antes de o homem andar a passear na Lua ou JFK ter sido eleito presidente.

— Posso ajudá-lo? — perguntou a mulher.

Vista de perto, dava mostras de caminhar a passos largos para os oitenta anos. O cabelo era delicado e macio, os ombros, redondos, tombavam para a frente, e os joelhos não tinham um aspecto tão firme quanto isso. Na placa metálica pregada à blusa lia-se o nome "Gwen".

— Estava a passar por aqui de carro e não pude deixar de reparar neste lugar. Espantoso.

— O proprietário original construiu-o logo a seguir à Segunda Guerra Mundial.

— A Gwen é a nova proprietária?

Ela sorriu com ironia, mostrando uma fiada de dentes com capas artificiais.

— Querido, nada há nada de "novo" no que toca à minha pessoa. E, se eu fosse a proprietária, por certo não estaria aqui sentada, a fingir que sei usar o computador. Contratava alguém que fizesse isso por mim. Apesar de poder sempre telefonar à minha bisneta. Ela diz-me qual é o botão em que devo carregar...

— Têm algum quarto vago?

— Sim, temos. Não se pode dizer que seja exatamente a época mais movimentada para nós. A maioria das pessoas vem até cá para estar em contacto com a natureza. No entanto, verdade seja

dita que o tempo está um pouquinho frio para isso. Safamo-nos melhor nos meses de verão, sem esquecer o final da primavera, que também costuma ser um período bastante auspicioso.

— O quarto dezassete está livre?

Ela fitou-o com uma expressão perplexa.

— Quarto dezassete? Não temos nenhum quarto dezassete!

— Mas dá a ideia de que existem mais de dezassete quartos...

— Existir, existem. Mas, bem vê, tratou-se de um capricho do antigo dono. Começou no quarto número cem e fez a contagem a partir daí. Segundo consta, a ideia dele era construir um motel que tivesse um aspecto maior do que na realidade tem. Há vinte e seis quartos, treze em cada piso. Não é um número lá muito feliz, pensando bem, o treze. Todavia, já nos encontramos aqui há muito tempo, por isso, se não há prejuízo, não há problema.

Robie aventurara-se a dar um tiro no escuro, ao lançar no ar a história do quarto número dezassete. Já que Reel lhe deixara uma série de pistas, fazia questão de experimentar todas.

— Bom, nesse caso, dê-me um quarto qualquer que esteja livre. Ela pegou na chave do quarto número 106 e entregou-a depois de ele pagar duas noites em dinheiro.

— Há um lugar muito bom na cidade para tomar as refeições chamado Palisades. É o restaurante mais decente que temos, seja como for. Sabe, com toalhas e guardanapos feitos de outro material que não seja toalhas de papel. Têm pratos na ementa de que nunca ouvi falar e que não seria capaz de cozinhar nem que a minha vida estivesse em perigo. Mas é realmente bom, a sério, desde que tenha a carteira bem recheada, o que não acontece com a maior parte das pessoas por estas bandas. Agora, se tem em mente um restaurante mais econômico, aconselho-o a tentar o Gettysburg Grill, que fica a um quarteirão do Palisades. Lá vai encontrar boa comida para confortar a alma. Hambúrgueres, pizzas e batatas fritas. Sou fanática do batido Neapolitan que eles fazem. É francamente bom e só custa um dólar.

— Obrigado.

Robie já estava de regresso ao carro para ir buscar a mala quando as palavras dela o imobilizaram por completo.

— Temos a cabana dezassete, claro. Virou-se para olhar de frente para ela.

— A cabana dezassete.

— Acho que me esqueci de referir que também temos várias cabanas.

— Acho que sim — disse Robie, sem tirar os olhos dela, à espera, na expectativa de mais qualquer coisa.

— Mas não lhe teria servido de nada.

— E isso por quê?

— Mesmo que o senhor fizesse tudo e mais alguma coisa para ficar instalado na cabana dezassete, eu não poderia tê-la alugado.

— E por que não?

— Porque já está alugada. Desde há muito tempo, aliás.

— Há muito tempo. Por quem?

A mulher cerrou os lábios.

— Bom, isso é confidencial, não é verdade?

— Se a senhora o diz — retorquiu Robie com um sorriso. A última coisa de que precisava era que a mulherzinha ligasse para a Polícia de Titanium a fazer queixa dele por se mostrar excessivamente curioso. — O que se passa é que o dezassete é o número que me calhou em sorte quando costumava jogar futebol na faculdade. Foram os melhores anos da minha vida. Daí que tente sempre ficar no quarto número dezassete, onde quer que eu vá. Parece uma coisa estúpida, bem sei, mas é importante para mim.

— Que diacho, queridinho, eu jogo nos mesmos números da lotaria, semana após semana, por se tratar do dia do meu casamento, o onze e o quinze, e a idade que tinha quando me casei, vinte e um. Os números com que jogo na lotaria são o dia em que nasci, e que não vou partilhar consigo, porque assim ficaria a saber que eu já tenho mais de vinte e um anos. Difícil de perceber só de olhar para mim, certo?

— Certo — replicou Robie com outro sorriso de troça.

— Razão pela qual não lhe nego o direito de se manter fiel ao dezassete.

— Obrigado — respondeu Robie. — Onde é que ficam as cabanas?

— Oh, temos umas vinte, espalhadas por aí. Bem sei, quase tantas como os quartos. Mas, lá está, era essa a ideia original do proprietário. Viver em comunhão com a natureza. Encontram-se espalhadas pelo bosque. Tudo muito rústico. Traduzindo por miúdos, significa um quarto com uma cama e uma sanita e lavatório, um fogão a lenha que também serve para cozinhar, e água corrente sempre que a bomba está a funcionar. Rústico, portanto.

— E um chuveiro, não se arranja?

— Pode usar o que temos aqui. Construímos pensando expressamente nos hóspedes das cabanas. Também pode usar o lavatório que existe na cabana para tomar banho de uma forma mais sumária. A maior parte das pessoas que aluga as cabanas não coloca propriamente a higiene pessoal no topo das suas prioridades. Que diabo, nunca chego a pôr-lhes a vista em cima, pelo menos à maioria. Entram e saem sem dar cavaco a ninguém.

— Tirando a cabana dezassete, há mais alguma que esteja alugada?

— Não.

— Está alguém na cabana dezassete?

— Isso não lhe sei dizer. Tal como referi, passam a vida a entrar e a sair.

— Passam? São duas pessoas?

— Mas que pessoa mais curiosa que o cavalheiro me saiu!

— Fui sempre assim. Só serve para me arranjar complicações, por isso mais vale ficar calado.

Robie lançou à mulher outro dos seus sorrisinhos de estimação, na esperança de a desarmar. Tinha a sensação de que fora longe demais. Só esperava não se arrepender.

Ela observou-o.

— Olhe, queridinho, quer trocar o seu quarto por uma cabana? A número catorze está preparada. Não só oferece uma bonita vista como a sanita é nova. Bom, nova no sentido em que tem menos de cinco anos e funciona quase sempre.

— Ora, porque não? — disse Robie. — Gosto tanto de comungar com a natureza como qualquer outra pessoa. Como é vou para lá?

— Fica a cerca de quatrocentos metros daqui. As cabanas encontram-se dispersas pelo mato, mas existem cartazes a indicar

onde é que se situa cada uma delas. Pode deixar o seu carro estacionado no terreno à frente e ir a pé. O trilho começa mesmo no centro do motel.

Passados alguns minutos, já Robie percorria o trilho que o conduzia à cabana 14. Levava a mochila pendurada no ombro esquerdo. E a Glock na mão direita.

Capítulo 55

A cabana 14 era exatamente como Gwen a descrevera. Rústica. Robie pousou a mochila em cima da cama; pouco maior era do que uma caminha de criança. Em todo o caso, sempre era inferior ao tamanho dele.

Lá estava o tal fogão a lenha no canto. Uma mesa. Uma cadeira. Uma sanita e um lavatório por detrás de um tabique improvisado. Duas janelas em paredes opostas. Percorreu a distância que o separava de uma das janelas e perscrutou o exterior.

Não existia nenhuma outra cabana à vista, apenas árvores. As pessoas que alugavam as cabanas deviam querer privacidade acima de tudo. Teria de ir dar uma volta para ficar a conhecer melhor a configuração do terreno.

Avistara o sinal que indicava a cabana 17. Ficava para a sua esquerda. Só não sabia ao certo a que distância. Encontrava-se de tal maneira entranhado nos bosques que até ele não chegava o barulho dos carros nem as conversas das pessoas. Deixara de ouvir quer a televisão quer o som do rádio.

Podia dar-se ao luxo de ficar sozinho com a natureza.

Ou, se calhar, não estava sozinho.

Sentou-se na única cadeira, de frente para a porta, empunhando a Glock na mão direita. Com a mão esquerda, sacou o livro sobre a Segunda Guerra Mundial da mochila. Era a última pista que lhe faltava resolver.

Tudo o que ela fazia tinha uma razão de ser.

Reel era linear.

"Gosto de coisas com princípio, meio e fim."

Abriu o livro. Já o tinha folheado, mas sem grande preocupação de ser exaustivo. Era um livro bastante volumoso, e a verdade é que não tivera tempo para se dedicar a ele.

Naquele momento, sentia que chegara a altura de arranjar tempo.

A luz começava rapidamente a diminuir e a cabana não tinha eletricidade. Entreteve-se a virar as páginas, vagarosamente, até que, vendo que escurecia, acabou por colocar a arma de lado, recorrendo a uma pequena lanterna para fazer incidir a luz sobre o texto.

Manteve-se, todavia, sempre de olhos postos na porta e na janela. Esta última tinha cortinas, mas estava perfeitamente consciente de que a claridade da lanterna fazia dele um alvo privilegiado. Mudara a cadeira para um lugar que lhe permitia não ficar na linha de mira quando observado do exterior.

Empurrara a mesa para defronte da porta, depois de a ter fechado à chave. Calculou que se alguém entrasse de rompante pela cabana dentro, teria mais do que tempo para apagar a luz, agarrar na arma, fazer pontaria e disparar. Pelo menos, assim esperava.

Passou as páginas devagar, absorvendo cada palavra. Ao chegar a metade do capítulo dezasseis, parou.

O capítulo tinha apenas por título "A Rosa Branca".

Leu-o num instante. A Rosa Branca era o nome adotado por um grupo de resistentes, em Munique, durante a Segunda Guerra Mundial; em grande parte estudantes universitários, tinham conspirado contra a tirania dos nazis. O grupo fora buscar o nome a um romance sobre a exploração dos camponeses no México. Os membros da Rosa Branca, na sua maioria, tinham sido executados pelos nazis. Porém, os panfletos por eles mandados imprimir foram transportados clandestinamente, levados para fora da Alemanha e despejados aos milhões pelos bombardeiros dos aliados. Depois da guerra, os elementos da Rosa Branca foram aclamados como heróis.

Robie fechou o livro lentamente e pô-lo de lado.

Uma vez mais, procurando conciliar a obsessão de Reel com a ordem e a lógica, passou em revista a terrível experiência do grupo Rosa Branca e esforçou-se por perceber qual a ligação entre aqueles elementos e a situação dela.

A Rosa Branca lutara contra a tirania nazi.

Os membros do grupo sentiram-se traídos.

Não tinham matado ninguém, mas tentaram avivar a raiva contra os nazis, a fim de os impedir de levar a sua avante.

Foram assassinados devido aos problemas que provocaram.

Aos poucos, Robie passou esta página na sua cabeça e tornou a regressar ao presente.

Reel andara a lutar contra qualquer coisa.

Sentindo-se traída, agira com o propósito de travar fosse quem fosse que estava contra ela, e isso incluía matar. Mas era o trabalho dela. A mulher não era nenhuma estudante universitária nem andava por aí a escrever panfletos.

O júri ainda não decidira se ela teria de sacrificar a sua vida ou não.

Foi então que à mente de Robie ocorreram as palavras de DiCarlo.

Pessoal desaparecido.

Equipamento transferido.

Missões que nunca deveriam ter acontecido.

Sem esquecer o Blue Man. Na opinião dele, parecia estar em curso uma nova dinâmica.

Janet DiCarlo manifestara desconfiança em pessoas que faziam parte da sua própria agência. Tinha apenas dois guarda-costas com ela precisamente por causa disso. E não só provara ter razão como pagara o preço por possuir uma proteção tão reduzida.

Segundo se dizia, Reel ficara incomunicável e assassinara dois membros da agência a que pertencia. Se ela tinha feito isso, uma vez mais a fazer fé na versão avançada pelo Blue Man, poderia ter sido por eles estarem do lado errado e Reel, ao invés, a lutar no lado da justiça.

A ser verdade, significava que a agência estava repleta de traidores e que a traição chegava aos detentores dos mais elevados cargos da hierarquia. Pelo menos ao nível de Gelder e, porventura, até mesmo acima dele.

E era preciso não esquecer a questão que envolvia Roy West.

O homem trabalhara para a agência. Redigira uma espécie de documento do apocalipse. Juntara-se a uma milícia. Agora estava morto.

Robie pegou na arma e consultou o relógio. Não fora até ali tendo apenas como finalidade ler um livro.

Não tardaria a escurecer, e mais escuro ainda ficaria no lugar onde se encontrava, sem outra de fonte de luz a não ser as estrelas no céu, que estavam de momento escondidas atrás de um vaporoso manto de nuvens.

Abriu a mochila e tirou de lá as miras telescópicas de visão noturna. Colocou-as e adaptou-as à sua arma. Funcionavam na perfeição, transformando o invisível em visível.

O plano de Robie era simples.

Propunha-se fazer uma visitinha à cabana 17.

A escuridão tanto podia servir os seus intentos como representava um perigo.

Se a cabana não estivesse ocupada, Robie logo trataria de descobrir o máximo ao seu alcance. Se não obtivesse pistas, isso significava que teria andado a perder o seu precioso tempo e que saía dali de mãos a abanar.

Perguntou a si próprio qual seria o passo seguinte, na hipótese de essa situação se verificar. Regressar a Washington? Voltar a aparecer no mapa? Depois de todas as suspeitas? Melhor dizendo: desconfiando que a agência para quem trabalhava estava comprometida e era corrupta?

A sua última troca de mensagens com Reel fora captada por terceiros, não tinha a mínima dúvida. Essas pessoas quereriam a todo o custo saber o que Robie concluía de tudo aquilo. Assim como não desistiriam enquanto não ficassem a par do lugar para onde se dirigira. Podiam querer vê-lo morto, dependendo das suas respostas.

Bom, nesse caso, não me adiantarei até ter a certeza de que lado é que está a rapaziada.

Acreditara, como que por milagre, numa espécie de bússola moral que ainda funcionava dentro de si, apesar do seu modo de vida. Isso significava que não podia virar as costas àquela situação. Mais, significava que tinha de a enfrentar, mais cedo ou mais tarde, quando chegasse a altura.

Esperou até já passar das duas da manhã. Estava na hora de se pôr a caminho. Abriu a porta da cabana 14 e saiu, deixando-se

envolver pelo breu profundo.

Próxima paragem, cabana 17.

Capítulo 56

A cabana 17 era igual à cabana 14, com a diferença de ter, no alpendre, um vaso que exibia uma única flor murcha. A primeira geada encarregar-se-ia de lhe desferir o golpe fatal. Acresce dizer que o vaso exibia o desenho de um gato pintado.

Robie encontrava-se por detrás da linha formada pelas árvores. Com o olhar, varreu tudo, da porta da cabana à flor, passando pela escuridão que o envolvia.

Através das miras telescópicas noturnas, o mundo revelava-se em toda a sua dimensão. Apesar disso, havia coisas que não alcançava. Podia existir algo que ele não conseguisse ver.

Explorando essa teoria, estudou o vaso durante muito tempo, interrogando-se sobre a razão da sua existência. Apenas uma flor caída e murcha. Ainda por cima, uma flor que precisava de sol, como acontecia com tantas outras. Contudo, vendo bem, o sol não chegava até aquele lugar. O que significava que não havia explicação para alguém plantar aquela flor num vaso e deixá-la ficar ali, abandonada nos degraus.

Nada daquilo fazia sentido. E, no entanto, fazia inteiro sentido. Tudo o que Reel fazia servia um objetivo.

Reviveu o desastre da Costa Leste, quase como se estivesse a ver o filme na sua cabeça, fotograma a fotograma. Disparara contra a porta e o alpendre, tentando fazer explodir eventuais armadilhas a uma distância segura.

Ajustou o silenciador à boca da Glock, fez pontaria e disparou dois tiros. O vaso partiu-se, fazendo com que pedaços de terra e bocados de flor voassem pelo ar.

Aproximou-se mais e examinou alguns daqueles fragmentos feitos em fanicos: partes de urna câmara de videovigilância.

Apanhou um dos pedacinhos do vaso de barro: alguém tinha aberto um buraco, que ficara escondido pela imagem do gato.

O vaso funcionara como os olhos de Reel.

E Robie acabara de a deixar às cegas.

A sensação deu-lhe um certo gozo.

Tinha agora a confirmação de que a pessoa que alugara a cabana 17 era, de fato, Jessica Reel. No fim de contas, fornecera-lhe as pistas que lhe permitiram chegar até ali.

Mas isso não fazia com que Robie confiasse automaticamente nela.

Extraiu da mochila a sua câmara térmica. Ligou-a e apontou-a em direção à cabana, sem que registrasse qualquer imagem de seres vivos na tela.

O mesmo acontecera da última vez, porém, e o certo é que Robie por um triz não ficara esturricado.

Em última instância, decidiu que o que tinha de ser tinha muita força. Avançou furtivamente para a cabana, ajoelhou-se e disparou na direção da porta e do chão do alpendre.

Não sucedeu nada, tirando o som do metal a arrancar as tábuas de madeira, já de si a cair de podre.

Ficou à espera, atento ao mais pequeno som.

Uma corrida furtiva nos bosques significava a presença de um esquilo ou um veado. Os seres humanos não conseguiam movimentar-se daquela maneira.

Sempre agachado, avançou como um caranguejo, e contemplou a estrutura.

Vista de fora, o que sobrara não permitia deduzir grande coisa. Esperava que o seu interior pudesse revelar-se muito mais esclarecedor.

Foi até o alpendre e subiu rapidamente os degraus que levavam à entrada. Bastou um pontapé para a porta voar e entrar projetada pela casa dentro. Passado um segundo, Robie encontrava-se na sala e, cinco segundos depois, verificara que estava tudo em ordem. Fechou a porta atrás de si, sacou da lanterna e fez incidir o feixe de luz à sua volta.

O que encontrou não era propriamente aquilo de que estava à espera. Desta vez, não deu com a palavra "desculpa" gravada a

estêncil na parede.

Era possível que existisse uma bomba de água algures, mas não se preocupou com esse pormenor. Havia um fogão a lenha, uma mesa, cadeiras e uma cama. Sem esquecer a sanita e o lavatório. Tal como na cabana onde ele estava hospedado. Em cima da mesa via-se uma lanterna a pilhas. Examinou-a, para ter a certeza de que não estava armadilhada; verificou que não estava, acendeu-a, e a divisão ficou vagamente iluminada.

Sobre a mesa encontravam-se também duas fotografias emolduradas.

Uma delas era de Doug Jacobs.

O outro que aparecia no retrato era Jim Gelder.

Alguém traçara uma cruz a negro por cima dos instantâneos dos homens mortos.

Havia três molduras alinhadas ao pé das outras. Diante das molduras via-se uma única rosa branca.

Ele pegou nas fotografias de Jacobs e de Gelder e examinou-as para determinar se havia alguma coisa escondida atrás de cada uma delas. Nada. Fez o mesmo em relação às restantes três molduras.

Robie perguntou a si mesmo de quem seriam as fotografias que Reel pretendia enfiar ali dentro, quando e se a oportunidade se proporcionasse. Continuava sem saber o que levava Reel a isso, tirando o fato de, por alguma razão, ela pensar que esses homens eram traidores ao seu país.

Robie ainda não tinha provas disso.

No entanto, o que acontecera a Janet DiCarlo levava-o a pensar que havia qualquer coisa que não batia certo. Tocou na rosa branca. Parecia estar úmida. Talvez alguém a tivesse colocado ali há pouco tempo.

Rodopiou sobre si próprio tão depressa que ouviu a respiração dela, arquejante, acompanhando a velocidade dos seus reflexos.

Tinha a arma apontada à cabeça da mulher, o dedo junto ao gatilho. Um simples movimento do dedo e era a morte dela, fazendo-lhe um terceiro olho entre os dois.

Só que não era Jessica Reel.

Quem ali estava na sua presença, especada, a olhar fixamente para ele, era Gwen, a mulher que o recebera à chegada ao Bull's-Eye Inn.

Capítulo 57

— O que anda a senhora por aqui a farejar?

Robie fez a pergunta sem baixar a pistola. A mulher podia ter uma idade avançada, mas, ainda assim, representava uma ameaça.

— Eu podia perguntar-lhe a mesma coisa, jovem. Esta não é a cabana catorze. É a cabana dezassete. Tal como lhe disse, está alugada.

— Não parece estar habitada. Aliás, dir-se-ia que nunca cá viveu ninguém. Veem-se apenas meia dúzia de fotografias e uma rosa branca em cima da mesa.

Gwen olhou para trás dele, na direção das fotografias e da flor, e depois tornou a concentrar a sua atenção em Robie.

— Tanto me faz, o que interessa é que pagam. A partir daí, eles ficam livres para fazer o que lhes der na gana.

— Quem são "eles", ao certo?

— Tal como lhe disse anteriormente, é confidencial.

— Penso que já passamos a fase da confidencialidade, Gwen. Preciso que me diga o que sabe, aqui e agora.

— Ela não o fará, mas disso encarrego-me eu.

Robie fez girar rapidamente a pistola, a fim de a apontar à recém-chegada.

Diante dele encontrava-se Jessica Reel.

O que mais o surpreendeu foi o fato de ela não estar armada. Tinha os braços pendurados ao lado do corpo. Robie avaliou-a rapidamente com o olhar.

— Nada de armas, Will — pediu Reel. — Nem de arremessar facas. Não vale fazer truques.

Robie permaneceu em silêncio, permitindo que ela se aventurasse a dar mais um passo na sala. O seu olhar continuava a alternar entre as duas mulheres.

Reel tinha dito que estava ali sem ter uma arma para se defender, coisa em que ele não acreditava. A verdade, porém, é que não dissera que a velha senhora se encontrava desarmada. E, àquela distância tão curta, até mesmo uma velhinha de oitenta anos podia disparar e matá-lo.

— Vocês as duas conhecem-se? — perguntou ele por fim.

— Podemos dizer que sim — respondeu Reel. — A Gwen era, de certa maneira, a minha fonte de conforto.

Robie inclinou a cabeça na direção dela, com ar inquisidor.

— Pensei que a presença dela te impediria de me enfiar uma bala na cabeça.

— Não o fiz no Arkansas.

— O que muito te agradeço, acredita, mais do que alguma vez poderás imaginar. Mas as circunstâncias mudam.

— Sim, nesse ponto dou-te razão. O que te leva a pensar que o fato de ela aqui estar me impediria de te matar, neste preciso momento?

— Se me matasses, terias de a matar também. E tu não és homem para matar pessoas inocentes. Não foste programado para isso.

Robie abanou a cabeça.

— Como sabes que ela é inocente? Nada disto parece tê-la surpreendido...

Gwen defendeu-se:

— Olhe que fiquei. Nunca pensei que você fosse capaz de se movimentar tão rapidamente. Pregou-me um susto do caracas.

— Ele sempre foi rápido — afirmou Reel. — Mas sem fazer movimentos desnecessários. Tudo calculado para obter o máximo rendimento. Pude constatar isso mesmo no Arkansas, de tal maneira que nunca mais me vou esquecer. Um homem capaz de fazer as vezes de um exército inteiro.

— E em que posição é que isso nos deixa?

— Na posição em que estás. A apontar-me uma arma, como no Arkansas.

— Isso não é resposta.

— O que queres que responda?

— Mataste dois membros da agência a sangue-frio. Em circunstâncias normais, seria o bastante para merecer uma resposta da minha parte. Foi o que te disse no Arkansas, e é o que repito agora. Há pouco pedi uma explicação. Torno a pedir.

Ela deu outro passo em frente.

— Em circunstâncias normais, dizes?

Deixando o dedo escorregar pelo gatilho, Robie fez pressão em torno do gatilho. Reel reparou no gesto e deteve-se. Ambos sabiam que ele estava prestes a chegar ao ponto de não poder recuar.

Lá atrás, Gwen acompanhava a cena no papel de personagem secundária; parecia tensa e não despegava os olhos de Robie.

— DiCarlo? — disse Robie. — Quando estivemos juntos, ela deixou bem claro que a situação nada tinha de normal.

Robie fez um gesto por cima do ombro, indicando a mesa.

— Rosa Branca? Um grupo da resistência no tempo da Segunda Guerra Mundial em luta contra os nazis, que eles consideravam ser os traidores.

— Tive medo que eles limpassem as rosas que deixei ficar.

— Foi o que fizeram, mas deixaram escapar duas ou três pétalas. Provavelmente, a única razão por que abandonaram o livro no teu cofre foi para me permitir passar os olhos por ele. Nunca lhes passou pela cabeça que eu ficasse com alguma prova relativamente às flores.

— É bom saber que eles também cometem erros.

— O meu problema, no entanto, é que talvez a traidora sejas tu e tudo isto não passe de uma cortina de fumo.

— É uma possibilidade.

— Jessl — indignou-se Gwen. — Sabes que não é verdade.

Por um breve momento, Robie deixou que o seu olhar se demorasse na velhota. Já reparara antes que estava vestida a preceito, apesar do adiantado da hora.

Tudo isto foi planeado.

— Quem é a senhora, exatamente? — perguntou Robie a Gwen. Gwen olhou para Robie mas ficou calada. Reel virou-se devagar e olhou para ela. Pareceu a Robie que ela sorrisse, se bem que não pudesse jurar, considerando a escassa iluminação.

— Uma velha amiga. Uma amiga muito, muito antiga mesmo. Faz parte da família, a bem dizer.

— Pensei que não tinhas família. A tua mãe morreu. O teu pai está na prisão, condenado a perpétua.

— A Gwen foi a única mãe adotiva decente que tive.

— Quando te levaram... — começou Gwen, mas a voz ficou presa na garganta.

— Se a senhora era uma mãe adotiva assim tão boa, como é que se explica que lhe tenham tirado a sua menina?

Foi Reel quem respondeu:

— Não existe qualquer lógica a presidir aos serviços de acolhimento. O que tiver de acontecer, acontece.

— Okay, mas isso não explica a presença dela aqui.

— Comprei este lugar há cerca de quatro anos. Usei um pseudónimo, claro está. Convidei a Gwen para dirigir o motel — explicou Reel.

— És tu a dona deste motor court? — perguntou Robie, espantado.

— Tinha de investir o meu dinheiro em qualquer lado. E embora não estivesse tão preocupada quanto isso em obter lucro do negócio, o certo é que precisava de um lugar onde pudesse me refugiar.

— Refugiar, no verdadeiro sentido da palavra? — repisou Robie. Ela olhou para trás, em direção às fotografias que se viam em cima da mesa.

— Não estás interessado em fazer perguntas acerca deles?

— Acho que já o fiz. A única resposta da tua parte, que me lembre, foi a de que eles eram traidores, mas que não tinhas provas.

— Entrei aqui desarmada. Como é que interpretas esse gesto?

— Diz-me que estás na disposição de dialogar comigo, por isso vamos lá conversar. Gostaria sobretudo de ouvir o que se te oferece dizer sobre o apocalipse.

— É uma história que nunca mais acaba.

— Tenho o calendário livre até o final do ano.

— Importas-te de baixar a arma?

— Importo-me.

Ela ergueu os braços.

— Podes algemar-me à vontade, se isso te fizer sentir melhor.

— Diz lá o que tens para me dizer. Explica por que motivo enfiaste uma bala no Doug Jacobs, quando, teoricamente, a tua missão era disparar e acertar no meio dos olhos de um homem que jurou dar cabo do nosso país. Diz-me por que o Jim Gelder teve de morrer. E por que razão liquidaste um analista que se converteu num fanático das milícias. Estou ansioso por conhecer as tuas respostas. Pode ser que te salvem a vida. Atenção, pode ser — acrescentou ele.

— Já te disse, e volto a dizer, que não matei o Roy West. Ele tentou matar-me, e eu defendi-me. Ele morreu devido aos ferimentos provocados pelos estilhaços, quando a casa foi pelos ares.

— O que te levou a ir até lá?

— Ele tinha algo de que eu precisava.

— Pois, já me disseste isso no Arkansas. Mas o quê? Também me contaste que tinhas lido o tal documento da lavra dele.

— Confirmação.

— De quê?

— Das pessoas que tinham visto o documento. — Reel olhou para ele, expectante. — Isto já te passara pela cabeça. Posso dizê-lo pela tua expressão.

— Mataste essas pessoas por causa de uma treta de um grupo de reflexão?

— Não era um grupo de reflexão. E não era treta nenhuma. Pelo menos para certas pessoas. O documento não foi posto a circular de uma forma generalizada, mas acontece que foi lido por umas quantas pessoas-chave. Pessoas que se encontravam em posição de tornar realidade o plano gizado no papel. No caso de isso se verificar, Robie... — A voz dela sumiu-se de vez.

Robie preparava-se para lhe perguntar o que é que estava escrito em concreto no documento quando ambos ouviram o mesmo som.

Pessoas a aproximarem-se.

Não eram veados. Nem esquilos. Nem ursos.

Eram pessoas. Porque só as pessoas se movimentavam assim, furtivamente. E tanto Reel como Robie reconheceram aqueles

movimentos furtivos.

Reel virou a cabeça em direção a Robie. A acusação no seu rosto era clara.

— Não esperava isto de ti, Robie. Conduziste-os até aqui.

Em resposta, Robie levou a mão atrás das costas, sacou a arma sobresselente do coldre e jogou-a. Ela apoderou-se dela, engatilhou-a e empunhou-a com descontração.

Foi a vez de Reel se mostrar atônita.

— Não estão comigo — afirmou Robie.

— Nesse caso, quer dizer que foste seguido.

Ele apagou a lanterna, lançando a cabana na escuridão.

— Assim parece. Só não sei como pode ter acontecido. Existe outra saída?

Sem perder tempo, Reel respondeu: — Sim, existe.

Capítulo 58

Do canto da sala onde se encontrava, Reel afastou a mesa para o lado, ajoelhou-se e levantou uma parte do soalho, deixando à vista uma abertura com cerca de um metro quadrado.

— Onde é que vai ter? — quis saber Robie, que parecia mortificado pelo fato de não ter reparado antes.

— Longe.

Ela sentou-se em cima do traseiro e escorregou pelo buraco.

— Vamos. Eles não vão ficar à espera lá fora muito tempo.

— Então deixa-me tentar persuadi-los a usarem de alguma prudência — interveio Robie.

Dirigiu-se à janela e disparou cinco tiros. As balas foram direcionadas de forma a cobrirem um raio suficientemente vasto, obrigando quem se aproximasse a proteger-se. A seguir, encaminhou-se para o buraco e deixou-se cair. Pondo-se de pé, fez sinal a Gwen.

— Venha.

Gwen abanou a cabeça.

— Só serviria para vos atrasar. Reel colocou-se ao lado de Robie.

— Não vais ficar para trás, Gwen.

— Estou velha e acabada, Jess.

— O assunto não tem discussão. Anda, vamos lá.

Gwen tirou um revólver que tinha escondido no bolso da frente do vestido e apontou-o a Robie.

— Têm razão. Não há discussão possível, Jess. Vão-se embora. Reel olhou para ela, incrédula.

Robie puxou-a pelo braço.

— Não temos muito tempo. Ouviram passos vindos de todos os lados.

— Desanda! — vociferou Gwen. — Não te criei para morreres desta maneira. Vais ver que és capaz de sair daqui e acabar o que começaste, Jess. Agora!

Robie atilou a mochila por cima do ombro, puxou Reel para o fundo do buraco, e depois tornou a colocar as tábuas do soalho no lugar. Gwen apressou-se a colocar de novo a mesa por cima da abertura. Em seguida, virou-se para a porta, a fim de enfrentar o que vinha aí.

Robie e Reel viram-se obrigados a arrastar-se com a barriga no chão. Num determinado ponto do túnel deram de caras com uma grande mochila. Reel desprende-a, passou-a por cima do ombro e continuou sempre a rastejar.

— Onde é que isto vai ter? — quis saber Robie.

— Ao bosque — sussurrou ela. A sua voz deixava transparecer uma certa tensão.

Robie sabia onde é que ela tinha a cabeça. Pensava em Gwen. No que deveria estar prestes a acontecer-lhe. Mas podia ser que não fizessem mal à velhota.

Os tiros que lhes chegaram aos ouvidos, momentos mais tarde, dissiparam eventuais dúvidas que tivesse. Escassos centímetros atrás dela, mergulhado nas profundezas do túnel, Robie percorreu com as mãos a parte de trás das pernas de Reel quando ela se imobilizou ao ouvir o som dos disparos.

Ficaram naquela posição durante alguns segundos. Robie conseguia ouvir Reel respirar muito depressa.

— Estás bem? — perguntou ele finalmente — Vamos embora — disse ela numa voz rouca, e recomeçou a rastejar.

Daí a trinta segundos escutaram um ruído que os obrigou a acelerar os movimentos. Mais pessoas tinham acabado de entrar no túnel. Robie e Reel deram ao corpo para trás e para a frente, executando uma versão supersônica dos exercícios de rastejar aprendidos no exército.

Passado um minuto, Reel pôs-se de pé, fez força contra qualquer coisa e depois as suas pernas deixaram de se avistar. Robie gatinhou atrás dela, agarrando-se à terra, e olhou em redor.

Encontravam-se no meio da floresta.

O estratagema utilizado para esconder a existência do túnel tinha sido bem engendrado: um tronco de árvore forjado, feito de um material leve.

Reel abriu o fecho de correr da sua mochila, extraiu uma granada, tirou a cavilha e contou até cinco, inclinou-se e atirou a granada o mais longe que pôde para o interior do túnel.

Fugiram ambos dali para fora, com Reel a tomar a dianteira, uma vez que sabia para onde ir, e Robie atrás dela. Com a arma em punho, corria em ziguezague, alternando entre seguir Reel e cobrir a retaguarda.

A explosão não foi muito forte, mas tanto um como o outro ouviram perfeitamente o estrondo.

— Isto foi a paga por terem feito o que fizeram à Gwen! Foi a frase que Robie ouviu Reel dizer enquanto se esgueiravam por entre um trilho que mal se percebia no meio das árvores.

Mais adiante distinguia-se um velho barracão a cair aos bocados. Reel foi direita a ele, abriu a porta, precipitou-se lá para dentro e saiu momentos depois, trazendo pela mão uma motocicleta de cross.

— Não estava à espera de companhia. Vamos ter de nos desenrascar.

Mal cabiam os dois no assento. Reel ia à frente e Robie apertava-se de encontro a ela. Era Robie quem transportava as duas mochilas penduradas ao ombro. Ao passarem junto às árvores, esteve várias vezes em risco de ser projetado, mas lá conseguiu manter-se equilibrado em cima do assento.

Após vinte minutos, sempre em bom andamento, chegaram finalmente ao asfalto, depois de abrirem caminho pelo meio do arvoredo e de terem ultrapassado um fosso largo, que Reel se limitou a saltar por cima. Aterraram com tanta violência que pensou que se arriscaria a ficar sem as suas preciosas partes. No entanto, outro remédio não teve senão cerrar os dentes e agarrar-se com força à mulher. Ela rodou o guiador ao máximo e arrancou a grande velocidade estrada abaixo.

— Para onde vamos? — berrou Robie aos ouvidos dela, lutando contra o vento que os açoitava.

— Para longe daqui — devolveu-lhe Reel.

Circularam durante o que lhes pareceu horas, até que por fim largaram a moto atrás de uma estação de serviço, nos arredores de uma cidadezinha. Entraram na cidade, constituída sobretudo por edifícios decrepitos e lojas de comércio tradicional.

O Sol começava a raiar. Robie olhou para Reel, à luz da madrugada que despontava. Tinha um aspecto sujo e desarranjado. Tal como ele.

Ela olhou em frente, tornando quase doloroso perceber a raiva no seu rosto.

— Lamento o que sucedeu à Gwen — disse Robie.

Reel não lhe deu resposta.

Uma estação de comboios da Amtrak surgiu no horizonte. Não passava de um antigo edifício de tijolo com um ar degradado, situado numa plataforma que possuía ao lado uma estreita faixa de carris. Viam-se umas quantas pessoas sentadas em bancos de madeira, à espera da sua boleia matinal.

Reel entrou na estação e comprou dois bilhetes, que pagou com dinheiro. Quando saiu, entregou um bilhete a Robie.

— Para onde? — perguntou ele.

— Para longe daqui — respondeu ela.

— Passas a vida a repetir isso. Mas a verdade é que não me diz nada.

— Não estou preparada para ter essa discussão agora.

— Então prepara-te para isso logo que o nosso passeio chegue ao fim — avisou Robie.

Ele desceu ao longo da plataforma e encostou-se à parede, olhando na direção de onde tinham vindo.

Como foi que eles me seguiram? Como é que sabiam?

Não havia ninguém. Podia jurar que não havia ninguém que tivesse conhecimento disto.

Carregava a Glock no bolso. Apertou os dedos à volta da arma. Tinha o forte pressentimento de que ainda não estavam livres de perigo.

Continuava agarrado ao saco e à sua mochila. Olhou de relance para Reel, ali parada junto à linha do comboio.

Robie partiu do princípio de que ela estava a pensar em Gwen, que se encontrava morta lá atrás.

Passados dez minutos, ouviu chegar o comboio. Parou com uma prolongada chiadeira dos travões e deixou escapar a pressão hidráulica. Ele e Reel embarcaram na carruagem do meio.

Não se tratava do expresso da Acela. A carruagem tinha aspecto de estar ao serviço desde que a Amtrak fora criada, no início da década de 1970.

Eram os únicos passageiros naquela carruagem. Havia um único funcionário, um negro enfiado num uniforme que não lhe assentava lá muito bem. O homem bocejou, conferiu os bilhetes, enfiou-os nas costas dos respetivos assentos e indicou-lhes onde ficava o vagão-restaurante para quando a fome ou a sede apertassem.

— O revisor há de aparecer mais tarde para vos pedir os bilhetes — disse ele. — Façam boa viagem.

— Obrigado — retorquiu Robie, ao passo que Reel se limitou a olhar fixamente em frente.

A medida que o comboio se afastava da estação, o funcionário avançou pelo corredor e desapareceu na carruagem seguinte, provavelmente para retomar o seu desempenho diante dos poucos passageiros que ali se encontravam.

Robie e Reel acomodaram-se nos bancos, ele sentado à janela, ela na coxia. Robie colocara as duas bagagens a seus pés.

Ao fim de alguns minutos, ele voltou a insistir: — Então, diz lá, para onde é que vamos?

— Comprei bilhete até Filadélfia, mas podemos sair a meio caminho, em qualquer ponto.

— O que levas no saco, para além de granadas?

— Coisas que nos podem vir a ser úteis.

— Quem era o velho que estava contigo na fotografia?

— Amigo de um amigo.

— Porque não aparecia antes o amigo?

Ela olhou para ele com ar de suave reprovação.

— Demasiado fácil. Se eu tivesse feito isso, pensavas que eles teriam deixado ficar a fotografia para tu veres? Estamos a falar dos serviços de inteligência, Robie, por isso é tudo malta capaz de exercitar a massa cinzenta até certo ponto.

— Voltando ao tal amigo...

— Dá-me uns minutos. Estou a tentar lidar com a morte de outra pessoa amiga, porventura a última que eu tinha.

Robie preparava-se para continuar a bater na tecla, mas alguma coisa lhe disse que era melhor não o fazer. A perda de um amigo. Sei o que isso é.

— Foste tu que escavaste aquele túnel? Ela abanou a cabeça.

— Já existia. Contrabandistas, talvez. Ou algum criminoso, para quem funcionava como via de fuga. Quando comprei aquele lugar e dei com o túnel, fiz da cabana dezassete o meu esconderijo precisamente por essa razão.

— Ainda bem.

Ela desviou o olhar. Era óbvio que não desejava falar mais no assunto.

— Queres comer ou beber alguma coisa — perguntou ele minutos mais tarde, logo qui o comboio deu sinal de abrandar. Começavam provavelmente a aproximar-se de outra estação sem importância, daquelas que não vinham no mapa, onde subiriam a bordo mais uns quantos passageiros ensonados.

— Café, nada de comida — respondeu ela rapidamente, sempre sem olhar para ele.

— Vou buscar alguma coisa que se trinque, para o caso de mudares de ideias.

Robie caminhou ao longo do corredor até chegar ao vagão-restaurante. Tinha uma pessoa à frente dele, uma mulher vestida com uma saia jeans, botas e casaco com remendos. Pegando o café, o bolo e um pacote de batatas fritas, ela dirigiu-se para o seu lugar. Tropeçou no momento em que o comboio travou, à entrada para a estação, e parou.

Robie ajudou-a a sentar-se e lá conseguiu por fim chegar ao balcão. O homem de uniforme devia andar pelos sessenta anos, tinha a barba completamente grisalha e olhos pequenos e estreitos por trás das lentes grossas.

— Que lhe posso servir? — perguntou ele.

Robie consultou o que a ementa atrás do balcão tinha para lhe oferecer.

— Dois cafés, dois queques e dois pacotes de amendoins.

— Estou mesmo a acabar de fazer café. Sai já.

— Não há pressa.

Robie virou-se e olhou pela janela. Aquela estação parecia ainda mais pequena do que a anterior, onde embarcaram. Nem sequer dava para ver a placa com o nome da povoação, apesar de calcular que houvesse uma, afixada algures.

No minuto seguinte, o pensamento varreu-se-lhe por completo.

No extremo oposto da estação, com o para-choques a espreitar o suficiente para lhe permitir detetá-lo, encontrava-se um Range Rover.

Robie observou os poucos passageiros que estavam a entrar no comboio. Um deles era uma velhota transportando os seus pertences dentro de uma fronha.

Outra era uma adolescente com uma mala toda amassada.

O último passageiro era um negro na casa dos quarenta anos. Vestia um casacão, que não estava particularmente limpo, e botas de trabalho a caírem aos bocados, e trazia uma mochila suja ao ombro.

Robie não apreciou por aí além o estereótipo, mas o certo é que nenhum dos novos passageiros tinha aspecto de ser dono de um Range Rover.

Quando o homem atrás do balcão se virou com duas chávenas de café acabado de fazer, Robie já lá não estava.

Capítulo 59

De arma em riste, Robie voltou a entrar na carruagem. Olhou para o corredor. Reel continuava sentada no seu lugar, mas a sua postura, pouco natural, tinha qualquer coisa de rígido.

Robie olhou em redor. Não viu quaisquer sinais que apontassem para uma quebra na segurança.

Tornou a dirigir o olhar na direção de Reel, toda encolhida para baixo no assento, e avançou, pronto a disparar. Passou revista às filas, uma a uma, até chegar junto dela.

Olhou para Reel, só que não era ela.

Era um homem.

Tinha a garganta cortada.

Robie baixou os olhos. O saco desaparecera.

Onde estava Reel?

Uma voz chamou baixinho.

— Robie, estou aqui.

Ele levantou a cabeça. Reel encontrava-se ao fundo da carruagem.

— Temos companhia — anunciou ela.

— Até aí já eu tinha chegado. De onde é que ele apareceu? — perguntou Robie, apontando para o cadáver.

— Pela porta de trás. Guarda avançada, acho.

— Devem ter enviado mais seguranças — replicou ele.

— Custou a matar. Muito bem treinado.

— Acredito. — Robie perscrutou o espaço em volta. — O comboio está parado. A estação não é grande. Os passageiros já deviam ter saído todos.

— Achas que eles assumiram o controle do trem?

— Não me espantaria nada. Devem andar a revistar as carruagens uma a uma.

— O gajo que aviei estava a tentar avisar os companheiros de que me tinha avistado, mas não chegou a fazê-lo. — Ela olhou em redor. — Tens um plano?

Antes que Robie pudesse responder, o comboio pôs-se em movimento.

— Que pensas disto? — perguntou Reel.

— A estação levanta demasiadas questões, se calhar. Interessa-lhes estar em movimento, a atravessar o país, quando nos atacarem.

— Para nos atirarem do comboio em movimento?

— Depois de se certificarem de que estamos mortos, é óbvio.

— Volto a perguntar: tens algum plano?

Robie olhou para trás. O funcionário que lhes tinha dado as boas-vindas não voltara a aparecer. Devia ter quinado, também ele.

Robie correu pelo corredor até chegar junto de um pequeno espaço de limpeza localizado ao fundo da carruagem e deitou a mão a uma enorme taça de metal que lá encontrou.

Sempre em passo rápido, foi até o pequeno compartimento que fazia as vezes de lavabo, abriu a torneira e encheu o recipiente com água. A seguir, despejou metade da taça em frente de cada uma das portas de ligação que davam acesso à carruagem onde se encontravam. Esfregou o chão de metal lúcido com o pé e pareceu satisfeito com o resultado.

Só então olhou para o homem que jazia morto.

Reel foi ter com ele.

— Não tinha credenciais. Nem identificação, nada de nada — reafirmou ela.

— Pessoal desaparecido, equipamento desaparecido.

— Foi isso que a Janet DiCarlo te contou?

— Sim.

— O cenário do apocalipse anda a ser preparado desde há muito tempo, Robie.

— Começo a perceber isso.

Ele trepou para um dos assentos e agachou-se. Reel fez a mesma coisa.

— Tu ficas com os da esquerda, eu com os da direita — disse Robie, e Reel respondeu: — Entendido.

Segundos mais tarde, vários homens armados entraram a correr vindos de ambos os lados. Era uma conhecida manobra, o chamado movimento de tenaz, destinado a apanhar Reel e Robie entre os dois flancos. No meio do fogo cruzado, não teriam hipótese de ripostar.

O que eles não contavam era com o chão molhado e escorregadio.

Três dos indivíduos caíram com estardalhaço e deslizaram ao longo do soalho, enquanto um quarto procurou agarrar-se a qualquer lado, na tentativa de recuperar o equilíbrio.

Reel e Robie saltaram do lugar onde se encontravam escondidos e abriram fogo. Robie vindo da direita, Reel da esquerda. Nove segundos mais tarde, havia quatro corpos sem vida, cujo sangue tingia de vermelho o soalho e as paredes da carruagem. Os restantes sobreviventes recuaram para as outras carruagens que faziam ligação àquela.

Robie fitou Reel.

— A que velocidade é que achas que vamos? Ela olhou pela janela.

— A oitenta, talvez um pouco mais. Estas velhas carripanas não dão muito acima dos cem.

Robie inspecionou o terreno que os rodeava. Era só arvoredos.

— Demasiado rápido, para todos os efeitos — observou ele. — Onde é que tens o teu saco?

— Enfiei-o acolá — respondeu ela. Ao mesmo tempo que dizia aquilo, puxou o saco, entalado no meio de dois lugares.

— Tens algum flash-bangs²⁸?

28 Granadas não letais que produzem luz muito intensa, provocando cegueira temporária, e estrondo ensurdecedor, passível de afetar o equilíbrio. (N. da T.)

— Dois.

Ele olhou na direção de uma das portas de ligação entre as carruagens, por onde os homens se haviam retirado. Era feita de metal, mas tinha uma janela de vidro. Depois deu uma corrida até junto de um painel de controle que existia numa das paredes, logo à

entrada da carruagem. Abriu-o e perdeu alguns segundos a ver o que é que se podia arranjar ali.

Enquanto isso, Reel tirava os dois flash-bangs do saco.

— Alguma vez saltaste de um comboio em movimento? — perguntou ele, levantando os olhos do que estava a fazer.

— Não. E tu?

Robie abanou a cabeça.

— Calculo que à velocidade de oitenta quilômetros por hora não tenhamos safa. No entanto, se formos a cinquenta, as hipóteses de nos safarmos aumentam um bocado.

— Depende do lugar onde se der o salto — alvitrou Reel, que já estava numa de matraquear as teclas do seu telemóvel. Num ápice, desencantou o local onde se encontravam.

— Massa de água a aproximar-se à esquerda, daqui a três quilômetros.

— Pode revelar-se mais rijo do que a terra, depende do lugar onde aterrarmos.

— Se ficarmos aqui, é morte certa.

Robie carregou num botão e a porta do lado esquerdo abriu-se. O ar frio entrou de rajada.

— Eles não vão ficar à espera durante muito tempo — afirmou Reel, permanentemente atenta aos dois pontos de entrada.

— Pois não. Precisamos de tratar disso.

Reel entregou-lhe uns tampões de ouvidos, que ele logo colocou. Ela fez o mesmo aos seus. Em seguida passou-lhe para as mãos uma das granadas.

— Começa a fazer a contagem decrescente — pediu ela.

Reel foi até meio da carruagem, empunhou a pistola e esperou.

— Cinco, quatro, três, dois, um — gritou Robie.

Reel disparou para a esquerda, estilhaçando o vidro da porta que fazia ligação com a carruagem em frente deles. Logo a seguir pegou no flash-bang, armou-o e atirou-o pela abertura. Dando meia-volta, disparou contra o vidro da janela na parte de trás. A bala seguiu-se uma segunda granada, que Robie se apressou a lançar pela abertura. Robie acocorou-se e tapou a cara e os ouvidos, enquanto as duas granadas deflagravam com segundos de diferença.

Ouviram-se gritos vindos das outras carruagens.

Reel, que se protegera um segundo antes de os flash-bangs rebentarem, voltou para trás a toda a mecha; precipitando-se pelo corredor, foi ter com Robie.

Ele acionou o sistema de travagem de emergência. Tanto um como o outro foram projetados para a frente à medida que os travões do comboio funcionaram. Endireitaram-se, olharam na direção da porta aberta primeiro, e depois um para o outro. Estavam ambos ofegantes.

— Vamos a que velocidade? — quis saber Reel.

— Depressa demais.

Ele olhou lá para fora pelo vidro da porta.

— Aproxima-se a tal superfície de água.

O comboio começava a abrandar a marcha, embora demorasse o seu tempo até que uma máquina tão grande conseguisse reduzir a velocidade. O problema era que o tempo estava a esgotar-se rapidamente.

Começaram a ser disparados tiros na direção da carruagem, sinal de que os inimigos recuperavam o fôlego.

— Temos de ir. — Robie puxou-a pela mão; o comboio reduziu cada vez mais o seu andamento.

— Robie, não me parece que seja capaz de fazer isto.

— Não penses, limita-te a fazer! Saltaram ao mesmo tempo.

Robie teve a sensação de que ficaram os dois no ar uma eternidade. Quando aterraram, caíram em cima de uma superfície de lama macia, e não dentro de água. Não tinham contado com o fato de o período de seca próprio do verão se ter prolongado pelo outono dentro, baixando o caudal do lago em cerca de um metro. Ao embaterem na terra molhada, Robie e Reel foram a rebolar durante uns bons seis metros após o primeiro impacto.

O comboio já estava fora de vista, depois de ter dado a curva. Mas, a determinada altura, os travões acabariam por obrigar aquele monstro pesadíssimo a parar.

Robie sentou-se devagar. Estava coberto de lama e de lodo. Ficara com a roupa rasgada e tinha a sensação de que uma equipe inteira de futebol americano saltara sobre ele.

Olhou para o lugar onde se encontrava Reel, que começava aos poucos a levantar-se. Ela estava com tão mau aspecto como ele e, provavelmente, sentia-se ainda pior. Também rasgara as calças e a camisola.

Robie lá conseguiu pôr-se de pé e ir a coxear até junto da mochila, que se separara dele após o embate.

— Da próxima vez, fico e tento resolver a questão a tiro — protestou Reel.

Robie abanou a cabeça. Sentia uma dor no braço direito. Uma dor esquisita. Tinha medo de ter partido o braço, se bem que não lhe parecesse estar partido, apenas... diferente do costume.

Quando Reel se aproximou dele, Robie enrolou a manga da camisa, expondo a queimadura.

O que viu deixou-o espantado. Mas também explicava por que motivo aquela matilha tinha sido capaz de andar sempre atrás deles. Robie olhou para Reel e sorriu de forma sinistra.

— O que foi? — quis ela saber.

— Os gajos acabaram de cometer um grande erro.

Capítulo 60

Sam Kent estava em casa quando recebeu a chamada.

— Acreditamos que morreram os dois — disse a voz.

Robie e Reel tinham saltado do comboio quando este seguia quase a sessenta e cinco quilômetros à hora. Era altamente improvável que pudessem ter sobrevivido.

O localizador de segurança deixara de transmitir.

Estava tudo acabado.

Kent não acreditou naquela história nem por um segundo. Mas teve a confirmação de que o seu maior receio se tornara realidade.

Robie e Reel formavam agora uma equipe. E, contrariando o relatório, o seu instinto dizia-lhe que eles estavam vivos.

Kent encontrava-se repimpado no escritório da sua fabulosa mansão, uma entre outras tantas casas igualmente luxuosas localizadas num bairro de Fairfax County, que constituía o endereço incontestável dos inexpugnáveis, os que faziam parte dos dez primeiros entre a percentagem dos eleitos. Média de rendimento anual: dez milhões de dólares. A maioria ganhava muito mais do que isso, e conseguiam-no de mil e uma maneiras.

Através de heranças que recebiam, por exemplo.

Conquistando, por um determinado preço, a confiança dos que detinham o poder.

Muitos deles, como era o caso de Kent, manda a verdade que se diga, trabalhavam arduamente para ganhar a vida e prestaram serviços de valor ao mundo. Se bem que, no caso dele, o dinheiro da mulher tivesse dado obviamente um certo jeito.

Sentado no seu castelo, Kent pensava agora no telefonema que se preparava para fazer. O destinatário era uma pessoa que ele temia, e tinha razões para tal.

O telefone seguro encontrava-se na gaveta da sua secretária. Tirou-o de lá de dentro, marcou os números pretendidos e ficou à espera.

Ao fim de quatro toques, atenderam. Kent estremeceu quando se apercebeu de que era uma pessoa, e não uma gravação. No fundo, alimentara a secreta esperança de poder prolongar o atual estado de coisas.

Em frases curtas, deu a conhecer as notícias recentes, reduzindo as informações ao essencial, como fora treinado para fazer.

A seguir, ficou à espera.

Ouvia a outra pessoa respirar, do outro lado da linha a que nem sequer a NSA conseguiria ter acesso.

Kent evitou a todo o custo quebrar o silêncio. Não lhe cabia a ele esse papel.

Deixou o homem respirar à vontade, assimilar tudo, pensar. A resposta dele não se faria esperar, tão certo como um e um serem dois.

— Procederam a uma busca ao local? — perguntou a pessoa em questão. — Se julgam que eles estão mortos, os corpos têm de aparecer. Isso servirá de confirmação. Caso contrário, é porque estão vivos.

— Exato — corroborou Kent, quase deixando escapar um suspiro de alívio. — Pessoalmente, não creio que eles estejam mortos.

— Feridos?

— Depois de um salto daqueles, é o mais provável, sim.

— Então temos de os encontrar. Não deverá ser difícil, uma vez que estão feridos.

— Concordo.

— O comboio foi revistado e limpo?

— Ficou parado. Tiramos tudo de lá. As testemunhas foram abordadas e devidamente esclarecidas.

— Que explicação é que foi dada?

— Podemos atribuir as culpas a quem quisermos.

— Bom, gostaria de que a culpa recaísse sobre os dois traidores que perderam o rumo, como é evidente. Será essa a linha oficial.

— Compreendo.

— Continua a reinar uma grande confusão. Para mais, toda esta situação deveria ter sido evitada.

— Plenamente de acordo.

— Não pedi a sua compreensão.

— Não, claro que não.

— De qualquer modo, aproximamo-nos do fim.

— Sim — disse Kent.

— Por isso, veja se não arranja mais obstáculos.

— Entendido.

— Agora, quanto ao Robie e à Reel juntos... Temos ali um motivo de preocupação.

Kent não sabia se a tal pessoa estava a fazer uma pergunta ou a constatar um fato.

— Não correrei o risco de subestimar nenhum deles — afirmou Kent.

— Faço questão de nunca subestimar ninguém, muito menos os meus aliados.

Umedecendo os lábios, Kent pesou devidamente aquela observação. Era um aliado. Logo, aquele indivíduo nunca o subestimaria.

— Vamos esforçar-nos mais.

— Sim, terá de ser.

A chamada foi cortada.

Kent pousou o telefone e levantou os olhos quando a porta do seu gabinete se abriu. Teve um breve momento de pânico, pensando que chegara a sua hora e que pela porta entraria uma pessoa, que tanto poderia ser Robie como Reel, apostada em mandá-lo desta para melhor, punindo-o com o castigo final.

Afinal, era apenas a sua mulher. Trazia vestida a camisa de noite.

O olhar de Kent desviou-se rapidamente e fixou-se na parede por cima da porta, onde o relógio mostrava que eram quase oito da manhã.

— Chegaste a deitar-te? — perguntou ela. Tinha o cabelo desalinhado, o rosto sem maquilhagem, mostrando os olhos ainda

pesados de sono. No entanto, para Kent, ela era a mulher mais bonita do mundo.

Era um homem cheio de sorte. Nunca tivera direito a uma vida familiar simples. Mas isso representava apenas metade da sua existência. A outra metade revelava-se radicalmente diferente. Uma mistura de perfume e pólvora em partes iguais. Naquele momento, a pólvora dominava por completo o cenário.

— Passei pelo sono durante umas horas, no quarto de hóspedes. Não te quis incomodar, minha querida — disse ele. — Acabei o que estava a fazer já tarde.

A mulher aproximou-se, sentou-se em cima da secretária e passou os dedos pelo cabelo dele. Os filhos do casal saíam mais ao lado da mãe. O que era uma coisa boa, na opinião de Kent. Gostava que eles fossem parecidos com a mãe, e não com ele.

Comigo não. Nem com a minha vida.

Desejava que os filhos tivessem vidas extraordinárias. Ao mesmo tempo, porém, esperava que as vidas deles fossem normais e que estivessem a salvo. De preferência, vidas que não implicassem uma pessoa ter de andar armada ou de disparar enquanto estava, ela própria, debaixo de fogo. Isso não era uma vida digna desse nome. Apenas uma maneira de morrer mais cedo.

— Pareces cansado — observou a esposa.

— Um pouquinho. Tenho andado a esticar a corda, ultimamente. As coisas hão de ir ao lugar.

— Vou preparar-te um café.

— Obrigado, querida. Isso seria ótimo.

Ela beijou-o na testa e abandonou o escritório.

Kent ficou a observá-la até sair.

Orgulhava-se de possuir coisas em grande quantidade.

O que significava que tinha muito a perder.

Percorreu o escritório com o olhar. Nenhum dos prêmios recebidos, das suas medalhas militares, nada que fosse relacionado com o registro dos seus feitos profissionais se encontrava ali exposto. Eram coisas do seu foro pessoal. Não se destinavam a impressionar nem a intimidar ninguém. Ele sabia que as tinha merecido, e isso bastava. Mantinha-as fechadas à chave no andar de cima, num pequeno armário destinado a guardar os pertences.

Volta e meia, abria o armário e examinava o espólio. Na maior parte das vezes, contudo, os objetos limitavam-se a ganhar pó.

Vendo bem, não passavam de repositórios do passado.

Kent fora sempre um pensador virado para o futuro. Abriu um cofre guardado numa estante por trás da secretária e tirou de lá o documento. Tratava-se do livro branco elaborado por Roy West. Uma obra eivada de grande beleza intelectual, saída da imaginação de um homem que se convertera num verdadeiro paranoico e num fanático das milícias. Tornava-se difícil acreditar que um espírito como o dele podia ter esgalhado tão poderosa arma. E, daí, podia perfeitamente acontecer que o gênio irrompesse das profundezas da paranoia inicial, nem que desse a conhecer essa sua faceta em escassos momentos marcados pela frenética atividade produtiva.

Todavia, tinham pegado na versão original dele e procuraram transformá-la em algo muito diferente, que se adequava melhor aos seus próprios interesses.

Encaminhou-se para o fogão a gás encostado à parede. Com um comando que tinha em cima da lareira, acendeu o fogão. A seguir, deixou cair o documento sobre as chamas e ficou a ver o papel desintegrar-se.

Em menos de trinta segundos desaparecera tudo. As ideias, essas, Kent jamais as esqueceria até o fim da vida. Muito ou pouco tempo, já ele não saberia dizer naquele momento.

De repente, via-se assaltado por uma série de dúvidas. A sua mente viajava no tempo e punha-se a imaginar um cenário catastrófico atrás de outro. Semelhantes pensamentos nunca eram produtivos. A coisa durou até que, a páginas tantas, os anos de treino militar vieram ao de cima e ele lá se acalmou.

Foi nessa altura que o telefone seguro, ainda em cima da secretária, deu sinal.

Apressou-se a agarrar nele.

A mensagem era da pessoa com quem acabara de falar. Uma mensagem escrita, portanto. Tinha apenas quatro palavras. Aos olhos de Kent, aquilo só veio provar que o seu superior era, na verdade, um homem capaz de adivinhar os seus pensamentos. "Não há recuo possível", rezava a mensagem.

Capítulo 61

O carro encontrava-se à porta de um bar de churrascos, situado em frente a um banco. A noite ia avançada e a escuridão era total, apenas quebrada pelas luzes exteriores do edifício.

Viam-se apenas quatro automóveis no parque de estacionamento. As luzes de um dos carros acenderam-se quando a dona da viatura ligou o botão no seu comando remoto.

A mulher dirigiu-se para o carro num passo vacilante. Provavelmente tinha bebido mais do que a sua conta. No entanto, morava ali perto e mostrava-se confiante na sua capacidade de atravessar meia dúzia de ruas para chegar a casa em segurança.

Entrou no carro e fechou a porta. Iniciou o gesto de colocar a chave na ignição quando a mão de alguém lhe tapou a boca.

A mão direita dela escorregou em direção à mala, na tentativa de se apropriar da pistola que ali guardava. Mas logo outra mão se fechou sobre o seu pulso, imobilizando-a a centímetros da bolsa.

A porta do lado do passageiro abriu-se e outra mulher entrou no carro.

Tinha uma arma apontada à cabeça da motorista.

A mulher de arma em riste era Jessica Reel.

A mulher sentada no lugar do motorista não pareceu reconhecê-la. Quando começou a dar sinal disso mesmo, ouviu-se uma voz masculina vinda do assento traseiro do carro: — Se calhar, vou precisar de mais pontos, doutora. O localizador que me colocou quando me coseu da outra vez foi para o galheiro.

Karin Meenan olhou para Will Robie através do espelho retrovisor.

— Ponha o carro a funcionar. Logo lhe dizemos para onde vamos.

— Não vou a lado nenhum convosco — afirmou Meenan. Reel puxou o cão da arma.

— Nesse caso, aqui a minha sócia espeta-lhe com uma bala na cabeça agora mesmo — avisou Robie.

Meenan olhou de lado para Reel, que por seu turno a fitava diretamente. O olhar da outra deixava transparecer uma vontade clara.

Queria pressionar o gatilho. Só estava à espera de uma oportunidade, da mínima oportunidade proporcionada por Meenan, para dar largas à sua cólera.

Karin Meenan pôs o motor a funcionar, meteu a primeira e arrancou. Robie indicou-lhe o caminho até um motel degradado, a cerca de oito quilômetros. Estacionaram nos fundos. Entre os dois, Reel e Robie transportaram Meenan até o quarto.

Robie fechou a porta atrás de si e ordenou a Meenan que se sentasse em cima da cama.

A médica encarou-os.

— Não sei por que está a fazer isto, Robie. Encontra-se metido num sarilho valente. Raptou-me sob a ameaça de uma arma de fogo.

Robie sentou-se numa cadeira e não lhe ligou a ponta de um corno. Reel permaneceu de costas para a porta, sempre de arma em punho.

— E quem é você, afinal? — disparou Meenan.

— Sabe muito bem quem ela é — disse Robie com toda a calma. Meenan virou-se e olhou para ele.

— Além do mais, se calhar convinha prestar mais atenção ao que bebe quando tem de conduzir — observou Robie. — Duas cervejas e um shot de tequila. Está com uma cara que não se pode olhar para si. Isso pode custar-lhe a licença e o emprego.

— Então andavam me vigiando.

— Não, cruzamos por mero acaso... Com tanta sorte, até me sinto tentado a jogar na lotaria.

— Acha que é altura para se pôr com graçolas? — replicou ela de rajada. — Tem noção do que acabou de fazer? Pode ter a certeza de que vai parar à prisão por causa disto.

— Foi naquele bar que se encontrou com o Roy West? —
inquiriu Robie.

— Nunca me encontrei com o Roy West num bar. Foi meu paciente, e por pouco tempo, como de resto tive oportunidade de lhe dizer.

— Quer pensar melhor na resposta?

— E por que cargas-d'água faria eu uma coisa dessas? Robie extraiu do bolso uma fotografia.

— Tenho um amigo no FBI que sacou isto de uma câmara de videovigilância instalada no banco que fica do outro lado da rua, em frente ao bar.

Segurou na fotografia mesmo à frente do nariz dela. Viam-se Roy West e Meenan a entrarem no carro.

— Não fiz nada de mal. Fui tomar um copo com o Roy West, e depois?

Robie despiu o casaco e enrolou a manga da camisa, deixando à vista o lugar onde tinha levado pontos.

— Tirei estes e os outros, suturados na perna. Um estratagema bastante engenhoso, devo reconhecer. Filamentos de comunicação e uma fonte interna de potência dissimulados, a fingir que se tratava de pontos. Um localizador de GPS. Transmissão via satélite em ligação ascendente ou descendente. Eletronicamente falando, havia grandes probabilidades de eu ficar tão iluminado como a Torre Eiffel à noite. De fato, a agência fez grandes progressos no negócio da vigilância, há que reconhecer.

Meenan olhou para Robie.

— Robie, se esta aqui é a Jessica Reel, devia prendê-la. Ou matá-la. A inimiga é ela. Não sou eu.

— Quem lhe deu ordem para me dar os pontos daquela maneira? — quis saber Robie. — Foi o Sam Kent?

A médica não reagiu à pergunta.

— O Howard Decker? — aventou Reel.

Meenan voltou a não reagir. Continuou a olhar fixamente para a parede mais afastada.

— Talvez alguém mais bem colocado na hierarquia — gritou Robie, exasperado.

Desta vez, Meenan teve um ligeiro sobressalto, praticamente imperceptível, mas foi o suficiente.

De resto, ela própria deve ter tido a noção de que o seu gesto a denunciara. Encarou Robie com uma expressão desagradável.

— Não tem escapatória.

— Sinto-me tentada a dizer o mesmo a seu respeito.

Aquela deixa saiu direitinha da boca de Reel, que encostara o cano da pistola à nuca de Meenan.

A médica olhou para Robie com uma expressão de súplica nos olhos.

— Vai ficar aí e deixar que ela me mate? O olhar de Robie permaneceu impassível.

— Não sei, doutora. Há gente a tentar limpar-nos o sebo. Por que a senhora havia de ser diferente?

— Mas... você é dos nossos.

— Um dos vossos? Confesso que já não sei o que isso quer dizer.

— Por favor, Robie, por favor.

— Não sei bem o que fazer consigo, doutora. A verdade é que não posso deixá-la ir em liberdade.

Meenan começara a chorar.

— Não direi nada a ninguém, juro por Deus.

— "Dá mesmo para ver — murmurou Robie. Olhando para Reel, perguntou-lhe: — Que te parece?

— Não lhe pergunte a ela — guinchou Meenan. — A mulher é louca varrida. Uma traidora, ainda por cima!

Reel encarou Robie.

— Tudo bem?

— Por mim, tudo bem.

— Não! — gritou Meenan.

Reel deixou cair a boca da arma até a nuca de Meenan e apertou o gatilho.

Capítulo 62

Carregando o corpo de Meenan ao ombro, Robie desceu as escadas em direção ao abrigo antibombas. Encontravam-se debaixo do celeiro, no seu esconderijo. Ao fundo do abrigo subterrâneo, devidamente camuflada, existia uma cela improvisada, construída pelo próprio Robie. Tudo indicava que era resistente o bastante para manter alguém como Meenan em cativeiro.

A médica dava sinais de recuperar os sentidos, depois de Reel lhe ter disparado um dardo tranquilizante em cheio no pescoço.

Na cela, Robie deitou Meenan em cima de uma espécie de catre. Encostadas a uma parede, havia provisões em quantidade suficiente para garantir a sobrevivência da mulher durante pelo menos duas semanas. Robie partia do princípio de que nessa altura já as coisas estariam resolvidas, ou então teria morrido a tentar fazê-lo.

Fechou à chave a porta da cela precisamente na altura em que Meenan começou a sentar-se; devagar, enquanto esfregava a nuca, sem despregar os olhos dele.

- Não permitiste que ela acabasse comigo?
- Nunca foi nossa intenção matar-te.
- E por que não?
- Podes ser corrupta, mas estavas indefesa.
- És um assassino, o teu modo de vida é este.
- Leste o documento do apocalipse.
- O documento do quê?

— O livro branco que o Roy West elaborou. A Reel contou-me que ele passava a vida a gabar-se disso às outras pessoas. Tu eras uma delas, se calhar. Em jeito de conversa de travesseiro, quem sabe? Ou, então, ao balcão do bar...

- Não sou obrigada a responder.

— Acreditaste nele?

— O Roy passava a vida a arengar a propósito de tudo e de nada. E muitas dessas coisas batiam certo.

— Quer então dizer que és a favor do apocalipse?

— Para haver uma verdadeira mudança, algumas pessoas têm de ser sacrificadas.

— Não foi isso que os nazis apregoaram?

— Não sejas ridículo — disparou ela. — Essa analogia não vem ao caso.

— A sério? E quem me diz isso és tu, que te deixaste levar como uma vulgar seguidista por um maluco que armadilhou a cabana com explosivos e planeava fazer ir pelos ares metade dos membros do Governo? Achas que faz sentido? Afinal de contas, tu trabalhas para o Governo.

— Todos nós atuamos em prol da liberdade, só que de maneiras diferentes.

— Pois eu cá prefiro a minha maneira de agir. Podes ficar com a tua.

— Andas por aí a matar pessoas, a assassinar aqueles que te dão ordem para matar. E ainda tens a suprema lata de me chamar seguidista.

— Bom, a diferença é que eu compreendo isso. E tu, pelos vistos, não.

Ela lançou-lhe um olhar paternalista.

— Não podes evitar o que está para acontecer.

— Posso. Com a tua ajuda, posso.

— Nem sonhes! Não tens a mínima hipótese!

— Então quer dizer que vais ficar a assistir ao espetáculo, enquanto toda a gente morre? Os médicos têm o dever de preservar a vida, certo?

— Não sou apenas médica. Sou uma pessoa que se preocupa com o seu país. Os nossos inimigos estão a tentar destruir-nos. Temos o dever de acabar com eles primeiro.

— Podes dizer-me quem está por trás de tudo isto?

Ela cruzou os braços à frente do peito e olhou para ele, desinteressada.

— Desiste. Anda lá.

Robie empunhou o telemóvel dela.

— Também tenho comigo o teu portátil. Devemos conseguir obter uns dados interessantes, palpita-me.

De repente, o pânico pareceu apoderar-se dela.

— Nunca vás a Las Vegas — sugeriu Robie. — Não tens cara para te sentares a uma mesa a jogar póquer.

— Os documentos estão protegidos por uma password.

— Também o teu telefone tinha a função de bloqueio automático programada para ficar trancado durante cinco minutos. Deves tê-lo usado momentos antes de entrar no carro, daí que eu tenha conseguido sacar tudo o que precisava. No que respeita ao portátil, para a próxima aconselho-te a usar uma password mais complexa, e não o teu nome soletrado de trás para a frente e a tua data de nascimento.

— Robie, estás do lado errado. Acredita em mim. A Jessica Reel é uma assassina. Matou dois homens indefesos. A sangue-frio.

Ele apontou para as provisões.

— Tens aí comida e água, que dão para te aguentares pelo menos duas semanas, talvez mais, se conseguires racionar os alimentos.

— E se não regressares até lá?

— Experimenta desatar aos gritos. Alguém há de ouvir. Ah, já me esquecia: enquanto estavas inconsciente, a Reel despiu-te e passou revista a todas as cavidades, à procura de algum transmissor escondido. Podes estar dorida, mas encontraste livre de todo e qualquer aparelho de localização, disso não restam dúvidas.

— Robie! — Ela levantou-se de um salto e correu para junto da porta da cela. — Pensa bem no que vais fazer. Olha que não terás uma segunda oportunidade.

— Curioso. Era precisamente o que eu me preparava para dizer.

— Estás a ser estúpido. Deixa-me ir embora, peço-te.

— Este é o lugar mais seguro para ti.

A médica olhou para ele com uma expressão de assombro.

— Seguro? Estás maluco?

— Eles não encontraram os nossos corpos, doutora. E agora já não conseguem arranjar maneira de dar connosco. O que lhes diz que temos consciência de que andamos a ser observados e que

fomos localizados. Afinal de contas, foste tu quem coseu os pontos, e nós conseguimos dar contigo. Ficas fora do circuito durante uns tempos. Se te deixarmos ir embora, voltas para junto deles.

— Prometo não lhes dizer nada.

— A questão não é essa.

— Qual é a questão?

— Eles ficaram a saber que estiveste aqui connosco. A seguir, sujeitam-te ao interrogatório da ordem e crivam-te de perguntas. E depois acabam contigo.

Meenan recuou.

— Estou do lado deles. Por que haviam de me matar?

— Porque seriam sempre levados a pensar que nos terias ajudado. Só assim é que nós te teríamos deixado ir embora. E o preço a pagar é a morte. Tão simples quanto isso. Aos olhos deles, não sei se estás a ver, passaste a ser o inimigo. Tal como disseste, o objetivo é dizimar todos os inimigos. E agora tu passaste a fazer parte do rol dos inimigos.

— Mas...

— Não há mas nem meio mas. Ficas aqui, vives. Vais lá para fora, morres. Deixo à tua escolha. Como é que vai ser?

Meenan levantou a cabeça, fitou Robie e deu meia dúzia de passos hesitantes antes de se deixar cair outra vez em cima da pequena cama, de olhos postos no chão.

— Boa decisão — disse Robie, e depois abandonou o local.

Capítulo 63

Reel estava à espera dele à porta do celeiro, dentro de uma nova viatura de aluguel. Robie entrou no carro, agarrou no portátil que estava em cima do banco traseiro, abriu a tampa e começou logo a martelar nas teclas, sem esperar que o automóvel arrancasse.

— Como é que correu? — perguntou Reel.

— Acho que ela começa a abrir os olhos. Não que isso tenha uma importância por aí além.

— Acabei de ficar reduzida ao meu último bilhete de identidade falso, só para que saibas — avisou Reel.

— Esperemos que não seja preciso mais nenhum.

— Para onde é que vamos agora?

— Tenho um contacto no FBI, que posso sempre explorar. Foi através dele que obtive a foto do West com a Meenan.

— Estamos a falar da agente especial Nicole Vance? Robie lançou-lhe um olhar dardejante.

— Como é que sabes?

— Começaste por ser meu inimigo. Procuro saber tudo o que há para saber acerca dos meus inimigos.

— O que mais descobriste?

— Julie Getty. Reel olhou para ele.

— Isso deixa-te irritado?

— Feliz é que não deixa. E se andava alguém a seguir-te?

— Havia alguém a seguir-te a ti. A Nicole Vance. E eu.

— Muito bem, vamos estabelecer umas tréguas. Precisamos de sacar o máximo de informações, e só assim poderemos obter o que precisamos.

— Não tenhas assim tantas certezas — declarou ela. — Quanto mais pessoas estiverem envolvidas neste assunto, mais armadilhas

corremos o risco de encontrar pelo caminho.

— Enfrentamos o risco de encontrar várias armadilhas pela frente a toda a hora.

— O que só me dá razão. Precisamos de saber o quê? — Montes de coisas.

— Encontrei material de interesse no computador da Meenan?

— Consegui acessar a caixa de correio dela. Mantém uma correspondência particularmente ativa, diga-se de passagem. Múltiplos namorados, a julgar pelo conteúdo de algumas mensagens. A doutora é um pouquinho mais atrevida do que eu teria imaginado. O West devia ser um deles, mas não encontro nada de concreto. — Voltou a concentrar a sua atenção na tela. — Isto pode querer dizer alguma coisa.

— O quê?

— Espera um segundo.

Robie procedeu à leitura de mais uns quantos e-mails, puxando a tela para baixo.

— O que é, Robie?

— Mensagens encriptadas com uma só palavra. Sem termos o contexto, não significam nada. "Sim", "não", "agora", "amanhã"... Algo do gênero.

— Foram enviadas por quem?

— A morada parece ser genérica e, provavelmente, impossível de localizar. Mas existem duas letras no fim da mensagem. Como se fosse a assinatura de um escritor. RA. Significa alguma coisa para ti?

Reel ficou calada durante um longo minuto.

— Roger Astucioso — disse ela.

— Quem?

— Era o nome de código utilizado pela pessoa que terá pedido para ler o livro branco, no dizer do West. Ele referiu que o indivíduo em questão estava pelo menos três níveis acima dele, na altura.

— Disse mais alguma coisa que poderá ajudar-nos a descobrir quem poderá ser essa tal pessoa?

— Infelizmente, foi mais ou menos nessa altura que me vi obrigada a derrubá-lo.

— Com que então, Roger Astucioso? Bizarro epíteto...

— Também me pareceu. Mas o certo é que ele conseguiu ludibriar-nos, e de que maneira. Por isso, o nome foi bem aplicado. Como é que a Vance nos poderá ajudar, na tua opinião?

— A localizar o apocalipse. Antes que seja tarde.

— O documento era bastante explícito. País após país. Líder após líder. Em simultâneo. É incrivelmente complexo e de uma eficácia brutal. O êxito da operação reside na escolha do momento oportuno.

— Sim, mas quais são os detalhes, ao certo? Nunca me chegaste a dizer.

— Ter debaixo de mira todos os líderes dos países do G8, exceto o presidente dos Estados Unidos, no mesmo dia e à mesma hora, recorrendo a um ataque concertado e aos serviços secretos dos países em questão, para além de recrutar todos os recursos internos necessários. Não escapa ninguém. O que se segue é o caos no mundo civilizado. O documento vai ao pormenor de especificar quais os passos que os atacantes deverão dar no sentido de fazerem valer a sua vantagem.

— Muito bem, mas quem são os autores dos atentados?

— O Roy West apontou uma série deles. Fundamentalistas radicais islâmicos, na sua maioria, o que não é surpresa nenhuma. Ele subdividiu o grupo inicial, de modo a incluir facções da Al-Qaeda, os talibãs, o Hamas. Tudo extremamente bem pensado, tenho de reconhecer.

— Porquê deixar de fora o presidente dos Estados Unidos? — indagou Robie.

— Se calhar, porque a agência não queria pagar à sua própria gente para andar a congeminar planos para matar o seu chefe de Estado. Se isso viesse a saber-se cá fora, seria um perfeito descalabro.

— E qual era a razão de ser desse ataque, pelo menos segundo o West?

— O vazio de poder no mundo civilizado, o caos nos mercados financeiros, a agitação social um pouco por todo o mundo... Uma espécie de 11 de Setembro em versão alucinante.

— E por que raio quereríamos nós um documento que dissesse às pessoas como fazer isso?

— Provavelmente não acreditavam que iria ser posto a circular. E talvez quisessem antecipar o cenário para saber como ripostar para que não se concretizasse ou, no caso de isso acontecer, para lidar com a situação. O camarada Roy West não foi muito claro nesse particular.

— Houve alguma contestação?

— Duvido. O documento, segundo parece, não chegou a circular dentro da hierarquia da agência.

— Sabes o que esta estratégia me faz lembrar? — perguntou Robie.

— O quê?

— Aquela cena no filme O Padrinho, em que o Michael Corleone está a celebrar o batizado do filho. Na montagem, assistimos em simultâneo às cenas em que se veem os patrões da máfia, os rivais da família Corleone que tinham tentado assassinar a personagem do Marlon Brando, serem mortos. Foi a vingança congeminaada por Michael Corleone.

— Quem sabe se o West não se inspirou nesse filme? Nunca o tive na conta de um pensador original.

— Seja como for, para a coisa funcionar, teriam de contar com pessoal espalhado pelos diferentes países e pronto para atuar ao mesmo tempo.

— No interior do Governo americano, quem é que estaria interessado em ver concretizado esse cenário? — perguntou Reel.

— Ninguém, espero. Mas, segundo tudo indica, não é esse o caso.

— Com que então, a América atira-se de cabeça para o meio do apocalipse. Num cenário desses, não há vencedores.

Ficaram ambos em silêncio por momentos, cada um deles a imaginar provavelmente como é que o mundo ficaria depois de ocorrer tal acontecimento.

— Estás desesperado? — perguntou Reel.

— Tu não?

— Nunca me esqueço de uma coisa. Bem sei que te pode parecer estúpido.

— Sou todo ouvidos.

— Há sempre um fragmento de esperança na palavra "desesperado".²⁹

29 Hopeless. Sem esperança [hope] (N. da T.)

Os dois trocaram um sorriso breve.

— Diz uma coisa. Quem era o amigo do amigo?

Reel desviou o olhar. Robie viu os dedos dela enclavinharem-se no volante, mas não obteve resposta à sua pergunta.

— O tipo que aparece na foto contigo. Disseste que era um amigo de um amigo, porque se o outro aparecesse envolvido na história, era garantido que a fotografia nunca viria ter às minhas mãos.

— Por que precisas saber?

— Se não querias que eu soubesse, por que te deste ao trabalho de deixar uma foto no cofre?

— Talvez não tivesse nenhuma razão para isso.

— Sempre me disseste que há uma razão para tudo o que fazemos. Passado um minuto, Reel confessou: — O tal amigo era uma espécie de mentor. Um tipo que gostou de mim, em tempos, numa altura em que mais ninguém estava interessado na minha pessoa.

— Como é que o conheceste?

— Conheci-o, pronto.

— Programa de Proteção de Testemunhas, será? Ela olhou para ele, apanhada de surpresa.

— A Janet DiCarlo pôs-me a par do teu passado.

— Mesmo no terreno das hipóteses, não deixa de ser um grande salto dedutivo.

— O indivíduo na foto tinha ar de polícia reformado. Por isso, deduzi que talvez o amigo dele também fosse polícia.

Reel abrandou a velocidade e encostou o carro, puxando o travão de mão e virando-se para encarar Robie.

— Chamava-se Joe Stockwell. Era um U. S. Marshal. E tens razão, tomou conta de mim na altura em que eu estava no Programa de Proteção de Testemunhas. Quando entrei para a CIA,

mantive-me em contacto com ele. Reformou-se há uns bons anos. O que não o impediu de tropeçar no que eles andavam a planear.

— Como foi isso possível?

— O Joe conhecia o Sam Kent desde há muito. Estiveram juntos na Guerra do Vietnã. Ele chegou a ser convidado para o casamento do Kent e tudo. Ao longo do tempo, o Sam Kent abordou-o em relação a várias situações, coisas inócuas, diga-se de passagem, mas, tudo somado, aquilo deixou o Joe desconfiado. No entanto, fez o que lhe competia e fingiu sempre que alinhava, o que lhe permitiu ficar a saber mais. Creio que o Kent confiava nele e, pensando que o Joe queria fazer parte da equipe, contou-lhe mais do que devia. Só depois é que o Kent se deu conta de que o Joe, na realidade, estava a trabalhar contra ele, ao mesmo tempo que reunia provas. Foi então que mandou assassiná-lo, apesar de a sua morte ter sido oficialmente considerada um acidente. Eu sabia que não.

— Lamento imenso. Parece que o Stockwell andava realmente a tentar fazer o que era correto.

Reel anuiu.

— Ele conseguiu me arranjar a lista das pessoas e alguns detalhes do que se passava entretanto. Foi assim que consegui os nomes do Jacobs e do Gelder. Por isso é que os matei.

— Mas se Stockwell sabia o suficiente a ponto de ter elaborado uma lista, por que levou o caso até as instâncias policiais?

— As pessoas que constavam nessa lista era muito poderosas e, segundo parece, ele não acreditava que as provas que tinha fossem suficientes para convencer as autoridades. O Joe sabia o que estava a fazer. Era um profissional a sério. Pelos vistos, queria construir um caso forte, capaz de os derrotar. Infelizmente, o que aconteceu foi que não viveu para ver o seu projeto vingar.

— No entanto, tu confiavas no Stockwell, tanto assim que mataste dois dos homens que apareciam nessa lista e tentaste derrubar um terceiro.

— Eu sei o que andam a planear, Robie. Sei que foram eles que o mataram. Era um homem bom e decente, apostado em fazer o que está certo. Podia ter-se contentado em gozar os anos dourados da reforma, mas, em vez disso, esforçou-se ao máximo por

conseguir um caso sólido, capaz de derrotar esta escumalha. Falhou nos seus intentos, o que não sucederá comigo.

— Espero que tenhas razão.

— Tiveste a prova disso no comboio, se não me engano. E o que foi que a Meenan te contou? Não me digas que ainda precisas de argumentos mais fortes?

— É complicado.

— Estás a querer dizer-me que, se fosses tu, não terias liquidado os gajos, caso a oportunidade se proporcionasse? Estás farto de saber que, se a tua agência tivesse conhecimento do que estava a ser preparado, teríamos recebido a incumbência de lhes enfiar uma bala na cabeça. Limitei-me a não esperar por ordens superiores, só isso.

— Temos um sistema de justiça completo, que conta com juízes e prisões para casos deste género.

— Achas mesmo que estes tipos teriam sido levados diante de um juiz e, para cúmulo, condenados? Nunca se conseguiria apresentar na justiça um caso contra eles. Impossível.

— O que significa que, segundo as leis que regem o nosso sistema, eles são inocentes até prova em contrário.

— Presumíveis inocentes também o eram todos aqueles contra quem eles dispararam! Que eu saiba, nenhum deles beneficiou de julgamento.

Robie recostou-se. Ela tinha toda a razão, pensou com os seus botões.

— Que me podes dizer acerca do juiz Kent? Serviu a pátria no Vietnã. Que mais?

— Pesquisei sobre ele. Meti o nariz numa série de bases de dados a que provavelmente não deveria ter acedido.

— E o que foi que encontraste?

— Antigamente, costumava ser um de nós. Depois de ter saído da tropa.

Robie abanou a cabeça devagar.

— Faz sentido, vendo bem.

— E nos dias que correm é juiz no FISC — prosseguiu ela.

— Quem mais, para além do Jacobs e do Gelder?

— O congressista Howard Decker também fazia parte da lista.

— Estamos a falar do presidente da House Intelligence Committee?

— Sim.

— Essa é a lista completa?

— Não. Ainda existe outra pessoa. Alguém cuja identidade nem sequer o Joe foi capaz de descobrir. Mas ele anda por aí. E ocupa uma posição de destaque, Robie. Uma posição de grande destaque.

— Pelo menos três níveis acima do nosso rapaz, de seu nome West...

— Mais do que três, acho eu. Creio que isso não passou de um subterfúgio.

— Roger Astucioso.

— É uma teoria. Pela minha parte, não penso que fosse o Gelder. O homem está morto, mas o certo é que este caso continua a mexer e a pressão aumenta a todo o vapor.

Robie olhou para a estrada que tinham diante deles.

— Então vamos lá ver o que se pode fazer. Reel arrancou e seguiu em frente.

Capítulo 64

Evan Tucker mediu com o olhar o homem que se encontrava sentado à sua frente, do outro lado da imponente secretária. O Blue Man aparentava um ar abatido, e até as roupas estavam longe de se apresentar com o habitual aspecto impecável.

— É o desastre total! — disparou Tucker.

— Tem razão — afirmou o Blue Man.

— O Robie desapareceu. A Reel encontra-se sabe Deus onde. Quanto aos acontecimentos no comboio, só sei que estão de alguma forma relacionados com eles. Tenho a certeza absoluta.

— Não há provas. Nem testemunhas, para todos os efeitos.

— Porque foram eliminadas — exclamou Tucker.

— Há aqui mais qualquer coisa — alvitrou o Blue Man.

— Importa-se de explicar melhor?

— A Janet DiCarlo?

— Isso já não é novidade.

— Discordo liminarmente.

Tucker sentou-se direito na cadeira. Havia um brilho perigoso nos seus olhos.

— Baseado em quê?

— Baseado na realidade.

— Está a um passo da insubordinação, Roger.

— Não é a minha intenção, obviamente, mas continuamos sem nada saber acerca do paradeiro da Janet DiCarlo, nem das razões que levaram a Segurança Nacional a ir buscá-la ao hospital. Por que motivo foi atacada? Sabemos apenas que o Robie lhe salvou a vida. Isso é muito revelador.

— Além disso, sabemos que ele defende que a Jessica Reel se encontrava no local, igualmente decidida a salvar a vida da Janet DiCarlo.

— Correto.

— O que acontece é que só temos a versão dele...

— Foram descobertos cartuchos no local. É um pormenor de peso. Não há volta a dar.

Tucker juntou as pontas dos dedos e fitou o teto.

— A Reel assassinou dois dos meus agentes. O Robie passou à clandestinidade. Tanto quanto sabemos, aliou-se à mulher por qualquer razão. O que significa que escolheu formar equipe com uma assassina.

— São ambos assassinos. Foram destacados para atuar no terreno, a eliminar pessoas durante estes anos todos.

— A matar os nossos inimigos, Roger.

— Pode ser que continuem a matar os nossos inimigos.

— Nunca me vai conseguir convencer de que o Jim Gelder passou para o outro lado. Uma coisa dessas seria impensável. Nem sequer estamos a falar de um agente com experiência no terreno, por amor de Deus! Ninguém teria conseguido abordá-lo nesse sentido.

— Acho que nada é impossível. Já tivemos oportunidade de verificar isso mesmo. Homens que ocupavam posições elevadas e que viram as suas carreiras arruinadas e o seu futuro comprometido por causa de um caso extraconjugal.

— Agradeço a intenção, mas tenho um casamento muito feliz.

— Acredito.

— Bom, não estamos propriamente a falar de dar umas cambalhotas na cama... Como foi possível obter os serviços do Jacobs e do Gelder? Conseguir que eles mudassem de lado? Existe alguma prova em concreto, por ínfima que seja?

O Blue Man encolheu os ombros.

— A única prova é o fato de conhecer o Will Robie e de saber que lhe posso confiar a minha vida. Confiei-lhe a minha vida, de resto. Ele sacrificou tudo pelo seu país.

— Tem noção do que está a dizer? — A voz de Tucker tornou-se estridente. — Se eles estivessem em posição de entregar o número dois da nossa agência?

— Entendo perfeitamente as implicações. E sei muito bem que uma conspiração desse calibre poderá ter-se espalhado. De fato,

talvez a sua origem se encontre noutra qualquer.

— O Robie transmitiu-me parte do que a DiCarlo lhe confidenciou.

— Gostaria de ouvir.

— Pessoal desaparecido. Equipamento em falta. Já para não falar em dinheiro. Missões que nunca deviam ter existido. Tenho gente a investigar o assunto. Mas não deixa de ser inquietante, Roger. Muito inquietante.

— Seria bom ouvir a história contada pela própria Janet DiCarlo — referiu o Blue Man Entretido a brincar com a caneta em cima da secretária, Tucker não lhe deu resposta.

— Ouviu o que eu disse? — perguntou o Blue Man.

— Que seria bom ouvir a história contada pela própria Janet DiCarlo — repetiu Tucker.

— O problema é que a situação dela piorou. Permanece em estado de coma induzido, e não há grande esperança de que se safe.

— Levantou a cabeça ao dizer aquilo. — Pressionei o Departamento de Segurança Interna e consegui finalmente que me dessem ouvidos. Neste momento, estamos encarregados de assegurar a sua proteção, juntamente com o FBI. A questão teve de ser levada às mais altas instâncias, que é como quem diz, até o APNSA.

— Ao Gus Whitcomb? Tucker acenou afirmativamente.

— O Whitcomb alinhou comigo. O que significa que o presidente também tomou o meu partido. O que significa que eu vi a Janet.

— Fez uma pausa. — A situação não é brilhante, Roger.

O Blue Man baixou os olhos.

— Lamento que as notícias sejam essas. Ela tem demonstrado ser um importante elemento ao serviço da agência.

— Pelos vistos, estamos a ficar sem eles.

— Detectamos a existência de algumas maçãs podres, apenas isso.

— Preocupo-me com o meu pessoal, sabe?

— Como é evidente.

Tucker garatujou qualquer coisa numa folha de papel.

— Onde é que acha que o Robie possa estar?

— Fora do radar, isso é mais do que certo. — O Blue Man fez uma pausa, parecendo escolher as palavras seguintes com grande cuidado. — Para ser franco, o conselho foi dado por mim.

Tucker pareceu ficar atordoado.

— Aconselhou-o a desaparecer?

— Também o aconselhei a descobrir o paradeiro da Jessica Reel.

— Constava da sua missão inicial — contrapôs Tucker.

— Não me refiro a ir à caça dela e matá-la, mas sim a encontrá-la e agradecer-lhe por lhe ter salvado a vida. E, depois, aliar-se a ela.

A cara de Tucker ficou vermelha e uma veia que ele tinha junto à testa aumentou de tamanho.

— Aliar-se a ela para fazer o que, concretamente? — perguntou ele, num tom áspero.

— O que precisa ser feito. O processo está em marcha. Apercebi-me disso antes mesmo de o Jacobs e o Gelder terem sido mortos. Temos tido conhecimento de infiltrações na agência. O Robie também estava a par disso. Pessoas em quem tínhamos confiança e que, afinal, andavam a trabalhar contra nós.

— Pensávamos que se tratava de casos isolados. Até porque a situação parecia resolvida, Roger — disse Tucker num tom mais calmo.

— Vai ver nos enganamos.

— Está a querer dizer, portanto, que o caso vai para além da existência de umas quantas maçãs podres?

— Teoricamente, as conspirações são fruto do imaginário popular. Contudo, não deixa de ser surpreendente, e até mesmo um pouquinho angustiante, constatar até que ponto elas são efetivas na vida real.

De repente, Tucker era a imagem de um homem cansado.

— Estamos mal preparados para lidar com conspirações em larga escala, Roger. Sobretudo se essas conspirações acontecerem no interior da nossa própria estrutura.

— Talvez por isso é que o Robie e a Reel andam a ver se conseguem alguma coisa. Tentando a sua sorte de fora para chegar até cá dentro.

— Se conseguirem isso, não temos hipótese de colocar os nossos ativos a trabalhar para os dois. Ficam por sua conta e risco.

— Com todo o respeito, caro senhor, tem sido precisamente esse o modo de trabalhar deles ao longo de toda a carreira. Por sua conta, sem apoio e sem direito a reforços.

— Talvez estejam na posição ideal para resolver esta embrulhada, quem sabe? — alvitrou Tucker, lentamente.

— Não apostaria contra eles — disse o Blue Man, confiante.

— Acredita realmente que o Gelder e o Jacobs eram traidores ao seu país?

— Não posso dizer o contrário.

— E há mais como eles?

O Blue Man encolheu os ombros.

— As coisas continuam a acontecer, e tanto o Gelder como o Jacobs estão mortos. Podem não ter sido eles os responsáveis pelo ataque à DiCarlo.

— E que me diz do ataque ao Roy West, no Arkansas? Que história foi aquela?

— Confesso que não lhe sei dizer. No entanto, a julgar pela carnificina, não excluiria a possibilidade de ter sido obra da Reel e do Robie.

— Qual poderá ser a ligação? Estudei o processo do West. O tipo era um zero à esquerda. Passou por aqui sem deixar rastro. E depois foi despedido por ter sido estúpido e se ter tornado desleixado com as medidas de segurança. Pensa que a Reel e o Robie estão a par de alguma relação?

— Se não estão, acho que vão descobrir.

Tucker sentou-se para trás na cadeira, não parecendo lá muito convencido.

— Espero que tenha razão.

— Também eu — murmurou o Blue Man.

Capítulo 65

— Como vai, senhor congressista? — cumprimentou a mulher ao passar por ele, caminhando com o cãozinho preso pela trela à sua frente. -Vi-o na televisão, uma noite destas.

Parado num dos caminhos do parque que ficava perto de casa, Howard Decker estava vestido de forma informal, com jeans e camisa abotoada de cima a baixo, calçava mocassins sem meias. Enfiara um casaco leve, porque o céu prometia chuva para a noite. Segurava o seu enorme labrador pela trela.

Acenou com a cabeça e sorriu na direção da mulher, admirando a figura alta e elegante, a saia justa, e o modo como o cabelo dela rodopiava junto aos ombros. Sentia-se muito satisfeito com a vida que levava em companhia da sua mulher, mas nunca deixara de ser um pinga-amor. Além do mais, o importante cargo que exercia em Washington convertera-o num alvo perfeito para uma vasta panóplia de mulheres de sucesso, com tanto de sofisticadas como de atraentes.

Decker esboçou um sorriso, visivelmente satisfeito. Não se podia dizer que tivesse uma vida má de todo. Graças ao êxito obtido com uma série de negócios feitos no passado, lograra amealhar fortuna, gozava relativamente de boa saúde, sabia que o esperavam ainda pela frente muitos anos na política. A sua mulher apoiava-o bastante, com a vantagem de não se mostrar desejosa de lhe roubar protagonismo. Nas mais das vezes, nem sequer viajava com ele, o que volta e meia lhe dava margem de manobra para uma ou outra aventura de passagem no quarto de hotel com alguma funcionária mais nova.

Tinha filhos jovens e bem-comportados. Esperava-os uma boa vida pela frente. Saíam ao pai. Ele era popular junto do eleitorado e o seu distrito tinha sido reorganizado, de modo a tornar-se à prova

de eleições. Isso permitia-lhe passar menos tempo a angariar fundos e concentrar-se mais nas suas aspirações políticas. Sim, de uma maneira geral, levava uma vida bastante satisfatória.

Havia apenas um problema de monta, mas que chegava para ensombrar as coisas positivas. Desde há muito que lamentava ter dado o seu aval a um plano que começava a ficar vertiginosamente fora de controle.

Todavia, a sua posição enquanto presidente da Intelligence Committee tornara-o um jogador essencial num esquema por demais ambicioso, ao ponto de o próprio Decker ter ficado literalmente sem saber o que dizer da primeira vez que fora abordado em relação ao assunto.

Pertencia à velha guarda e era dos que acreditavam na segurança nacional. Nada superava isso. Estava em Nova Iorque por ocasião do 11 de Setembro e assistira à queda das torres. Percorrera as ruas, juntamente com milhares de outras pessoas completamente aterrorizadas, enquanto a poeira, os detritos e os corpos se abatiam sobre eles. Na altura, prometera a si próprio que jamais deixaria que uma coisa daquela magnitude voltasse a acontecer ao seu país. Pelo menos se ele tivesse oportunidade de se pronunciar sobre o assunto. E, na verdade, tinha mais a dizer do que muito boa gente.

Essa era a razão por que aceitara integrar aquele colossal plano, que, a resultar, contribuiria para o equilíbrio de poderes no mundo, trazendo-o de volta ao ponto onde precisava estar para criar a paz mundial. Achou que seria um risco enorme e que poderia inclusivamente comprometer a sua carreira, mas o objetivo merecia, e sobremaneira, que corresse esse risco. Trabalhara nos bastidores a fim de autorizar a movimentação de pessoal e de equipamento, bem como os fundos necessários destinados a permitir que a missão se tornasse realidade. Basicamente, tudo o que a Intelligence Committee fazia era secreto, desde os fundos utilizados até as operações de que os seus membros tinham conhecimento. Como tal, encontrava-se numa posição única, estratégica, que lhe tornava possível implementar o plano. Sentira-se honrado por poder dar o seu contributo. Experimentava um profundo patriotismo, sobretudo quando via os jovens e corajosos americanos que

morriam todas as semanas no estrangeiro, muitos deles assassinados pelas mesmas pessoas que eles próprios andavam a lutar para proteger, ao mesmo tempo que procuravam defender-se. Era uma situação terrível, que não podia ser tolerada.

Mas as coisas não tinham corrido de uma forma fácil nem inocente. Os problemas começaram quase em simultâneo. Acostumados a erros que resultavam muitas vezes na perda de vidas humanas, os seus aliados nesta empresa, sobretudo Sam Kent, lidaram com os percalços bem melhor do que ele. Decker não estava habituado a isso. O que viu deixou-o assustado. E quanto mais esse cenário se repetiu, mais aterrorizado ficou.

Nessa noite, resolvera ir até o parque levar o cão para passear só para se libertar dos pensamentos que o perseguiram, nem que fosse por escassos minutos. A verdade, porém, é que não conseguia se ver livre deles, nem mesmo contando com o enorme e afetuoso labrador lambendo sua mão, sempre querendo brincadeira.

Decker receava especialmente Kent. Quando o outro lhe havia confidenciado que matara um potencial assassino, Decker sabia que o juiz não estava a exagerar. Ele tinha, de fato, liquidado o homem. E sem dúvida que aquilo fora um claro aviso a Decker para ele não dar nenhum passo em falso.

Pela parte que lhe tocava, não pretendia se atravessar no caminho de semelhante tropa. Como presidente do Intelligence Committee, estava bem mais familiarizado com operações clandestinas do que o resto dos congressistas.

Da mesma forma, sabia da existência da Special Activities Division³⁰, que usava gente como Jessica Reel e Will Robie. Ele sabia como ambos eram competentes em seu trabalho. Tinha sido devidamente informado de suas missões. Vira fotos dos corpos abatidos nessas missões.

30 Criada no início da década de 2000, a Special Activities Division (SAD) é uma divisão da CIA responsável por operações especiais. (N. da T.)

O telefone vibrou.

Olhou para a tela e soltou um gemido. Era Kent.

Ainda hesitou, mas afinal se decidiu. Tinha medo do que poderia acontecer se não atendesse a chamada.

Acabou por recuperar a presença de espírito.

Era presidente de uma das mais poderosas comissões em Washington. Tinha influência. Tinha poder. Estava em condições de medir forças e jogar de igual para igual com aquela rapaziada.

Apertou a tecla.

— Alô?

— Precisamos nos encontrar — disse Sam Kent.

— Por quê?

— Viste aquela história do trem?

— O que é que tem?

— Os responsáveis foram Reel e Robie.

— Como?

— Não interessa. Aliaram-se e formaram equipe. Já não resta dúvida.

Decker engoliu em seco nervosamente e agarrou com força a trela no momento em que Bruin desatou a perseguir um esquilo.

— Da última vez que falamos não parecias inclinado a considerar que fosse uma possibilidade concreta. Disseste que eles tinham estado no centro dos acontecimentos no Arkansas, mas afirmaste que não estavas convencido da existência de uma aliança entre eles.

— Bom, a resposta mais simples que te posso dar é que, pelo visto, estava enganado.

— Essa resposta não me basta, Sam. Arrisquei tudo nesse projeto. Tudo.

— E achas que eu não fiz o mesmo?

— Para não dizer que me ameaçaste da última vez que nos encontramos.

— Eu sei. Peço desculpas. Ando sob uma pressão incrível.

— E eu não?

— Devemos alinhar pelo mesmo diapasão. Deram-me um ultimato. Tenho de encontrar Reel e Robie e eliminá-los.

— Okay. Mas como?

— Vou precisar que me ajudes.

— Eu? Que posso fazer?

— És o presidente da comissão, Howard. Podes fazer muita coisa.

— Okay, okay, vê se te acalmas. — Refletiu durante um minuto. — É evidente que consigo informações sobre a reação da agência a este desenvolvimento mais recente. Devem ter uma linha de comunicação funcionando sobre os dois.

— É precisamente disso que precisamos, Howard. Temos que pegar carona da agência no que toca à perseguição dos dois. Se não tens acesso, trata de arranjar. Vai à procura de respostas. Pressiona. Tenta descobrir a solução definitiva. Diz-lhes que exiges estar a par de todos os passos dados. No caso de eles serem localizados e se for enviada uma equipe, impões como condição obter a informação antes da divulgação oficial.

— Para que tu possas enviar a tua equipe?

— Exatamente.

— Mas por que não deixar a rapaziada da agência resolver o assunto? Sempre tem uma forma mais limpa de fazer as coisas.

— Porque podem acabar prisioneiros, Howard. E, se estiverem vivos, podem às tantas abrir a boca e dizer umas verdades.

— Tu... achas que eles sabem coisas que correm o risco de...

— Que correm o risco de trazer direitinhos a nós. Acho que sim. Constanos da listada Reel. Pelo menos eu. E muito me espantaria se não fizesses parte dessa lista também. Já falamos disso. Não podemos permitir que se safem com vida. Tens de ser tu a orientar a agência no sentido de sermos nós a chegar até eles. Só assim poderemos terminar esta história o mais depressa possível e de uma forma relativamente limpa.

— Mas se eu começar a fornecer informações, podem suspeitar do meu envolvimento...

— Pensa, Howard, pensa! Com certeza que gostariam de ver isto resolvido, tanto como nós gostávamos. Isto representa um soco na cara para eles. Procurarão enterrar o assunto o mais fundo que puderem, na tentativa de impedir que a verdade venha ao de cima. Agora, posso informá-los e dizer que alinhas?

Decker não hesitou.

— Claro que sim. Incondicionalmente. Farei o que for preciso.

— Obrigado, Howard. Não te arrependerás. Vai ter comigo ao meu escritório amanhã de manhã, por volta das sete horas. Nessa altura discutiremos a coisa mais em pormenor. O tempo é um fator essencial.

Howard desligou. Lentamente, Decker voltou a guardar o telemóvel no bolso.

Estava a tremer. Em boa verdade, tremia de medo e de incerteza.

Consegurei ultrapassar esta fase. Vou sobreviver.

O cãozinho corria na direção dele, com a trela a arrastar pelo chão. Decker viu uma mulher ainda jovem em passo acelerado, esforçando-se por apanhá-la. Estendeu a mão e conseguiu prender a trela.

Sem fôlego, a mulher aproximou-se a correr e parou junto dele.

Decker entregou-lhe a trela.

— Já fez exercício que chegue para uma noite — declarou.

— Obrigada.

— Qual é seu nome? — Percorreu com o olhar o corpo da mulher. Era mais forte do que ele.

— Stacy. O pequeno chama-se Darby.

— Olá, Darby — disse Decker, inclinando-se para fazer uma festa no cachorro. — Mora aqui perto? — perguntou, voltando à posição inicial.

Tinha uma pistola apontada para a cabeça.

— Não — declarou Stacy. — E o senhor também já não mora aqui.

Ela disparou, e o tiro com silenciador atingiu Decker em cheio na cara. O homem caiu redondo no chão. Estava morto antes de atingir o solo.

A mulher afastou-se levando consigo o cão.

Capítulo 66

Robie seguia viagem na carruagem de metro apinhada, agarrado a um varão por cima da cabeça. Usava óculos escuros, um boné de baseball enterrado até as sobrancelhas e um casaco com capuz para se proteger dos olhares curiosos.

Ao chegar à estação seguinte, o comboio parou. Robie não reagiu quando a mulher entrou na carruagem. Manteve parcialmente os olhos no chão, mas a sua visão periférica estava firme, apontada a ela.

Nicole Vance também não mostrou a mais pequena reação. Só o reconheceu porque Robie lhe tinha dito como estaria vestido, qual a carruagem que iria apanhar e o lugar exato onde se encontraria no interior da carruagem.

Ela levou algum tempo até chegar junto de Robie. Quase toda a gente que se encontrava ali ao pé estava a ler e-books, entretida com os seus brinquedos eletrônicos, a ouvir música com os fones postos nos ouvidos, ou pura e simplesmente a dormir nos assentos.

Parou ao lado dele e agarrou-se ao varão.

— Como é que estás? — perguntou Vance baixinho.

— Um bocado tenso.

— Compreendo. Por causa do se passou no comboio? Robie fez que sim com a cabeça.

— Como é que te safaste? — sussurrou ela.

— Saltei.

Ela estremeceu.

— Sozinho?

Robie abanou a cabeça.

— Quem?

Ele voltou a abanar a cabeça.

Vance olhou para ele de um modo obstinado.

— Estou a tentar ajudar-te.

— E eu estou a tentar fazer com que não corras perigo. Tens aquilo? Ela fitou-o muito séria por momentos e depois tirou o jornal da carteira. Fingiu que estava a ler a primeira página. À medida que o comboio foi ganhando velocidade, abriu o jornal. Havia um pendrive colado com fita adesiva. Da forma como estava colocada, Robie era o único que podia vê-la. Fazendo deslizar rapidamente os dedos, pegou o pendrive e enfiou-o no bolso.

Deu meia-volta e preparou-se para sair dali, mas Vance pegou-lhe pelo cotovelo. Robie encarou-a, à cautela. Temia que ela se preparasse para revelar tudo.

Vance formou três palavras com a boca.

"Acaba com eles!"

Robie acenou rapidamente, virou-se e abriu caminho por entre os passageiros. Quando o comboio já estava a entrar na estação seguinte, aproximou-se da porta. No momento de sair, olhou na direção de Vance e viu que ela estava perdida nos seus pensamentos. Contudo, Robie era capaz de ler o que lhe ia na cabeça.

Ela não acredita que eu consiga sobreviver a isto.

E, para ser honesto comigo próprio, também não estou a ver como é que isso vai acontecer.

Robie foi ter com Reel. Enquanto ela percorria as ruas ao volante do carro alugado, aproveitou para abrir uma série de arquivos que estavam guardados no portátil. Tudo material fornecido por Nicole Vance.

— Encontrei alguma coisa? — perguntou ela.

— A agente Vance passou-me para a mão tudo o que conseguiu arranjar relativo aos movimentos suspeitos no estrangeiro. Riscos elevados de ameaças terroristas. Melhorar a capacidade de resposta militar. Conversas invulgares nos lugares do costume.

— E?

— Tem-se verificado uma atividade fora do comum no Atlântico. Andamos a enviar mais navios para o golfo Pérsico, provavelmente por causa do Irão. Há ainda a registrar um exercício naval de surpresa no Pacífico. Mas, atenção, isto aconteceu tudo do nosso

lado. Não encontro nada que possa ser aquilo de que andamos à procura, ou seja, movimentos fora do normal efetuados pelo inimigo.

— Nada?

— Espera um minuto — disse Robie bruscamente. Examinou uma página de alto a baixo.

— Lembro-me de ver isto na televisão, há uns tempos, mas foi antes de saber da história, por isso não relacionei os fatos.

— O que é?

— O presidente vai à Irlanda para estar presente numa conferência sobre terrorismo.

— E daí?

— Não estamos a falar apenas do presidente.

— Quem mais é que vai lá estar? Ele levantou a cabeça do portátil.

— Os líderes dos países do G8. Torna-se muito mais fácil reproduzir um cenário da saga "O Padrinho" se estiverem todos reunidos no mesmo lugar.

— Sim, é verdade, Robie, mas, por outro lado, pensa na segurança... Devem ter montado o esquema mais apertado do mundo. Não há hipótese de conseguirem furá-lo. Impossível.

— A seguir ao 11 de Setembro, recuso-me a dizer que há coisas impossíveis.

— Mas referiste que o presidente iria estar presente. Ora, ele não faz parte dos alvos a atingir.

— Segundo o documento elaborado pelo West, não fazia. O que não significa que eles estejam a seguir o plano à risca. Pode acontecer que também o queiram apanhar.

— Percebo essa história de os maus da fita virem atrás de nós. Mas por que diabo queria alguém que faz parte do nosso Governo matar o presidente? Além do mais, continuo sem entender o que os leva a querer liquidar os líderes do G8.

— Estamos a falar de traidores. Se calhar, alguém lhes pagou... estão a soldo de outros interesses. Acontece.

Reel não parecia minimamente convencida.

— Olha que isto não é nenhum tiroteio no meio da rua, Robie. Estamos a falar de um problema global. Se lhes pagaram, onde é

que esse dinheiro foi gasto? Eles também têm de viver neste planeta, afinal de contas. Não faz sentido.

— Mesmo assim, ainda acredito nessa teoria.

— Por causa do Joe Stockwell? — quis ele saber.

Ela fez que sim com a cabeça, piscando ligeiramente os olhos.

— Sim.

— De quem é que ele teve oportunidade de se aproximar o suficiente para conseguir descobrir tudo?

— Não faço ideia. Quem me dera saber. Os elementos que me passou para as mãos chegavam e sobravam para eu perceber o que estava a acontecer. Enviou-me os nomes que constavam da lista. Contou-me o que planeavam fazer com base no tal documento, pelo menos tanto quanto lhe era dado a saber.

— Ele chegou a enviar-te o documento?

— Não. Obtive-o através de outro amigo meu, que conseguiu localizá-lo.

— É bom ter amigos desses.

— Então, sempre vamos à Irlanda?

— Se for esse o local escolhido para o atentado, não estou a ver alternativa.

— E se partilhássemos as nossas suspeitas com a Vance? Ela pode sempre enviar mensagem às chefias, por sua conta e risco.

— Não vão desencadear nenhuma ação sem se encontrarem com as fontes dela. É preciso ver que a Vance não lhes pode dizer que somos nós, pois aí corre o risco de ir parar à prisão. Precisamente a mesma razão por que nós não o podemos fazer. Daí que a possibilidade nem se coloque — declarou Robie.

— Consegues arranjar um passaporte falso sem que a agência tenha conhecimento?

— Claro — disse Robie.

— Nesse caso, talvez esteja na altura de nos pormos a caminho da Irlanda.

Robie voltou a concentrar a sua atenção na tela do portátil.

— Talvez.

— Gostava de confirmar só mais uma coisa, Robie.

— O quê?

Ela pegou no telemóvel.

- Uma pessoa amiga.
- Por onde anda esse tal amigo? Será que podemos confiar nele, ou nela?
- Sim, podemos. Ele trabalha no centro comercial.
- No centro comercial? Faz o quê?
- É uma espécie de gênio dos videojogos. Entre outras coisas.
- Que informações nos pode ele arranjar?
- O verdadeiro nome do Roger Astucioso. Porque aquele filho da mãe vai morrer, e quem vai puxar o gatilho sou eu.

Capítulo 67

Estavam cinco homens na sala.

Evan Tucker.

O Blue Man.

Gus Whitcomb, do APNSA.

O diretor do FBI, Steve Colwell.

E o presidente dos Estados Unidos.

— Alguma pista relativamente ao assassinio de Howard Decker?

— quis o presidente saber.

Colwell abanou a cabeça.

— Ainda não, senhor presidente. Foi um atentado ao estilo de execução. Recuperamos a bala, mas não temos a arma para efeitos de comparação.

O presidente olhou para ele, incrédulo.

— E ninguém viu nada? Encontravam-se num parque público, raios!

— Fizemos alguns interrogatórios — declarou Colwell. — Infelizmente, não conseguimos obter uma única testemunha até o momento.

— Poderá nem sequer haver testemunhas — confirmou Tucker. — Se foi um atentado profissional, de certeza que se certificaram de que não estaria ninguém por perto.

— Mas com que intenção? — perguntou o presidente. O Blue Man interveio: — Talvez esteja relacionado com as atividades do Decker na Intelligence Committee.

— E, se calhar, com as mortes do Gelder e do Jacobs, não? — insistiu o presidente, inclinando-se para trás na cadeira enquanto estudava os homens à sua frente, olhando-os um por um, à espera de resposta.

— Bom, todos eles estavam envolvidos nos serviços secretos. É um denominador comum, pelo menos — constatou Tucker.

O presidente concentrou a sua atenção em Colwell.

— A verdade é que não nos encontramos perto da resolução destes crimes, pois não?

— Estamos a fazer progressos — disse Colwell, num tom pouco seguro.

— Valha-nos isso — reiterou Tucker. — Algum progresso é sempre bem-vindo, por mais pequeno que seja.

Os dois diretores trocaram olhares endurecidos.

— Existe ainda a questão do comboio da Amtrak — observou Whitcomb, muito a propósito. — Uma série de baixas e o que aparenta ser um encobrimento de todo o tamanho. — Fez uma pausa e olhou de soslaio o presidente. — Sem esquecer, claro, o tema Jessica Reel. E agora, deduzindo que faço a leitura correta, o Will Robie.

— Fitou Tucker. — O Robie ainda se encontra fora do radar? Tucker anuiu, antes de olhar de relance para o Blue Man.

— E o que estaria o Robie a fazer fora do radar? — perguntou Whitcomb.

Tucker encolheu os ombros.

— Isso gostava eu de saber, Gus. Whitcomb prosseguiu.

— Quando falei com o Robie, antes do seu desaparecimento — sublinhou com desdém -, contou-me várias coisas preocupantes.

— Fixou de soslaio o presidente, que parecia saber exatamente o que ele iria dizer a seguir.

O presidente assentiu, encorajando-o.

— Força, Gus. Precisamos de pôr tudo isto às claras.

— O Robie informou-me que a Janet DiCarlo se encontrava preocupada com determinados incidentes inexplicáveis ocorridos na agência. — Deitou um olhar contundente na direção de Tucker. — A tua agência.

— Que tipo de incidentes? — questionou Colwell. Whitcomb olhou para o seu tablet.

— Pessoal desaparecido. Missões que nunca deveriam ter-se realizado. Dinheiro desviado. Equipamento em falta.

Colwell pareceu ficar surpreso, mas, ao mesmo tempo, via-se que a revelação lhe dava um certo gozo.

— São alegações sérias — disse o presidente.

— Muito sérias — reforçou Colwell.

O presidente voltou à carga.

— Estou perfeitamente ciente dos inimigos com que este país se defronta, e também sei que eles se encontram muito mais perto do que gostaríamos. — Olhou para Colwell. — E não é apenas na CIA que isso acontece. É também na tua agência.

Colwell acusou o peso daquela afirmação. O presidente virou-se para Tucker.

— Estava convencido de que se tratava de um caso isolado. Se me encontro aqui sentado hoje, nesta cadeira, devo-o sobretudo à coragem, ao talento e às capacidades do Will Robie. Se ele continuava persuadido de que havia ali qualquer coisa errada, então eu também partilho dessa desconfiança. Se ele disse que a Janet DiCarlo estava preocupada, eu acredito.

— E, no entanto, o Robie decidiu desaparecer do mapa — interveio Colwell.

— Isso pode ser explicado de várias formas — referiu Whitcomb.

— Se ele se juntou à Jessica Reel, e ela foi responsável pelas mortes do Jim Gelder e do Doug Jacobs, qualquer explicação torna-se bastante problemática — notou, circunspecto.

O Blue Man olhou para ele, mas Tucker prosseguiu o seu discurso.

— Ouvi teorias que apontavam o Gelder e o Jacobs como traidores. Tenho conhecimento de que um ex-analista da CIA, o Roy West, foi morto recentemente. E de que a Reel e o Robie podem estar implicados.

— É a primeira vez que me chegam aos ouvidos tais especulações — protestou Whitcomb.

— Porque é disso mesmo que se trata, pura especulação — disse Tucker. — Desconheço a posição de todos nesta matéria. Não sei se a Reel ou se o Robie estão do nosso lado. O que sei é que andam a morrer pessoas, e deve existir uma boa razão para isso. O que está aqui em jogo é de uma importância incalculável, mas ainda ninguém conseguiu decifrar quais ou onde residem as motivações.

— E o Decker? — lançou Whitcomb, com grande calma. — Estará envolvido? Será também ele um traidor? Poderá a Reel tê-lo liquidado?

— Não sei — respondeu Tucker, visivelmente frustrado. — Confesso que não sei.

— O Robie acreditava que tinha sido a Jessica Reel a salvar a sua vida e a da Janet DiCarlo naquela noite. Que teria sido ela o atirador que deixara todos aqueles cartuchos de balas. Só muito dificilmente consigo imaginar que ela possa ser uma traidora — declarou Whitcomb.

— Se alvejou e matou o Jacobs e o Gelder, então ela é, no mínimo, uma assassina — disparou Tucker, irritado, arrependendo-se, ato contínuo, de ter perdido as estribeiras. Continuou, mais calmo. — Se existem traidores, é para isso que servem os tribunais. Não andamos por aí a matar pessoas apenas porque temos suspeitas.

— Sim, mas uma coisa vos digo — declarou Whitcomb -, se esses homens se tinham virado contra o seu país, não me sinto preparado para cair em cima da Reel. Não existe qualquer mácula no seu historial, nem no do Robie, que possa apontar para que eles sejam traidores.

— Bem, o mesmo se aplica ao Jim Gelder e ao Doug Jacobs — notou Tucker.

— Certo — afirmou o presidente. — Mas vamos dar um passo de cada vez. Para já, temos de colocar todos os nossos recursos e apostar forte na resolução deste imbróglio.

O que passa por encontrar tanto o Robie como a Reel, e o mais rápido possível. Se eles estão, de algum modo, a trabalhar para nós, revelar-se-ão imprescindíveis.

— E se estão contra nós? — inquiriu Tucker.

— Nesse caso, o destino de ambos só pode ser um. — O presidente olhou em redor. — Há alguém que pense o contrário?

Todos os homens abanaram a cabeça. O presidente levantou-se.

— Vou partir em breve para a Irlanda, mas quero continuar a ser informado. Prioridade máxima. Não quero que seja tomada nenhuma decisão importante sem eu ser consultado, entendido?

Os homens anuíram. Todos de pé, sem exceção, ficaram estáticos enquanto o presidente desaparecia por uma porta lateral, aberta por um agente dos serviços secretos. Quando a porta se fechou, Whitcomb sentou-se. Os outros seguiram-lhe o exemplo.

— Qual é mesmo a nossa posição nisto, Gus? — perguntou Tucker.

— Pensei que o presidente tinha sido claro, Evan — disse Whitcomb com falsa surpresa.

— No que disse, sim. Refiro-me ao que ficou por dizer.

— Penso que poderás deduzir por ti mesmo. Dou-te, porém, uma pista. Se isto não ficar satisfatoriamente resolvido, apuraremos a quem pertence a responsabilidade final.

Olhou para Tucker, depois para Colwell e, finalmente, para o Blue Man.

— Responsabilidade final — repetiu.

— Quanto tempo é que temos? — perguntou Colwell. Whitcomb levantou-se, dando a reunião por terminada.

— Pelos vistos, quase nenhum.

Capítulo 68

Reel separou-se de Robie assim que saíram do carro alugado, entrando ambos no centro comercial por portas diferentes.

Comunicavam um com o outro via rádio através de comunicadores, numa frequência segura. Robie insistira em que atuassem como se estivessem a trabalhar juntos numa operação, e Reel concordara de imediato. Ela não esperava qualquer problema, mas, de qualquer forma, também nunca contava que as coisas corressem sempre às mil maravilhas. Não deixava de ser uma boa regra de vida, uma vez que, como Robie sabia por experiência própria, a perfeição era uma coisa rara de se encontrar no terreno.

Reel percorreu o corredor principal do centro. Era de tarde e não se encontravam ali tantas pessoas como seria de esperar no final do dia. Apesar disso, fez os possíveis por passar despercebida.

Aproximou-se da loja GameStop pelo lado oriental. Disse baixinho: — Dez passos para o alvo. Dando sinal e seguindo depois para oeste, em direção aos lavabos.

— Afirmativo — respondeu ele.

Robie encontrava-se no piso superior, com o rosto resguardado por um capuz, seguindo os passos dela. Observou-a enquanto passava pela GameStop. Levou um dedo ao queixo e continuara a caminhar. O gesto provocou um sorriso a Robie. Já usara esse mesmo sinal. Depois, viu-a virar, rumo aos lavabos.

No minuto seguinte, Robie focou a atenção num homem baixo e magro, vestido com uma T-shirt preta, que saía da GameStop e seguira na mesma direção de Reel. Passado um segundo, já Robie tinha a mão dentro do bolso, sobre a arma.

Estavam ali duas equipas.

Uma vinda de leste. A outra, de oeste.

Já tinha visto dúzias de configurações daquelas ao longo dos anos. Seriam todas um pouco diferentes, é certo, mas, aos olhos de um operacional como Robie, pareciam-lhe sempre a mesma coisa.

As outras equipas não contavam, obviamente, com Robie. Ele constituía o fator surpresa, a carta fora do baralho. Tencionava tirar o máximo partido desse estatuto.

Robie falou para o seu transmissor: — Duas duplas na tua direção. Leste, oeste. Par de duques: armados e equipados, de modo a coordenar.

Constituíra um dos meios para Robie identificar ambas as equipas.

Tinham os respetivos comunicadores.

Robie disfarçara o seu com um capuz. Os outros pareciam não ter essa preocupação.

Erro deles.

— Afirmativo — respondeu Reel, a calma em pessoa. — Deixa comigo.

— Às tuas seis horas.

— Afirmativo.

Reel estava a escassos segundos de se ver obrigada a lutar para sair dali com vida. No entanto, pela entoação da voz, dir-se-ia que tinha ido simplesmente à casa de banho para aliviar a bexiga.

Robie não esperava menos do que isso.

Desceu a escada rolante, três degraus de cada vez. Quando chegou ao piso inferior, já corria a grande velocidade.

Uma das equipas estava a chegar aos lavabos. A outra vinha logo atrás.

— Alto! FBI! — gritou Robie.

Eles ignoraram o aviso. Robie tentara aquela estratégia na remota hipótese de os homens poderem ser agentes da autoridade.

Não eram, pelos vistos.

A necessidade de se identificarem era um procedimento gravado a ferro e fogo na cabeça de qualquer agente da lei e da ordem. Os distintivos eram prontamente sacados, acompanhados da berraria habitual, que se traduzia em cada um gritar quem era quem e com quem estavam. A última coisa que qualquer polícia podia querer era abater ou ser abatido por outro polícia.

Estes homens não abriram a boca, e a única coisa que saiu dos seus casacos foram armas.

Antes de poderem sequer abrir fogo, Robie estoitou o joelho de um deles com um tiro certo. O indivíduo gritou e caiu imediatamente, atirando a arma pelo ar. Robie sabia que aquele já não lhe daria problemas. Um joelho estilhaçado era tão doloroso que até o mais duro dos homens só lhe restaria ficar ali, a chorar como uma criança.

O segundo homem, por sua vez, disparou sobre Robie, atingindo uma coluna atrás dele. Robie agachou-se e desviou-se para o lado. Sentiu a acidez na boca, a descarga de bÍlis a trepar-lhe pela garganta. Por muitas vezes que estivesse nessa situação, ser alvejado nunca era uma coisa natural, e o corpo reagia sempre de forma consistente.

Robie tinha medo; qualquer um teria medo naquele momento. Mas não sentia pânico, e essa era a linha que separava os que viviam para contar e aqueles que não sobreviviam.

O gajo não teria nova oportunidade de disparar. Nada de fazer pontaria aos joelhos, desta vez. Robie despachou-o com uma bala entre os olhos.

Precipitou-se em direção aos lavabos.

Depois correu ainda mais depressa ao ouvir os tiros.

— Reel? Estás bem, Reel? Reel? — gritou para o comunicador. Abrandou, virou a esquina e preparou-se para voltar a abrir fogo.

Parou.

No chão estavam três corpos caídos sobre poças de sangue.

Notou que eram todos homens e expirou profundamente. Ainda assim, três corpos representavam um corpo a mais naquela conta de somar.

Foi então que percebeu: o amigo. O amigo da GameStop.

Reel surgiu de detrás da esquina mais afastada, empunhando a arma na mão direita.

Robie olhou para ela.

— Estás bem?

Ela assentiu apenas com a cabeça, lançando um olhar vago na direção do corpo do amigo.

Robie ouviu gritos atrás de si, pessoas a correr. Seguranças do centro, provavelmente.

Era a última coisa de que precisava. Não ia abrir fogo sobre um puto desarmado ou um velho qualquer com um uniforme.

— Temos de sair daqui!

— Eu sei — respondeu Reel sem expressão.

— Agora! Imediatamente!

Robie olhou para trás de Reel. Existiam ali várias portas. A algum lado iriam dar. Voltou a olhar para Reel, que estava debruçada sobre o corpo do amigo, a desviar uma madeixa de cabelo do seu rosto.

— Desculpa, Mike — ouviu-a dizer.

Desatou a correr, agarrou-a pelo braço e dirigiu-a pelo corredor fora. Pontapeou uma das portas e esgueiraram-se através da abertura. Robie olhou em redor. Estavam numa espécie de arrecadação ou armazém.

— Sabes onde é a saída?

Reel não deu mostras de ter ouvido.

— Jessica, precisamos de sair daqui! — vociferou.

Ela concentrou-se, pareceu embaraçada, depois apontou para a esquerda.

— Por ali. Aquelas portas levam-nos às saídas que ficam a leste. Vem, segue-me.

Chegaram ao exterior e estugaram o passo em direção ao estacionamento. Entraram no carro de Reel. Embora a muito custo, tinham conseguido uma fuga limpa.

Foi então que ouviram um chiar agressivo de pneus.

Os homens tinham reforços e aproximavam-se rapidamente.

— Cuidado!

Foi a única coisa que Robie teve tempo para dizer.

Capítulo 69

Reel fez marcha atrás e arrancou disparada na direção do veículo que se aproximava. Robie preparou-se para o impacto. Mas este nunca aconteceu.

Por um breve instante, ainda viu a enorme grelha do SUV agigantar-se, dando a impressão de que seria capaz de engolir o vidro traseiro do carro de uma ponta à outra. Então, no derradeiro segundo, Reel virou o volante e conseguiram deslizar, mesmo à justa, através do espaço disponível entre o SUV e uma coluna de betão do estacionamento.

Ela fez uma curva apertada e engrenou outra mudança, após o que completou a manobra de cento e oitenta graus, deixando um rastro de borracha queimada antes de disparar pela saída, em direção ao trânsito que vinha do estacionamento.

Rodou o volante para a esquerda e carregou no acelerador. O carro patinou, tentando escapar ao seu controle e indo embater na divisória de cones alaranjados. Corrigiu a direção e atacou outra curva.

Robie mal conseguia manter o cinto de segurança apertado. Tinha a arma pronta a usar, mas não havia sobre quem disparar.

Mais adiante, o trânsito compactava-se apenas numa faixa. Por azar, logo calhava ser a deles. Reel resolveu o problema e entrou em modo britânico, conduzindo na faixa de rodagem contrária. Conseguiu evitar todos os veículos que vinham na sua direção. Ignorou um sinal vermelho e executou outra curva apertada, fazendo saltar o tampão de uma das rodas no decorrer da manobra. Regressou ao lado correto da estrada.

Vindos um pouco de toda a parte, os sons de sirenes pareciam acompanhá-los.

Robie olhou para trás.

— Está tudo bem. Desacelera para não darmos nas vistas.

Reel levantou o pé do acelerador, fez um compasso de espera num semáforo e desapareceu, com toda a facilidade, no meio do trânsito. Passados minutos, rodavam a cento e dez quilômetros por hora na autoestrada, perfeitamente insuspeitos, entre centenas de carros.

Robie guardou a arma.

— Lamento o que aconteceu ao teu amigo.

— E eu lamento que sintas a necessidade de dizer que lamentas.

— Quem era ele?

— Chamava-se Michael Gioffre. E está morto por minha causa.

— Pensava que os responsáveis tinham sido os tipos que dispararam sobre ti.

— Eu não estava atenta, Robie. Sabia que podia estar ali uma unidade. Não confirmei.

— O que se passou, exatamente?

— O disparo de um deles fez ricochete e acertou no olho direito do Mike. Ele morreu antes de cair no chão.

— E depois?

— Abati os dois. Uma bala para cada. Não eram grande coisa; avançaram para mim como se eu não fosse capaz de dar luta. Idiotas.

— Sabes, os meus também não eram melhores. Reel fitou Robie, pensativa.

— Um pouco estranho, não te parece?

— Talvez. Ou então os melhores estão na Irlanda Robie ligou o rádio.

— Será que já somos notícia?

Não ouviram nada acerca do tiroteio no centro comercial, mas houve uma outra história que lhes prendeu a atenção. O jornalista fora parco em detalhes, ou talvez não houvesse mais nada para relatar. Quando passou à notícia seguinte, Robie desligou o rádio e olhou para Reel.

— Mataram o Howard Decker — anunciou ele.

— Estão a eliminar as pontas soltas, Robie. Estes filhos da mãe tencionam safar-se e ficar impunes. Mas não vão ter sorte. Vou

meter um balázio em cada um! Vou disparar uma vez e outra até que se me acabem as balas!

Robie agarrou-lhe no braço.

— O que estás a fazer?

— Lamento pelo Mike, Jessica. Podemos ir para algum lado para chorares a sua morte. A dele e a da Gwen.

— Não preciso chorar por ninguém.

— Pois eu acho que precisas.

— Tu não sabes nada sobre mim. Por isso, poupa a teoria do luto para alguém que te importe. Sou uma assassina, Robie. Morre gente à minha volta a toda hora.

— Não costuma acontecer com os teus amigos.

Ela preparava-se para responder, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta.

— Não me estou armar em psicólogo — prosseguiu Robie. — Mas, quando chegarmos à Irlanda, não haverá tempo para meteres a cabeça em ordem. Ou vais estar nisto a cem por cento e sei que posso contar contigo, ou és inútil para mim e podes deixar-me na próxima saída.

Reel pestanejou.

— Já não é a primeira vez que usas esse tipo de retórica comigo, Robie.

— Eu sei. Iêmen. Perdemos o Tommy Billups. Ficaste dominada pela culpa. Resumindo: não pude contar contigo durante uma boa meia hora.

— Até me dares cabo do canastro.

— Uma equipe é uma equipe, Jessica. E na nossa somos só os dois. Divididos, estamos tramados. Que é o mesmo que dizer que estaremos mortos.

Ela respirou longa e profundamente. Acalmou-se.

— Estou bem, Robie.

— Transforma a tua raiva em alguma coisa que garanta que vamos acabar com a raça destes sacanas, Jessica.

É só o que estou a dizer.

Conduziram em silêncio durante uns quilômetros. Depois, Reel disse: — É por isto que sempre foste o número um. Robie olhou para ela.

— Tu nunca deixas as tuas emoções levarem a melhor, Robie. Nunca! Sempre foste uma máquina. Todos pensavam isso.

Robie baixou os olhos. Sentiu-se, de fato, embaraçado ao escutar aquelas palavras.

Por estarem tão longe da verdade.

Levou a mão ao interior do blusão e acariciou a coronha da pistola. Não como um qualquer ritual de proteção ou para dar sorte. A sorte nunca era para ali chamada. A arma era o seu talismã, a sua ferramenta de vida. Isto era o que ele fazia.

Sou um assassino.

Sou também um ser humano. O problema é que não posso ser ambas as coisas.

— Em que é que estás a pensar? — perguntou ela.

— Nada de importante — respondeu ele.

Capítulo 70

O Dassault Falcon de três motores tinha capacidade para doze passageiros. Naquela noite, transportava apenas dois. Reel e Robie estavam sentados na última fila da cabine, sem ninguém atrás deles. Era assim que gostavam.

— Como é que arranjaste o avião? — perguntou Robie.

— Propriedade partilhada. Menos complicações e mais privacidade. E tu, onde gastas o teu dinheiro?

— Lembras-te do meu retiro na floresta? O resto está no banco, a render juros negativos.

— Com que então, a poupar para a reforma? — troçou ele. — Para os teus anos dourados...

— Duvido. Podem encontrar-te o rastro pelo registro do avião, não sei se sabes...

— Não está no meu nome. O feliz proprietário é um oligarca russo que não faz ideia de quantos aviões ou iates possui. Um arranjinho perfeito.

— Muito astuto da tua parte.

— Vais ver onde é que a astúcia me leva, assim que aterrarmos na Irlanda. Já fiz algum trabalho de casa.

— Referes-te à tua amiga Vance?

— Continua a dar jeito uma pessoa conseguir mexer alguns cordelinhos no departamento.

— Ela não fez perguntas?

— Pelo menos pensou em algumas, de certeza absoluta.

— E o que foi que apuraste?

— O protocolo de segurança é, no essencial, o mesmo de sempre, com pequenas variantes.

— Tais como?

— Segundo parece, numa demonstração de cooperação global, convidaram alguns líderes que não fazem parte do G8 para uma reunião pontual. Na realidade, é o que está na agenda para a abertura da conferência.

— Que líderes são esses à margem do G8?

— Alguns convidados do deserto.

— Mas esta gente é assim tão idiota?

— Pelos vistos não pensam isso.

— Estás farto de saber o que cada um traz na bagagem.

— As respetivas forças de segurança.

— Forças de segurança essas que serão passadas a pente fino internamente. Temos de confiar em que eles são quem afirmam ser.

— Exato.

Reel olhou através da janela para o céu negro, vasto e vazio. Voavam a quarenta e um mil pés.

— Queres uma bebida? — perguntou ela. Levantou-se e dirigiu-se para o bar, na frente da cabine.

— Não, obrigado — respondeu Robie.

— És capaz de mudar de ideias.

Um minuto depois, Reel regressou ao lugar. Trazia uma vodca-tônica. O avião sobrevoou uma zona de turbulência, obrigando-a a erguer um nadinha o copo, para não derramar a bebida. Assim que a normalidade regressou, bebeu um pouco e deu uma espreitadela ao computador de Robie.

— Transportamos uma mala cheia de armas — referiu ele. — Podemos ter problemas ao desembarcar.

— Os bilionários russos não se sujeitam às dores de cabeça dos comuns mortais. É tudo muito eficiente e simplificado.

— Diz lá outra vez como obtiveste isto?

— Não disse.

— Tens a certeza de que o teu russo não constitui um problema de segurança?

— O homem adora a América. Adora os mercados. Adora o capitalismo. É um aliado. E ainda nos conseguiu um voo privado e arranjou maneira de passar um arsenal inteiro pela alfândega. Não te preocupes.

— Fiquei impressionada com o arsenal de fogo que trazes.

— Não creio que seja o suficiente. Há demasiados maus da fita. Nós somos apenas dois.

— Temos de ser mais espertos que ele:, mais eficientes.

— É mais fácil dizer do que fazer.

Robie olhou para a bebida dela.

— Mudaste de ideias?

— Acho que sim.

— Deixa, eu vou buscar. É a minha oportunidade de desempenhar o papel de fada do lar.

Robie observou-a enquanto percorria a coxia. A última imagem que conseguiria visualizar seria a de Jessica Reel poder vir a tornar-se uma mulher caseira.

Quando regressou, uniram os respetivos copos numa espécie de brinde.

— Isto não acaba assim. Sabes, não sabes? — lançou ela.

Robie anuiu. Sabia exatamente o que ela queria dizer. Bebeu mais um pouco enquanto pensava na resposta.

— Calculo que não.

— Acreditarias se te dissesse que já deixei de me importar?

— Creio que isso não altera as circunstâncias.

— Qual é o veredicto? Matar-me ou capturar-me?

— De fato, recebi ordens contraditórias. Uma no sentido de te matar. Outra para te entregar viva.

— Porém, capturando-me, eu poderia fazer declarações públicas, dizer o que eles não querem ouvir. Tenho o direito de falar, o direito a uma defesa. Assim sendo, não vejo outra opção que não seja puxares o gatilho, Robie.

Robie ficou calado por momentos. Bebeu mais um gole de vodka e serviu-se de um punhado de amendoins, que ela aproveitara para trazer do bar.

— Acho que, primeiro, temos de sair vivos de Dublin. Se isso acontecer, logo voltaremos a abordar esta questão.

Ela acabou o resto da bebida e pousou o copo.

— Sim, és capaz de ter razão.

Robie observou-a. Sabia que ambos não acreditavam naquelas palavras. Voaram as cem milhas seguintes em silêncio. Lá em

baixo, o Atlântico agitava-se, espumoso, à medida que um sistema de baixa pressão se deslocava para o mar alto.

— Quando abati o Jacobs, sabes o que senti? — declarou finalmente Reel.

Robie abanou a cabeça.

— Não foi diferente de todos os outros. Em nada. Pensei que sentiria qualquer coisa pelo fato de ele ter contribuído para a morte do Joe. Um sentimento de vingança, ou até mesmo a sensação de se ter feito, de certa forma, justiça.

— E no caso do Jim Gelder? Foi igual?

— O que é que achas? Robie encolheu os ombros.

— Não te posso responder.

— És a pessoa ideal para o fazer. Mas, antes, responde-me a outra pergunta.

Robie franziu a testa, interrogando-se sobre o que vinha a seguir.

— Quando devias ter puxado o gatilho e não o fizeste, como é que tu te sentiste?

— O alvo morreu na mesma.

— Não foi isso que perguntei.

Robie ponderou a resposta que havia de dar. Mas, para ser franco, tentara não pensar nisso. Como é que me senti? Reel respondeu por ele.

— Livre?

Robie baixou a cabeça. Era a palavra que procurava, sem tirar nem pôr.

Reel pareceu compreender isso mesmo. Porém, não insistiu no assunto. — Mais uma bebida? — perguntou, reparando que o copo dele estava vazio. Perante a hesitação de Robie, declarou: — Lembras-te daquela história da fada do lar? Pressinto que vou ficar cansada da brincadeira ainda antes de aterrarmos. Por isso, aproveita enquanto podes.

Ela tirou-lhe o copo da mão, mas pousou-o no tabuleiro. Olhou para o relógio.

— Temos exatamente três horas e quarenta e um minutos. Confuso, Robie limitou-se a olhar para o copo vazio. Só então percebeu que ela não estava a propor uma segunda bebida. Abriu um nadinha os olhos.

— Parece-te má altura? — contrapôs ela, em resposta ao olhar dele.

— A ti não?

— Não seria a primeira vez que penso em jazê-lo contigo. Sabes como é... Demasiada adrenalina e hormonas i os saltos, paredes meias com situações de vida ou de morte. É a receita certa para acontecer alguma coisa. Contigo não acontece o mesmo?

— Não deveria ser assim. Nunca.

— O dever não é para aqui chamado.

— E decidiste isso agora?

— Para ser sincera, a ocasião é perfeita.

— Perfeita?

— É perfeita porque ambos sabemos que não escaparemos da Irlanda. Eles sabem que te juntaste a mim e também não vão permitir que te safes disto vivo. Não é preciso uma sala cheia de analistas para decifrar o que nos espera, ou seja, um autêntico pelotão de fuzilamento. Por isso, eis o que penso: posso morrer arrependida de qualquer coisa que não fiz, mas não quero que esta seja uma delas. E tu?

Levantando-se, Reel estendeu-lhe a mão.

— A cama, lá atrás, é muito confortável — acrescentou.

Robie olhou para a mão dela, aberta, e depois virou a cabeça sem se levantar. Ela baixou o braço lentamente.

— Vemo-nos em Dublin — disse, e começou a caminhar em direção aos aposentos privados do avião.

— Não tem nada que ver contigo, Jessica. Ela deteve-se.

— Existe alguém na tua vida? A Nicole Vance? — perguntou, sem olhar para trás.

— Não.

— Fico surpreendida pelo fato de consegues ter tempo para alguém.

— Já não está viva.

Reel deu meia-volta e olhou para ele.

— É recente — explicou Robie.

Reel aproximou-se e sentou-se a seu lado.

— Queres falar sobre isso?

— Por quê? Sou uma máquina, lembras-te? Ela colocou a mão no peito dele.

— As máquinas não têm coração. Tu não és uma máquina. Não devia ter dito aquilo. Gostava que me contasses o que aconteceu, se te apetecer.

— De certeza?

— Não tenho para onde ir nas próximas três horas e trinta e oito minutos — disse ela, consultando o relógio.

O avião prosseguiu a sua travessia do Atlântico e Robie falou sobre a mulher que lhe roubara o coração e, depois, quase lhe roubara a vida, quando descobrira que ela era o inimigo. Em resposta, vira-se obrigado a fazer a única coisa em que era realmente bom.

Tinha-a matado.

Uma decisão que só alguém como Jessica Reel podia compreender.

Capítulo 71

Sam Kent não podia dar-se ao luxo de parar.

Tinha pedido duas semanas de licença para se ausentar dos seus deveres como juiz. O FISC nunca acumulava serviço. Eram rápidos a decidir. Podiam dispensá-lo.

Preparou uma mala e despediu-se da mulher e dos filhos. Era uma situação normal, pois tinha por hábito afastar-se sem entrar em grandes explicações, e a sua mulher entendia isso como fazendo parte da vida anterior dele, da qual nunca falava. Porém, a situação em curso naquele momento nada tinha que ver com o passado. Era o seu futuro que estava em causa. Mais concretamente, se chegaria a ter um.

Jacobs, Gelder e Decker: todos mortos.

Kent sabia que tinha de ser rápido para não acabar como eles. Nesse momento, tinha inimigos de ambos os lados da barricada.

Reel e Robie eram formidáveis. Apesar disso, estava menos preocupado com eles os dois do que com o adversário, do outro lado do flanco. Ainda assim, a única saída possível assentava, em parte, na execução do plano que engendrara. Depois já não estaria nas suas mãos. Mesmo que também não pudesse ser o responsável pela sua quota-parte de êxito.

Era também uma oportunidade para voltar ao terreno após anos a tratar da burocracia, sentado atrás de uma secretária. A rotina funcionara como uma espécie de morte lenta, percebia-o agora, passado todo aquele tempo. Matar o imbecil do Anthony Zim tinha sido um luxo. Sentia saudades disso.

Conduziu até o aeroporto e deixou o carro no estacionamento de longa duração. Estava uma noite boa, o céu apresentava-se estrelado e corria uma ligeira brisa. O voo anunciava-se tranquilo e, verdade seja dita, ele tinha pressa de chegar ao seu destino. Havia

ainda muito trabalho de preparação pela frente, e a diferença entre ser bem-sucedido ou falhar dependia largamente disso. Com um bom trabalho de planeamento, o resto era apenas um pormenor de execução.

Mesmo as pequenas alterações de última hora podiam ser executadas com outra ligeireza, caso toda a programação tivesse sido minuciosa.

Kent não transportava armas na bagagem. Desta vez, pelo menos. Ele era o pensador, o que planeava, e não o executante. Aquilo aborrecia-o, em parte, mas, na sua idade, também sabia que constituía a opção mais realista. Quando tudo terminasse, o seu futuro mostrava-se tão incerto quanto cristalino. Cristalino para aqueles que sabiam o que estava prestes a acontecer; um pouco enevoado, aos olhos dos restantes. Sentiu uma descarga de excitação ao longo da espinha, com um toque de pavor misturado pelo meio. O mundo seria diferente depois de tudo aquilo acontecer. Um mundo melhor, apesar de tudo, acreditava.

Apanhou um ônibus para o terminal, mostrou o passaporte, despachou a bagagem e, depois de ter passado pela segurança, dirigiu-se para a sala de embarque, a fim de aguardar o voo internacional. Robie e Reel eram, obviamente, as cartas fora do baralho. O tiroteio no centro comercial fora uma prova conclusiva. Quatro profissionais despachados por outros dois, mais bem preparados, nitidamente superiores.

Significava uma batalha perdida, mas não a guerra, claro.

Eliminar a fonte de informação de Reel era o objetivo principal. A tarefa de arrumar a casa não podia ter sido levada a cabo de forma mais desleixada. Alguém pusera a correr histórias de encobrimento. Tanto o FBI como a Segurança Interna haviam sido convidados a dar tantas voltas no carrossel da contrainformação que a verdade podia saltar e morder-lhes o traseiro que, durante uma grande temporada, eles não dariam por nada, de tão estonteados que estavam.

No clube do aeroporto, ao qual pertencia, Kent bebeu um pouco de sumo de laranja, acompanhado de bolachas e queijo. Normalmente, estaria a aguardar um voo privado, mas, nestas circunstâncias, um voo comercial servia perfeitamente. Olhou a pista

e ficou a observar os vários aviões que partiam, uns a seguir aos outros, até desaparecerem no céu noturno. Daí a pouco seria a sua vez.

Pensou onde estariam Robie e Reel. Talvez a caminho do mesmo destino, interrogou-se. Teriam sido capazes de chegar tão longe, tendo em conta a informação de que dispunham? O livro branco era uma peça fundamental, mas não apontava para nenhum alvo específico. Sugería um cenário com vários jogadores. Podiam até ter a capacidade de juntar as restantes peças, mas acreditar que conseguissem retirar sentido de tudo parecia-lhe um exercício impossível, mesmo para alguém como eles.

Se Reel tivesse conseguido o que queria de Roy West, não haveria necessidade de ter ido atrás de Michael Gioffre. Felizmente, a chefia de Kent unira os pontos e revelar-se expedita a colocar uma equipe atrás dele. O único erro foi esquecerem-se de Robie. Mas era uma boa oportunidade para apanharem Reel. Não resultou. Não valia a pena pensar mais nisso.

O aviso para o embarque fez-se ouvir uma hora depois. Kent embarcou, juntamente com uma fila imensa de passageiros, sugerindo que o voo estaria cheio. Tudo bem. Era uma rota concorrida. Tentaria pôr o sono em dia, mas não acreditava que conseguisse. Tinha muito em que pensar.

Estava a instalar-se no seu lugar quando o telemóvel vibrou. Leu o texto na tela: "Boa sorte!" Guardou o aparelho sem digitar qualquer resposta. O que é que estavam à espera que ele respondesse? Obrigado?

Apertou o cinto de segurança e ajeitou o assento. Alcançou a carteira e retirou uma fotografia. A sua outra vida. A sua família. Uma esposa jovem, bonita. Crianças adoráveis. Viviam na casa perfeita, no bairro perfeito, e tinham todo o dinheiro de que precisavam para comprar a felicidade. Podia estar ao pé deles neste momento. Podia estar a aconchegar os miúdos para dormir, fazer amor com a sua bela mulher, beber um bom scotch enquanto lia um bom romance. Podia fazer tudo isso durante o resto da vida e mostrar-se agradecido; eufórico, até. A verdade, porém, é que se encontrava fechado num avião que o levaria para uma realidade

bem diferente, onde arriscaria a sua integridade física em nome de um bem maior.

Passou o dedo pela fotografia da jovem esposa. Sentada ao lado dele, uma mulher que observara o gesto sorriu-lhe.

— Sei como é. Também morro de saudades sempre que viajo.

Ele devolveu-lhe o sorriso e desviou o olhar, sem dar seguimento à conversa. Passados alguns minutos, o avião acelerou pela pista.

Kent já tinha estado em muitos voos, desde helicópteros colados com cuspo, nas selvas do Vietnã, onde da copa de qualquer árvore poderia surgir uma saraivada de balas direitas à sua pessoa; ou em luxuosos 747, que o tinham levado ao redor do globo com todo o conforto e todas as mordomias. De qualquer modo, quer numa quer noutra ocasião, assim que aterrara estivera sempre pronto para matar. E fizera-o muitas vezes.

Abriu o jornal e olhou para a primeira página. Howard Decker ainda estava vivo; na fotografia, isto é. Tinha os olhos abertos e sorria, com a mulher ao lado. A foto devia ter sido tirada numa daquelas ocasiões sociais, que obrigavam a vestidos escandalosamente caros para as mulheres, e smoking completo para os homens. Na realidade, Decker encontrava-se numa marquesa de alumínio do necrotério de D. C, sem a maior parte da cabeça. Nunca mais voltaria a sorrir.

Kent não descobriu nada sobre o atentado, mas concordava em que tinha sido uma execução. As pontas soltas começavam a ser atadas. Os fracos preparavam-se para ser separados do resto da manada. Estavam próximos do fim. Nada nem ninguém iria interferir no resultado desejado. Demasiado tempo investido. Demasiados obstáculos evitados. Demasiado em risco.

Naquela altura do campeonato, era como o domingo da Super Bowl, quando toda a excitação já tinha desaparecido.

Estava na altura de dar início ao raio do jogo.

Capítulo 72

Dublin era uma verdadeira fortaleza; Robie e Reel tinham de o reconhecer. Chegados há pouco menos de vinte e quatro horas, confrontaram-se com uma situação incontornável. Depois de terem executado todo o tipo de simulações para testar o perímetro de segurança em torno da conferência do G8, a conclusão nunca variava: aquele conjunto de edifícios não apresentava um único ponto fraco.

Encontravam-se no quarto de hotel de Robie, com vista sobre o rio Liffey. Ele estava à janela, munido de um binóculo, a observar o local onde decorriam os principais eventos da conferência. Assim à primeira vista, dir-se-ia que estavam ali mais forças de segurança do que participantes do G8.

— Alguma novidade relativamente aos convidados especiais, extra G8? — perguntou ele, baixando o binóculo e olhando na direção de Reel, que estava sentada ao lado da porta.

— Sequestrados, basicamente. Mas a Vance não tinha razão. A segurança deles foi providenciada pelo G8.

— E aceitaram essas condições?

— Parece que sim. Caso contrário, não teriam vindo.

— Então, a acontecer um atentado, é um trabalho interno, que envolve recursos do Ocidente — notou Robie.

— Não tem forçosamente de ser assim. Nada impede um ataque terrorista separado da conferência. Ou mesmo uma célula terrorista a operar em Dublin...

Robie abanou a cabeça.

— Definitivamente, há algo de errado no meio disto.

— Tenho a mesma sensação.

Robie sentou-se na cama e olhou para ela.

— Está a escapar-nos um pormenor qualquer.

— Também acho. Só não sei o quê. Robie levantou-se.

— Onde vais?

— Procurar a peça que falta.

Robie deixou o hotel. Demorou quinze minutos até chegar à área circundante à zona onde se desenrolava a conferência. O perímetro de segurança era denso, com vários níveis. Sem credenciais apropriadas, não tinha qualquer hipótese de entrar. Enquanto ali estava, observou dois homens saindo de um dos edifícios no interior. Vestiam ternos, mas, na cabeça, envergavam os típicos acessórios muçulmanos. Não entraram em nenhum carro nem apanharam um táxi. Limitaram-se a palmilhar as ruas. Robie deduziu que talvez fizessem parte da delegação não oficial do G8.

Decidiu-se a segui-los. Podia não dar em nada, mas nada era tudo o que tinha. Não custava tentar.

Manteve a distância conveniente e começou a caminhar. Os homens acabaram por entrar num hotel e dirigiram-se para o bar. A religião proibia o consumo de álcool, no entanto, aquele era precisamente um dos mandamentos dos quais alguns muçulmanos faziam tábua rasa quando se encontravam no Ocidente. Além disso, verdade seja dita que talvez existissem poucos lugares no planeta que fossem mais apropriados para satisfazer a sede de álcool do que Dublin.

Os dois homens pediram as suas bebidas e ocuparam uma mesa junto à janela. Robie mandou vir uma cerveja e fez o mesmo, sentando-se quase encostado a eles. Colocou uns comunicadores e pousou o smartphone em cima da mesa, fingindo que ouvia música. Enquanto bebia a cerveja, acompanhando com movimentos de cabeça um ritmo imaginário, mais não fazia do que concentrar a atenção na conversa que decorria na mesa do lado.

Descontraídos, os homens falavam em árabe num tom moderado. Não teriam qualquer razão para pensar que um ocidental pudesse entender uma única palavra. Estariam certos na maior parte das ocasiões. Exceto naquela.

Confirmava-se que eram ambos participantes da conferência, mas não estavam a discutir sobre o G8. Uma outra conferência realizava-se em breve no Canadá, numa pequena cidade nos arredores de Montreal. Robie lembrava-se de ter ouvido qualquer

coisa sobre o assunto, tempos atrás, num noticiário. Parecia-lhe um lugar inusitado para uma iniciativa com países árabes, mas o Governo canadiano oferecera-se, e tinha a sua lógica. Ao encontrarem-se em território neutro, longe dos conflitos e da violência habituais no Oriente Médio, talvez melhorassem as hipóteses para um diálogo construtivo.

Pelo menos era essa a teoria oficial. Ainda por cima, os canadianos é que pagavam a conta. Por outro lado, também mostrava boa vontade da parte do Ocidente em trabalhar com os países árabes. E enquanto os Estados Unidos, por razões políticas, não estariam envolvidos, o Canadá era um aliado tão próximo que todo o mundo podia compreender o apoio implícito, ainda que velado.

Na conferência iriam estar presentes os líderes das nações árabes mais proeminentes, todos juntos debaixo do mesmo teto, a fim de discutirem caminhos para o progresso pacífico, ao arrepio da violência, à imagem e semelhança do que acontecera recentemente durante a Primavera Árabe. Os dois homens não estariam nessa conferência, mas conheciam alguns dos participantes. Pareciam não acreditar na concretização dos seus objetivos. Um deles rira-se e dissera que os muçulmanos, como os ocidentais, nunca se entenderiam no que tocava à partilha de poder. Também falaram dos líderes que conheciam e que estariam presentes. Gostavam de alguns. De outros, nem por isso.

Os homens terminaram as bebidas e saíram. Robie podia continuar a segui-los, mas não se justificava. Daria o seu tempo por mais bem empregue se ficasse ali a pensar, enquanto terminava a cerveja.

O ataque descrito por Roy West tinha as lideranças do G8 como alvo. Robie e Reel deduziram que, para conduzir uma operação desta magnitude, com consequências à escala global, teria de existir ajuda dentro dos Estados Unidos aos inimigos do G8. Fazia sentido. Mas a conversa dos dois homens muçulmanos levou-o a repensar a questão.

Uma conferência de líderes árabes no Canadá...

Depois lembrou-se do atentado que Jessica Reel nunca consumara.

Ahmadi. Na Síria. O Blue Man dissera que era necessário impedir a tomada de poder de Ahmadi, o que constituía o empurrão necessário para um nome mais fácil de digerir, o tal homem que aguardava na sombra.

Robie terminou a cerveja. Tal como o copo, também os seus pensamentos se tornaram transparentes e cristalinos.

Percebeu onde é que ele e Reel tinham errado. Partiram do princípio de que quem mexia os cordelinhos estava a seguir, à letra, o cenário apocalíptico de West. Mas isso não passava de especulação, não era uma realidade. Iria haver um ataque, mas não ao G8; ali, a segurança seria sempre demasiado estanque.

Porém, todos aqueles líderes reunidos numa pequena localidade nos arredores de Montreal? Estavam como sardinhas em lata. Eliminá-los de uma assentada resultaria no pandemônio, isto numa das mais caóticas regiões do planeta. Governos a caírem atrás de governos. Vazios e lutas de poder.

Talvez já houvesse nomes para todas aquelas cadeiras vazias, pensou Robie. Se calhar, eles tinham dado um empurrãozinho. E talvez quem estivesse por detrás de tudo pensasse que um futuro melhor se parecia, de fato, com o passado. E talvez o cenário apocalíptico de West fosse mesmo aplicado à força, apenas não do modo que o seu autor, em toda a sua paranoia, tinha imaginado.

Robie apressou-se de volta para o hotel. A resposta não estava em Dublin. Encontrava-se a cinco mil quilômetros de distância dali.

Capítulo 73

Duas horas foi o tempo que Robie e Reel demoraram a fazer as malas e a deixar o hotel até chegarem ao aeroporto, nos arredores de Dublin.

— Tens a certeza de que é a opção correta? — perguntou Reel, pela quinta vez consecutiva.

— Se queres garantias, não posso dá-las. Seja como for, estou mais do que convencido.

Reel olhou através da janela do terminal.

— E se estiveres errado? Se acontecer mesmo alguma coisa?

— Acontece, pronto — respondeu Robie. — E eu assumirei toda a responsabilidade.

— Não me preocupa quem vai ter de assumir a responsabilidade.

— Eu também não. Quero apenas impedir que aconteça.

— Portanto, segundo a tua teoria, em vez de um atentado aos líderes do G8, o plano consiste em decapitar todos os governos do Oriente Médio? Isso é um salto quântico era relação à versão original.

— Sim, mas o plano não é meu. Portanto, não posso responder pela lógica da coisa.

— Não deixa de ser um risco terrível, ainda assim.

— Tens razão.

— Mesmo que tudo corra conforme planeado, ainda estamos a falar de um cenário catastrófico.

— O Ocidente sempre se habituou a escolher os seus fantoches e a colocá-los no poder. Depois, o boneco mantinha a casa arrumada, com toda a gente na linha, e havia paz nessa região. O xá do Irão, por exemplo. E o Saddam, um bom amigo até o momento em que deixou de o ser. Tenho a certeza de que estes

novos nomes, sejam eles quem forem, terão sido criteriosamente escolhidos. Lembras-te do Ahmadi? Era apenas um nome e um país. Esta é uma solução mais consistente, vários fantoches de uma assentada. Trata-se de um bom plano, em teoria.

— Também haverá segurança no Canadá.

— Mas não como em Dublin. Além disso, será outro tipo de segurança.

— Lembra-te de que continuaremos a ser apenas os dois. Não se pode dizer que as coisas tenham melhorado para nós.

— É por isso que temos uma viagem inteira de avião para arranjar um plano.

— Achas que vamos desencantar um plano? Em sete horas?

— Não.

— Não? O que propões, então?

— Vamos conseguir um plano em oito horas. Confirmei a previsão para o voo. Tudo indica que apanharemos ventos fortes pela frente.

— Estás a gozar comigo?

— Não. Mas uma hora a mais é uma hora a mais. E tudo o que sei é que temos de tentar. Porque, se não o fizermos, isto vai mesmo acontecer.

Robie e Reel embarcaram. Trinta minutos depois, o jato privado levantou voo rumo a ocidente. Robie reuniu através da Internet toda a informação que conseguiu sobre a conferência. Após ter analisado os elementos, Reel, sentada ao seu lado, suspirou de frustração.

— Não temos dados suficientes, Robie. Não sei como vamos conseguir fazer isto.

— Na verdade, a Janet DiCarlo disse uma coisa que nos pode ajudar. Pessoal desaparecido. Missões que nunca deveriam ter acontecido. Tenho a sensação de que talvez encontremos algumas caras conhecidas.

— Nunca se sabe — disse Reel, pouco esperançada.

Robie endireitou as costas e esticou os braços, acusando o cansaço.

— Não vamos ter muito tempo quando o avião aterrar. A conferência começa logo de manhã cedo.

— Se atacarem hoje, enquanto os participantes ainda estão a chegar, não poderemos fazer nada.

— Não acredito. O atentado terá de parecer autêntico, para não levantar suspeitas. Os terroristas gostam de uma certa carga simbólica. Por isso, ver-se-ão obrigados a atacar no decorrer da conferência.

— A cerimônia de abertura?

— Se eu fosse dado ao jogo, diria que era a melhor aposta. Robie levantou-se e dirigiu-se ao bar, onde se serviu de duas chávenas de café. Entregou uma a Reel e voltou a sentar-se.

— Tenho uma pergunta para ti — disse. — E não tem nada que ver com este assunto.

Reel olhou-o, com estranheza.

— Chuta.

— Salvaste a minha pele naquela história da DiCarlo, certo?

— Sim.

— Não tinhas de o fazer. Correste um grande risco.

— O que fazemos é arriscado.

— Isso não é uma resposta, Jessica. Ela bebeu um pouco de café.

— Devo ter pensado que, se te meti nesta confusão, era também minha responsabilidade olhar por ti. Foi isso.

— Como fizeste na Costa Leste?

— Nada é absoluto, Will. Isso era dantes, quando eu só queria sobreviver para terminar este assunto. Mais tarde, mudei de ideias.

— Acerca de mim?

— Não me daria prazer nenhum ver-te morrer.

Reel desviou o olhar por um momento. Robie notou que a sua mão tremia. Voltou a olhar para ele, com a expressão inalterada.

— Acabou a conversa? — perguntou. — Está tudo bem connosco?

— Tudo bem — respondeu Robie.

Durante o resto do voo não fizeram mais nada que não fosse concentrar toda a atenção na missão, procurando qualquer fraqueza ou vantagem que lhes estivesse a escapar, por mínima que fosse.

Aproximavam-se já do Canadá quando ela se recostou no lugar. Olhando para Robie, disse: — Vamos partir do princípio de que

sobrevivemos — declarou. — O que vais fazer a seguir?

Robie encolheu os ombros.

— Tens pensado no teu futuro?

— Estou apenas cansada, Robie.

— Eu sei.

— Tens saudades dela? — perguntou Reel, estudando o rosto dele.

— Não — respondeu Robie, pouco convincente.

— Okay.

— Talvez me sinta culpado.

— De quê? Culpado de seres humano?

— De não fazer o meu trabalho.

— O que exige que não sejas humano — declarou Reel, fitando Robie demoradamente.

— Um trabalho é um trabalho.

— E uma vida é uma vida. Só podes ter uma escolha. Robie abanou a cabeça.

— Desisto.

— Quantos é que duraram tanto como nós?

— Não terão sido muitos, creio eu.

— Com toda a certeza que já pensaste numa vida depois disto.

— Já. Embora nunca a sério.

— Sugiro então, respeitosamente, que o faças. Palpita-me que podemos ter uma sorte danada e sobreviver realmente a esta história.

Capítulo 74

O avião privado aterrou em Montreal, por onde já tinham passado todos os aviões dos participantes da cúpula. Depois, Robie e Reel continuariam a viagem de automóvel até o destino final. Ainda era um bom bocado.

— Pergunto-me qual a razão da escolha deste local, no meio de nenhures, para uma cúpula de líderes árabes? — comentou Reel.

— Deveriam ter escolhido o quê? O centro de Manhattan? O National Mall (31) Parque nacional no centro de Washington, D. C, localizado entre o Capitólio e o Monumento de Washington, que permite o acesso a pé a vários monumentos nacionais. (N. da t.), em Washington?

— Apenas considero o acesso difícil.

— Ora aí tens uma boa razão. O acesso restrito. Podem controlar melhor todas as entradas e saídas.

— Quem vai moderar o evento? As Nações Unidas?

— Os canadianos. O primeiro-ministro saiu de Dublin mais cedo de propósito para fazer o discurso de abertura.

— É uma escolha estranha.

— É tudo estranho — concordou Robie.

Apesar de não se poder dizer que fosse especialmente grande, a principal rua da cidade encontrava-se muito bem servida de comércio. Para Robie, parecia o tipo de lugar que poderia encontrar reproduzida em miniatura, uma espécie de cenário mágico encerrado dentro de um globo de neve.

A realidade, porém, estava longe de ser assim tão idílica. O trânsito encontrava-se caótico, uma verdadeira confusão de veículos e peões. Tinham sido colocados postos de controle em todos os acessos; os carros eram revistados e os seus ocupantes obrigados a exhibir uma identificação válida, sem exceções. A fim de evitar tudo

isso, Robie e Reel optaram por ficar hospedados nos arrabaldes. Para poderem entrar na cidade, a pé e separados, não tiveram outro remédio senão deixar as armas no hotel.

Robie percorreu as ruas de uma ponta à outra, memorizando referências visuais, como os principais edifícios e marcos da cidade, a localização do grande acontecimento — na antiga Câmara Municipal — e os vários elementos de segurança que patrulhavam as ruas. Reel, por seu turno, fazia o mesmo. Terminado o périplo, conseguiriam ter um bom quadro mental, pronto a ser utilizado em qualquer eventualidade.

Robie concluía que um cenário inspirado na saga O Padrinho, com múltiplos assassínios, estava fora de questão. Obrigava a uma execução irrepreensível e a uma dose ainda maior de sorte. Sendo por natureza realistas, os profissionais, na sua maioria, sabiam que gozar de ambas as condições, e em simultâneo, era uma coisa rara de encontrar neste tipo de missão.

Seria, portanto, um drama num único ato. Um assalto frontal com poder de fogo, ou explosivos, concentrado num alvo. Isto trazia para a equação vários líderes cujos governos não passavam de meras organizações terroristas disfarçadas. Lunáticos de semelhante calibre já tinham discursado em Nova Iorque, na sede das Nações Unidas. No fim de contas, o cenário estava longe de ser tão irrealista quanto isso. Alguns até tinham sido eleitos democraticamente, representando o direito legítimo do povo no sentido de escolher quem queriam à frente do destino do seu país. Mesmo que o destino fosse apenas o abismo.

Parou num estabelecimento e pediu um café. Viu um grupo de homens atravessar a rua e entrar numa loja. Não tinha sido o primeiro grupo que vira com aquelas características — de barbas e turbantes -, e por certo não seria o último. Homens, todos eles. Nenhuma mulher. Pelo menos que pudesse observar. As coisas eram como eram, infelizmente. E constituíam uma grande parte do problema, no seu modo de ver.

Sentou-se no exterior, apesar do frio, para beber o seu café. Deixou o olhar vaguear entre os transeuntes, até que se fixou noutro grupo de homens, caminhando ao fundo da rua.

— Cinco homens no lado leste — disse para o comunicador. — Dirigem-se para o hotel no fim da rua. Faz uma passagem e comunica.

Segundos depois, Reel emergiu de um i viela. Vestia um casaco com capuz e usava óculos escuros. Passou pelo grupo. Robie foi o único a notar que ela abrandara ao cruzar-se com eles. Parecia que a sua atenção apenas se focava no caminho, mas os olhos e os ouvidos de Reel varreram o grupo como um sonar, à procura de qualquer pormenor relevante. Era o que faziam os anos de treino. Um talento quase sobrenatural para vigiar.

— Nada — ouviu Robie pelo comunicador.

Ela continuou a andar, mas rompeu de novo o silêncio.

— Espera.

Robie viu-a descer a rua e passar por um tipo vestido com um traje térmico e um barrete de lã. Ele caminhava com a cabeça baixa, mas Robie podia perceber que não passava de um artifício para observar outra coisa qualquer.

Reel fez uma nova passagem. Uns segundos depois, voltou a comunicar através do comunicador.

— Bingo. É a tua vez.

Robie levantou-se de imediato e seguiu na direção do alvo identificado por Reel.

— É meu — indicou Robie.

— É o Dick Johnson — confirmou Reel. — Lembras-te dele?

— Sim. Largou o trabalho clandestino há dois anos, segundo ouvi dizer.

— Desapareceu, queres tu dizer.

— Tens a certeza de que é ele? Não posso confirmar, uma vez que não o conhecia assim tão bem.

— Está diferente. Mas a tatuagem na mão direita continua espetacular.

— Tatuagem?

— Oh, uma coisa jeitosa: um escorpião a segurar uma pistola com o ferrão. Tem a palavra "mãe" escrita no dorso do bicho.

— Okay. Acho que serve tão bem como uma impressão digital.

— Vê para onde é que ele vai.

— Achas que faz parte da lista de desaparecidos da DiCarlo?

— Duvido que este lugar seja um destino da moda; sobretudo no inverno. Não viste por aí nenhuma pista de esqui, pois não?

Johnson virou numa esquina, seguido por Robie.

— Acompanha-nos na próxima rua, do outro lado da estrada — disse Robie. — Depois do cruzamento, continuas tu. Eu dou a volta ao quarteirão até a rua seguinte e voltamos a trocar. Mantemos a mesma rotação até o fim, de modo que ele não se dê conta.

— Entendido.

Fizeram a rotação três vezes. As ruas estavam cheias de movimento, o que ajudava a tarefa. Durante a vez de Robie, Johnson entrou no que tinha todo o aspecto de ser uma pensão. Robie atravessou a estrada e sentou-se num café com vista para a porta do edifício. Aguardou. Uns minutos depois, a voz de Reel fez-se ouvir.

— Quarto vinte e um, segundo andar. Vi mais três tipos. Podia jurar que são como nós.

— Gostava de saber quantos são no total.

— Mais de quatro. Isso é garantido.

— Viram-te? Alguém desconfiou?

— Um deles olhou para mim mais tempo do que devia, mas virei as costas e comecei a falar em alemão com o recepcionista. O coitado do homem não percebeu nada, mas o outro perdeu o interesse e afastou-se. Calhou bem a minha pequena cirurgia plástica. Tu nunca fizeste nenhuma, por isso, mantém-te na sombra e não fales muito. Exceto numa língua estrangeira.

— Certo — disse Robie.

— Próximo passo?

— Mantemos a vigilância apertada e esperamos. Os tipos vão acabar por nos levar a algum lado. Fazes ideia do que poderão fazer a seguir?

— Talvez um reconhecimento do local. Rever o plano.

— É provável.

— Atacamo-los nessa altura?

— Adorava, mas temos um problema.

— As nossas armas estão fora do perímetro de segurança — notou Reel.

— Exato. De qualquer maneira, o Johnson não estava a usar nenhuma identificação oficial, à semelhança dos gorilas que por aí andam. Por isso, pergunto-me onde irão eles buscar as armas. Têm de estar aqui perto. Deduzo que não vão matar ninguém com paus.

— As armas devem estar no interior do perímetro.

— Concordo. Juntamente com tudo o resto de que precisam.

— O que pode resolver o nosso pequeno problema.

— E matar dois coelhos de uma cajadada.

— Era muito bom.

— Isso é dizer pouco...

Capítulo 75

Dick Johnson pôs-se em movimento nessa mesma noite. Robie e Reel, que já tinham mudado de roupa, apresentando-se com um aspecto tão diferente quanto possível, seguiram no seu encalço.

A cidadezinha era maior do que parecia à primeira vista, com inúmeras ruas e becos adjacentes às vias principais. Johnson seguiu por uma dessas ruas e depois percorreu quinze quarteirões, até entrar numa zona onde a pitoresca lembrança digna de um globo de neve não faria qualquer sentido.

Como tinham feito anteriormente, Reel e Robie iam alternando a liderança no que tocava à vigilância. Ambos vestiam várias camadas de roupa e traziam uma mochila. Sempre que um abandonava a perseguição, para depois aparecer mais à frente noutro ponto do terreno, despiu uma peça de roupa e guardava-a na mochila. Com as constantes mudanças de roupa e as repetidas manobras evasivas, até alguém tão bem treinado como Johnson teria sérias dificuldades em perceber o que se passava nas suas costas.

No entanto, era evidente que Johnson também estava a fazer o que lhe competia, de modo a garantir que não seria seguido. Atravessava a rua quando menos se esperava e, volta e meia, optava por estacar em frente de uma loja, fingindo que apreciava os produtos expostos. Na verdade, o estratagema consistia em utilizar a superfície de vidro da montra como um espelho, permitindo-lhe escrutinar o ambiente em redor à procura de alguma coisa errada ou de alguém suspeito. A rematar o arsenal de manobras evasivas, às vezes parava apenas, dava meia-volta e começava a caminhar na direção oposta. Robie e Reel conheciam todos estes truques, claro, mas isso não tornava a tarefa de passarem despercebidos mais simples.

A perseguição terminou nos arredores da povoação, num edifício grande e antigo, bastante afastado do local da cúpula e do perímetro de segurança. Johnson entrou no edifício. Reel e Robie tomaram posição numa ruela próxima, e ali permaneceram, escondidos na sombra, à coca.

— Parece um armazém — disse Robie.

— Ou um centro de comando, diria eu — replicou Reel.

— Vamos ter de espreitar lá para dentro.

— Isso promete ser complicado. Deve estar tão bem guardado como a cúpula.

— Pois deve. E, no entanto, aqui estamos nós, a meia dúzia de metros, com o alvo debaixo de olho.

A porta da frente abriu-se e um homem abandonou o edifício. Robie pegou no binóculo de visão noturna e espreitou através das lentes mágicas. Passou o binóculo a Reel, que ainda foi a tempo de ver o homem descer a rua com todo o vagar.

— É o juiz Samuel Kent — disse ela.

— Trouxeram um peso pesado para a grande final — murmurou Robie.

— Significa que acertamos em cheio ao vir até aqui.

— Acertamos. Mas isso não chega.

— Precisamos nos separar — sugeriu Reel. — Eu sigo Kent, tu cuidas do armazém.

Reel preparava-se para sair da sombra, mas Robie agarrou-a pelo braço.

— Limita-te a segui-lo. Precisamos dele vivo, por agora.

— Não preciso que me digas como fazer o meu trabalho — resmungou Reel.

— Eu sei. Mas sou obrigado a lembrar-me dos amigos que perdeste. As vezes, a tentação pode falar mais alto.

— Não quero apenas o Kent, Robie. Quero apanhá-los a todos. Se isso significa que ele tem de continuar a respirar e de boa saúde, assim acontecerá.

— Estava só a confirmar que estávamos em sintonia.

— Estamos.

Reel seguiu no encalço do juiz, e Robie viu-a desaparecer na noite. Virou a atenção para o velho edifício. Com cautela, circundou

toda a fachada, verificando as possíveis entradas e saídas. As janelas, na sua maioria, encontravam-se na penumbra, mas havia exceções. Três estavam iluminadas e conseguia ver movimento em duas, situadas no piso inferior.

Calculou que o perímetro de segurança se encontrasse permanentemente ativo, caso o edifício fosse o centro de comando. A presença de um figurão como Kent sugeria essa possibilidade com relativa certeza. Assim, como conseguiria entrar e sair sem anunciar a sua presença? E continuar inteiro, de preferência...

Praticamente impossível, disse com os seus botões, enquanto se agachava outra vez na ruela, a olhar para o edifício. De súbito, o seu rosto iluminou-se. Falou para o comunicador.

— Nada a assinalar?

— Nada de novo. Continuo atrás dele — informou Reel. — Mas não me parece que o juiz pernoite com os soldados rasos. O que achas?

— Tive uma ideia.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou Reel.

— Quer dizer isso mesmo. Já volto a comunicar.

— Robie, se estás a pensar entrar, eu vou contigo!

— Não disse que ia entrar.

— Também não disseste o contrário!

— Não faço isto há dois dias, okay? — respondeu Robie, abruptamente.

— Okay. Comunica quando puderes — concordou Reel, contrariada.

Robie abandonou o beco e deu uma dezena de passos cautelosos na direção do edifício, espreitando para a parte superior. A porta da frente ou a dos fundos não representavam uma opção: estariam por certo bem guardadas, assim como as janelas do piso inferior. Por essa razão é que Robie tinha por hábito vigiar os pisos de cima. Sabia que lá dentro não existiriam homens em número suficiente para assegurar a proteção de todo o edifício. Logo, a distribuição de forças teria de se encontrar otimizada, sem desperdícios, o que significava que estaria concentrada nos pontos de entrada mais prováveis, ignorando os acessos difíceis.

Todavia, difícil não significava impossível. O edifício era velho. E a fachada de tijolo. O que se traduzia em apoios para as mãos.

Nos fundos existia uma estrutura abandonada. Robie cravou os dedos, fortes como aço, na ponta de um dos tijolos. Manusear uma espingarda de atirador especial, que pesa seis quilos, oferecia algumas particularidades com o passar dos anos: puxar o gatilho, recolher a culatra e preparar imediatamente o tiro seguinte reforçara-lhe a força que possuía nas mãos, tornando-a uma das suas características físicas mais impressionantes. Iria fazer bom uso das suas mãos nessa noite.

Robie ver-se-ia forçado a trepar ao edifício às escuras. Qualquer luz artificial, por mínima que fosse, como a sua lanterna de bolso, seria tão discreta como um farol no alto de uma falésia. De qualquer maneira, o brilho ténue do luar parecia-lhe suficiente. Podia ser bom ou podia ser mau para Robie. Bom se lhe permitisse ver o máximo de apoios possíveis para colocar as mãos e os pés. Mau no caso de os homens patrulharem o exterior do edifício e alguém se lembrar de olhar para cima.

Continuou a trepar. Escorregou em duas ocasiões, às tantas quase caiu, mas conseguiu chegar até uma das janelas enegrecidas do piso superior. Elevou todo o peso do corpo e acocorou-se no espaço mínimo do parapeito, encostado às vidraças.

A janela estava trancada. Agarrou no seu canivete suíço, que conseguira passar por um controle de segurança, e, segundos depois, estava do lado de dentro, movendo-se em absoluto silêncio, como um gato. Desta vez acendeu a lanterna, visto que estava mergulhado na escuridão profunda.

O espaço encontrava-se vazio: apenas meia dúzia de peças de mobiliário, umas velhas latas de tinta, lonas e ferramentas enferrujadas. Dava ideia de que alguém pensara em renovar o espaço e depois mudara de ideias.

Dirigiu-se lentamente para a porta. O chão era de madeira antiga, o que o obrigava a fazer uso de uma técnica que consistia em deslizar os pés, era vez de caminhar, para impedir que as tábuas rangessem. Alcançou a porta e pôs-se à escuta. Consequia ouvir ruídos, mas todos pareciam ter origem no piso inferior. Apontou a lanterna para as dobradiças. Pareciam bastante velhas e

ferrugentas. Não era nada bom sinal. Quando abrisse a porta, com toda a certeza que iria denunciar a sua presença. Olhou em volta e localizou a pilha de latas de tinta e ferramentas. Voltou para trás. Remexeu os materiais em silêncio, até encontrar uma lata de óleo. Regressou à porta. Despejou um pouco de óleo nas dobradiças e aguardou que o lubrificante surtisse efeito. Depois, com muito cuidado, abriu-a.

Graças a Deus pelas pequenas dádivas, pensou, enquanto espreitava junto à ombreira.

Avançou para o corredor. Mais à frente existiam três portas e uma escada que descia a meio do patamar. Continuou sempre em frente, encostado à parede do lado contrário às escadas, até chegar perto das portas.

Agarrou no canivete suíço. Não lhe serviria de muito contra armas de fogo, mas era tudo o que tinha. Voltou a usar a lanterna e examinou as fechaduras e o chão em frente às portas. Notou partículas de ferrugem junto a uma delas e verificou que as respetivas dobradiças tinham sido lubrificadas. Significava que fora aberta recentemente. Naquele momento encontrava-se trancada, mas Robie só precisou de dez segundos para resolver o problema utilizando o canivete. Abriu a porta e entrou nessa divisão, trancando-a de novo.

Varreu o espaço com a lanterna. A um canto, penduradas em cavilhas, encontravam-se várias peças de vestuário. Robie examinou-as. No outro lado da sala, porém, as coisas começavam a encaixar-se. Fazia todo o sentido. De fato, era uma tática que já provara bem a eficácia ao serviço de terroristas noutras coordenadas. Enquanto absorvia o que tinha à sua frente, Robie percebia que acertara realmente no jackpot.

Aquilo lembrava o armeiro de uma base militar. Encontravam-se ali tantas armas, todas amontoadas e sem qualquer critério, que seria difícil alguém lembrar-se no caso de alguma coisa desaparecer. Robie podia retirar duas conclusões daquela desorganização: ou a equipe era muito pouco profissional, ou simplesmente não esperavam encontrar um adversário à altura, capaz de oferecer resistência. Pelo que lhe fora dado a observar, só lhe restava optar pela segunda explicação.

Outra dedução lógica era a de que as armas não podiam ter passado pelos postos de controle. Deixar escapar um canivete suíço era uma coisa; outra coisa completamente diferente era deixar passar um arsenal inteiro. Ou tinham cúmplices nas forças de segurança, ou as armas foram ali colocadas muito antes.

Robie deitou mão a algumas das armas e a todas as munições que conseguiu carregar. No plano ideal, poderia sabotar o resto do arsenal retirando os percutores. Mas não tinha ferramentas nem tempo, nem aquela era uma tarefa passível de ser executada em silêncio. No entanto, havia outra coisa que podia fazer. Pegou no telemóvel e tirou várias fotografias das armas. O que planeava fazer com as fotografias era incrivelmente arriscado. Porém, ficar parado seria mil vezes pior.

Capítulo 76

Reel encontrava-se à espera de Robie no ponto de encontro estipulado: uma pensão discreta, onde tinham alugado um único quarto. Quando ouviu bater à porta, espreitou pelo visor e certificou-se de que era Robie antes de o deixar entrar.

Robie abriu o casaco e tirou dos bolsos e da mochila as armas e as munições que trouxera consigo, colocando o material em cima da cama. Reel aproximou-se e pegou numa MP-5.

— Pelos vistos, encontraste um pequeno arsenal — disse.

— O suficiente para tomar de assalto esta terriola e a seguinte.

— E os tipos, ficaste com uma ideia de quantos são?

— Uma dúzia, pelo menos, a avaliar pelas armas à disposição. E tu, como se passaram as coisas com o Kent?

— Encontra-se instalado no melhor hotel da cidade, claro. Deixei-o a beber um cálice de xerez, muito confortável, junto à lareira.

— Alguma teoria sobre o papel dele nisto tudo? Apesar de teres dito que, em tempos, foi um de nós, não me parece que vá participar diretamente no ataque, pelo menos com a idade dele.

Reel abanou a cabeça.

— Calculo que esteja aqui para supervisionar tudo. No fim de contas, fomos encontrá-lo em pleno centro de comando. O que me diz que deveria estar a rever a operação com as tropas.

— Tens alguma ideia relativamente a um plano de fuga?

— Com a capacidade de fogo que dizes ter encontrado, julgo que não lhes será difícil sair daqui abrindo caminho à força de balas. O resto deve ficar por conta de um avião particular, que estará pronto algures, a fim de os tirar rapidamente do país.

— E o Kent, safa-se no meio deste cenário? — perguntou Reel.

— Provavelmente, encontra-se aqui em funções oficiais, na sua qualidade de representante do Governo. Depois do ataque, bastar-lhe-á mostrar-se tão atordoado como os restantes membros das delegações presentes na cúpula. Lamentará os mortos e regressará a casa agradecido por estar vivo. — Fez uma pausa. — Continuamos convencidos de que irá acontecer durante a cerimônia de abertura?

— As condições são as melhores, Robie. O espaço onde vai decorrer a cerimônia é descomunal. Várias áreas abertas. Múltiplas linhas de tiro. Poucos abrigos.

— Portanto, escapam todos, livres como passarinhos, e o Kent pura e simplesmente volta para casa. Um êxito garantido.

— A não ser que consigamos impedi-los.

— Temos de conseguir. Somos a última linha de defesa.

— Uma linha muito ténue.

— Calculo que, se eles tiverem duas dúzias de tipos quase tão bons como nós, seremos capazes de dar conta de metade; ou dois terços, contando com o elemento surpresa e um pouco de sorte. Pode ser o suficiente para salvar o dia.

— Não é uma herança má de todo — disse Reel, sorrindo. — Robie e Reel salvam o mundo!

— Sacrificando-se a eles próprios?

— Ninguém tem assim tanta sorte, Robie. Nem mesmo os bons da fita — retorquiu Reel. Pegou numa pistola, verificou o carregador e entalou-a no cinto das calças. -Vamos é preocupar-nos em descobrir onde e como podemos atacar com toda a força.

— Com a tática que eles vão utilizar, creio que será difícil — constatou Robie, explicando em seguida o que encontrara junto com as armas.

— Estou a ver... — disse Reel. — Ao mesmo tempo, porém, oferece-nos algumas oportunidades.

— Exato.

— Nesse caso será um jogo de paciência.

— A paciência é uma virtude. E amanhã, muito possivelmente, teremos nela a nossa melhor aliada. De fato, será a única coisa que pode manter-nos vivos.

— Tens a noção de que vamos estar debaixo de fogo dos dois lados, certo?

— Calculo que sim. Vamos ter de concentrar a atenção no inimigo e esperar pelo melhor. Isto é, que as forças de segurança percebam o que se está a passar e de que lado estamos.

— E tudo isso no meio das balas a voar e da gritaria generalizada? Vai ser uma confusão diabólica.

— Não foi por acaso que usei a expressão "esperar pelo melhor". Também vamos ter de nos separar.

— Dois alvos... Vai ser difícil acertar.

— Nem mais.

— Mas também diluímos a nossa força. Menos poder de fogo.

— Não há como o evitar. É uma questão de pesar os prós e os contras.

— Então resta-nos escolher as melhores posições possíveis — acrescentou Reel, encerrando a questão. — De qualquer modo, sobrevivendo a isto, ainda continuarei a ser uma mulher procurada.

— Não pela parte que me toca. Eu estou do teu lado, Jessica.

— Não deves estar, Robie. O que fizeste até o momento já pode ser considerado traição. Não vais conseguir recuperar a tua vida se insistires nessa tecla. É o que acontece quando andamos de braço dado com o inimigo. E, neste momento, o inimigo sou eu.

— Os fins podem justificar os meios.

— Acreditas nisso? Sabes perfeitamente como funciona o sistema.

— Ou, melhor dizendo, como não funciona.

— Sim, talvez. Ou talvez a questão deixe de fazer sentido depois de amanhã.

— Nesse caso — respondeu Robie -, parece que vamos ter de esperar para ver.

Capítulo 77

O dia amanhecera límpido e gelado. Eram oito horas da manhã. Os vários líderes árabes encaminhavam-se para as respectivas caravanas motorizadas nas suas vestes típicas, pouco apropriadas para aquelas temperaturas. Castigados pela brisa fria, podiam ver em cada passo que davam, um a seguir ao outro, o bafo quente da respiração transformar-se em pequenas nuvens de vapor, traduzia a vontade dos habitantes locais no sentido de um rápido regresso à normalidade, longe do aparato que tomara conta das ruas, limitando-lhes o quotidiano. Este desejo seria concretizado em breve, mas não da maneira como imaginavam.

Existia um único ponto de entrada e de saída do edifício onde iria decorrer a cerimônia de abertura, o que constituía uma vantagem do ponto de vista da segurança. Ao mesmo tempo, contudo, também oferecia os seus problemas.

As colunas motorizadas puseram-se em movimento, escoltadas por forças policiais canadianas. Muitos desses elementos pertenciam à Polícia Montada, desfilando orgulhosamente nos seus resplandecentes uniformes vermelhos. Por muito impressionantes que fossem, do alto dos seus cavalos não passariam de belos alvos coloridos se algo corresse mal.

O plano de Robie e Reel ganhara finalmente forma, pouco antes da madrugada. Ainda assim, nenhum dos dois parecia acusar sinais de cansaço. A adrenalina superava a exaustão.

Reel encontrava-se no lado oposto da rua onde decorria a ação, impedida de chegar mais perto por um posto de controle. Armada até os dentes, era o máximo que se podia aproximar da cerimônia sem arranjar problemas.

Robie, por seu turno, tomara posição na esquina oposta, junto do edifício, embora igualmente fora do perímetro de segurança. De

modo a prevenir ataques com veículos armadilhados, tinham sido erguidas barreiras de cimento na estrada, deixando apenas o espaço disponível para a passagem de um carro de cada vez. Este tipo de condicionamento poderia levantar outro tipo de problemas de segurança, mas Robie tinha de concordar que toda a operação estava muito bem montada.

Consultou o relógio. Estava quase na hora de entrar em ação. Murmurou para o comunicador: — Pronta?

— Contei sete delegações — respondeu Reel. — Faltam cinco, pelas minhas contas.

— Eles precisam de ter toda a gente reunida. É uma questão de minutos até as coisas aquecerem.

— Aqui vamos nós — disse Reel.

Aqui vamos nós, repetiu mentalmente Robie.

A última coluna motorizada passou e depositou junto ao edifício os respetivos ocupantes. Os dignitários entraram, fechando assim o desfile de participantes na cúpula. O programa obedecia a um horário escrupuloso, prevendo uma duração de quarenta e cinco minutos para a cerimônia de abertura. Depois, as várias delegações dirigir-se-iam para diferentes locais, cada qual com uma agenda própria de eventos e discussões. A cerimônia era, portanto, das poucas ocasiões em que todos se encontravam debaixo do mesmo teto. Observando de perto os semblantes dos responsáveis pela segurança ali presentes, esse era um pormenor que não tinha sido esquecido por ninguém.

Robie contornou o edifício e seguiu por uma ruela. Olhou em redor e, intuitivamente, a mão aconchegou a arma que trazia debaixo do casaco, pronta a disparar. Consultou o relógio. A cerimônia decorria há vinte minutos. Robie sabia que, do ponto de vista tático, o ataque tinha de ser perpetrado muito antes do final, de modo a minimizar a possibilidade de um ou de vários participantes abandonarem o local mais cedo. Para ser um êxito absoluto, o atentado tinha de se revelar uma carnificina total.

Com esta ideia em mente, Robie preparou-se para voltar a contactar Reel, mas não conseguiu acabar a frase.

O chão estremeceu ao som de uma violenta explosão e duas bolas de fogo saíram disparadas pela frente e pelos fundos do

edifício. Uns segundos depois, toda a área se transformara num inferno ardente.

Robie ouviu o som de sirenes e correu para a rua principal, de arma em punho, ao encontro das viaturas de bombeiros e das ambulâncias que se aproximavam. Reel fez o mesmo.

As forças de segurança deixaram passar os veículos de emergência. Pararam em frente do edifício e duas dúzias de homens apearam-se das viaturas.

Robie e Reel abriram fogo de imediato. Robie atingiu os pneus e o para-brisas de uma ambulância. Reel abateu um dos bombeiros antes que este tivesse a oportunidade de usar a arma que tirou do casaco. Continuaram a disparar, forçando o grupo de homens a recuar e a procurar abrigo. Antes que pudessem ripostar, alguém gritou: — Alto! Larguem as armas!

Robie olhou na direção da voz e viu um autêntico exército de agentes do FBI e de membros das forças canadianas. Chegavam de ambos os lados da rua, equipados com coletes à prova de bala e armas automáticas. Do topo dos telhados circundantes surgiram também vários atiradores especiais, que apontaram ameaçadoramente as suas armas de precisão aos falsos socorristas, colocando alguns tiros de aviso bem colocados para que entendessem de imediato até que ponto seria inútil resistirem. Sem mais demoras, os homens largaram as armas e renderam-se. Um minuto depois, já estavam todos alinhados, de joelhos, com as mãos em cima da cabeça, rodeados pelas forças de segurança.

Robie avançou e cumprimentou Nicole Vance, que lhe devolveu um sorriso aberto e caloroso.

— Obrigada pela dica, Robie — disse ela. — Confesso que tive dificuldade em acreditar. Mesmo com as fotos do arsenal que encontrei! De qualquer modo, convenceste-me. Como é lógico, depois tocou-me convencer os meus superiores... — Piscou-lhe o olho. — Acho que consegues imaginar o que isto vai fazer pela minha carreira.

Robie olhou por cima do ombro de Vance e viu dois agentes que se aproximavam, encaminhando um homem algemado. O homem era Sam Kent. Não parecia nada satisfeito, apesar de se manter em silêncio. Da sua boca não saiu nenhum protesto de inocência.

Nenhuma exigência para conhecer a razão pela qual estava a ser detido. Robie olhou diretamente para ele e pareceu-lhe ver um sorriso resignado a pairar nos lábios do homem.

— Ainda pode ajudar-nos — disse Robie.

— Duvido que possa ajudar seja quem for.

— Pretende negar o seu envolvimento?

— Nada disso. O problema é que os mortos nunca dão boas testemunhas.

— O que pretende dizer com isso?

— Deixe-me acrescentar apenas uma coisa. Posso?

— Se for um nome, pode.

— Não. É muito mais simples. — Kent sorriu. — Adeus, Will. Os dois homens fitaram-se em silêncio.

— Robie!

Robie virou-se e viu Reel no outro lado da rua.

— O Johnson não está aqui! — gritou ela. — Ele não está aqui! Robie olhou de imediato na direção dos homens ajoelhados. Confirmou os rostos, um por um.

Dick Johnson não se encontrava entre eles.

Tentou reagir, mas sabia que era demasiado tarde.

O disparo acertou em cheio no rosto de Kent, arrancando-lhe a parte de trás da cabeça numa explosão de sangue e massa encefálica.

Robie ficou prostrado, com a imagem do rosto de Kent, segundos antes de ser atingido, cravada na memória. Onde agora existia apenas um buraco, não tinha registrado qualquer receio. Apenas resignação.

Capítulo 78

Robie e Vance encontravam-se na esquadra de polícia local. O fogo tinha sido extinto e o grande acontecimento fora mudado para outro lugar. A partida, a prudência aconselhava o cancelamento da cúpula, mas, com a chegada do FBI, os ânimos lá se acalmaram e os participantes concordaram em dar seguimento ao programa.

Os homens que haviam participado no atentado estavam detidos sob custódia dos agentes especiais do FBI e das forças canadianas, que rapidamente se tinham unido num esforço conjunto. A notoriedade do FBI fazia do conjunto dos seus elementos uma agência respeitada em todo o mundo, e a contribuição dos canadianos era bem-vinda, sobretudo tratando-se de aliados tão próximos. Mais importante, porém, era a certeza de que as ruas não ficariam manchadas com o sangue de líderes estrangeiros. O corpo de Sam Kent encontrava-se numa câmara frigorífica, muito embora Dick Johnson continuasse a monte.

— Quem era a mulher? — perguntou Vance, referindo-se a Reel, que desaparecera por entre a multidão após avisar Robie sobre Johnson.

— A outra metade da equipe. Depois conto-te a história completa.

— Ainda me custa a acreditar no que podia ter acontecido, sabes?

— Não duvido. Também levei o meu tempo a assimilar a dimensão do que estava em jogo.

— Seria um pesadelo à escala global.

— Calculo que fosse essa a intenção.

— E tu e a mulher misteriosa? Como é que se viram metidos nisto?

— Migalhas. Fomos seguindo o trilho de migalhas até aqui.

— Confesso que achei estranha a realização desta cúpula. Sobretudo quando decorria uma cúpula do G8 sobre terrorismo na Irlanda. Estavas a par disso?

— Sim, lembro-me de ter lido qualquer coisa nos jornais — disse Robie, num tom vago.

— Seja como for, ainda bem que vieste ter connosco. Não me interpretes mal, mas por que não recorreste à agência? Não estamos em solo americano. Além disso, a CIA pode operar aqui sem problemas.

— Não sei se os canadianos concordarão contigo. Existem alguns ressentimentos em relação à agência. Chegamos à conclusão de que o FBI seria a melhor aposta, mal juntássemos todas as peças do puzzle — justificou Robie. Nada disto era verdade, mas foi a explicação mais razoável que lhe veio à cabeça.

— Bom, o mais importante é que tudo correu pelo melhor.

— Sem dúvida. Vance fez uma pausa.

— E o tipo que temos na câmara frigorífica? Identificamos. O que faz um juiz federal em tão más companhias?

— Também gostava de saber. Se tivesse de adivinhar... e não passa disso mesmo, de um palpite... diria que terá sido subornado. Ou talvez tivesse outro tipo de ocupação antes de se tornar juiz.

— Concordo. Ele sabia quem tu eras — notou Vance, intrigada.

— Parece que sim — disse Robie, desviando o olhar.

— Foi igualmente uma das razões por que tiveste de desaparecer, correto?

Robie assentiu.

— Nesse caso, posso concluir que também está relacionado com as mortes do Jim Gelder e do Doug Jacobs.

— E não te esqueças do Howard Decker — acrescentou Robie.

— O Decker? O que tem o Decker que ver com isto?

— Não sei, Vance. Por enquanto, são demasiadas perguntas e poucas respostas.

Ela pareceu ficar descontente.

— Não penses que engulo tudo o que dizes, okay? Conheço-te demasiado bem. Sabes dizer as coisas certas no momento certo, mas no final não passa disso.

— Disse tudo que sei.

— Não, disseste tudo o que podias — disse Vance, fitando-o com intensidade. Decidiu mudar de assunto.

— Quanto aos homens que estão detidos, ou muito me engano, ou são...

— Mão de obra disponível a trabalhar pela melhor oferta. Já treinamos umas centenas...

— Mercenários?

— Provavelmente.

— Então só precisamos de descobrir quem os contratou.

— Não é assim tão fácil.

— Nem tão difícil. Aposto que o Gelder e o Jacobs tropeçaram nalguma coisa. Os outros ficaram a saber e decidiram eliminá-los. Talvez estivesse relacionado com o Decker. — Vance fez estalar os dedos. — Afinal, ele pertencia à cúpula dos serviços secretos. Aí tens uma ligação, por exemplo.

— Talvez tenhas razão.

— Sim, talvez. É como tu dizes, demasiadas perguntas, poucas respostas.

Demasiadas, pensou Robie.

— Quando regressas a casa? — perguntou Vance.

— Tenho ainda umas pontas soltas por resolver; volto ao serviço logo a seguir. Depois tenho a certeza de que as nossas agências vão ter muito com que se entreter. Por vezes, a verdade tende a tornar-se complicada.

— Aqui não é assim. Oficialmente, os bons deram cabo do canastro aos maus. Tão simples quanto isso. E os Estados Unidos ainda somaram uns pontos na relação com o Oriente Médio. No fim de contas, salvamos o coiro daquela gente toda. Não se pode dizer que alguns deles sejam os nossos maiores apoiantes...

— Não, lá isso não são, mas agora talvez mudem de ideias. Bom, tenho de ir andando — disse Robie, levantando-se.

— Como vês, Robie, por vezes a comunicação é uma coisa boa, certo? Robie ainda não tinha dado dez passos, à saída da esquadra, quando a voz de Reel surgiu no comunicador.

— À tua esquerda.

Olhou para o outro lado da rua e viu-a junto da esquina mais afastada. Apressou-se a ir ao seu encontro e continuaram a

caminhar.

— O Kent está morto — declarou Robie.

— Calculo que sim. A maior parte dos miolos dele ficaram esborrachados no pavimento.

— E o Johnson continua em parte incerta.

— O Johnson era o plano de contingência. O Kent estava por dentro de tudo, ao contrário dos outros, que só sabiam o que precisavam de saber. O Kent era a chave. A tarefa do Johnson era destruir a chave se as coisas corressem mal.

— Concorde.

— Agora, se fizeres a gentileza, gostava de saber por que raio não me avisaste acerca do FBI? — atirou Reel, irritada.

— Teria feito diferença?

— Pensava que éramos uma equipa!

— Desconhecia qual seria a tua reação. Não podia arriscar.

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que és uma mulher procurada, Jessica.

— E o que é que lhes disseste acerca de mim?

— Nada. Que fazes parte da minha equipe.

— E sobre o Gelder e o Jacobs?

— Pensam que foram assassinados pelos responsáveis do atentado. Eu disse-lhes que era uma boa teoria.

— Duvido que a Vance se dê por satisfeita. Não me parece que o seu estilo seja o de engolir as teorias dos outros e ficar sentadinha. Ela vai remexer nisto até chegar às suas próprias conclusões.

— Eu sei. Tudo o que eu lhe disse foi apenas para ganhar tempo.

— Okay.

— Mas isto não fica por aqui, Jessica.

— Não tenho pensado noutra coisa desde que estamos juntos, como sabes.

Reel olhou para ele.

— Ainda temos alternativas, nada...

— Não, Robie — interrompeu Reel. — Não temos nenhuma alternativa. Esta história só tem um desfecho. E esse desfecho não é bom para mim. Mas tu ficarás bem. Se queres que te diga, no teu

lugar ia agora mesmo ter com a Vance e contava-lhe a verdade. Não vejo necessidade de dares cabo da tua vida por causa de mim.

Robie não esboçou a mais pequena reação.

— De certeza que queres perder mais tempo a discutir uma coisa tão estúpida?

— Não é estupidez. É o teu futuro.

— Não vou ter com a Vance, nem vou a lado nenhum. É a minha decisão e ponto final.

— Tens a certeza?

— Não voltes a perguntar.

— Só quero ter a certeza de que estás ciente das consequências.

— Estou ciente de que houve uma pessoa que deu ordem ao Johnson para matar o Kent. Faço questão de apanhar essa pessoa.

— Pontas soltas, Robie. O corpo do Johnson não deve tardar a ser encontrado. O imbecil morreu juntamente com o Kent quando premiu o gatilho. Não há qualquer hipótese de o deixarem escapar com vida.

— Nós também somos pontas soltas.

— Pois somos! — exclamou Reel, estranhamente animada. Robie franziu a testa.

— As pontas soltas funcionam como um pau de dois bicos. Eles querem apanhar-nos. O que significa que têm de vir até nós.

— E isso dá-nos uma oportunidade de os apanharmos primeiro...

— Estou cansada de andar em bicos de pés, Robie. É altura de fazer barulho.

— O que tens em mente?

— Vais ter de confiar em mim. Da mesma maneira que eu confiei em ti.

— Mas qual é o teu plano? Não temos rigorosamente nada.

— Tenho feito algum trabalho de casa.

— Sobre?

— Roger Astucioso.

— Sabes quem ele é?

— Julgo que sim.

— Tens provas?

— Uma testemunha.

— Onde podemos encontrar essa testemunha?

— Não vai ser preciso.

Reel acelerou o passo. Robie ficou parado, a observá-la.

— Olha — disse Reel, virando-se para trás. — Apesar do que disseste há pouco, se tencionas recuar, eu preciso saber já. Terei de ajustar o plano, é certo, mas vou conseguir. Com ou sem a tua ajuda.

— Por causa dos teus amigos?

— Porque não gosto de ser lixada e não gosto de traidores! E, sim, por causa dos meus amigos!

— Okay — disse Robie.

— Então mexe-te!

Robie começou a caminhar.

Capítulo 79

A Casa Branca. No interior daquelas paredes, tudo podia acontecer. Ora sereno, ora frenético, o ambiente mudava numa fração de segundo e a qualquer altura, sem aviso prévio. Ocasionalmente havia em que a mudança surgia de forma progressiva e anunciada, como uma tempestade formada na linha do horizonte. De momento, porém, o clima revelava-se de calma. Contudo, tornava-se difícil saber a localização precisa da agitação que se pressentia no ar.

Encontravam-se na Sala Oval. Por norma, a famosa divisão era reservada apenas aos atos simbólicos, contando com a presença de dezenas de repórteres fotográficos, todos acotovelados, cada um a lutar pelo seu espaço e pelo melhor ângulo. Desta vez não se ouvia um único disparo de flashes na sala, se bem que o momento não deixasse de ter o seu simbolismo.

Robie estava sentado numa cadeira. A sua frente, encontrava-se Evan Tucker, o diretor de investigação criminal. No lado esquerdo, o presidente ocupava um confortável canapé e, do outro lado, numa outra cadeira, estava o conselheiro de segurança nacional, Gus Whitcomb. A completar o rol das presenças obrigatórias, e de novo ofuscado por tão ilustres figuras, não podia faltar o Blue Man.

— Isto começa a ser uma rotina, Robie — disse o presidente num tom afável.

— Espero sinceramente que não, senhor presidente — respondeu Robie.

Robie vestia um terno preto, camisa branca e gravata preta. Os sapatos, também pretos, estavam impecavelmente engraxados. Ao lado dos outros homens, com as suas gravatas coloridas, dir-se-ia que Robie se tinha vestido para um funeral. Talvez o seu.

— Os detalhes do que aconteceu ainda estão a chegar, embora a conta-gotas — referiu Whitcomb.

— Sim, mas duvido que alguma vez fiquemos a conhecer toda a verdade — acrescentou Tucker. — De qualquer modo, ninguém me convence de que o Jim Gelder possa ter tido alguma participação nisto. — Olhou para Robie. — Os responsáveis pela sua morte, assim como pela do Doug Jacobs, serão conduzidos perante a justiça.

Robie não respondeu, provocando um silêncio incômodo na sala.

— Bom — disse o presidente -, acredito que se evitou uma calamidade. Não é o momento para celebrações, evidentemente, pois ainda temos muitos problemas pela frente.

— Concordo, senhor presidente — anuiu Tucker. — E posso garantir que a minha agência fará tudo o que estiver ao seu alcance para enfrentar esses problemas.

Robie e Whitcomb franziram as sobrancelhas em resposta à intervenção de Tucker. Whitcomb esperou até perceber que o presidente não ia dar resposta a Tucker.

— Também concordo com o fato de termos vários problemas por resolver. Sobretudo se existirem agentes duplos na agência, como o senhor Robie parece acreditar.

— Quero que fique registrado que essa é uma afirmação que eu rejeito veementemente! — protestou Tucker.

— Evan, não estamos num tribunal — declarou o presidente, levantando as mãos. — O Gus apenas está a sublinhar que precisamos de verificar todos os ângulos da questão. Custe o que custar.

Whitcomb prosseguiu.

— Se existem agentes duplos na agência, então o assunto tem de ser resolvido. Senão vejamos, temos os cadáveres de quatro homens que ocupavam cargos de elevada responsabilidade em vários setores deste país. Tivemos uma catástrofe eminente, que, felizmente, conseguiu ser evitada graças às ações do Robie e do FBI. Na minha opinião, o passo seguinte é estabelecer uma relação de causa-efeito entre estes acontecimentos.

— Evidentemente — resmungou Tucker. — Não disse que não deveria haver uma investigação.

— Uma investigação exaustiva — acrescentou Whitcomb.

— Temos alguma pista no que respeita aos assassinatos do Gelder e do Jacobs? — perguntou o presidente.

— Ainda não — respondeu o Blue Man.

Os outros olharam para ele, como se já se tivessem esquecido de que estava ali. O Blue Man prosseguiu.

— No entanto, a qualquer instante pode haver desenvolvimentos.

— E essa criatura, um tal Johnson? — perguntou o presidente.

— O fulano dá pelo nome de Dick Johnson — disse Whitcomb, consultando as suas notas. Olhou para Tucker. — Trabalhou para a CIA, ao que parece.

O presidente fitou Tucker.

— Estamos a falar de um traidor, Evan?

— O Johnson era um falhado, entre outras coisas. Tinha os dias contados na agência, mas desapareceu antes de o dispensarmos.

— O Johnson não é um caso isolado, senhor presidente — referiu Robie. — O FBI deteve vinte homens. Metade deles tinha alguma ligação com a agência. Isto sem contar com o Roy West.

— O Roy West foi dispensado — atirou Tucker. — E estou bem ciente de todos os outros. Mas obrigado pelo teu zelo, Robie — acrescentou, lacônico.

— Vamos lá raciocinar em conjunto, meus senhores — disse o presidente. — Todos sabemos quais seriam as consequências se o atentado fosse bem-sucedido. Podemos concordar em que seria um acontecimento sem precedentes na realidade muçulmana. Mas, e esta é a pergunta que interessa colocar, seria esse o único motivo para um golpe daquela dimensão? — O presidente olhou para todos. — Alguém quer responder?

Tucker fulminou Whitcomb com o olhar, mas o outro não lhe ligou nenhuma. De relance, deitou uma espreitadela a Robie. Parecia existir um entendimento entre Robie e o assistente do presidente para a segurança nacional. Em abono da verdade, os dois tinham-se encontrado antes da reunião.

Whitcomb aclarou a voz.

— Pode acontecer que os responsáveis tivessem um plano para substituir os líderes eliminados por outros da sua confiança. No fundo, uma troca de poder.

— Uma operação interna, portanto — frisou o presidente. — O que está por detrás do ataque no Canadá é uma disputa de facções no Oriente Médio?

— Parece ser o caso — assentiu Whitcomb.

— Bom, graças a Deus que a coisa não deu resultado — disse o presidente.

— Sim, graças a Deus — repetiu Tucker.

A porta da Sala Oval abriu-se e surgiu um assessor, cuja função era coordenar a agenda presidencial.

— Faltam dois minutos para a próxima reunião, senhor presidente.

O presidente aceitou com a cabeça e levantou-se.

— Meus senhores, mantenham-me a par de qualquer evolução. Até indicação em contrário, vamos fazer os possíveis por manter a normalidade. Mas quero a vossa dedicação total a este assunto.

Os homens concordaram com a cabeça e trocaram cumprimentos. A saída, Robie dirigiu-se ao Blue Man.

— Já não falamos há uns tempos.

— Sim, estiveste bastante tempo afastado dos holofotes.

— Segui o teu conselho. Revelou-se uma boa decisão. O Blue Man aproximou-se.

— E ela? — perguntou em voz baixa.

— Tão boa como se esperava. Ou ainda melhor.

— O que vai acontecer-lhe?

— Não sei. Enquanto depender de mim, não lhe acontece nada.

— Não depende de ti.

— É como o presidente disse. Fica tudo como está até que as condições ditem o contrário.

— Acreditas mesmo nisso? Que as coisas vão mudar?

— Mudam sempre.

— Não aqui.

— Especialmente aqui — disse Robie.

No estacionamento exterior da Casa Branca, Tucker preparava-se para entrar no SUV quando viu Robie aproximar-se.

— Dois minutos — disse para o motorista, olhando, curioso, na direção de Robie. Deram ambos meia dúzia de passos e afastaram-se do carro.

— Foi interessante a reunião — disse Robie.

— Sim. Sobretudo a parte em que tive a sensação de estar a ser lixado — observou Tucker, sarcástico.

— O que é que esperava? A sua agência parece estar enterrada nisto até o pescoço.

— Se eu fosse a si, tinha muito cuidado.

— Não me parece.

— Você trabalha para mim, Robie. Esqueceu-se?

— Trabalho para o tipo que está na Casa Branca. Ou, se quiser que seja mais específico, para o povo americano.

— Sim, é uma maneira romântica de ver a coisa, como sabe.

— O que eu sei é que morreram pessoas. E não foram apenas os maus da fita.

— De quem é que está a falar, exatamente?

— Refiro-me à Gwen, ao Joe e ao Mike.

— Devia conhecer esses nomes?

— Eram boas pessoas. Inocentes.

— Conhecia-os, portanto.

— Não. Mas alguém que eu respeito responsabilizou-se por eles. Por isso, tenha cuidado, senhor diretor — avisou Robie, afastando-se.

— Quem é que você respeita, Robie? A Jessica Reel? A responsável pela morte de duas pessoas da agência?

Robie olhou para trás.

— Podiam ser pessoas, senhor diretor. Mas nunca pertenceram à agência.

Tucker ficou a olhar para Robie enquanto este se afastava. Depois encaminhou-se para o veículo.

Fora dos portões da Casa Branca, Jessica Reel observara a cena à distância. Reel e Robie trocaram um olhar rápido.

No segundo seguinte, como num passe de magia, já ela se tinha evaporado.

Capítulo 80

Robie estava sentado num banco de jardim na ilha de Roosevelt, mesmo em frente ao Kennedy Center, à beira do rio Potomac. Rodeada por milhares de pessoas, a pequena ilha era densamente arborizada, isolada... e privada. Naquele dia não estava aberta ao público, o que o punha ainda mais a salvo de olhares indiscretos. Havia uma boa justificação para tal.

O dia estava soalheiro e mais ameno do que o habitual. Um bando de pássaros fez um voo rasante, captando a atenção dele, mas logo o olhar de Robie se fixou no homem que caminhava na sua direção. O fulano acenou a Robie e continuou a avançar, tranquilamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Quando chegou ao banco do jardim, sentou-se, desabotoou o casaco e recostou-se, como se estivesse apenas a descansar.

— Belo dia — disse Robie.

— Seria bem melhor, Will, se já tivéssemos apanhado o sacana — respondeu Whitcomb.

— É apenas uma questão de tempo.

— O meu amigo pregou um susto do caracas ao Tucker, depois do nosso último encontro.

— O suficiente para ele se sentir no centro das atenções.

— E com razão. O Tucker é um escroque, mas, por muito que me custe a admitir, não faço ideia de como o havemos de apanhar. Não existe uma única prova. Nada de nada, Robie.

— Os atiradores que foram detidos estavam ligados à agência.

— Não é o suficiente. Precisamos de um motivo.

— Se o ataque tivesse sido bem-sucedido, lançando o caos no mundo, a influência da CIA subiria como um foguetão até o topo. O que se traduziria também num aumento generoso da fatia do orçamento do Governo. Dinheiro e influência sem paralelo... O

Santo Graal de qualquer agência de serviços secretos. Parece-me um bom motivo, não é verdade?

Whitcomb abanou a cabeça.

— Um motivo circunstancial, Robie. Os advogados deles comiam-nos vivos. Nenhum dos detidos abriu a boca?

— São meros executantes, não têm nada para dizer. Os que nos podiam ser úteis já não respiram. O Kent, o Gelder, o Decker, o Jacobs... Tudo pontas soltas que já foram resolvidas.

— Tenho de dar crédito à eficiência dele.

— Sim, mas cometeu um erro.

— Um erro?

— Ainda existe uma ponta por atar.

— Qual? — perguntou Whitcomb, impaciente.

— Karin Meenan. Trabalhou como médica na CIA. Foi ela que me colocou o dispositivo de localização. Conhecia o Roy West e tinha conhecimento do livro branco.

— O livro branco?

— Demos-lhe o nome de documento do apocalipse. Descrevia detalhadamente um ataque ao G8 executado por terroristas islâmicos, país a país, assassínio a assassínio. Assim como o que seria feito a seguir, de modo a maximizar o caos global.

— Mas o ataque no Canadá visava líderes árabes, e não membros do G-8.

— Exato. Digamos que utilizaram o texto do West ao contrário. Um ataque transversal às lideranças muçulmanas...

— Que nada tem que ver com as várias facções no Oriente Médio, como fizemos crer ao presidente — declarou Whitcomb -, mas sim um ataque pela mão do Tucker e dos idiotas da CIA, que nunca serão capazes de deixar de brincar aos governos.

— Talvez seja uma conclusão precipitada, segundo os novos dados de que disponho.

— Novos dados?

Robie acenou na direção de uma mulher que aguardava à distância. Whitcomb observou-a enquanto ela avançava, com passos tímidos, para se juntar aos dois homens.

— Ela tem estado num lugar seguro, cuja localização apenas eu conheço.

É o meu plano pessoal de proteção de testemunhas — disse Robie.

Karin Meenan parou em frente deles.

— Eu até fazia as apresentações, mas creio que não são necessárias — acrescentou Robie, sardônico.

Whitcomb ficou estático. Olhou para o rosto assustado da mulher e, depois, para Robie.

— Parece-me que não estou a compreender a sua intenção, Robie.

— Uma pessoa conhecida fez algumas averiguações e teve uma espécie de epifania. É uma história muito antiga, senhor Whitcomb, ainda dos seus tempos na Academia Naval, mas creio que deve estar lembrado do Roger Staubach, certo? Era seu colega na equipe de futebol da academia, e um excelente atleta, segundo o currículo. Vencedor do troféu Heisman. Vencedor da Super Bowl e melhor jogador do ano. Bastante impressionante. Tenho a certeza de que foram tempos memoráveis.

— Sim, foram — disse Whitcomb, tentando manter um tom neutro. — Mas creio que devemos regressar ao assunto em mãos.

— O Roger Staubach tinha uma alcunha dentro do campo. Devia-se ao talento para confundir os adversários, o modo como os fintava. Uma qualidade inestimável para um quarterback. Qual era mesmo a alcunha dele?

— Roger Astucioso — disse Meenan, com a voz sumida.

— Exato! Roger Astucioso. A mesma alcunha com que se apresentou a Roy West. Mais tarde, o West presenteou-o com o documento do apocalipse. E foi assim que tudo começou. Acontece, porém, que o Roger Staubach nunca teve nada que ver com esta história. Ao contrário de si, Whitcomb.

— Continuo sem perceber onde quer chegar, Robie. Já discutimos as nossas suspeitas e estamos de acordo em relação ao Evan Tucker. Aliás, o Robie confrontou-o depois da reunião com o presidente.

— Uma pequena manobra de diversão. Apenas para o trazer até aqui, senhor Whitcomb. O Tucker pode ser um idiota arrogante, mas não é um traidor. O único traidor aqui é o senhor.

Whitcomb levantou-se e fitou Robie.

— Não consigo expressar o meu enorme desapontamento, Robie. E acredite que me sinto ainda mais ofendido do que desapontado.

— Passei uma vida inteira a matar os maus da fita. Um monstro a seguir ao outro. Um terrorista de cada vez. Sou muito bom no que faço. E quero continuar a fazê-lo.

— Depois destas acusações, tenho sérias dúvidas de que possa continuar. Na verdade, aconselho-o a refletir no sentido de desencantar depressa outras competências que possa ter.

— O que é que o motivou? Fartou-se de esperar? Eu e os outros não andávamos a premir os gatilhos demasiado rápido. Com que então, lembrou-se de que podia tentar varrer todas as peças do tabuleiro numa só jogada! Foi isso? Ora conte lá.

— Se tem uma única prova que sustente todo esse disparate, sugiro que a revele. A questão é que não tem, pois não?

— A doutora Meenan testemunhará acerca do seu envolvimento e dirá que trabalhou diretamente consigo, que implantou o dispositivo de localização no meu corpo sob as suas ordens.

Whitcomb fitou Meenan ameaçadoramente.

— Nesse caso, estará a mentir. Chama-se a isso perjúrio, e a boa da doutora acabará numa prisão durante muito tempo.

— O problema é que não o vejo a entrar num tribunal, Whitcomb...

— Assim que o presidente souber deste disparate, tenho a certeza de que...

— O presidente está a par de tudo — interrompeu Robie. — Tudo o que eu acabei de afirmar foi-lhe transmitido por mim antes da reunião. Na verdade, foi o próprio presidente que sugeriu este encontro.

Whitcomb ficou lívido.

— Foi o presidente que sugeriu?

— As provas do seu envolvimento neste caso não se resumem à doutora Meenan. Talvez seja melhor sentar-se.

Whitcomb obedeceu, sentindo as pernas tremer.

— Não verei o interior de um tribunal? — balbuciou.

- É demasiado embaraçoso para o país. Não precisamos de mais escândalos na administração. Existem demasiados terroristas

à solta, e uma coisa destas comprometeria a nossa capacidade de ir atrás deles. E nós não queremos isso, pois não?

— Não... claro que não... Robie olhou para Meenan.

— Obrigado, senhora doutora — disse, apontando na direção de dois agentes que aguardavam à distância. Assim que ela saiu dali, virou-se para Whitcomb e acrescentou: — Ah! Esqueci-me de dizer que a sua equipe de segurança foi dispensada.

Whitcomb olhou na direção de onde tinha indo. Com efeito, os seus homens não o aguardavam.

— Compreendo.

— O passo seguinte é a sua demissão.

— Também foi uma sugestão do presidente?

— Digamos que não foi um assunto que precisasse sequer de ser discutido. Portanto...

Robie fitou-o.

— Quanto ao Joe Stockwell, conhecia-o?

— Não pessoalmente — respondeu Whitcomb, abanando a cabeça.

— Um agente federal reformado. Um bom tipo. Ganhou a confiança do Kent e descobriu o que se estava a passar. O senhor mandou eliminá-lo. Assim como uma mulher chamada Gwen e um antigo colaborador da agência, Mike Gioffre. Todos estes nomes eram importantes para alguém que também o é para mim. Muito.

— De quem se trata? — perguntou Whitcomb, apesar de Robie conseguir perceber que ele sabia perfeitamente a resposta.

Robie apontou para a esquerda.

— Ela.

Whitcomb olhou na direção em que ele apontava e viu Jessica Reel, que os observava a uns escassos três metros de distância. Robie levantou-se e começou a caminhar. Nunca mais olhou para trás.

Ficaram só os dois na ilha.

Gus Whitcomb.

E Jessica Reel com a sua pistola.

— Estive na guerra, menina Reel. Sabia disso? — perguntou Whitcomb, estranhamente calmo. — Vi gente morrer demasiadas vezes, e eu próprio escapei por pouco outras tantas. Não ficamos

imunes à presença da morte, claro, mas olhamos para ela de maneira diferente.

— Pode ser que sim. Mas a Gwen Jones, o Joe Stockwell e o Michael Gioffre morreram. E tenho o responsável aqui, mesmo à minha frente.

— Sim, sou o responsável pela morte dos seus amigos. Mas o mundo é um lugar complicado. Muito complicado.

— E também muito simples, quando é preciso.

— Pontos de vista. O que fazer quando vemos uma oportunidade de o melhorar. Melhorar de uma maneira significativa, ou seja, com resultados tangíveis. Quando vemos uma oportunidade dessas, agarramo-la. Foi o que fiz. É tão simples quanto isso. Cansei-me do caos, das mortes, de caminhar eternamente à beira do abismo. Quem não quereria um mundo mais estável, mais pacífico, bastando para tal que um certo número de pessoas, pura e simplesmente, deixasse de existir? Algumas vidas em troca de milhões? Não é apenas razoável. É irrecusável.

Reel apontou-lhe a pistola.

— Não estou aqui para tentar compreender o que fez. Tão-pouco me interessam as razões que invoca. Quero os nomes de todos os envolvidos. Dos que pensam ter escapado. — Reel meteu uma bala na câmara. — Quem são eles?

Whitcomb abanou a cabeça e esboçou um sorriso lúgubre.

— Prefere-me em pé ou de joelhos quando puxar o gatilho? Confesso que não me faz diferença. Afinal, estou do lado errado do cano dessa pistola.

— Podemos discutir o assunto em família, se preferir.

Pela primeira vez, Whitcomb deu mostras de ficar perturbado.

— A minha família não é para aqui chamada.

— Estou-me nas tintas.

— Peço-lhe que reconsidere. Não passam de inocentes.

— A Gwen também era inocente. Assim como o Joe e o Mike. Além disso, tinham família.

— Que mais pretende de mim?

— Quero os nomes que faltam!

— Não posso...

— Então começarei pela sua filha mais velha. Vive no Minnesota, correto? Depois faço uma visita à sua adorável esposa e à sua irmã. E continuo até que não sobre mais ninguém. Fiz-me entender? Por isso, quem são eles?

— Mesmo que lhe dissesse os nomes, não faria qualquer diferença. Estão todos fora do país, são intocáveis.

— Os nomes! — gritou Reel. — Não volto a pedir! Whitcomb disse três nomes.

— Parabéns, senhor Whitcomb. Acabou de salvar a sua família.

— Tenho a sua palavra?

— Sim. E eu cumpro sempre a minha palavra.

— Obrigado.

— Só mais uma coisa — disse Reel. — A DiCarlo?

— Aproximou-se demasiado. Por muito que me custasse, havia muita coisa em jogo.

— Filho da mãe — murmurou Reel. Whitcomb baixou a cabeça.

— Em pé ou de joelhos? — voltou a perguntar.

— Tanto faz. Mas quero que feche os olhos.

— Desculpe?

— Olhos fechados! Imediatamente!

— Não tenho qualquer problema de a ver puxar o gatilho, menina Reel.

— Não é para seu benefício. É por mim.

Whitcomb fechou os olhos e aguardou que a sua vida terminasse. O disparo, contudo, não se fez ouvir.

Voltou a abrir os olhos.

Jessica Reel tinha desaparecido.

Capítulo 81

— Não consegui disparar — confessou Reel na presença de Robie.

Naquele fim de tarde, encontravam-se os dois sentados no apartamento de Robie. Jessica Reel estava francamente abatida.

— Tratou-se de uma execução autorizada.

— Bem sei que foi autorizada. — Ela fez uma pausa. — Mande-o fechar os olhos. Fiz o que me disseste. Quando ele abriu os olhos, já eu tinha desaparecido. — Levantou a cabeça e fitou-o. — Tal como aconteceu contigo.

— A escolha foi tua. Mas devo dizer que fiquei surpreendido. Ela soltou um longo suspiro.

— Deixaste-me viver, Robie, quando o gesto mais natural, considerando tudo o que fizeste nos últimos quinze anos, teria sido puxares o gatilho.

Robie foi sentar-se ao lado dela.

— Não merecias morrer, Jessica.

— Matei pessoas. Tal como o Whitcomb.

— Não é a mesma coisa.

— Aí é que te enganas; é a mesma coisa, a todos os níveis — decretou ela.

Robie permaneceu em silêncio. Reel limpou o rosto.

— Não passava de um homem velho e cansado, ali sentado. Um homem sem medo de morrer. — Levantou-se, foi até a janela e olhou lá para fora, encostando a testa ao vidro frio. — Fui incapaz de disparar, apesar de ser essa a minha vontade.

— Repara, não estamos a falar de um homem velho e cansado. Era um lutador acabado, tanto no campo como fora dele. Fez parte das forças especiais, no Vietnã, matou o seu quinhão de inimigos. O Gus era um duro de primeira apanha nos seus dias de glória,

convém ter isso presente. Sem esquecer que, durante o tempo em que desempenhou a função de APNSA, viabilizou a morte de inúmeros membros das organizações terroristas, mais do que qualquer um dos seus antecessores. Atira-se sempre direito à jugular quando ataca. Não é o tipo que alguém deseje ter como adversário. Kent descobriu isso mesmo. E Decker também.

— Por que estás dizendo tudo isso? — perguntou Reel.

— Para que saibas que tens mais compaixão do que ele ou eu. Pela parte que me toca, confesso que teria dado cabo do Whitcomb sem pensar duas vezes. E ele teria feito a mesma coisa contigo.

— Na tua opinião, o que acontecerá ao Whitcomb? Robie encolheu os ombros.

— Não é da nossa conta. Seja como for, não prevejo que seja julgado, e tu?

— Logo...

— Logo, só porque não despachaste o homem, isso não significa que outra pessoa qualquer não o faça. Ou, então, metem-no numa cela em Guantánamo e deixam-no ficar lá a apodrecer.

— Ocupa uma posição demasiado importante para sair de cena dessa maneira. Os meios de comunicação social vão estar em cima do acontecimento.

— A comunicação social pode ser controlada. Esperemos é que mais ninguém ligado às altas esferas tente uma coisa do gênero.

— E o que é que acontece comigo agora?

Robie sabia que a pergunta vinha aí. Sem dúvida que se tratava de uma pergunta legítima. O problema é que ele próprio não sabia que resposta dar.

— O simples fato de eles te terem enviado atrás do Whitcomb faz-me suspeitar que as coisas estão a voltar ao que eram. — Encarou-a de frente. — É o que pretendes?

— Não te sei dizer. Nem faço a menor ideia se alguma vez saberei. Visto que não fui capaz de disparar contra o Whitcomb, quem é que me garante que alguma vez voltarei a conseguir apertar o gatilho?

— Em última análise, só tu poderás responder a essa pergunta.

— Pois, mas a verdade é que não sei até que ponto serei capaz de responder.

— Recebemos uma boa notícia.

— Qual é?

— A Janet DiCarlo saiu do coma.

Os olhos de Reel abriram-se consideravelmente.

— Robie, pode haver outros espalhados por aí. Se ficarem a saber, matam-na em três...

Ele ergueu a mão.

— Não matam nada.

— Porquê.

— Hemorragia cerebral. Ela não... Não voltará a ser a mesma pessoa que foi.

— E dizes tu que são boas notícias?

— Bom, conseguiu sobreviver. — Fez uma pausa. — Gostarias de a ver?

Reel fez que sim com a cabeça.

Duas horas mais tarde, encontravam-se à cabeceira de Janet DiCarlo. A cabeça tinha sido rapada e viam-se as marcas profundas deixadas pelos pontos externos no crânio, onde se efetuara uma operação de alto risco destinada a aliviar a pressão intracraniana. Tinha os olhos abertos e olhava fixamente para eles.

Reel estendeu o braço e pegou-lhe na mão.

— Olá, Janet — disse ela num fio de voz. — Lembra-se de mim?

DiCarlo continuou sempre a olhar, mas não deixou transparecer quaisquer sinais de reconhecimento.

— O meu nome é... — Nesse ponto, Reel foi-se abaixo. — Sou apenas uma amiga. Uma velha amiga que contou com a sua ajuda em tempos que já lá vão.

Reel baixou os olhos no momento em que DiCarlo lhe apertou os dedos e sorriu.

— Vai ficar bem — acrescentou ela. Reel olhou na direção de Robie.

— Vamos ficar bem.

Não, não vamos, pensou Robie.

Segundos mais tarde, o seu telemóvel tocou. Olhou para a tela. A mensagem era breve mas ia direita ao assunto.

Eles tinham acabado de ser convocados.

Agora é que vai começar a doer!

Capítulo 82

A sala de conferências parecia demasiado pequena para acolher os presentes. Num dos lados da mesa estavam sentados Robie e Reel. Do outro lado encontrava-se Evan Tucker, o Blue Man e o APNSA interino, Josh Potter, que era bastante mais novo do que Gus Whitcomb, e pouco devia passar dos cinquenta. Robie não invejava a situação que ele herdara.

Tucker fez deslizar um pendrive USB ao longo da mesa. Robie e Reel olharam, mas nenhum deles fez menção de agarrar nela.

Tucker foi o primeiro a falar:

— Aqui têm a nova missão.

— Para os dois — reforçou Potter.

— Estamos a dar-lhe uma segunda oportunidade, Reel — disse Tucker.

— Nunca pedi nada.

— Deixem-me explicar isto da seguinte maneira. Estamos a dar-lhe a única hipótese que tem. Assassinou dois agentes da CIA, pelo amor de Deus! Devia estar presa. Tem alguma noção da ação generosa que esta proposta representa, pela parte que nos diz respeito?

Potter aclarou a garganta e sentou-se direito na cadeira.

— Aproveito para esclarecer que as condições propostas não são condições normais e que anda toda a gente por aqui debaixo de um enorme estresse. Como alguém que passou a estar por dentro do assunto, gostaria ainda de acrescentar que é para nós uma prioridade resolver o assunto e passar à fase seguinte. Penso que estamos todos de acordo relativamente a esta questão.

Reel disse apenas:

— O Gelder e o Jacobs eram traidores. O que aconteceu foi que eu não quis esperar pela ordem autorizada. Tenho a certeza de que

acabaria por ser assinada.

— Sem esquecer que a agência descobriu provas que ligam ambos ao esquema arquitetado — acrescentou o Blue Man. — O Sam Kent deixou para trás uma série de arquivos. Por isso, a Reel não fez mais do que servir o seu país.

— Tretas! — disparou Tucker. — Você é uma assassina profissional, Reel. Nada poderá mudar esse estado de coisas.

— A sua objeção ficou devidamente registrada, senhor diretor — observou Potter num tom calmo. — Mas a "oferta" foi autorizada por alguém que se encontra a um nível acima de todos os que estão presentes nesta sala. Por isso, vamos lá concentrar a nossa atenção no que interessa, em vez de nos pormos para aqui com histerismos.

Robie não tinha estado minimamente interessado em Tucker ou em Potter. Fixava o Blue Man. Este, por seu turno, brincava com uma folha de papel.

Aos olhos de Robie, não era bom sinal.

— Podemos ter acesso a alguma informação prévia? — perguntou Robie.

— Como foi dito, trata-se de uma segunda oportunidade — referiu Tucker. — E quanto ao Ahmadi, na Síria? Ainda está por lá. Precisamos de resolver isso.

— Um tanto ou quanto arriscado, nesta altura — alvitrou Robie.

— Se a Reel tivesse feito o que lhe competia, em vez de matar o Jacobs pelas costas, não estaríamos agora a ter esta conversa — protestou Tucker. — A situação atingiu um nível crítico. Pensamos que o Ahmadi se aliou às forças da Al-Qaeda e em breve começará a treinar as tropas deles, a fornecer-lhes recursos e proteção oficial no caso de alcançar o poder, o que parece provável. Como é óbvio, não podemos permitir que tal aconteça.

— Nesse caso, partimos os dois em missão? — perguntou Reel, sem despregar os olhos de Tucker. O outro abriu os dedos das mãos.

— Tal como o Robie disse, a situação é um tanto ou quanto explosiva. Achemos que as hipóteses de êxito aumentam se partirem os dois juntos.

— Quem dispara o tiro fatal? Potter apontou na direção de Reel.

— Ela. Tu és o controlador.

— A Reel tem de acabar o que começou, Robie — acrescentou Tucker. — Foi este o acordo oficial. Se cumprir a parte dela, e falo em nome do nosso país, passamos um pano por cima do que aconteceu antes e a Red fica com o cadastro limpo e seguimos em frente.

— Gostaria de ter isso por escrito — disse Reel.

— Por escrito? — troçou Tucker. — Com o caraças, de que raio de lugar é que você vem para fazer uma exigência dessas?

— De um lugar chamado "não confio em si" — retorquiu ela.

— Não tem escolha — atirou Tucker numa voz trovejante. Potter levantou a mão.

— Oiçam, talvez seja possível chegar a um consenso.

— Chamem-lhe o que quiserem, estou-me nas tintas. Só quero que alguém lá em cima, com a cabeça no cepo, me garanta que estão dispostos a cumprir o que ficou acordado.

— Podemos mandar-te prender — ameaçou Tucker. — Por isso, que tal tratares de matar o Ahmadi e o nosso acordo passa antes a ser a promessa de "não te deixar a apodrecer numa cela de prisão"?

Reel olhou de frente para Potter.

— Nesse caso, vamos lá chegar a um entendimento.

— Que cargo deverá ter o signatário do acordo? — perguntou Potter.

— Mais elevado do que o vosso — respondeu ela.

— É uma lista curta.

— A quem o diz...

Potter olhou para Tucker, que se reclinou, cruzou os braços no peito e começou a balançar-se para trás e para diante na cadeira, parecendo uma criança a quem tinham acabado de tirar da frente os lápis de cor.

— Muito bem — afirmou Potter. — Considere o assunto resolvido.

Ela pegou o pendrive.

— Foi bom negociar com você.

Reel e Robie prepararam-se para sair.

— Espera aí, Robie — disse Tucker. — Temos vários assuntos que precisamos de discutir em separado.

Reel olhou para Robie e encolheu os ombros.

— Fico lá fora à tua espera — disse ela, e abandonou a sala. Tucker fez sinal a Robie para tornar a sentar-se.

— Esta garota é um risco.

-Não vejo as coisas assim — defendeu Robie. — Além disso, por que me enviam atrelado a ela? A Reel não precisa de um controlador.

— Porque terás de garantir o regresso dela. Vai ser responsabilizada por todos os crimes que cometeu — declarou Tucker.

— Por ter matado traidores, é isso que quer dizer?

— Por ter assassinado dois dos meus homens, é isso que quero dizer.

— E o acordo que acabou de celebrar? Tucker exibiu um ar triunfal.

— Não há acordo nenhum. Robie olhou de relance para Potter.

— O senhor acabou de lhe dizer que havia acordo. Potter parecia pouco à vontade.

— Costumo ser um homem de palavra, Robie. Mas isto não está nas minhas mãos.

Tucker apontou para Robie.

— E, para que fique bem claro, se lhe contares a verdade, vais bater com os costados na prisão até o resto dos teus dias. Temos-te preso pelos tomates por toda a espécie de ajudas e encobrimento ao inimigo, o que é o mesmo que dizer: à Jessica Reel.

Robie olhou na direção de Tucker, que continuava entregue à tarefa de mexer distraidamente nos papéis.

— O que tens a acrescentar sobre isto? O Blue Man olhou para ele, pensativo.

— Acho que deves ir-te embora. E cumprir o teu dever.

Robie e o Blue Man entreolharam-se durante um longo momento. A seguir, Robie pôs-se de pé.

— Encontramo-nos do outro lado — disse ele, antes de sair porta fora.

O Blue Man apanhou-o ainda dentro do edifício.

— Que porra de conversa foi aquela?

— Se queres que te diga, foi o melhor conselho que te podia dar, tendo em conta as circunstâncias. — Estendeu a mão. — Boa sorte.

Robie hesitou, mas depois lá acabou por lhe dar um aperto de mão.

O Blue Man afastou-se e Robie saiu das instalações.

Reel encontrava-se à espera junto ao carro dele. Entraram na viatura.

— O que queriam eles de ti?

— Não interessa para o caso, agora que sei.

— Sabes o quê?

Robie segurou na folha de papel que o Blue Man lhe tinha entregado no momento em que lhe apertara a mão.

Reel olhou para as duas letras que o Blue Man escrevera.

Dois T, ambos em minúsculas.

Ela olhou para Robie. Tanto um como o outro sabiam exatamente o significado daquilo.

— Traição.

— Traição — repetiu Robie.

Capítulo 83

A sala de conferências era pequena. Quanto à assembleia que ia participar naquela missão concreta, tinha sido escolhida a dedo Potter, o APNSA.

Tucker, o diretor de investigação criminal.

Também ali se encontrava o novo número dois da CIA, que parecia um tanto ou quanto na retranca, considerando que, no caso dos seus predecessores, o primeiro havia sido morto e o segundo ficara permanentemente incapacitado.

Outro que não podia faltar era o diretor do Departamento de Segurança Interna. A perfeita imagem do patrão do Pentágono, um general de três estrelas dono de uma farta cabeleira branca.

Sem esquecer o Blue Man.

Uma das paredes estava ocupada por uma série de televisores gigantes, através dos quais imagens de satélite eram despejadas em tempo real. Os homens encontravam-se sentados em confortáveis cadeiras à volta de uma mesa retangular. Cada um tinha à frente uma garrafa de água. Podiam perfeitamente estar a preparar-se para ver um jogo transmitido pela liga profissional de futebol americano. Ou, então, um concurso qualquer daqueles que são transmitidos dos quatro cantos do planeta.

Potter consultou um dos relógios digitais afixados na parede.

— Falta uma hora — disse ele, e Tucker acenou afirmativamente.

— Tudo a postos? — perguntou o general de três estrelas.

— Tudo a postos — replicou Tucker. Tinha um comunicador posto e recebia as comunicações enviadas pelos ativos que se encontravam no terreno. Era difícil fazer aquilo num país como a Síria, mas os Estados Unidos tinham poder para fazer tudo e mais alguma coisa praticamente em qualquer lugar do mundo.

Apertou uma tecla no painel de controle que estava à frente da sua cadeira e uma das telas colocou no ar imagens em direto da posição do atirador especial, localizada num prédio de escritórios vazio, em pleno coração de Damasco.

— Foi uma sorte o pessoal do Ahmadi nunca ter sido informado da tentativa de assassinio — referiu Tucker. — Daqui a cinquenta e sete minutos, ele vai finalmente saber o que é ficar na linha de mira.

— Quando é que está previsto a Reel chegar? — perguntou Potter.

— Daqui a dez minutos.

— E o Robie?

— O local do controlador está instalado na rua, mesmo em frente ao lugar onde o Ahmadi deverá chegar.

— E com respeito ao plano de fuga deles? — quis saber o diretor da Segurança Interna.

— Planeado e mais do que planeado. Esperemos que funcione — referiu Tucker vagamente. — Escusado será dizer que tudo é um risco — acrescentou, muito depressa. — Sobretudo num país daqueles.

O general de três estrelas acenou com ar aprovador.

— É preciso ter tomates para fazer o que seus homens fazem. Refiro-me ao fato de contar apenas com duas pessoas munidas de armas ligeiras e sem reforços. Pela nossa parte, enviamos os nossos rapazes para situações complicadas, mas o certo é que eles contam com armamento muito superior, já para não falar nos recursos. Além de que não cultivamos o hábito de deixar ficar ninguém para trás.

— São os melhores que temos — observou o Blue Man, captando os olhares enfurecidos de Tucker e Potter.

— Não tenho a mínima dúvida — declarou o general. — Bom, desejo-lhes sorte!

— Boa sorte! — sussurrou o Blue Man.

Uma voz disse qualquer coisa ao ouvido de Tucker. Ele virou-se para os outros e explicou: — O Robie acaba de comunicar. Daqui a cinco minutos chegará ao seu posto. Quando à Reel, dentro de sete minutos assumirá a posição de atirador. Parece estar tudo a correr bem. Calculamos que o Ahmadi tenha abandonado o edifício

governamental agora mesmo. Deve estar fora do nosso alcance nos próximos quarenta e oito minutos. Depois ficaremos com uma janela de dois minutos para...

Tucker interrompeu o que estava a dizer por uma razão perfeitamente compreensível. Nas telas de televisão viam-se pessoas aos gritos, correndo pelas ruas de Damasco. Ouviam-se disparos de armas de fogo. As sirenes começavam a soar.

— Mas que porra é esta? — exclamou Potter.

Quanto a Tucker, ficara completamente petrificado com as imagens que apareciam nas telas.

Potter segurou-o pelo ombro.

— O que está havendo?

Tucker falou no microfone, solicitando a todo o custo uma explicação para o caos inesperado que reinava nas ruas de Damasco.

— Estou tentando descobrir. Ainda não sabem nada.

— Telefona para Robie — ordenou Potter. — Ele está no local. Tucker tentou ligar.

— Não responde. Ficou sem som.

— Experimenta a Reel, então. Vê se consegues chegar à fala com alguém, por amor de Deus!

— Olhem! — alertou o general de três estrelas.

As forças de segurança sérias estavam penduradas nas janelas da sala onde tinha sido montada a posição do atirador.

— Porra! Como é que conseguiram chegar ali tão depressa? A Reel nem sequer lá está. Ainda não teve oportunidade de disparar um único tiro — acrescentou o diretor da Segurança Interna.

— Toda a operação ficou comprometida — declarou Tucker. — Deve ter havido uma falha de segurança algures. — Trocou olhares com Potter. — Isto não estava previsto nos nossos planos.

— Quer dizer que o Ahmadi escapou? Outra vez? — disparou o general de três estrelas.

— Não devia ter escapado — murmurou Tucker entre dentes.

— Por amor de Deus — exclamou Potter. — Será que nunca conseguimos fazer nada certo?

— Esperem — disse Tucker. — Estão a chegar mais informações. Ele prestou atenção à voz que lhe chegava através do

comunicador.

A sua expressão transformou-se subitamente. Deixou de expressar preocupação e espanto, passando à estupefação absoluta.

— Entendido — replicou ele.

— O que é? — berrou Potter quando Tucker não disse mais nada.

Tucker virou-se para os outros, branco como um fantasma.

— O Ahmadi acabou de ser assassinado à porta do edifício governamental, na altura em que ia a entrar para o carro. Está morto. A notícia foi confirmada por fontes fidedignas.

— Deus é grande! — exclamou o general. — Só há uma coisa que eu não entendo. A nossa missão foi alterada? Pergunto isto porque, em princípio, o atentado devia ter ocorrido junto ao hotel...

— A missão não sofreu qualquer alteração. Pelo menos, no que nos diz respeito — esclareceu o Blue Man.

O diretor do Departamento de Segurança Interna olhava fixamente para o crescente número de sírios congregados à volta do ninho do atirador.

— Como é que eles conseguiram chegar ali tão depressa? Isso é que eu não percebo! — Voltou-se para Tucker. — Dir-se-ia que tinham conhecimento de que o ataque ia realizar-se.

— Uma fuga, como eu disse — respondeu Tucker, continuando mortalmente pálido.

— A Reel e o Robie devem ter sabido, daí que tenham mudado de planos. Compareceram no edifício governamental e lançaram o ataque aí mesmo — apressou-se Potter a explicar.

— Mas não faz qualquer sentido — declarou o general de três estrelas.

— Por quê? — quis Tucker saber.

— Disse que o Robie tinha acabado de apresentar o seu relatório. Enquanto controlador, estava a colocar-se em posição à saída do hotel. Além disso, ele também informou que a Reel chegaria ao local daí a dez minutos. O hotel e o palácio governamental não ficam perto, nem nada que se pareça. Por que diabo iria ele comunicar uma coisa à sua própria agência e depois

fazer outra completamente diferente? É quase como se ele não tivesse confiança...

O general de três estrelas parou de falar e virou-se para a tela, vendo que as forças de segurança sírias continuavam aos gritos na varanda onde ficava a posição do atirador. Em seguida, voltou-se para Tucker com um olhar desconfiado.

Tucker, por seu turno, olhou na direção do diretor da Segurança Interna e encontrou o olhar do outro cravado nele. Preparava-se para dizer qualquer coisa, mas depois arrependeu-se. Só conseguiu ficar ali a olhar fixamente para nas telas.

Acabou por ser o general de três estrelas a quebrar o silêncio: — Bom, a matança aconteceu na mesma. Dadas as... inesperadas circunstâncias, sinto-me tentado a dizer que foi o mais perfeito ataque a que não assisti.

— Faço minhas as suas palavras — declarou o homem forte da Segurança Interna.

— Eu também — acrescentou Potter de forma pouco convincente, o que lhe mereceu um demorado olhar por parte de Tucker.

— Tanto o Robie como a Reel merecem o reconhecimento do nosso país — afirmou o general de três estrelas com firmeza.

O diretor da Segurança Interna fez coro com ele: — E vamos certificar-nos de que receberão os devidos agradecimentos.

— Se eles conseguirem sair da Síria — observou o general num tom sombrio.

Se eles conseguirem sair da Síria com vida, pensou Tucker.

Capítulo 84

Tirando a Coreia do Norte e o Irão, a Síria era indiscutivelmente, de todos os países do mundo, aquele onde seria mais difícil a um ocidental arranjar maneira de escapar.

Os cidadãos estrangeiros eram suspeitos por natureza.

Os americanos eram detestados.

Os operacionais americanos que tinham acabado de matar um líder sírio conheciam um único destino: esperava-os a execução, sendo arrastados pelas ruas, decapitados.

O único elemento positivo residia no fato de as fronteiras com a Síria não serem seguras. Com efeito, as fronteiras não só eram precárias como estavam constantemente a mudar, como a vida política que se vivia no momento, isto num dos países considerados como o "berço da civilização".

Robie e Reel estavam perfeitamente conscientes disso.

Tinham uma oportunidade, uma oportunidade remota.

Reel disparara o tiro fatal de um prédio do outro lado da rua, no preciso instante em que Ahmadi se preparava para entrar na sua limusine. Teria sido mais fácil envergar uma burca que cobrisse a cara e escapar dessa forma. Na sua maioria, porém, as mulheres sírias não usavam o traje tradicional. O véu islâmico fora banido das universidades e de outros locais públicos pelo Governo, mais secular a cada dia que passava, defendendo que o véu constituía não só um risco para a segurança do país como ajudava a promover o extremismo. Como tal, em vez de servir como disfarce, usar o véu islâmico teria sido o mesmo que agitar no ar uma bandeira vermelha.

Claro que ela podia sempre usar um hijab³². Ainda ficaria com uma parte do rosto à mostra, é certo, mas tivera o cuidado de aplicar uma base mais escura, e dera-se ao trabalho de reforçar as

rugas de expressão e os danos provocados pelo sol. Além disso, munira-se de um arnês e pregara à roupa vários chumaços, acrescentando uns trinta quilos a sua pessoa. Caminhava toda encurvada e parecia ter pelo menos setenta anos em cima dela.

32 xale muçulmano que esconde cabelo e pescoço. (N. da T.)

Pegou num cesto de compras e saiu do quarto, esperando pacientemente a chegada do elevador na companhia de outro homem que ali se encontrava. As portas do elevador abriram-se e ela entrou. O elevador desceu. Quando chegou ao piso térreo, saiu.

Foi de imediato empurrada pelas forças policiais, que irromperam pelo edifício. Agarraram no homem que descera no elevador com ela e arrastaram-no, repetindo o gesto em relação a uma série de cidadãos sírios. Precipitaram-se pelo elevador dentro e pelas escadas acima.

Reel aguardou durante alguns momentos e depois continuou o seu caminho. Quando se encontrou lá fora, já os carros da polícia estavam por toda a parte. A multidão gritava desenfreadamente. Havia pessoas que choravam. Outros marchavam pelas ruas, entoando cânticos e palavras de ordem.

Um carro ficou em chamas. As armas foram empunhadas e começaram a ser disparadas para o ar. As montras das lojas ficaram reduzidas a estilhaços. Verificou-se uma pequena explosão ao longe.

Reel desceu a rua, seguindo na cauda de um grupo de mulheres, em direção à grande avenida.

Em circunstâncias normais, e num país como a Síria, seria impensável que houvesse homens à procura de uma mulher em plena via pública.

No entanto, não se podia dizer que aquelas fossem circunstâncias normais. Os polícias invadiram a alameda e desataram a arrebanhar toda a gente, puxando as pessoas pela roupa, em busca de armas ou de sinais de culpabilidade.

Um dos homens a que deitaram a mão tinha consigo um canivete. A polícia despachou-o com um tiro na cabeça.

Uma mulher fugiu do local a sete pés, gritando desalmadamente. Em resultado disso, foi baleada nas costas várias vezes e deixada ali a morrer, estendida no chão, enquanto o sangue jorrava dos seus múltiplos ferimentos.

A polícia apertava o cerco em torno de Jessica Reel. Ela não tinha cara de assassina. Parecia uma mulher de idade. No entanto, aos olhos das forças policiais, dir-se-ia que isso não interessava rigorosamente nada. Encontravam-se a escassos metros quando ela recuou. Com a mão, procurou dentro do cesto.

Estavam quase a chegar junto dela. Tinham as armas carregadas e apontadas à sua pessoa.

Reel encontrava-se encurralada, tendo atrás de si uma parede de tijolo. Um dos guardas estendeu o braço, na tentativa de lhe agarrar o braço. Assim que vissem os enchumaços, seria o fim. Não hesitariam em matá-la ali mesmo.

Uma voz ressoou na estreiteza da viela, alto e bom som.

O guarda interrompeu o gesto e voltou-se.

A mesma voz gritou, uma e outra vez. Em árabe, dizia: "Apanhamos o atirador! Apanhamos o atirador!"

O guarda virou-se e desatou a correr na direção da voz.

A turba rodeou Reel e concentrou-se à sua volta. Pessoas a soluçarem debruçavam-se sobre os corpos.

Reel foi empurrada para trás, afastando-se da multidão, e acabou por conseguir enfiar-se por uma fresta que ia dar a uma ruazinha lateral.

Caminhou rapidamente até chegar a outra rua, por sinal uma movimentada via pública. Um táxi parou junto à curva e ela apressou-se a entrar.

— Para onde? — perguntou o motorista barbudo em árabe.

— Calculo que saiba qual é o meu destino — disse ela em inglês. Robie meteu prego a fundo e o táxi arrancou a grande velocidade. Ele deitou uma espreitadela através do espelho retrovisor.

— Por um triz?

— Por um triz — confirmou ela.

Tirou o controle remoto do cesto e empunhou-o.

— Isto deu jeito. Eles não vão gostar quando descobrirem de onde veio a voz que gritou: "Apanhamos o atirador!"...

— Um pequeno altifalante plantado na rua nunca fez mal a ninguém — disse Robie.

Quando deram a curva, Reel lançou o controle remoto pela janela.

Robie espreitou pelo retrovisor e observou a multidão a encher por completo as ruas atrás deles.

— Vão acabar por saber que o atirador escapou. Por isso, ainda não estamos livres de perigo, nem nada que se pareça!

— Encara a verdade de uma vez por todas, Robie, nunca ficaremos livres de perigo!

— Encontraram a posição do atirador. Apesar de não teres chegado a disparar um tiro daquele local.

— Grande novidade. Pelo menos tem a vantagem de comprovar a teoria do teu amigo, acerca de estarmos a ser traídos.

— Gostava de saber qual terá sido a reação deles, na sala de observações, a assistir em direto a tudo...

— Uma das coisas que mais lamento nesta vida é não ter podido ver o olhar de toda aquela gente. Sobretudo a cara do Tucker!

Robie virou para a direita e depois para a esquerda, antes de acelerar. O trânsito estava aparentemente normalizado. Apesar disso, ele conseguia entrever as barricadas sendo montadas naquele instante.

De Damasco a Israel, a viagem era breve, mas, obviamente, seria a fuga de que os sírios estariam à espera. Sem esquecer, claro, que se tratava do plano de fuga delineado pela CIA. Por isso, essa hipótese estava fora de questão.

Amã, na Jordânia, ficava a pouco mais de cento e oitenta quilômetros. Mas a segurança na fronteira entre os dois países tinha sido entretanto reforçada, contando com um número definido de postos fronteiriços. Portanto, também aquela opção ficava desde logo descartada.

O Iraque situava-se a leste. A fronteira era extensa, podendo ser atravessada em muitos pontos. Contudo, nem Robie nem Reel viam grande vantagem em penetrar furtivamente naquele país pela fronteira norte. O mais provável era acabarem por ser mortos.

Isso deixava-lhes uma única hipótese. Rumar à Turquia, mais a norte. Não deixava de ser também uma longa fronteira, que se prolongava ao longo de muitas centenas de quilômetros. A cidade turca mais importante era Mersin, situada a cerca de quatrocentos quilômetros. Havia um atalho que poderiam tomar, seguindo por uma faixa estreita do país, espetada como um dedo e entrando pela Síria dentro, ligeiramente a norte de Al-Haffah. Apesar de mais distante, Mersin apresentava-se como tendo mais saídas no que tocava à viagem que ainda tinham pela frente. Sempre era mais fácil camuflarem a sua presença numa grande cidade. Por sua vez, Robie pretendia a todo o custo aumentar a distância entre eles e os sírios, indo além do tamanho daquele comprido dedo de terra formado pelo território sírio.

Mas primeiro tinham que lá chegar.

Embora a linha divisória entre a Síria e a Turquia estivesse cheia de brechas, o certo é que os dois países passavam o tempo informalmente envolvidos em escaramuças fronteiriças. Bombas a cair dos aviões e armas disparadas por bandos itinerantes de guerrilheiros tornaram-se cenário comum nas imediações da fronteira. Mas não só. Assistia-se ainda a inúmeras atividades ilegais, que envolviam o tráfico de drogas, de imigrantes e de armas, entre outros tipos de contrabando disseminados pela região. Os criminosos, esses eram conhecidos por terem uma resposta pronta a dar a todos os que aparecessem por ali a meter o nariz.

Matavam-nos.

— A caminho da Turquia — disse Robie.

— A caminho da Turquia — repetiu ela.

Reel não se deu ao trabalho de despir o seu disfarce. Por enquanto, ainda era cedo. Levava alguma documentação, para o caso de os mandarem parar no decorrer da viagem. Oxalá servisse para o efeito, pensava com os seus botões.

Quando Robie olhou e viu o que os esperava um pouco mais à frente, soube que iam ser postos à prova.

Ele rapara a cabeça, deixara crescer uma barba aparada e besuntara o corpo inteiro até ficar com ele num tom convenientemente escuro. Os seus olhos azuis ocultavam-se por trás de lentes de contacto quase negras. Falava árabe com fluência,

sem sombra de sotaque ocidental. Com Jessica Reel acontecia o mesmo, e ele sabia disso.

O posto de controle fora montado num ápice, mais depressa do que Robie julgaria possível. A traição de que foram alvo estará de alguma forma relacionada com o assunto?, interrogou-se.

Os postos de controle eram lugares muito mais movimentados nos países do Oriente Médio do que noutras partes do mundo, assistindo-se amiúde a um caos descontrolado em que as armas disparavam ao mínimo mal-entendido ou sob ação de um olhar lançado no momento errado.

Robie abrandou o táxi e encostou. Havia três carros e um camião à sua frente. Os guardas estavam a revistar os veículos. Robie viu um deles com uma folha de papel lustroso na mão.

— Têm as nossas fotografias — declarou Robie.

— É óbvio que têm. A nossa sorte é já não estarmos com aquele aspecto.

Os guardas revistaram o carro. Um deles gritou com Robie. Ele apresentou os documentos e o homem examinou-os cuidadosamente. Outro guarda enfiou a cabeça na janela traseira e deu um berro a Reel. Ela manteve os olhos no chão, mostrou os documentos e falou-lhe num tom submisso. O indivíduo examinou o cesto que Reel trazia e encontrou lá dentro um pedaço de pão, um saco de nozes, um jarro de mel e um frasquinho de especiarias.

O carro foi vasculhado, mas não encontraram nada de invulgar.

O primeiro guarda perscrutou atentamente Robie e foi ao ponto de lhe dar um puxão na barba curta, que se manteve firmemente presa ao rosto. Robie lançou um grito de dor e o homem soltou uma gargalhada. Logo a seguir, gritou-lhe que podia atravessar o posto de controle.

Robie ligou o motor do carro e retomou a marcha.

Passaram ao lado de Damasco, e Robie apontou para norte.

Uns bons trezentos quilômetros mais adiante, chegaram finalmente aos arrabaldes de Alepo, a cidade síria mais populosa. A noite caíra entretanto, e eles conseguiram chegar a Alepo sem incidentes.

Tinham providenciado antecipadamente uma casa segura. Mudaram de roupa, comeram qualquer coisa e descansaram um

pouco, preparando-se para a segunda etapa da jornada.

Na manhã seguinte, treparam para cima das bicicletas e juntaram-se a um grupo de turistas que iria atravessar em cima de duas rodas os noventa e tal quilômetros até a fronteira com a Turquia. Normalmente, a viagem demoraria três dias, constituindo uma oportunidade para percorrer tranquilamente aquelas paragens, por entre antigas ruínas e uma paisagem deslumbrante.

Alcançaram por fim a Igreja de São Simeão Estilita, onde o grupo de ciclistas tencionava passar a noite.

Robie e Reel, contudo, não escolheram essa modalidade. Abandonaram os outros companheiros desportistas e voltaram a montar nos seus selins, continuando a pedalar. Passaram junto ao lado de Midanki, efetuaram várias subidas verdadeiramente íngremes, quase sempre por autênticos caminhos de cabras, até que começaram a descer em direção a Azaz.

Continuaram até a Turquia, atravessando a Tonteira pela calada da noite. Observaram a aviação militar cruzar os céus, por cima deles, e despejar uma série de bombas que destruíram alvos em terra.

Também escutaram tiroteio durante a noite, mas procuraram ignorá-lo, seguindo sempre em frente.

Passados dois dias, chegaram aos arredores de Mersin.

Vinte e quatro horas mais tarde, apanharam um ferry e atravessaram o Mediterrâneo em direção à Grécia, e daí meteram-se num avião rumo a ocidente. Aterraram nos Estados Unidos uma semana depois de o corpo ensanguentado de Ahmadi ter embatido com violência no solo, na cidade de Damasco.

Mal chegaram à América, Robie fez um telefonema.

— Estamos chegando — anunciou ele. — Podes preparar o champanhe. — A seguir, desligou.

Evan Tucker pousou lentamente o telefone.

Capítulo 85

Quase todas as cerimônias de entrega de prêmios na CIA decorriam no segredo dos deuses. Estava na natureza da besta. Era o caso daquela em particular.

A cerimônia envolvia a Divisão de Atividades Especiais do Serviço Nacional Clandestino da CIA. Dessa divisão fazia parte o SOG, ou Special Operations Group. Eram os melhores entre os melhores e percorriam os quatro cantos do planeta cumprindo ordens avançadas pelos Estados Unidos, utilizando a força das armas ou envolvendo-se em esquemas arriscados servindo os propósitos dos serviços secretos. Formavam a mais clandestina força de operações especial que existia no continente americano, para não dizer no mundo inteiro. Os elementos que a compunham eram, na sua maioria, membros da elite militar.

Na sua maioria, mas não todos.

A referida cerimônia realizou-se numa sala subterrânea, nas instalações que a agência possuía em Camp Peary, na Virgínia. Parecia perfeitamente adequado que o acontecimento decorresse nas profundezas, à sombra, escondido dos olhos do resto do mundo.

À espera da cerimônia com dezenas de outras pessoas estavam Evan Tucker, o APNSA Potter, o general três estrelas, bem como o diretor do Departamento de Segurança Interna, que seguira ao vivo os acontecimentos de Damasco. Sem esquecer o Blue Man.

Robie e Reel foram agraciados com a Distinguished Intelligence Cross. Tratava-se da condecoração mais importante atribuída pela Agência Central de Inteligência, correspondendo à Medalha de Honra, e costumava ser atribuída postumamente. Destinava-se

única e exclusivamente a premiar aqueles que praticavam atos de extraordinário heroísmo em condições muito perigosas.

Evan Tucker procedeu à leitura dos feitos por eles cometidos, não só na Síria como no Canadá. E, depois, foi a vez de Reel e Robie subirem à tribuna e aceitarem as respectivas medalhas.

No momento de entregar a medalha a Jessica Reel, Tucker sussurrou-lhe: — Isto ainda não terminou.

— Obviamente que não — retorquiu ela.

Potter, por seu turno, ao colocar a medalha no peito de Robie, murmurou baixo: — Vai ter de escolher de que lado está, Robie.

— E o senhor também — respondeu Robie. — Espero que faça uma sábia escolha.

Robie e Reel abandonaram juntos a cerimônia. Lá fora, foram cumprimentados pelo Blue Man.

— Obrigado por me teres avisado — disse Robie.

— Fiz apenas o meu dever.

— Tucker não parece estar encarando isso muito bem.

— É difícil prever por quanto tempo mais ele ficará à frente dos destinos da agência — replicou o Blue Man.

— A situação está por dias?

— Pode acontecer! Ele não tem propriamente sido brilhante como diretor de investigação criminal.

— Deverias pensar em se candidatar.

O Blue Man abanou a cabeça.

— Obrigado, mas passo. Já tenho a minha dose de fracassos.

Robie e Reel meteram-se no carro e seguiram viagem, afastando-se de Camp Peary em direção a norte. Nenhum deles disse uma palavra, porque nenhum deles tinha nada para dizer. Nas duas últimas semanas foram obrigados a dar o litro, sendo levados ao limite da sua resistência. Encontravam-se, quer um quer o outro, física e mentalmente esgotados.

Ao chegarem a Washington, Robie conseguiu surpreender Reel.

— Há uma pessoa que eu gostaria que conhecesses — disse ele. Retomou a marcha até junto de um prédio e encostou o carro ao passeio. Passados dez minutos, começaram a sair pessoas transportando grandes mochilas.

Quando Robie viu a pessoa em questão, saiu do carro e acenou-lhe. Julie Getty aproximou-se prudentemente.

— O que estás fazendo aqui? — perguntou ela.

— Primeiro, queixas-te de eu nunca aparecer, e agora queixas-te por eu estar aqui.

Julie olhou de soslaio para a viatura.

— Quem é aquela?

— Entra e logo verás.

— Jerome vem me ver.

— Não, não vem. Já lhe telefonei dizendo que hoje eu te buscaria.

Entraram no carro e Robie disse:

— Julie, esta é a Jessica. Jessica, apresento-te a Julie.

As duas se cumprimentaram com um aceno de cabeça e olharam de forma interrogativa para Robie, enquanto ele dirigia no meio do trânsito.

— Aonde vamos? — quis saber Reel.

— Jantar mais cedo.

Julie olhou para Reel, mas a outra limitou-se a encolher os ombros. Robie levou-as a um restaurante em Arlington. Quando já estavam sentadas à mesa, Julie perguntou a Reel: — De onde conhece Will?

— É apenas um amigo.

— Trabalham juntos?

— Às vezes.

— Eu sei o que ele faz na vida — afirmou ela, em tom de desafio.

— Nesse caso, deves saber que ele pode ser um chato de primeira, certo?

Julie encostou-se no assento. O seu rosto espelhava um sorriso irônico.

— Acho que gosto de ti. — Olhou para Robie. — Por onde anda a superagente Vance?

— Ocupada com assuntos de superagentes, imagino — respondeu Robie.

Julie virou-se para Reel.

— Então, fazes o mesmo que ele?

Reel deu uma dentada num pãozinho.

— A bem dizer, temos uma maneira ligeiramente diferente de fazer as coisas.

— Como vai a escola? — perguntou Robie.

— Vai bem. O que andam fazendo, os dois?

— Um monte de coisas — respondeu Robie.

— Sei das notícias. Sei perfeitamente o que se passa por esse mundo fora. Foram ao estrangeiro, ultimamente?

— Não nos últimos tempos, não — declarou Reel.

— Mentos tão bem quanto ele.

— Isso é ruim?

— Não, admiro as pessoas que sabem mentir bem. Passo a vida fazendo isso mesmo.

— Acho que gosto de ti — disse Reel.

Robie colocou-lhe a mão no braço.

— Já fiz asneira uma vez, Julie. Não tornarei a cometer o mesmo erro.

— Isso significa que vais aparecer mais vezes?

— Significa isso mesmo.

— Com ela?

— Isso é com Jessica.

Julie virou-se para ela.

— Acho que consigo fazer uma coisa dessas — afirmou Reel, olhando de soslaio para Robie, não lá muito convencida.

A seguir ao jantar, foram levar Julie em casa. A jovem abraçou os dois. Pouco à vontade com aquela manifestação de afeto, Reel devolveu-lhe o abraço e depois ficou a vê-la subir a escada.

Assim que Robie arrancou, Reel não se conteve: — Que raio de história foi aquela?

— O quê? Uma refeição decente em boa companhia?

— Pessoas como nós não andam para aí confraternizando com... gente normal!

— E por que não? Por acaso esse artigo vem escrito no manual da agência?

— Acabamos de limpar de um terrorista, Robie. Escapamos por uma unha negra. A esta hora, bem podíamos estar dentro de um buraco qualquer na Síria, decapitados. Ninguém se senta à mesa

tranquilamente para bater papo com uma adolescente e falar sobre as merdas que fez.

— Também costumava ser da tua opinião.

— O que pretendes dizer com isso do "costumava"?

— Exatamente o que disse. Costumava pensar como tu, mas agora já não penso assim.

— Não te compreendo.

Robie seguiu em silêncio até o cruzamento seguinte, virou à direita, travou bruscamente e encostou ao passeio; em seguida, saiu da viatura. Reel fez o mesmo. Olharam um para o outro por cima do tejadilho do carro.

— Não posso continuar a fazer este trabalho e a me isolar do mundo que me rodeia, Jessica. Não podemos estar sempre na corda bamba. Preciso de sentir que tenho vida própria. Mesmo que isso seja relativo.

— Aquela cena há pouco com a menina... E se alguém te seguia? Que vida é que ela poderá esperar?

— O nosso lado já sabe tudo o que há para saber acerca da Julie. Além disso, eu tomo as minhas precauções. Uma coisa é certa: não posso proteger toda a gente, todos os minutos do dia. Ela pode meter-se à frente de um ônibus e perder a vida, assim como morreria se alguém lhe tivesse dado um tiro.

— Ora aí está um argumento falacioso ao máximo!

— Bom, é o meu argumento, para todos os efeitos. E também é a minha vida. — Fez uma pausa. — Estás querendo dizer que não gostou de conhecê-la?

— Nada disso. Parece ser uma menina porreta.

— É uma menina porreta. Quero fazer parte da vida dela.

— Não podes fazer isso. Não podemos fazer parte da vida de ninguém. Os nossos amigos acabam mortos por nossa causa.

— Recuso-me a aceitar essa teoria.

— A decisão não te pertence, pois não? — disparou ela.

— Nesse caso, vamos abandonar esta porcaria toda. Começar de novo.

— Tá se vendo.

— Estou falando sério.

Só de olhar para ele, Reel percebeu que era verdade.

— Não creio que consiga me afastar desta vida, Robie.

— Por quê?

— Porque é assim que eu sou. É isto que eu faço. Se parasse de fazer o que faço...

— Quer me parecer que estavas preparada para isso quando tudo aconteceu.

— Isso foi por vingança. Não voltei sequer a olhar para trás. Se queres que te diga, jamais pensei que sobrevivesse.

— Mas sobreviveste. Sobrevivemos os dois.

Ficaram ambos em silêncio.

Ela pousou os braços em cima do tejadilho do carro.

— Nunca pensei que uma coisa me assustasse tanto, Robie. — Soltou um longo suspiro. — Mas a verdade é que esta história me mete um medo desgraçado.

— Não estamos falando de um ataque em que és tu a determinar as condições. Não pensas, limitas-te a executar. Isto, sim, tem de ser muito bem ponderado.

— Além do mais, um e um nem sempre são dois.

— Quase nunca são dois — emendou ele.

— Nesse caso, que sentido faz?

— Não faz sentido.

Reel levantou a cabeça. Após vários dias em que o tempo seco se fizera sentir, a chuva começara a cair. O dia tornara-se sombrio, deprimente; tornava-se difícil distinguir até o contorno dos objetos mais próximos.

Apesar de a chuva cair com cada vez mais intensidade, nenhum deles fez menção de se enfiar no carro. Bastou um minuto para ficarem os dois ensopados, mas ali se deixaram ficar, firmes, à chuva.

— Não sei se conseguirei viver assim, Robie.

— Eu também não, mas tenho de tentar.

Reel espreitou para dentro do bolso. Tirou de lá de dentro a cruz com que fora agraciada e olhou bem para ela.

— Alguma vez te passou pela cabeça que receberias uma destas, mesmo que vivesses um milhão de anos?

— Não.

— Deram-nos isto por termos matado um homem.

— Deram-nos isto por termos cumprido a nossa missão. Reel deixou cair a medalha no bolso e encarou-o de frente.

— Acontece, porém, que este não é um trabalho a que possas virar as costas.

— Não há muita gente que tenha feito isso.

— Prefiro deixar tudo no campo de batalha.

— Pelo aspecto do mundo neste momento, o teu desejo pode muito bem concretizar-se.

Ela desviou o olhar.

— Quando a Gwen e o Joe estavam vivos, sabia que havia pelo menos duas pessoas que lamentariam a minha morte. Dois amigos. Isso era importante para mim.

— Bom, agora podes contar comigo. Ela devolveu-lhe o olhar.

— Posso? A sério?

— Fecha os olhos — disse ele.

— O quê?

— Fecha o raio dos olhos!

— Robie!

— Faz o que eu te digo.

Ela fechou os olhos, enquanto a chuva caía sem parar.

Passou um minuto.

Finalmente, voltou a abrir os olhos.

Will Robie ainda se encontrava ali.

Agradecimentos

Obrigado, Michelle, por te preocupares com tudo o resto da maneira que só tu sabes.

Agradeço a Mitch Hoffman por conseguir ver sempre as árvores e a floresta.

A David Young, Jamie Raab, Sonya Cheuse, Lindsey Rose, Emi Battaglia, Tom Maciag, Maja Thomas, Martha Otis, Karen Torres, Anthony Goff, Bob Castillo, Michelle McGonigle e a toda a gente que trabalha na Grand Central Publishing e que me atura todos os dias.

A Aaron e Arleen Priest, Lucy Childs Baker, Lisa Erbach Vance, Nicole James, Francês Jalet-Miller e John Richmond por me darem sempre o seu apoio.

A Anthony Forbes Watson, Jeremy Trevathan, Maria Rejt, Trisha Jackson, Katie James, Natasha Harding, Aimee Roche, Lee Dibble, Sophie Portas, Stuart Dwyer, Stacey Hamilton, James Long, Anna Bond, Sarah Willcox e Geoff Duffield, da editora Pan Macmillan, por me terem feito chegar ao primeiro lugar nas tabelas de vendas do Reino Unido.

A Arabella Stein, Sandy Violette e Caspian Dennis por serem tão bons a fazer o que fazem.

A Ron McLarty e Orlagh Cassidy, que continuam a espantar-me com as suas proezas no campo do áudio.

A Steven Maat, na editora holandesa Bruna, por conseguir manter-me no top desse país.

A Bob Schule por estar sempre presente.

A Janet DiCarlo, James Gelder, Michael Gioffre e Karin Meenan: espero que gostem das vossas personagens.

A Kristen, Natasha e Lynette por me manterem na ordem, honesto e são de espírito.

E a Roland Ottewell por ter realizado mais um excelente trabalho de revisão e edição.

O Clube do Autor agradece a sua preferência e convida-o a visitar os nossos espaços virtuais, onde encontrará mais informações sobre os nossos livros.

www.clubedoautor.pt

facebook.com/ClubedoAutor twitter.com/ClubeAutor

linkedin.com/company/clubedo-autor-sa

Digitalização: GaiaInclusiva — Serviço de Leitura e Promoção
Cultural para Portadores de Necessidades Especiais.
Correção: Edith Suli.

Formatação rtf: NL

